

CAPÍTULO 2

49 ACTIVIDADES PRÁTICAS E MÉTODOS PARA A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Lista de Actividades

		Nível	Crianças	Cidadania	Democracia	Discrim. e Xenofobia	Educação	Ambiente	Igualdade de Género	Dir. Humanos em geral	Globalização	Saúde	Segurança Humana	Meios de Com. Social	Paz e Violência	Pobreza	Direitos Sociais	Desporto	Página
I.ª Página	Front page	3	✓									✓		✓					75
A Barreira da Língua	The language barrier	2								✓	✓							✓	80
A Corrida pela Riqueza e pelo Poder	The Scramble for Wealth and Power	3										✓				✓		✓	84
A Minha Vida Privada	Domestic Affairs	3											✓		✓			✓	89
A Teia da Vida	The web of life	2	✓					✓				✓							95
A Vida de Ashique	Ashique's story	3			✓				✓			✓							99
Acesso a Medicamentos	Access to medicaments	4								✓		✓					✓		103
Bingo!	Rights Bingo!	1			✓			✓										✓	109
Central Eléctrica	Power Station	2		✓				✓							✓				112
Criar Laços	Making links	4		✓		✓		✓											115
Cuidado, Estamos a Ver!	Beware, we are watching!	4		✓					✓			✓							119
Dê um Passo em Frente!	Take a step forward	2						✓		✓							✓		122
Desenha-me uma Palavra!	"Draw-the-word" game	1		✓				✓						✓					127
Desporto para Todos	Sport for all	2					✓			✓							✓		130
Dinheiro para Gastar	Money to spend	2						✓							✓			✓	133
Educação para Todos?	Education for All?	2		✓							✓	✓							138
Glossário da Globalização	A glossary of globalisation	3							✓		✓	✓							145
Grandes Activistas	Fighters for rights	2		✓				✓						✓					147
Heroínas e Heróis	Heroines and heroes	2		✓						✓			✓						153
Horóscopo da Pobreza	Horoscope of poverty	3							✓			✓				✓			156
Joga o Jogo!	Play the game!	3					✓	✓							✓				161
Jogos de Imagens	Picture games	1						✓		✓				✓					166
Manobras Eleitorais	Electioneering	2		✓		✓		✓											173
O Caminho para a Terra da Igualdade	Path to Equality-land	3					✓			✓			✓						176
O Conto das Duas Cidades	A tale of two cities	3	✓	✓					✓										179
O Impacto da Internet	The impact of the Internet	4						✓				✓		✓					190
Os Direitos da Criança	Children's Rights	2			✓			✓			✓								198
Os Makah e a Caça às Baleias	Makah whaling	4	✓					✓				✓							202
Os Nossos Futuros	Our futures	2	✓		✓			✓											211
Plantar um Jardim numa Noite	Garden in a night	3	✓	✓													✓		214
Posso Entrar?	Can I come in?	3								✓					✓			✓	218
Qual a Sua Posição?	Where do you stand?	2		✓				✓								✓			224
Quando o Amanhã Chegar	When tomorrow comes	3		✓										✓	✓			✓	228
Que Todas as Vozes Sejam Ouidas!	Let every voice be heard	3		✓	✓						✓								232
Quem Somos Eu?	Who are I?	2		✓						✓			✓						235
Represente o Seu Papel!	Act it out	3		✓	✓			✓											238
Resposta ao Racismo	Responding to racism	3						✓		✓	✓								240
Reunião com o Sindicato	Trade Union meeting	3		✓		✓			✓										246
Salários Diferentes	Different Wages	2							✓	✓			✓						251
Só Um Minuto	Just a minute	2					✓	✓				✓							256
Temos Alternativa?	Do we have alternatives?	3		✓						✓					✓				259
Todos Diferentes – Todos Iguais	All equal - all different	2						✓		✓		✓							263
Trabalho ou Filhos?	Work and babies	2							✓	✓			✓						266
Um Mundo Perfeito!	Living in a perfect world	3	✓												✓		✓		269
Vamos Falar de Sexo!	Let's talk about sex!	4								✓			✓				✓		275
Veja as Capacidades!	See the ability!	3					✓		✓	✓									279
Violência na Minha Vida	Violence in my life	3							✓						✓			✓	285
Votar ou Não Votar?	To vote, or not to vote?	4		✓		✓		✓											288
Calendário de Direitos Humanos	A Human Rights Calendar																		294

1.ª Página

*Difundir as notícias é multiplicá-las.
Provérbio tibetano*

Temas	Meios de Comunicação Social, Globalização, Ambiente
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	10-24
Duração	180 minutos
Sinopse	<p>Esta actividade consiste numa simulação do trabalho de um grupo de jornalistas que tem de preparar a 1.ª página do jornal para ser enviada para a impressão. Os participantes devem trabalhar em pequenos grupos enquanto exploram as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ideias preconcebidas, estereótipos e objectividade nos meios de comunicação social. ▪ Imagens e o papel dos meios de comunicação social ao abordar questões de Direitos Humanos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à liberdade de pensamento, opinião e de expressão. ▪ O direito à vida privada. ▪ Os direitos ao desenvolvimento, à vida e à saúde.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimular o interesse pelos Direitos Humanos trabalhando com imagens. ▪ Reflectir sobre o trabalho dos meios de comunicação social e a sua abordagem aos problemas de Direitos Humanos. ▪ Desenvolver capacidades de comunicação e cooperação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma sala grande que tenha espaço suficiente para dois ou três grupos trabalharem e para a análise final. ▪ 40 fotografias de jornais. ▪ Papel e canetas para anotações. ▪ Folhas A3 e marcadores. ▪ Tesouras e cola para cada grupo. ▪ Mesas grandes com espaço para os grupos poderem espalhar as suas folhas.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seleccione 40 a 45 fotografias de revistas ou jornais nacionais. Nota: vai precisar de cópias da mesma fotografia para cada grupo, por isso, o melhor será comprar vários exemplares da mesma revista ou jornal, ou então, ter acesso a uma fotocopiadora. ▪ Disponha um dos conjuntos de fotografias numa mesa.

TEMAS



MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



GLOBALIZAÇÃO



AMBIENTE

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



10-24

DURAÇÃO



180 MINUTOS

O exercício passo a passo

1. Explique a actividade: simulação de uma noite na redacção de um jornal, onde um grupo de jornalistas está a trabalhar na primeira página do mesmo. Embora estes sejam jornais locais ao serviço da comunidade, cada um tem uma política de apresentar também informação generalista mundial, inclusive sobre Direitos Humanos.
2. Divida os participantes em grupos de oito pessoas. Cada grupo deve imaginar que trabalha na redacção de um jornal. O trabalho é pensar e conceber o layout da primeira página da edição do dia seguinte.
3. Peça a cada grupo que escolha o nome do seu jornal.
4. Ainda juntos, discutam as características do *layout* típico de uma primeira página.
5. Peça aos participantes para observarem as fotos expostas, sem tecerem comentários... ainda. Explique que estas são as fotos com que vão trabalhar, e que vão poder utilizá-las como quiserem.
6. Organize os grupos e podem começar a trabalhar! Distribua o papel, as canetas, a tesoura e a cola, mas não entregue as fotos.
7. Reveja o "exercício passo a passo": têm uma hora para seleccionar quatro ou cinco peças jornalísticas que queiram apresentar; redigir os títulos, escolher as fotos e conceber o *layout* da página. Deixe bem claro que não têm de escrever um artigo: basta os títulos e subtítulos. O objectivo é compreender o impacto da 1.ª página de um jornal, e não escrever artigos longos. Sugira-lhes que comecem por discutir os temas que vão querer abordar. Dez minutos depois, as fotos vão chegar do laboratório.
8. Quando os grupos estiverem a trabalhar há dez minutos entregue-lhes o conjunto de fotos.
9. Quando todos os grupos tiverem terminado a sua 1.ª página, devem mostrar o trabalho aos restantes grupos. No final avance para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por rever a actividade e prossiga com uma breve análise sobre os meios de comunicação social, as questões e compromissos dos Direitos Humanos.

- Como é que os grupos organizaram o trabalho? Como é que as decisões foram tomadas em termos de método de trabalho e de cobertura das histórias? Todos sentiram que podiam participar e colaborar?
- Como é que o tema foi escolhido? O que é que decidiram primeiro: o tema ou a foto? Ou seja, primeiro identificaram o tema e depois escolheram uma foto ou foram inspirados por uma determinada foto e depois pensaram numa história?
- Quais os temas apresentados? Algum estava relacionado com questões de Direitos Humanos? Houve algum tema que gostassem de ter abordado e que tivessem de desistir?
- É possível comparar as diferentes primeiras páginas? Alguém usou os mesmos temas ou as mesmas fotos?
- Houve algum grupo que tenha usado a mesma foto mas com uma história diferente?
- Como é que as pessoas seguem as notícias? Pelos jornais, pelos noticiários, pela rádio ou pela Internet? Por que é que seguem – ou não seguem – as notícias?
- Nesta simulação, tentaram imitar a primeira página de algum jornal? Ou tentaram fazer uma coisa diferente? Quais foram as principais diferenças?
- Que tipos de notícias dominam normalmente os meios de comunicação social?

- Os temas de Direitos Humanos são normalmente bem noticiados?
- A objectividade é uma das questões mais relevantes para os meios de comunicação social. Acham que é possível apresentar as notícias de forma objectiva?
- Quais os temas relacionados com Direitos Humanos que são incluídos nas primeiras páginas?
- Qual a imagem que os participantes têm dos jovens que vivem noutras partes do mundo?
- Faltava alguma questão importante no conjunto das imagens?

Dicas para o animador

Quando estiver a escolher as fotografias para esta actividade, certifique-se de que consegue arranjar fotos variadas e evitar os estereótipos. Raras são as vezes que os jornais não vêm inundados de crimes, guerras e outros acidentes semelhantes, mas não se esqueça que África não é só guerra e fome! Selecione fotografias que dêem aos participantes a hipótese de escolher "boas" e "más" notícias. Deve haver uma grande diversidade a nível geográfico, equilíbrio a nível do género, imagens de jovens, e imagens relevantes para o quotidiano dos jovens, incluindo imagens positivas acerca da maneira como eles podem fazer a diferença. Inclua também imagens relacionadas com novidades e personalidades famosas, assim como as questões do dia-a-dia numa sociedade multicultural e num mundo global. A lista que se segue apresenta algumas ideias.

Apresentadora de um noticiário	Vendedor na praia	Manifestação nas Filipinas
Globo	Mercado na Ásia	Tropas da ONU na Jugoslávia
Equipa de filmagem no Terceiro Mundo	Mulher solitária	Avião de caça
Mulheres a construírem uma barragem	Bairros de lata em Bruxelas	Guerrilha
Subsídio de desemprego	Caixote do lixo totalmente cheio	Dois soldados mortos
Mineiro Africano	Escolha de latas	Sacos de cereais empilhados
Pesticidas	Rapaz negro com guitarra	Reuniões de mulheres
Publicidade a um restaurante de <i>fast-food</i>	Uma estrela rock	Planeamento familiar
Solo seco	Polícia	Prevenção da SIDA
Crianças a brincarem na água	<i>Grafitis</i>	Multidão
Lavar um carro	Parlamento	Transportes públicos
Petróleo a arder	Drogas	Exposição automóvel
Acção da Greenpeace	Campo de refugiados	Engarrafamento de carros
Chaminé de fumo de uma indústria	Crianças num centro de acolhimento	Um jovem com um microfone
Publicidade ao álcool	Jogador de futebol	Telemóvel
Publicidade à Coca-Cola	Ação da Amnistia Internacional	

Quando estiver a apresentar esta actividade e a explicar as características e o *layout* de uma primeira página típica de um jornal não se esqueça de alertar os participantes para a forma como os títulos estão escritos (têm de ser atraentes e de chamar a atenção) e também para a maneira como as histórias são apresentadas: primeiro com um breve sumário em letra diferente e depois, sim, o texto completo em letra mais pequena com a história. Não se esqueçam de debater a forma como as fotos são utilizadas ou para apoiar a história, ou para chamar a atenção do leitor. Fale também daquilo que as fotos normalmente não mostram! A forma como elas são tratadas para chamar a atenção para o que o fotógrafo – ou o editor fotográfico – quer mostrar. Realce também a maneira como as legendas são escritas.

A lembrar Variantes

3 de Maio
Dia Mundial da Liberdade
de Imprensa

Uma boa alternativa a esta actividade é a apresentação de um programa de rádio ou de televisão. Caso escolha trabalhar numa emissão televisiva, recomendamos que use diapositivos numa sala escura para dar a impressão de que estão a ver televisão. Há um conjunto de diapositivos que foram especialmente preparados para este tipo de actividade e que estão disponíveis na Federação Europeia para a Aprendizagem Intercultural.

Sugestões para aprofundamento

Conversem sobre temas de direitos seleccionados pelos vários grupos para as suas notícias. Por exemplo, como é que estes temas são tratados no vosso país?

Podem também contactar um jornal, rádio ou TV local e falar com os jornalistas sobre a maneira como trabalham, discutir a questão da objectividade e a forma global como os Direitos Humanos são abordados pelos meios de comunicação social.

Se o grupo gostar de actividades que envolvam rapidez de pensamento, tentem fazer a actividade "Só Um Minuto" da página 256, que aborda a relação entre Desporto e Direitos Humanos.

1, 2, 3... Acção

Algumas estações de rádio oferecem a oportunidade a grupos da comunidade para fazerem a sua própria transmissão. Trabalhem num projecto de grupo que envolva pesquisa e produção de uma transmissão radiofónica sobre questões de Direitos Humanos que vos preocupem. O título pode ser, por exemplo: "Pensar global, Agir local"!

Informação complementar

Pontos de partida para reflexão sobre os temas abordados nesta actividade:

a) Meios de comunicação social

1. Todos os dias, os jovens, tal como os adultos, são invadidos pela imensa informação difundida pelos vários meios de comunicação social. Podemos-nos questionar: o que é que fazemos com tanta informação? Será que isto significa que estamos melhor informados?
2. Os meios de comunicação social estão-se a tornar, todos os dias, mais comerciais, com uma mensagem simplista, estereotipada e sensacionalista. Começa a ser difícil encontrar notícias com qualidade.
3. De facto, encontrar notícias com qualidade é particularmente difícil quando nos referimos a assuntos relativos à desigualdade, sobretudo quando falamos de países em desenvolvimento. As notícias do mundo não ocidental são normalmente vistas por olhos ocidentais com uma dimensão muitas vezes negativa e desanimadora.

b) Questões dos Direitos Humanos

Os meios de comunicação social são muito importantes para aumentar a consciencialização do público sobre Direitos Humanos. No entanto, devemos estar atentos à forma como os problemas são expostos e aos respectivos motivos. Todos precisamos de ser críticos relativamente ao que é – e não é – dado, e ao modo como a informação e os factos são expostos. Por exemplo, numa

guerra, os soldados podem ser apresentados como combatentes pela paz ou como terroristas, dependendo das diferentes cores políticas. Pessoas pertencentes a outras culturas podem ser apresentadas de maneiras não objectivas. Por exemplo, os Inuit podem ser caracterizados como um povo exótico ou como um povo que tenta preservar a sua maneira tradicional de viver em *igloos*; no entanto, se estivermos a discutir a caça das baleias, já serão descritos como "assassinos".

c) *Compromisso*

Deve tentar seleccionar imagens que ilustrem oportunidades para as pessoas, especialmente para os jovens, de se comprometerem de forma prática. O nosso maior desejo, como professores, formadores e animadores que trabalham com jovens, consiste em motivá-los a agir para viver num mundo melhor. Muitas vezes, questionamo-nos sobre a melhor forma de encorajar os jovens a comprometerem-se. Perguntamo-nos ainda se as oportunidades são, de facto, atraentes para os jovens. As respostas, ou pelo menos as indicações para as respostas, podem estar nos diapositivos por eles escolhidos.

A Barreira da Língua

Conseguem responder a estas perguntas? Acham que o vosso formulário seria aceite?

TEMAS

 DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

 SEGURANÇA HUMANA

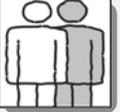
 EDUCAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO

 INDIFERENTE

DURAÇÃO

 30 MINUTOS

Temas	Discriminação e Xenofobia, Segurança Humana, Educação
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	30 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa simulação acerca das dificuldades que os refugiados enfrentam. De entre os assuntos abordados, podem encontrar: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As frustrações e a instabilidade emocional com que os refugiados se debatem. ▪ Ultrapassar a barreira da língua. ▪ Discriminação durante o procedimento de pedido de asilo.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a procurar e a beneficiar de asilo. ▪ O direito a não ser discriminado com base na etnia ou no país de origem.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar os participantes da discriminação que pode ocorrer por parte dos serviços de imigração para com os refugiados. ▪ Demonstrar a importância tanto da educação linguística como intercultural. ▪ Desenvolver o sentimento de empatia, estando atentos às frustrações enfrentadas pelos refugiados quando apresentam o formulário de pedido de asilo.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópias do "Formulário de pedido de asilo": um por participante. ▪ Canetas: uma por participante.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organize a sala de forma a estar sentado atrás de uma secretária para representar a formalidade de um gabinete oficial.

o exercício passo a passo

1. Deixe o grupo entrar na sala, mas não cumprimente ninguém. Não diga nada sobre o que vai ocorrer.
2. Deixe passar uns minutos após a hora normal de início e então, distribua as cópias do "formulário de pedido de asilo" e as canetas, uma a cada participante.
3. Avise-os de que têm cinco minutos para preencher o formulário e não diga mais nada. Ignore todos os protestos e questões. Se quiser dizer alguma coisa, faça-o numa outra língua (ou invente uma) e use gestos. Mantenha o mínimo de comunicação possível. Lembre-se de que os problemas dos "refugiados" não são sua preocupação, e a sua função é apenas a de distribuir e recolher os formulários!

Nota: Esta actividade foi adaptada de Donahue, D., Flowers, N., The Uprooted, Hunter House Publishers, 1995

4. Cumprimente friamente os possíveis atrasados (por exemplo: "está atrasado, leve este formulário e preencha-o! Já só tem alguns minutos para o fazer!").
5. Quando tiverem terminado os cinco minutos, recolha os formulários sem esboçar um sorriso ou tecer qualquer tipo de comentário.
6. Chame um dos nomes dos formulários e peça a essa pessoa para se chegar à frente. Olhe para o formulário e invente qualquer coisa sobre a forma como o formulário foi preenchido, como por exemplo: "Não respondeu à questão oito!" ou "Estou a ver que respondeu "não" à questão número seis. Asilo recusado". Diga a essa pessoa para se ir embora e chame a seguinte. Não entre em discussão!
7. Repita o processo várias vezes. Não é necessário chamar todos os participantes, mas continue até que as pessoas se apercebam do que se está a passar.
8. No final, dispa a pele de autoridade representante e convide os participantes para a análise e avaliação da actividade.

Análise e avaliação

Comece por perguntar aos participantes como é que se sentiram durante a actividade e depois comentem o que se passou e o que aprenderam.

- Como é que se sentiram quando estavam a preencher um formulário incompreensível?
- Acham que foi uma simulação realista da experiência de alguém que procura asilo?
- Acham que no vosso país os refugiados que procuram asilo são tratados de forma justa? Porquê? Por que não?
- Quais as consequências da recusa de asilo para essa pessoa?
- Os participantes já passaram pela situação de não conseguirem falar a língua e de serem confrontados com uma autoridade, por exemplo, um polícia ou um controlador de bilhetes? Como é que se sentiram?

Dicas para o animador

Esta é uma actividade muito fácil de dinamizar: a única coisa que lhe é exigida é que seja intransigente no seu papel, sério, inflexível e burocrático. A situação difícil dos refugiados não é um problema seu, e só ali está para cumprir o seu trabalho! O problema é que muitas pessoas não querem que os refugiados entrem no seu país. Os responsáveis pelos serviços de imigração estão a cumprir as ordens que lhes foram dadas: entrevistar os refugiados e permitir a entrada daqueles que tiverem os documentos de identificação e os que tiverem preenchido correctamente o formulário. Normalmente os refugiados não conhecem a língua do outro país e, por isso, têm grande dificuldade em preencher correctamente os impressos. Para além disso, estão stressados e angustiados. Por isso, é-lhes muito complicado perceberem o que se está a passar, por que motivo os seus pedidos foram recusados e quais as razões dessa recusa.

Sugestões para aprofundamento

Se quiserem aprofundar os argumentos utilizados para aceitar ou recusar a entrada de refugiados num país, desenvolvam a actividade "Posso Entrar?" da página 218.

Podem encontrar mais ideias para actividades sobre refugiados na página do ACNUR: <http://www.cidadevirtual.pt/acnur/index.html>.

A lembrar

26 de Junho

Dia Mundial da Carta das Nações Unidas

21 de Fevereiro

Dia Internacional da Língua Materna

1, 2, 3... Acção

O grupo pode convidar um responsável do serviço de imigração para vir falar das dificuldades do trabalho que realiza. Como alternativa, organizem uma visita a um gabinete dos serviços de imigração e vejam qual o procedimento para a apresentação do pedido de asilo. Os membros do grupo podem também entrevistar refugiados e responsáveis dos serviços de imigração e descobrir quais os seus pontos de vista quanto a esta situação, aproveitando para levantar questões em relação às injustiças e/ou irregularidades do processo. As informações recolhidas podem ser utilizadas em campanhas de consciencialização relacionadas com os refugiados, ou apresentadas como resultados aos serviços de imigração ou a organizações como o ACNUR.

Informação complementar

Podem encontrar mais informações e números sobre os refugiados na secção de "Informação complementar" da actividade "Posso Entrar?" na página 218.

Refugiados ou pessoas à procura de asilo: Quais as diferenças e semelhanças?

Normalmente, as pessoas não sabem distinguir as diferenças entre "pessoa à procura de asilo" e "refugiado". Usa-se indiferenciadamente o termo "refugiado" quando nos referimos a qualquer pessoa que procura ou que já recebeu asilo. Legalmente, os termos "refugiado" e "pessoa à procura de asilo" são diferentes e têm consequências diferentes.

Uma pessoa que procura asilo é uma pessoa que quer ser aceite como um refugiado, mas que se encontra ainda em fase de consideração de candidatura. Na fase de candidatura, os departamentos de imigração devem determinar se a situação da pessoa encaixa perfeitamente na definição de refugiado e se a candidatura responde a todos os critérios de aceitação. Por exemplo, eles devem conseguir justificar o medo de perseguição, e não podem ter cometido nenhum crime contra a paz, crimes de guerra ou crimes contra a humanidade, tal como são definidos nos instrumentos internacionais destinados a preveni-los. Os principais direitos que uma pessoa que procura asilo tem são: o direito a que a sua candidatura seja considerada com justiça e o direito a permanecer no país onde pediu asilo até que a sua candidatura seja examinada.

Pode dizer-se que um refugiado é a pessoa cuja candidatura a asilo foi aceite. Existem vários direitos associados ao estatuto de refugiado, por exemplo, o direito a não ser repatriado ao país onde possa enfrentar risco de vida ou de bem-estar, o direito à não-discriminação e o direito a receber assistência básica pelo governo do país que lhe concedeu asilo.

Nas últimas cinco décadas, foi concedido o asilo a vários milhões de pessoas por todo o mundo. Actualmente existem aproximadamente 1.2 milhões de pedidos de asilo pendentes em todo o mundo.

FICHA

Formulário de pedido de asilo

1. Családi és utónév
2. Дата і месца нараджэння
3. Viimeisin osoite
4. Ὡδὺναρχὴ ἠμῶν
5. Επάγγελμα ή κύρια απασχόληση
6. Başvuran kişiye eşlik eden refakatçi veya yakınlarının isimleri
7. Meio e local de entrada no país
8. Ghaliex titlob ghall-azilju?
9. Свидетельство преследований, на основании которых составлено заявление
10. Avez-vous déjà présenté une demande d'asyle auparavant? Veuillez donner des détails sur les pays, les dates et les motifs.
11. Dali imate rodnini ili poznanici vo ova zemja? Ako imate, navedete gi iminjata i adresite.
12. ما هي اللغات التي تتكلمها وما هي مستوى ثقافتك

A Corrida pela Riqueza e pelo Poder

Na vida, alguns lutam pelos seus sonhos e outros lutam pela riqueza e pelo poder.

TEMAS



POBREZA



SEGURANÇA HUMANA



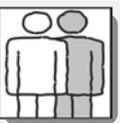
GLOBALIZAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
 NÍVEL 3
 NÍVEL 2
 NÍVEL 1

NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



8-25

DURAÇÃO



90 MINUTOS

- Temas** Pobreza, Segurança Humana, Globalização
- Grau de complexidade** Nível 3
- Tamanho do grupo** 8-25
- Duração** 90 minutos
- Sinopse** Esta actividade simula uma corrida pela riqueza, pelo poder e pela desigualdade no mundo. Os assuntos abordados são:
- Desigualdade na distribuição da riqueza.
 - Desequilíbrio de poder e suas consequências.
 - A injustiça da pobreza.
- Direitos relacionados**
- O direito à igualdade em dignidade e em direitos.
 - O direito à educação.
 - O direito à saúde, alimentação e a uma habitação condigna.
- Objectivos**
- Compreender as injustiças que resultam da distribuição não equitativa da riqueza e do poder.
 - Analisar criticamente as causas e consequências da pobreza.
 - Promover a dignidade humana e a justiça.
- Materiais**
- 120 moedas.
 - 3 a 4 pares de meias.
 - Papel e canetas para anotações.
 - 2 folhas A3 e marcadores.
 - Papel e canetas.
 - Um espaço grande e aberto.
- Preparação**
- Leia "o exercício passo a passo" para ficar com uma ideia do desenvolvimento da actividade. Note, por exemplo, que a simulação se divide em três partes: 1.ª parte – A corrida (10 minutos); 2.ª parte – Os donativos (10 minutos); 3.ª parte – Fomentar a justiça económica. A análise será feita apenas no final da actividade.
 - Pegue em 20 moedas e guarde-as.
 - Escolha 3 pessoas para serem os migrantes.
 - Faça uma tabela onde possa marcar a riqueza dos jogadores (ver ilustração).
 - Prepare uma outra tabela intitulada "Doadores Honorários".

Tabela de riqueza

Muita Riqueza e Poder (6 moedas ou mais)	Alguma Riqueza e Poder (3 a 5 moedas)	Pouca Riqueza e Poder (2 moedas ou menos)

O exercício passo a passo

Explique que esta actividade consiste numa simulação onde os participantes vão distribuir a riqueza e o poder do mundo entre si.

1.ª Parte: A corrida (10 minutos)

1. O objectivo do jogo é obter o maior número possível de moedas. Só têm de obedecer a uma regra: nenhum participante pode tocar noutro membro do grupo (podem até estipular uma penalidade para quem quebrar essa regra como, por exemplo, pagar uma moeda).
2. Peça a todas as pessoas, excepto aos que vão desempenhar o papel de "migrantes", que se sentem no chão, em círculo (de forma a que tenham espaço suficiente para jogar).
3. Distribua as 20 moedas que tinha de lado por 4 ou 5 participantes.
4. Dê a cada um dos 4 restantes participantes um par de meias. Explique que vão ter de as manter enfiadas nas mãos durante todo o jogo. Adie as discussões em relação às razões para partilhar as moedas ou as meias até à fase de análise da actividade.
5. Espalhe 100 moedas de forma equitativa pelo meio do círculo.
6. Quando ouvirem a palavra "comecem", os participantes devem recolher o maior número de moedas possível. Isto provavelmente não demora mais de 2 minutos!
7. Quando tiverem recolhido todas as moedas, peça-lhes que informem o resto do grupo da sua riqueza. Na tabela da riqueza, faça o registo do nome do participante e do número de moedas recolhidas.
8. Lembre os participantes que essas moedas representam a sua riqueza e o seu poder no mundo. O montante que possuem determina a sua capacidade de satisfazer as suas necessidades (ou seja: educação básica, alimentação adequada, bons cuidados médicos, alojamento) e os seus desejos (ou seja: educação superior, carro, computador, brinquedos, televisão e outros produtos de luxo). E tudo de acordo com a lista que se segue:
 - Seis ou mais moedas – os participantes serão capazes de satisfazer as suas "necessidades" e a maioria dos seus "desejos".
 - Três a cinco moedas – os participantes serão capazes de satisfazer as suas "necessidades" básicas.
 - Duas ou menos moedas – os participantes terão dificuldades em sobreviver devido a doenças, falta de educação, má nutrição e falta de alojamento.

2.ª Parte: Os Donativos (10 minutos)

1. Informe os participantes que podem, se quiserem, dar moedas aos outros membros do grupo. No entanto, não são obrigados a isso. Caso o façam, o seu nome será anotado como doadores, na lista de "Doadores Honorários".
2. Dê 3 a 4 minutos para que os participantes possam redistribuir o dinheiro se o quiserem fazer.
3. No final, pergunte o nome dos participantes que quiseram doar as suas moedas e o montante doado. Anote os seus nomes na lista de "Doadores Honorários".
4. Veja se alguém mudou de categoria como resultado desta redistribuição de moedas e registre as alterações na tabela com uma seta.

A divisão global

Nos países em desenvolvimento, uma em cada 10 crianças morre antes de completar o seu 5.º aniversário. Em comparação, nos Estados Unidos, uma em cada 165 crianças morrerá antes de fazer 5 anos. Em 1998, nos países em desenvolvimento, cerca de 130 milhões de crianças, elegíveis de um total de 625 milhões, não frequentavam a escola primária. Deste total, 73 milhões eram raparigas. (UNICEF) Um quinto da população mundial abastada consome um admirável 86% de todos os bens e serviços, enquanto que um quinto da população mundial mais pobre consome apenas 1% desses mesmos bens e serviços.

Esperança de Vida por altura do nascimento 1995-2000

O número de anos que um recém-nascido viverá se os padrões predominantes da taxa de mortalidade se mantiverem iguais ao longo da vida da criança.

Relatório PNUD

Japão:	80.5
Noruega:	78.1
Grécia:	78.0
Irlanda:	76.1
República Checa:	74.3
Federação Russa:	66.1
Maldivas:	65.4
África do Sul:	56.7
Guiné Equatorial:	50.0
Zimbabué:	42.9
Zâmbia:	40.5
Serra Leoa:	37.3

Da mais alta esperança média de vida à mais baixa há uma diferença de 43,2 anos!

3.ª Parte: Fomento da justiça económica (40 minutos)

1. Divida o número de participantes em três grupos em função do número de moedas que têm (muita riqueza, alguma riqueza e pouca riqueza).
2. Peça a três "migrantes" para se juntar a outro grupo. Anote as suas reacções ao serem colocados num grupo e não no outro, mas não discuta a colocação até à análise no final.
3. Distribua as canetas e o papel. Cada grupo tem como tarefa criar um plano para uma repartição justa das moedas (a riqueza do mundo) de forma a diminuir o fosso entre as diferentes categorias de riqueza e de poder. Cada plano deve:
 - Explicar o que precisa de ser feito (o que for preciso);
 - Descrever os planos do grupo e as suas razões;
 - Mostrar a razão da justiça do plano.
4. Dê 10 minutos aos grupos para que esbocem os seus planos. Explique que não são necessários grandes detalhes, mas que devem realçar algumas das acções e abordagens possíveis para acabar com o problema da pobreza.
5. Peça a cada grupo que nomeie um porta-voz para explicar o plano ao resto dos participantes e para responder a dúvidas que possam surgir. Anote os planos numa folha A3.
6. Anuncie que vão levar os vários planos a votos para decidir qual irão adoptar. A distribuição dos votos será a seguinte:
 - Cada participante do grupo com "muita riqueza e poder" – 5 votos.
 - Cada participante do grupo com "alguma riqueza e poder" – 2 votos.
 - Cada participante do grupo com "pouca riqueza e poder" – meio voto.
7. Peça aos participantes que votem. Registe os votos numa folha A3 e anuncie qual o plano vencedor.
8. Desenvolva o plano e, caso seja necessário, redistribua a riqueza.

Análise e avaliação

Comece por avaliar a forma como decorreu a actividade e pergunte aos participantes se se divertiram. Depois comentem o que aconteceu e o que foi aprendido. Promova a discussão, baseada nas seguintes perguntas:

- Como é que se sentiram em relação à maneira como as moedas foram adquiridas e distribuídas? Sentiram que tinham sido tratados com alguma justiça?
- Por que é que deram as suas moedas? Para serem venerados? Porque se sentiram culpados? Ou por outra razão?
- Como é que se sentiram os participantes que receberam as moedas? Gratos? Tratados de forma condescendente?
- Então e os participantes que tinham os pares de meias? Que tipo de pessoas é que eles representam? A qual dos grupos foram parar?
- Então e os três "migrantes", destacados para os diferentes grupos? Sentiram que tinham sido tratados com alguma justiça? O que lhes aconteceu é de alguma forma parecido com o que se passa com as pessoas em todo o mundo? A que tipo de pessoas? Será apenas uma questão de sorte nascer num determinado sítio?
- Quais as principais diferenças nos planos dos vários grupos? Acham que os planos reflectiram a riqueza do grupo que os pensou?

- Por que foram dados mais votos a uns participantes do que a outros? Acham que foi uma representação correcta do que se passa no mundo?
- Com estas diferenças na riqueza e no poder acham que alguns Direitos Humanos estão a ser infringidos? Se sim, quais?
- Quem são as pessoas que "têm" e as que "não têm" algo a dizer ou mesmo a fazer no mundo, no vosso país ou na vossa comunidade? Como é que se viram nessa posição?
- Será que os que "têm" devem preocupar-se com a situação dos que "não têm"? Porquê? Razões de segurança, económicas, morais/religiosas ou políticas? Por que podem, os que "têm", dar dinheiro e recursos aos que "não têm"? Será esta a maneira de resolver o problema da pobreza?
- O que podem fazer os que "não têm" para melhorar a sua situação? O que fizeram já os que "não têm" para lidar com as desigualdades de distribuição da riqueza e de poder do mundo?
- Acham que deve haver uma redistribuição da riqueza e do poder em todo o mundo? Porquê ou por que não? Se sim, qual a vossa proposta para atingir este objectivo? Quais os princípios orientadores que conduzem a vossa proposta?
- Será que o "discurso dos Direitos Humanos" pode ser usado para apoiar a redistribuição da riqueza?

Dicas para o animador

O objectivo desta actividade consiste em consciencializar as pessoas para a desigualdade na distribuição da riqueza e do poder no mundo. No entanto, há o perigo de confirmarem as desigualdades dentro do seu grupo. Assim, tenha em atenção a composição social e económica do grupo e desenvolva o debate de acordo com as diferentes realidades dos participantes. Peça-lhes que se deixem envolver pelo jogo de maneira a que pareça que as moedas sejam realmente a sua riqueza. Pode dizer-lhes que podem ficar com as que conseguirem recolher, para "comprarem" um sumo e/ou guloseimas no intervalo.

Deixe bem claro que, tal como acontece na vida real, se eles derem algumas das suas moedas, perderão alguma da sua riqueza e poder.

Se estiver demasiado calor para usar meias, pense noutra solução para diferenciar os participantes que têm mais riqueza e poder dos outros. Pode, por exemplo, avisá-los de que só poderão entrar 15 a 30 segundos mais tarde do que os mais ricos. Ou então pode atar-lhes uma das mãos atrás das costas – se eles forem dextros, ate a mão esquerda e vice-versa.

As questões sugeridas para a análise e avaliação são complexas e podem, por isso, requerer tempo e discussões profundas. Se tiver pouco tempo ou se o grupo for demasiado grande, aconselhamos a que divida as perguntas por pequenos grupos. Estes grupos mais pequenos devem ser "mistos", ou seja, devem incluir pessoas das três diferentes categorias. No final, peça aos grupos para nomearem um porta-voz que apresente os resultados da análise em plenário, para que todos possam ter hipótese de ouvir e reflectir sobre as várias questões.

Nota: esta actividade foi adaptada de uma outra que encontramos no Centro de Recursos de Direitos Humanos "Justiça social e económica: uma perspectiva de Direitos Humanos", na Universidade do Minnesota, 1999.

A lembrar

17 de Outubro

Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza

Sugestões para aprofundamento

Pode aprofundar ainda mais estas questões ou pode pedir aos participantes que escrevam um relatório. Sugerimos os seguintes tópicos:

- Como é que a riqueza e o poder afectam a capacidade individual de usufruirmos dos nossos Direitos e dignidade Humana?
- Há alguma responsabilidade associada à riqueza e ao poder?

O grupo pode querer continuar a abordar o tema da pobreza e a explorar algumas das suas consequências com a ajuda da actividade "Horóscopo da Pobreza" da página 156.

1, 2, 3... Acção

Entrem em contacto com uma organização que trabalhe com pessoas desfavorecidas na vossa comunidade, de forma a assegurar as necessidades locais. Desenvolvam um projecto que possa ajudar a vossa comunidade.

Muitas vezes, fazer alguma publicidade ao problema é um passo de gigante para uma mudança. Por isso, pode sugerir que os participantes discutam o problema da distribuição da riqueza com os seus pais e amigos.

A Minha Vida Privada

"(...) a polícia chega sempre tarde... quando chega."

Tracy Chapman

Temas	Igualdade de Género, Paz e Violência, Saúde
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	6-30
Duração	120 minutos
Sinopse	Esta actividade aborda a problemática da violência doméstica como uma das formas mais comuns e menos discutidas de violência.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à protecção contra a violência, a tortura e qualquer forma de tratamento degradante. ▪ O direito à igualdade e à não-discriminação. ▪ O direito a igual protecção perante a lei (ou a um tratamento justo nos tribunais).
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar para a existência de violência doméstica e para as violações dos direitos das mulheres. ▪ Desenvolver capacidades de discussão e de análise de violações dos Direitos Humanos. ▪ Fomentar empatia e autoconfiança na luta contra a violência doméstica.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Grandes folhas de papel ou um quadro, canetas ou marcadores para a reflexão e trabalho em grupo. ▪ Exemplos dos "Relatórios das Testemunhas" (escolha um ou mais, ou escreva o seu próprio relatório). Fotocopie em número suficiente para dar um a cada participante. ▪ Exemplos das "Linhas de orientação para a análise em pequenos grupos" (um por cada grupo).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Recolha informação sobre centros e organizações activos na ajuda às vítimas de violência doméstica e descubra quais são os problemas mais importantes da sua comunidade local ou na sua área. ▪ Escolha cuidadosamente os problemas que gostaria de abordar, tendo em atenção as experiências pessoais dos participantes.

o exercício passo a passo

1. Inicie a actividade com uma reflexão em grupo sobre: "Formas mais comuns de violência na nossa comunidade (bairro, terra, cidade...)". Anote tudo o que for dito mas não debata nada nesta primeira fase. Deixe o bloco de cavalete num sítio visível. (dez minutos).

TEMAS



IGUALDADE DE GÉNERO



PAZ E VIOLÊNCIA



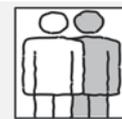
SAÚDE

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



6-30

DURAÇÃO



120 MINUTOS

2. Peça aos participantes para se dividirem em pequenos grupos com duas a seis pessoas cada. Deve haver pelo menos três grupos.
3. Distribua os exemplares dos cartões "Relatório das Testemunhas". Há três casos diferentes, mas pode entregar o mesmo caso a diferentes grupos. Distribua também os exemplares das "Linhas de orientação para a análise em pequenos grupos".
4. Dê-lhes cinco minutos para lerem os "Relatórios das Testemunhas". Não se esqueça de lembrar que as análises devem ter como base estes casos. Os participantes devem estar conscientes de que as discussões sobre estes temas podem alcançar um nível muito pessoal e que ninguém deve ser obrigado a revelar mais do que aquilo que quiser.
5. Dê-lhes uma hora para o trabalho de grupo.
6. No final, regressem ao plenário para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por apreciar como decorreu o trabalho de grupo. Quão reais eram os relatórios das testemunhas e quão relevantes eram as perguntas? Se os grupos tiverem trabalhado com casos diferentes, deixe-os dar o seu *feedback* relativamente à análise dos diferentes crimes. Depois passem para a realidade social:

- Qual a importância e a frequência da violência doméstica na vossa comunidade? E no vosso país?
- Quais os Direitos Humanos que estão em jogo, que são postos em causa?
- Quais as causas da violência doméstica?
- Por que é que há mais vítimas mulheres do que homens?
- Como é que podemos acabar com a violência doméstica? O que é que pode/deve ser feito:
 - pelas autoridades públicas?
 - pela comunidade local?
 - pelas pessoas envolvidas?
 - pelos amigos e vizinhos?
- Confronte os resultados dos grupos e das questões levantadas na análise com a lista da reflexão em grupo inicial. A violência doméstica estava na lista? Se não, porquê?
- Que outras formas de violência contra as mulheres surgiram na análise? Acrescente-as à lista.

Pergunte se alguém gostaria de aprofundar algum dos problemas tratados e discuta como é que gostariam de dar seguimento ou até mesmo como poderiam agir para a solução destes problemas.

Dicas para o animador

Preste atenção aos assuntos mais sensíveis, ao anonimato/privacidade (alguns participantes podem ter vivido experiências de violência doméstica em casa ou na família). Deixe bem claro que ninguém se deve sentir obrigado a revelar mais do que aquilo que quer. Deve ter liberdade suficiente para adaptar a actividade de acordo com as preocupações dos participantes.

Esta actividade chama-se "A Minha Vida Privada", pois a maioria dos actos de violência contra as mulheres acontece entre marido e mulher ou entre duas pessoas que estejam a viver um relacionamento. Uma das formas mais comuns de violência doméstica é a violência física e foi por isso que escolhemos estes relatórios de testemunhas. As histórias são todas baseadas em casos verídicos, com vítimas e crimes reais. Pode ter de alterar algum pormenor ou substituir algum caso de forma a ir ao encontro da sua situação local e às preocupações dos presentes.

As opiniões dos participantes vão variar em relação ao que para eles constitui um acto de violência. A Convenção sobre a Eliminação de Todas as formas de Discriminação Contra a Mulher, adoptada pela Assembleia-geral das Nações Unidas em 1993, define a violência contra as mulheres como "todo o acto de violência baseado no género, do qual resulte, ou possa resultar, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais actos e coacção ou privação arbitrária de liberdade, quer ocorra na vida pública ou privada". Abrange os seguintes actos, ainda que não lhes esteja limitada: "violência física, sexual e psicológica que tem lugar na família, inclusive os maus-tratos, o abuso sexual das raparigas, violência relacionada com o dote, a violação conjugal, a mutilação genital feminina e outras práticas tradicionais prejudiciais para as mulheres; os actos de violência praticados por outros membros da família e a violência relacionada com a exploração; a violência física, sexual e psicológica praticada na comunidade em geral, incluindo a violação, o abuso sexual, o assédio e a intimidação sexuais – no local de trabalho, nas instituições educativas e em outros lugares; o tráfico de mulheres e a prostituição forçada; a violência física, sexual e psicológica praticada ou tolerada pelo Estado, onde quer que ocorra."

Se tiver dificuldades em encontrar informações sobre os centros de apoio locais, há uma base de dados no site do Centro Europeu de Informação contra a Violência: www.wave-network.org.

Os participantes masculinos podem reagir fortemente à actividade ou ao debate. Não se deve esquecer de que o propósito desta actividade não consiste em culpabilizar os homens ou rapazes pelos actos de outros. No entanto, é importante reconhecer, ou discutir a ideia de que os homens fazem parte de um sistema patriarcal opressivo e, por isso, desempenham um papel nesse sistema. Neste contexto, pode também ser interessante explorar as consequências, directas ou indirectas nos homens, da violência contra as mulheres. Pode acabar a sessão com um minuto de silêncio pelas vítimas da violência doméstica. Trata-se de uma forma forte de encerrar a actividade, fomentando empatia e solidariedade.

Variantes

Há muitas outras formas de violência contra as mulheres (veja em baixo as "informações suplementares"). Pode desenvolver um estudo acerca de outros casos e explorar outros aspectos deste problema.

Sugestões para aprofundamento

O grupo pode entrar em contacto com a polícia local e descobrir que procedimento é adoptado quando recebem chamadas a pedir ajuda em casos de violência doméstica. Outra hipótese é contactar a organização mais próxima de auxílio a mulheres e convidar alguém para vir apresentar os factos e os números sobre a situação na comunidade local.

Outro assunto, quase tabu em muitos países, é a orientação sexual e especialmente a homossexualidade. Se o grupo quiser estudar este assunto, pode consultar a actividade "Vamos Falar de Sexo!" da página 275.

1, 2, 3... Acção

Entrem em contacto com um abrigo para mulheres, com um centro de informação ou com uma organização que se dedique aos direitos das mulheres e descubram quais as necessidades que enfrentam e como é que os podem ajudar.

A lembrar : Informação complementar

25 de Novembro
Dia Mundial para a
Eliminação da Violência
contra as Mulheres

Um desafio universal para os Direitos Humanos

Os direitos das mulheres e das jovens são inalienáveis, indivisíveis e parte integrante dos Direitos Humanos. No entanto, isto não quer dizer que estejam assegurados. Muito pelo contrário, a violência contra as mulheres é um enorme problema. Sobretudo as jovens correm um risco muito maior de verem os seus direitos fundamentais violados do que os homens.

A violência contra as mulheres e as raparigas é uma questão de saúde e de Direitos Humanos importantíssima. Pelo menos uma em cada cinco mulheres, na população feminina mundial, já foi física ou sexualmente abusada por um homem (ou homens) durante a sua vida. Muitas, incluindo mulheres grávidas e crianças, são objecto de ataques graves, pontuais ou repetidos.

Calcula-se que, a nível mundial, a violência contra as mulheres em idade fértil é uma causa de morte ou de incapacidade tão comum como o cancro, e um atentado à saúde das mulheres maior do que os acidentes rodoviários e a malária juntos.

O problema da violência contra as jovens mulheres é global e não conhece fronteiras; o tráfico é o exemplo óbvio disso mesmo. "Não existe um único país no mundo onde as mulheres estejam livres de violência. Não existe uma única área da vida de uma mulher que não esteja exposta a ameaças ou a actos reais de violência. A violência contra as mulheres não conhece fronteiras geográficas, limite de idade, distinção entre classes, raça, cultura e manifesta-se de formas muito variadas"¹¹

"A violência contra as mulheres é claramente política, no sentido em que constitui um sério obstáculo à igualdade entre os sexos e perpetua a desigualdade."¹² É também claramente política, no sentido em que constitui um atentado à democracia, visto que, como foi declarado na Resolução do Conselho da Europa, "a desigualdade e as disparidades entre os homens e as mulheres, no campo dos Direitos Humanos, contrariam os princípios genuínos de uma democracia."¹²

Violência ao longo da vida

Violência contra as mulheres em diferentes momentos da vida

<i>Fase</i>	<i>Tipo de violência</i>
Antes do nascimento	Aborto seleccionador do sexo da criança; efeitos da violência física na criança durante a gravidez.
1ª Infância	Infanticídio feminino; abuso físico, sexual e psicológico.
Infância	Casamento infantil; mutilação genital feminina; abuso físico, sexual e psicológico; incesto; prostituição e pornografia infantil.
Adolescência idade adulta	Violência durante o namoro e a corte (ex.: ataque com ácido e violação num encontro); sexo coagido por dinheiro (ex.: estudantes que trocam sexo pelo pagamento das propinas escolares); incesto; abusos sexuais no local de trabalho; violação; assédio sexual; prostituição e pornografia; tráfico de mulheres; violência dos parceiros; violação conjugal; abusos e assassinatos relacionados com o dote; homicídio pelo parceiro; abuso psicológico; abuso de mulheres incapacitadas; gravidez forçada.
3ª Idade	"Suicídio" forçado ou homicídio de viúvas por razões económicas; abuso sexual, físico e psicológico.

Fonte: Pack Informativo sobre a Violência contra as Mulheres – Organização Mundial de Saúde, 1997³

Algumas estatísticas sobre a dimensão do problema

Os números sobre a violência contra as mulheres, e especialmente sobre a violência doméstica, conseguem surpreender-nos pela sua dimensão e universalidade, ao mesmo tempo que constatamos a sua relativa invisibilidade. Na Europa, uma mulher em cada cinco é, diariamente, vítima de violência; a violência doméstica causa mais mortes e feridos entre as mulheres do que o cancro ou os acidentes

rodoviários⁴. Todos os anos morrem 14,500 mulheres russas vítimas de violência doméstica⁵.

Um estudo sobre a violência doméstica na União Europeia, levado a cabo pelo Lobby Europeu de Mulheres em 1999, chegou à conclusão que uma em cada quatro mulheres já foi vítima de alguma forma de violência por parte do seu parceiro. 95% dos actos de violência têm lugar em casa. Um estudo finlandês (1998) mostrou que 52% das mulheres adultas foram vítimas de violência ou de ameaças físicas ou sexuais desde os 15 anos, e que 20% desses factos ocorreu ao longo do último ano. Um estudo português (1997) revelou que 53,3% das mulheres que vivem nos arredores de grandes cidades, 55,4% das mulheres que vivem em cidades e 37,9% das mulheres que vivem no campo foram vítimas de violência; 43% desses actos de violência foram cometidos dentro da própria família. Um estudo belga (1998) indicou que 68% das mulheres foram vítimas de violência física e/ou sexual⁶.

Violência Doméstica

A violação dos Direitos Humanos das mulheres não é algo que aconteça apenas em períodos de guerra, mas sim que acontece primeiro e antes de mais em casa. "A natureza "privada" deste tipo de violência é o que tornou, e ainda torna, qualquer tipo de intervenção tão difícil."⁷

A investigação tem demonstrado que é mais provável que uma mulher seja ferida, violada ou morta pelo parceiro ou por um ex-parceiro do que por qualquer outra pessoa. A violência doméstica afecta não só as mulheres mas também as crianças, muito particularmente as meninas e as adolescentes.

Exposição das Testemunhas Silenciosas

Esta actividade foi inspirada na exposição sobre a violência doméstica e o assassinato de mulheres, trazida ao Centro Europeu de Juventude em Budapeste pela Associação dos Direitos das Mulheres da Hungria. Esta exposição incluía as histórias de Maria e de Catarina. O seu objectivo era alertar a consciência pública para as dimensões e para a brutalidade da violência e assassinato domésticos, através das histórias de mulheres assassinadas: as "testemunhas silenciosas".

"As Testemunhas Silenciosas" tiveram origem no Minnesota, EUA, país onde hoje já adquiriram uma dimensão nacional, e pertencem a um movimento que tem como objectivo acabar com o assassinato doméstico até 2010. Organizar uma exposição de Testemunhas Silenciosas pode ser uma forma prática e eficaz de abordar a violência doméstica na sua comunidade, cidade ou região. Há livros que explicam como colocar em cena esses testemunhos e como organizar a exposição. Há também uma obra que se intitula *Results (Resultados)*, que nos fala sobre os primeiros anos da campanha nos EUA e que contém uma série de histórias que podem ser utilizadas como exemplos. O site é: www.silentwitness.net. Também inclui uma longa lista de contactos internacionais de organismos que já realizaram estas exposições.

Nota: Os casos de Catarina e Maria são relatados por Morvai Krisztina em *Terror a családban – A feleségbántalmazás és a jog (Terror na Família – Violência Física contra as Mulheres e a Lei)*, Kossuth Kiadó, Budapest, 1998.

¹ Lobby Europeu das Mulheres. (www.womenlobby.org)

² Folha de dados. "Violência contra as mulheres. Acção empreendida pelo Conselho da Europa". *Divisão da Igualdade entre as Mulheres e os Homens, DG II (Fact Sheet: "Violence Against Women. Action undertaken by the Council of Europe")*, Conselho da Europa, 2001.

³ Pack informativo sobre a Violência contra as Mulheres – Organização Mundial de Saúde, 1997 (www.who.int).

⁴ Resolução 1216 (2000), Seguimento da 4ª Conferência Mundial das Mulheres das Nações Unidas (Beijing, 1995), Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

⁵ Recomendação 1450 (2000), Violência contra as mulheres na Europa. Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa.

⁶ O Relatório da UNICEF sobre as Mulheres nos Países em Transição, Setembro 1999.

⁷ Lobby Europeu das Mulheres (www.womenlobby.org).

⁸ *Acabar com a Violência Doméstica, acções e medidas. Livro de actas do Fórum de Bucareste (Roménia), 26-28 Novembro 1998. Comité Permanente para a igualdade entre as mulheres e os homens. (EG/BUC (99) 1) Conselho da Europa 2000, p. 13.*

Informações complementares na Internet:

O Site da Rede Europeia de Mulheres contra a Violência: www.wave-network.org.

O Lobby Europeu de Mulheres: www.womenlobby.org onde se pode pedir o relatório "que revela os números da violência doméstica na União Europeia".

A campanha "Fita Branca" é um "esforço de homens em prol do fim da violência dos homens contra as mulheres": www.whiteribbon.ca

Rede Europeia de Homens Pró feministas é uma rede de organizações e de projectos desenvolvidos por homens preocupados com a dominação, violência e opressão das mulheres por parte dos homens: www.europrofem.org

A maioria das estatísticas foi retirada do relatório "Violência contra as jovens mulheres na Europa", por Ingrid Ramberg, Conselho da Europa, 2001 – disponível em www.coe.int/hre.

FICHAS

Relatório de Testemunha 1

Maria

Em Novembro de 1995, o marido de Maria chegou a casa ligeiramente bêbedo. Descobriu que ela e a sua filha estavam a visitar uma vizinha e ordenou que voltassem imediatamente para casa.

Quando elas entraram, trancou a porta e disse à filha: "Vou ter uma conversinha com a tua mãe". E pegou num machado, numa vassoura e numa faca.

Começou a discutir com a mulher pelo facto de ela não ter lavado a roupa, cozinhado e feito as outras lidas da casa. Ao mesmo tempo ia-lhe batendo com as mãos na cabeça e na cara. Arrancou-lhe mãos cheias de cabelo e deu-lhe pontapés com as botas. Depois, arrancou-lhe as roupas e atirou-a para cima da cama, com a intenção de continuar.

Tudo isto aconteceu à frente da sua filha de 8 anos que lhe implorava para parar. E ele finalmente parou. Atirou Maria para fora da cama e adormeceu.

Maria morreu nessa noite.

Relatório de Testemunha 2

Catarina

A Catarina tentou fugir do seu noivo que se estava a tornar extremamente agressivo. Descobriu um apartamento, que arrendou, numa outra cidade, mas ele continuava a telefonar e a assediá-la. O estado mental de Catarina foi-se deteriorando.

Um dia, o noivo foi buscá-la depois do trabalho para a tentar convencer a voltar. Levou-a para uma floresta nas redondezas, onde a tentou estrangular com a sua própria camisola. No dia seguinte, Catarina contou às colegas que estava com medo que ele a estrangulasse e matasse.

Quatro dias mais tarde, o noivo tinha bebido. Voltou a esperar por ela depois do trabalho e, quando ela saiu, começou a espancá-la. À noite, decidiu que deviam ir visitar uns parentes. No caminho, pararam o carro diversas vezes. Catarina, vendo o estado em que ele se encontrava, concordou em ter sexo, mas ele estava demasiado bêbedo.

Catarina disse-lhe que já não estava interessada nele, o que o enfureceu. Agarrou num cinto de cabedal e estrangulou-a. Depois, atirou o corpo sem vida para uma valeta e cobriu-o com ramos de árvores.

Relatório de Testemunha 3

Z

Z é uma mulher que vive no seu bairro; é casada e tem dois filhos pequenos. Às vezes o marido irrita-se e bate-lhe, na maioria das vezes com as próprias mãos. No entanto, ultimamente também se tem servido dum cinto e de um pau de vassoura. Há dois meses partiu uma garrafa de vidro na cabeça de Z. Z quer sair de casa, mas o marido ameaça matá-la se ela ousar sequer pensar nisso. Tem dois filhos pequenos para tratar e está horrorizada com a ideia de ter de os deixar.

Ontem, ela deu entrada no hospital com um nariz partido e nódoas negras que, segundo explicou, foram provocadas por uma queda nas escadas.

Linhas de orientação para as análises em grupo

I – A análise do crime (20 minutos)

1. O que pensa do crime relatado?
2. Onde é que um crime destes pode ter ocorrido? Pode ter sido no seu bairro?
3. Por que é que o crime aconteceu?
4. Há alguma coisa que justifique um crime desta natureza?
5. Como é que a vítima se podia ter defendido?

II – Passagem para a realidade social (40 minutos)

1. Conhece ou já ouviu falar de algum caso de violência doméstica recentemente?
2. Que formas apresenta a violência doméstica na nossa sociedade?
3. O que é que as vítimas podem fazer caso necessitem de auxílio?
4. Acha que a polícia deve intervir caso tenha conhecimento da violência, ou esta intervenção deve ser considerada como uma interferência nos assuntos domésticos, devendo esperar que "as feridas saiem"?
5. Quais os poderes das mulheres nestas situações? E dos homens?
6. Conhece algum caso de violência doméstica em que o homem seja a vítima?
7. Como podemos prevenir e acabar com a violência doméstica?
8. O que é que pode e deve ser feito por:
 - a. Autoridades públicas?
 - b. Comunidade local?
 - c. Pessoas envolvidas?
 - d. Amigos e vizinhos?

A Teia da Vida

As pessoas fazem parte do meio ambiente – não estão à parte dele.

Temas	Ambiente, Globalização, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	10+
Duração	30 minutos
Sinopse	Nesta actividade os participantes devem criar, através de uma reflexão conjunta, interligações numa cadeia alimentar, aproveitando para explorar: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A interdependência entre os seres vivos e os não vivos. ▪ O impacto inevitável da actividade humana no meio ambiente, e as suas consequências.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à propriedade. ▪ O direito a um meio ambiente saudável. ▪ O direito ao desenvolvimento.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer a interdependência entre os seres vivos e os não vivos. ▪ Avaliar as implicações da actividade humana nos ecossistemas. ▪ Desenvolver respeito pelo valor intrínseco da vida.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Um novelo de lã ou de corda. ▪ Tesouras.

O exercício passo a passo

Esta actividade está dividida em duas partes: a primeira – Construção da teia da vida; a segunda – A sua destruição.

I.^a Parte. Construção da teia da vida

1. Peça aos participantes para se disporem num círculo.
2. Explique que o objectivo é construir um modelo da teia da vida.
3. Comece. Pegue no novelo e pense no nome de uma planta, por exemplo uma couve.
4. Agarre na ponta do novelo e atire-o a quem esteja à sua frente. Alguém o deve apanhar e a partir desse momento há uma linha que vos une!
5. Essa pessoa tem de pensar no nome de um animal que coma couves, por exemplo, uma lagarta. Depois agarram no fio de lã e atiram o novelo a uma terceira pessoa.
6. A terceira pessoa tem de pensar num animal que coma lagartas, por exemplo, um pássaro ou, se souberem, podem gritar o nome de uma espécie de pássaro, por exemplo, um tordo. Depois, devem atirar o novelo a uma quarta pessoa.
7. Continuem o jogo, atirando o novelo para a frente e para trás de forma a criar uma malha de fios que, no fundo, representa a "teia da vida".

TEMAS



AMBIENTE



GLOBALIZAÇÃO



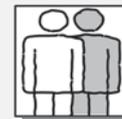
DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



10+

DURAÇÃO



30 MINUTOS

2.ª Parte. A destruição da Teia da Vida

1. Pegue na tesoura, peça aos participantes para darem exemplos específicos com factos que estejam a prejudicar a teia da vida, por exemplo, as auto-estradas que são construídas em cima de terrenos agrícolas; ou a pesca excessiva do bacalhau.
2. Para cada exemplo, corte um dos fios da teia.

Análise e avaliação

Comece por comentar como é que os participantes se sentiram ao ver a teia a ser destruída. Conduza a análise para as questões envolvidas e para as necessidades de protecção do meio ambiente.

- Como é que se sentiram ao ver a teia a ser destruída gradualmente?
- Foi difícil lembrarem-se de animais para as diferentes cadeias alimentares? Qual é o estado o conhecimento dos participantes em história natural?
- Quem é responsável pela protecção do meio ambiente?
- O equilíbrio da natureza é um aspecto muito complexo e não é fácil prever quais as consequências globais de uma acção em particular. Como é que é possível tomar decisões sobre o modo de utilizar os recursos da terra? Como é que, por exemplo, as pessoas decidem deitar abaixo uma floresta para que essa terra seja usada para colheitas?
- O Artigo 1.º do Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais declara que "todos os povos têm o direito de dispor de si mesmos, incluindo o direito de determinar o seu estatuto político e assegurar livremente o seu desenvolvimento económico, social e cultural". Querirá isto dizer que as pessoas têm o direito de explorar o meio ambiente?
- Dependemos do nosso meio ambiente para nos fornecer comida e ar puro para respirar. Não poderíamos viver sem um meio ambiente saudável: é uma das condições para a nossa vida. Será que, por isso, temos o dever supremo de respeitar o meio ambiente, o que limita os nossos direitos de o usar? (Da mesma maneira que temos o dever de respeitar os direitos e as liberdades dos outros, o que limita os nossos próprios direitos individuais).

Termine com uma breve reflexão em grupo sobre histórias de sucesso ambiental. Nem tudo está perdido! Há muitas pessoas activas por esse mundo fora que trabalham para assegurar um meio ambiente sustentável para as gerações vindouras.

Dicas para o animador

Cada cadeia alimentar deve ilustrar uma ligação real ou potencial. Por exemplo, erva – ovelha – humanos. Ou então: plâncton – baleias. Ou então: plâncton – arenques – porcos (os porcos são, muitas vezes, alimentados com comida à base de peixe) – humanos – tigres! Lembre-se de que, quando um animal morre, o seu corpo é degradado pelas bactérias, logo os minerais libertados são absorvidos por outras plantas. E assim recomeça o ciclo da vida! A teia da vida é formada por biliões destes pequenos ciclos todos interligados.

Tente fazer com que os participantes pensem no maior número de cadeias alimentares possível. Pensem em exemplos na selva, na floresta, nas charnecas, nos pântanos, em tanques, rios ou habitats marinhos. Pode precisar de intervir e de os encaminhar para um outro tipo de habitat dizendo qualquer coisa do género: "agora, os minerais foram levados para o mar e foram usados pelo plâncton marinho". Ou, se os quiser levar de um ecossistema marinho para um terrestre, pode dizer-lhes que "a gaivota que comeu o caranguejo da costa voou para o interior para uma

zona agrícola onde morreu". Se o participante não se conseguir lembrar do próximo elemento, pode pedir sugestões às outras pessoas do grupo.

Na segunda parte da actividade, quando estiverem a destruir a teia, faça cortes aleatórios na mesma. Os primeiros cortes não vão fazer grande diferença, por causa da forma como a teia está embaraçada. No entanto, à medida que vão fazendo cada vez mais cortes, esta vai acabar por se desintegrar gradualmente e, a certa altura, os participantes vão ficar a agarrar apenas num pedaço inútil de lã e estará um monte de lã no chão.

Na segunda parte da actividade, deve estar preparado para algumas respostas controversas à questão "o que está a prejudicar a teia?". Alguns participantes, por exemplo, se forem vegetarianos, podem lembrar-se de dizer que as pessoas que comem carne destroem a teia. Nesses casos, deve reconhecer o ponto de vista e pedir a opinião dos outros participantes. No entanto, tente não entrar em grandes discussões nesta altura. Acabe o jogo e, no final, volte aos temas quentes que ficaram para trás na altura da análise e avaliação.

Tente também não ficar preso nas discussões: mantenha sempre o objectivo principal – o efeito da actividade humana no meio ambiente – como alvo a atingir.

A teia destruída constitui uma imagem muito poderosa. É, por isso, extremamente importante que, numa pequena reflexão em grupo, se discuta o progresso que actualmente está a ser feito para proteger o meio ambiente. Deve também falar sobre o que pode ser feito, principalmente o que está ao vosso alcance. A situação global é deveras preocupante, mas é importante que as pessoas não se sintam impotentes para enfrentarem a tarefa que se lhes apresenta.

Aconselhamos que leia a informação suplementar antes de entrar em grandes discussões sobre a relação entre os Direitos Humanos e o meio ambiente.

Esta é uma boa actividade para ser feita numa aula de ciências.

Sugestões para aprofundamento

Esta actividade pode ser utilizada como ponto de partida para um debate sobre Direitos Humanos e o meio ambiente. Acham que seria uma boa ideia ser proclamado o Direito Humano do ambiente, à semelhança de outros Direitos Humanos? Será que o meio ambiente tem valor acima do seu valor instrumental? Faz sentido que os animais tenham também direitos?

O desenvolvimento da utilização sustentável dos recursos requer vontade política, tempo, esforço e dinheiro. Reflectam no modo como muitos países poderiam fazer muito mais através da educação ambiental, da pesquisa científica e de esquemas práticos de protecção ambiental, se não gastassem tanto dinheiro em armamentos e programas militares. Se o grupo quiser aprofundar estes temas, tentem fazer a actividade "Dinheiro para Gastar" da página 133.

I, 2, 3... Acção

Participem em projectos ambientais locais. Contactem a Youth and Environment Europe (YEE). A YEE (em Português, a "Europa Ambiental e Juventude") é a organização responsável por mais de 40 organizações de jovens, regionais e nacionais, envolvidas no estudo e na conservação da natureza e do meio ambiente em toda a Europa. www.ecn.cz/yee/

Contactem uma organização ambiental local e descubram como é que se podem tornar consumidores responsáveis do ambiente.

A lembrar

22 de Março

Dia Mundial da Água

22 de Abril

Dia do Planeta Terra

Informação complementar

Na natureza, tudo está interligado. Todos os seres, vivos e não vivos, estão ligados através de ciclos: por exemplo, o ciclo do carbono e o ciclo da água. As cadeias alimentares fazem parte desses ciclos. Uma cadeia alimentar começa quando uma planta verde usa a energia que vai buscar ao sol, aos minerais do solo e à água para se alimentar e ter energia para viver e crescer. Quando a planta verde – uma couve, por exemplo – é comida, os minerais e a energia armazenados nas suas folhas são passados e usados, por exemplo, pela lagarta para viver e crescer. À medida que cada animal vai sendo comido, a energia e os minerais vão passando pela cadeia alimentar. Quando o animal, que ocupa o topo da cadeia alimentar, morre, o seu corpo degrada-se e é "comido" pelas bactérias. Os minerais que estavam no seu corpo são absorvidos pelas plantas verdes e, assim, inicia-se uma nova cadeia alimentar.

A Vida de Ashique

O trabalho infantil é um rendimento indispensável para as famílias e para a comunidade. Se o abolirmos é a criança quem mais sofre. Mas será que é mesmo assim?

Temas	Crianças, Direitos Sociais, Globalização
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	5+
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade explora as seguintes questões através de análises em pequenos grupos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A realidade do trabalho infantil. ▪ As causas do trabalho infantil e formas de o abolir.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à protecção contra formas de trabalho desumanas e contra a exploração do trabalho infantil. ▪ O direito à educação. ▪ O direito a brincar e à diversão.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumentar os conhecimentos sobre a realidade do trabalho infantil. ▪ Desenvolver uma abordagem crítica em relação à complexidade do problema. ▪ Promover os valores de justiça e o sentimento de responsabilidade na procura de soluções.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocópias com os factos da vida de Ashique: uma cópia por participante. ▪ Canetas e marcadores. ▪ Bloco de cavalete e folhas A3.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie o quadro de "Ideias para solucionar" para uma folha grande (A3 ou outra), uma para cada grupo e uma para a análise final. ▪ Leia a informação suplementar e utilize-a como introdução à actividade.

o exercício passo a passo

1. Explique aos participantes que a actividade se baseia na vida de Ashique, uma criança que trabalha no Paquistão. O objectivo consiste em encontrar formas para alterar a situação de Ashique.
2. Para aquecer, faça uma ronda de "quem conta um conto...". Inventem uma história criativa sobre o dia-a-dia de Ashique. Cada pessoa do círculo deve acrescentar uma frase.
3. Divida o número inicial de participantes em grupos de, no máximo, cinco pessoas. Distribua uma folha com os factos da vida de Ashique e dê-lhes cinco minutos para lerem e comentarem entre si.

TEMAS



CRIANÇAS



DIREITOS SOCIAIS



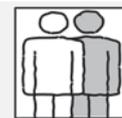
GLOBALIZAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



5+

DURAÇÃO



90 MINUTOS

4. Entregue a cada um dos grupos uma folha com "Ideias para solucionar". Explique que a tarefa consiste em encontrar soluções para o problema de Ashique e de outras crianças na mesma situação. Devem escrever nas colunas apropriadas os passos a tomar para resolver a situação: "Amanhã", "Para o mês que vem" ou "No futuro". Têm 30 minutos para a tarefa e para nomearem um porta-voz que faça o relatório final.
5. Juntos em plenário, cada grupo deve expor das suas ideias para cada coluna. Resuma as ideias no bloco de cavelete e deixe alguns momentos para análise, tendo sempre atenção ao tempo!
6. Quando o quadro estiver completo, discuta as soluções encontradas e avance para a análise final.

Análise e avaliação

A profundidade da análise dependerá do conhecimento dos participantes acerca deste tema, mas tente abordar tanto as opiniões dos mesmos sobre a exploração infantil como também as possíveis soluções.

- Os participantes já tinham consciência da exploração do trabalho infantil antes de realizar esta actividade? Como é que sabiam? Onde é que foram buscar essa informação?
- Há exploração do trabalho infantil no seu país/cidade? Que trabalho é que as crianças fazem e porquê?
- As crianças devem trabalhar? Ou será que devem poder escolher entre trabalhar ou não?
- "O trabalho infantil é um rendimento indispensável para as famílias e para a comunidade. Se o abolirmos é a criança quem mais sofre." Como é que se responde a isto?
- De que forma é que nós, consumidores, beneficiamos da exploração do trabalho infantil?
- Foi muito difícil pensar em possíveis soluções para a exploração infantil? Qual das três colunas foi mais complicada de preencher? Porquê?
- Já houve várias declarações e conferências, nacionais e internacionais, sobre o problema da exploração do trabalho infantil. Por que é que é ainda um problema tão presente no mundo?
- Quem é que deve ser responsável por solucionar o problema? (com uma caneta de cor diferente escreva as sugestões que surgirem no quadro)
- Acham que o cidadão comum, como vocês e eu, pode ajudar a solucionar o problema? Como e quando?

Dicas para o animador

Se os participantes não estiverem muito informados sobre o trabalho infantil, o melhor será começar a actividade com uma pequena introdução onde lhes dê alguma informação sobre o assunto. Pode, por exemplo, pegar nas estatísticas que fornecemos e transformá-las num questionário.

As primeiras duas colunas ("Amanhã" e "No próximo mês") podem ser extremamente difíceis de preencher, e essa dificuldade pode transformar-se num sentimento de impotência e frustração. Nessa altura, o melhor é motivá-los, lendo-lhes a seguinte frase:

"Esta é uma grande tarefa; mas não tão grande que seja impossível ou penosa. Vale a pena que os países em vias de desenvolvimento aprendam a lidar com a exploração infantil. A causa da exploração do trabalho infantil não é a escassez de recursos, mas sim a falta de verdadeiro zelo. Isto tem de parar."

Afirmação do Supremo Tribunal no caso de M. C. Mehta versus o Estado de Tamil Nadu e outros, na Índia, em 1986.

Normalmente, os participantes apercebem-se de que, para encontrarem soluções duradouras e efectivas, a primeira coisa a fazer é identificar as causas. Depois de uma análise das causas, as soluções tornam-se mais claras. No entanto, tenha atenção, pois alguns grupos podem estar demasiado preocupados com a procura de soluções e esquecerem-se desse pequeno, mas grande, pormenor. Nessa altura terá de lhes recordar esse facto.

Pode espicaçá-los, sugerindo algumas destas ideias:

- Reduzir a pobreza, para que não haja necessidade de as crianças trabalharem;
- Aumentar os salários dos adultos, para que não haja necessidade de as crianças trabalharem;
- Apostar na educação, de forma a torná-la mais atraente e importante para as necessidades das crianças;
- Desenvolver normas internacionais para a contratação de crianças;
- Banir os produtos produzidos por empresas que explorem o trabalho infantil;
- Desenvolver normas de trabalho mundiais mínimas que sejam exigidas como requisitos de adesão à OMC – Organização Mundial do Comércio.

Deve também utilizar notícias sobre o trabalho infantil – locais ou globais – de forma a tornar a actividade mais interessante.

Variantes

Se quiser aprofundar o conhecimento dos participantes em relação ao problema da exploração do trabalho infantil antes da actividade, use um dos questionários que pode encontrar no site da OIT – Organização Internacional do Trabalho (<http://www.vs.ilo.org/teachinilokids/>), ou na página da UNICEF (www.unicef.org/teachers/protection/access.htm).

Sugestões para aprofundamento

Descubra mais informações sobre as campanhas de jovens contra o trabalho infantil, por exemplo a campanha "Kids Can Free the Children" (Os miúdos podem libertar as Crianças), de uma fundação para os direitos da criança, que foi criada por um canadiano de 12 anos (www.icomm.ca/frechild/).

Informação complementar

No capítulo 5, na secção de informação de referência sobre as crianças e direitos sociais, pode encontrar algumas estatísticas sobre o trabalho infantil, informações sobre o que é produzido com trabalho infantil, sobre o direito internacional e o trabalho infantil e as consequências deste para a criança.

A dimensão do problema é tal que existe imensa informação disponível relacionada com este tema. Incluímos na lista de sites úteis: OIT – Organização Internacional do Trabalho, Unicef e Save the Children (www.savethechildren.org.uk).

A lembrar

12 de Junho

Dia Internacional contra o Trabalho Infantil

FICHAS

Factos da vida de Ashique

**Informação Pessoal**

Nome: Ashique Hashmir

Idade: 11 anos

Nacionalidade: paquistanês

Família: Pais, 2 avós, 1 irmã e 3 irmãos

Rendimento da família: cerca de 70€/mês

Informação "Profissional"

"Profissão": trabalha numa fábrica de tijolos

Horas de trabalho: entre 12 e 16 horas por dia (1/2 hora de intervalo); 6 dias por semana.

Produz: cerca de 600 tijolos por dia.

Salário: 1.3 Euros por 1000 tijolos (mas 50% são entregues para pagar o empréstimo feito pela família).

Trabalha desde os cinco anos de idade.

Outras Informações

Há dois anos que a sua família está endividada pois pediu um empréstimo de cerca de 110€. Agora, com os juros do empréstimo, devem já 280€.

Ashique chegou a estar matriculado numa escola durante três meses, mas o dono da fábrica foi lá buscá-lo e voltou a pô-lo na fábrica. O pai de Ashique chegou a ser castigado por o ter inscrito.

O rendimento da família é extremamente baixo e, por isso, insuficiente para mandar as crianças para a escola e até mesmo para lhes dar comida e cuidados de saúde apropriados.

Situação da vida real.

Esta informação foi reunida a partir de material da OIT e Free the Children.

Referência

Campanhas Free the Children: www.freethechildren.org

Ideias para solucionar

O que é que podemos fazer pela situação do Ashique - e de outras crianças?

Amanhã?	Para o mês que vem?	No futuro?

Acesso a Medicamentos

"Um esforço global por parte de cidadãos empenhados pode fazer a diferença."
Zackie Achmat, Treatment Action Campaign.

Temas	Saúde, Globalização, Discriminação e Xenofobia
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	16-40
Duração	190 Minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa simulação do julgamento de 2001 "Medicamentos contra a SIDA", na África do Sul, e aborda os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ HIV/SIDA e o acesso a medicamentos. ▪ Como resolver diferendos relativos a direitos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os direitos à vida e à dignidade. ▪ O direito à propriedade.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender a complexidade das questões relativas aos Direitos Humanos. ▪ Comparar diferentes métodos de tomada de decisão (a abordagem antagónica, a abordagem consensual). ▪ Desenvolver capacidades de comunicação e de cooperação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Bloco de cavalete e canetas. ▪ Cartões com a descrição do papel que vão representar no tribunal. ▪ "O exercício passo a passo" para o trabalho de grupo: um exemplar para cada participante. ▪ Cartões pequenos (10 cm por 6 cm). Um cartão verde e um vermelho por participante. ▪ Espaço suficiente para a sessão plenária e para o trabalho de grupo.
Preparação	<p>Para a primeira parte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie os cartões com os papéis do tribunal; é preciso um por participante. <p>Para a segunda parte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie "o exercício passo a passo" para o trabalho dos grupos, um por participante. ▪ Corte um cartão vermelho e outro verde para cada participante.

O exercício passo a passo

Esta actividade divide-se em duas partes: a primeira consiste na simulação de um julgamento e a segunda constitui a fase de construção de consensos.

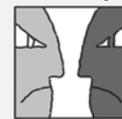
TEMAS



SAÚDE



GLOBALIZAÇÃO



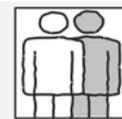
DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO



16-40

DURAÇÃO



190 MINUTOS

1.ª Parte. O julgamento (duração total: 65 minutos)

1. O cenário é o seguinte: o HIV/SIDA é uma epidemia gravíssima em todo o mundo, mas especialmente em África. Trata-se de um problema muito sério na África do Sul, onde sofrem e morrem, desnecessariamente, milhões de pessoas pobres, porque não podem comprar os medicamentos caros de que precisam. A única hipótese destas pessoas é tomar genéricos. Contra isto estão as principais companhias farmacêuticas, pois querem proteger os seus direitos à propriedade. Por isso, uniram-se para impedir os Estados de copiarem e venderem os seus produtos a preços mais baixos. Puseram, até, uma acção judicial contra o Governo da África do Sul, que está a distribuir e a vender as cópias dos medicamentos para o HIV/SIDA a um preço mais baixo.
2. Explique que os participantes vão simular o julgamento que aconteceu recentemente na África do Sul, exactamente sobre este problema. A questão que se coloca é: Será o direito à propriedade um argumento válido quando se põe em perigo o direito à vida e à dignidade de um grupo de pessoas?
3. Divida o número de participantes em quatro grupos iguais que representarão a Pharma Inc., o governo sul-africano, membros da Treatment Action Campaign (TAC) e os juízes.
4. Distribua os cartões, onde estão descritos os papéis do tribunal, aos grupos correspondentes.
5. Dê 25 minutos para os grupos lerem os seus papéis e prepararem o seu caso e/ou questões para o julgamento. Cada grupo deve também nomear um porta-voz que o represente e um ou dois assessores que apoiem o porta-voz e o ajudem a responder a questões durante o julgamento.
6. Quando todos os grupos estiverem prontos, convide-os a voltarem ao plenário, mas mantendo-os divididos nos quatro grupos.
7. Agora os Juízes apresentam os grupos e cada um deles tem cinco minutos para apresentar a sua posição e levantar questões.
8. No final, os juízes terão dez minutos para tirar qualquer dúvida com os grupos e para sumariar os diferentes argumentos e posições.

2.ª Parte. Fase de construção de consensos (duração total: 100 minutos)

1. Peça aos participantes que se dividam em grupos de quatro. Em cada grupo deve haver um representante da Pharma S.A., um do governo sul-africano, um da TAC e um juiz.
2. Distribua as cópias do "exercício passo a passo" a cada pequeno grupo. Certifique-se de que todos perceberam o que têm de fazer e sabem como usar os cartões verdes e vermelhos. Os grupos têm 30 minutos para tentar chegar a um consenso sobre o modo como resolver os diferendos.
3. Volte a reunir em plenário e peça que relatem os resultados das discussões. Dê a cada grupo cinco minutos para apresentar o seu relatório. Anote os principais problemas e soluções no bloco de cavalete.
4. Quando todos os grupos tiverem apresentado as suas posições/soluções, avance para a análise sobre o processo de tomada de decisões. Pode perguntar:
 - Foi fácil chegar a um consenso?
 - Quais são as vantagens e desvantagens desta abordagem?
 - Foi difícil chegar a uma solução e, ao mesmo tempo, fazer com que todos os membros do grupo se sentissem incluídos nessa mesma decisão?
 - Quais foram os assuntos mais problemáticos?
5. Pode aproveitar para acabar esta fase da actividade com a leitura do seguinte excerto

do veredicto do tribunal, datado de 19 de Abril de 2001: "A intenção (...) de promover o acesso barato a medicamentos (...) é louvável, e, no contexto da epidemia HIV/SIDA, é também uma obrigação constitucional da mais alta ordem relacionada com o dever do Estado de respeitar, proteger, promover e realizar os direitos fundamentais, incluindo os direitos à dignidade humana e à vida (considerados a base de todos os outros direitos) (...) Nega-se provimento no pedido apresentado pelos requerentes (ou seja, as companhias farmacêuticas)."

Análise e avaliação

A avaliação começa com a análise da segunda fase da actividade. Prossiga, encorajando os participantes a reflectir no processo e a identificar as questões fundamentais dos Direitos Humanos que se encontram subjacentes a este julgamento. Exemplos de perguntas chave:

- Os participantes já tinham ouvido falar deste caso?
- Quais eram os seus pressupostos iniciais?
- Foram alterados durante a actividade?
- Como é que se podem comparar os dois processos de tomada de decisão: a antagónica e a consensual? Qual tem resultados mais satisfatórios? Como é que definiria um resultado com sucesso?
- Quais são as questões fundamentais de Direitos Humanos subjacentes a este julgamento?
- Como é que estas questões se ligam com realidade social dos participantes?
- Quais são as implicações para as pessoas das vossas comunidades?

Dicas para o animador

Esta actividade é extremamente morosa, pois os assuntos tratados são complexos e os participantes precisam de tempo para reflectir. Não há, contudo, necessidade de fazer tudo no mesmo dia: pode dividi-la em duas sessões.

Os cartões verdes e vermelhos servem para ajudar a consciencializar as pessoas do que pode auxiliar e dificultar as tomadas de decisão. Num cenário ideal, no final da análise e das negociações na segunda fase, todos os participantes devem levantar os cartões verdes, mostrando que estão de acordo com a solução encontrada.

Na segunda fase, há grupos que chegarão a um consenso e outros que eventualmente não o conseguem. Na altura da avaliação, deve aproveitar a oportunidade para explorar as forças e as fraquezas de uma abordagem consensual na tomada de decisão. Peça aos grupos que conseguiram chegar a consenso, para relatarem não só a sua solução final, mas também os argumentos que estão por detrás dessa decisão. Peça igualmente aos grupos que não chegaram a consenso que descrevam o que os uniu e o que os separou. Nota: pode encontrar mais informação sobre a abordagem consensual no Capítulo I.

É extremamente importante ter conhecimento da situação da população que vive com HIV/SIDA na sua comunidade local e saber adaptar/relacionar esta actividade com os problemas reais.

Nota: O nome da aliança das companhias farmacêuticas, Pharma S.A., foi inventado para esta actividade.

Sugestões para aprofundamento

Discutam o direito à vida e à dignidade humana a propósito dos problemas de saúde no vosso país.

Informem-se sobre os problemas de saúde e de Direitos Humanos no mundo: visitem os sites, ou peçam as publicações das ONGs relevantes (MSF – Médicos Sem Fronteiras, TAC – Treatment

A lembrar

1 de Dezembro
Dia Mundial da luta
contra a SIDA

· Action Campaign, Ajuda Cristã (Christian Aid)) e das instituições internacionais (OMS – Organização Mundial de Saúde). Descubram também que tipo de acções estão a ser realizadas ou planeadas e façam uma lista no bloco de cavalete.

· A TAC organizou uma campanha que teve muito sucesso. Infelizmente nem todas as campanhas conseguem atingir os seus objectivos. Há muitas razões por detrás deste insucesso, mas uma delas pode ser uma fraca organização e uma publicidade ineficaz. O grupo pode explorar estes assuntos e desenvolver as suas capacidades para uma campanha eficaz com a ajuda da actividade "Cuidado, Estamos a Ver!" da página 119.

· **1, 2, 3... Acção**

· Descubra quem anda a promover acções sobre problemas de saúde na sua comunidade e como pode contribuir.

Informações Complementares

Esta actividade baseia-se num caso do Supremo Tribunal de Justiça da África do Sul. A Associação de Empresários da Indústria Farmacêutica processou o Presidente da República da África do Sul e outros, incluindo a Treatment Action Campaign (TAC), por ignorarem as suas patentes dos medicamentos contra o vírus HIV e por importarem medicamentos genéricos mais baratos, para tratar os milhões de cidadãos com SIDA.

Os juízes tiveram de considerar os diferentes interesses e direitos de ambas as partes. Por um lado, as Associações de Empresários da Indústria Farmacêutica reivindicavam o seu direito à propriedade, igualdade ou livre escolha de negócio, ocupação e profissão, enquanto que, por outro lado, o Governo e a TAC reclamavam o dever do Estado de respeitar, proteger, promover e pôr em prática os direitos fundamentais da dignidade humana e das vidas dos seus cidadãos.

Num julgamento histórico, o tribunal concluiu que os direitos à dignidade humana e à vida estão muito acima do direito à propriedade e que, por isso, este último deve ser limitado. Posteriormente, os produtores de medicamentos desistiram do caso. Este caso foi publicitado como "um verdadeiro triunfo de David sobre Golias, não só para nós, Sul-africanos, mas também para as pessoas que lutam pelo acesso a cuidados médicos em vários países em desenvolvimento." (nota de imprensa de várias ONGs, a 19 de Abril de 2001). "Esta é uma vitória rara e muito significativa dos pobres sobre as poderosas companhias multinacionais! No entanto, o nosso próximo desafio é trabalhar em conjunto com os produtores de medicamentos e com os governos de forma a fornecer medicamentos a quem mais precisa deles". (Kevin Watkins da Oxfam).

A SIDA e as marcas da globalização

Nos países ricos, os portadores do vírus HIV/SIDA vivem mais e melhor devido aos medicamentos antiretrovirais fornecidos gratuitamente pelo Estado. Nos países do Sul, os portadores do vírus HIV sofrem e morrem mais cedo, pois não têm acesso a estes tratamentos. Em média, a despesa anual *per capita* com a saúde dessas pessoas é de cerca de 10€, enquanto que a terapia tripla, disponibilizada às pessoas dos países do Norte, custa anualmente entre 10.000€ e 15.000€.

A pobreza, a falta de educação básica e as desigualdades sociais aceleram o disseminar da epidemia, mas o desafio é, antes de mais, político e envolve os governos, os organismos internacionais e a indústria farmacêutica. A luta contra o HIV/SIDA, para ser eficaz, precisa de desafiar os mecanismos e as instituições internacionais relevantes. Ocupando os lugares dianteiros temos o FMI – Fundo Monetário Internacional, a OMC – Organização Mundial do Comércio, a TRIPS (Trade Related aspects on Intellectual Property rights), ADPIC – Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual relativos ao Comércio, o AGCS – Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços, e o Órgão de Resolução de Conflitos, que actualmente funciona como tribunal da OMC – Organização Mundial do Comércio.

FICHAS**Cartões dos papéis do Tribunal****Cartão: Pharma S.A.**

Vocês são o grupo de executivos da Pharma S.A. A vossa empresa é uma das principais indústrias farmacêuticas. Compraram os direitos para a comercialização dos medicamentos contra o HIV/SIDA. Têm de manter a vossa margem de lucro e agradar aos vossos accionistas. Assim, querem proteger o direito da empresa a estabelecer o preço de venda dos vossos produtos, tendo em conta os custos da investigação, os custos da produção e os salários dos vossos trabalhadores. Se permitirem que uma outra empresa copie e venda os vossos produtos a um preço mais baixo, põem em risco o lucro e a viabilidade da empresa. Resolveram, por isso, unir-se a outras empresas de renome para prevenir que os Estados permitam a imitação e a venda dos vossos produtos a um preço mais baixo, processando-os caso seja necessário. Assim, interpuseram uma acção contra o Governo da África do Sul.

Devem preparar argumentos para defender a vossa posição. Terão cinco minutos para os apresentar em tribunal.

Cartão: Governo da África do Sul

Vocês são funcionários superiores do Governo da África do Sul. O governo está a responder ao processo legal contra ele instaurado pelas companhias farmacêuticas. A Pharma S.A. está a tentar impedir que os Estados permitam a imitação e a venda dos seus produtos a um preço mais baixo, ou seja, abaixo do preço de revendedor. Vocês concordam com os princípios de base que alicerçam a posição da Pharma S.A. No entanto, os movimentos populares, liderados pela Treatment Action Campaign (TAC), alegam que é uma obrigação constitucional do Estado proporcionar acesso barato a medicamentos, principalmente no contexto da epidemia HIV/SIDA. Vocês corresponderam à pressão política popular e permitiram a importação de medicamentos mais baratos (genéricos) de países como a Indonésia.

Devem preparar os argumentos para defenderem a vossa posição. Terão cinco minutos para os apresentar em tribunal.

Cartão: Treatment Action Campaign (TAC)

Vocês são o grupo de activistas que representa a Treatment Action Campaign (TAC), da África do Sul. A campanha reivindica que o Estado é responsável por proporcionar o acesso barato a medicamentos, especialmente no contexto da epidemia HIV/SIDA.

O governo respondeu e começou a importar medicamentos mais baratos.

Vocês reivindicam também que é da responsabilidade do Estado contribuir financeiramente para suprir as necessidades dos pacientes e das organizações que lutam contra o HIV/SIDA.

No entanto, foi instaurado um processo legal contra o governo da África do Sul, por parte da indústria farmacêutica, para impedir a imitação e a venda dos medicamentos a preços mais baratos. Assim, vocês decidiram unir-se ao governo para defender o papel do Estado no acesso aos medicamentos.

Devem preparar os argumentos para defender a vossa posição. Terão cinco minutos para os apresentar em tribunal.

FICHAS

Cartão: Juízes

Vocês são o grupo de juízes que vai julgar o processo instaurado pela indústria farmacêutica contra o Governo da África do Sul, de forma a impedir que este permita a imitação e a venda dos seus produtos a um preço mais baixo. Os activistas que representam a TAC vão defender a posição do governo.

O vosso papel é pedir às três partes que apresentem as suas posições. No final das apresentações não devem julgar ou chegar a uma conclusão. Devem apenas ajudar na clarificação das várias questões e sumariar os argumentos que fundamentam as reivindicações em conflito.

O buslis da questão é como resolver reivindicações conflituosas que envolvem Direitos Humanos. O Governo e a TAC alegam o direito à vida e à dignidade, enquanto que a Pharma S.A. alega o direito à propriedade. As actas oficiais do tribunal sumariaram o caso da seguinte forma:

"Os direitos à vida e à dignidade são os Direitos Humanos mais importantes de todos, e a fonte de todos os outros direitos pessoais. Quando nos comprometemos a promover uma sociedade fundada no reconhecimento dos Direitos Humanos, devemos valorizar estes dois acima de todos os outros. E isto deve ser demonstrado pelo Estado em todos os seus passos, incluindo a forma como pune os criminosos."

"O direito à propriedade está protegido pela secção número 25 da Constituição Sul-africana, onde podemos ler: "Propriedade 25 (1): Ninguém pode ser privado de propriedade excepto nos termos da lei geral, e nenhuma lei pode permitir a privação arbitrária da propriedade."

Devem preparar as vossas questões para as três partes. Terão dez minutos para as colocar e para ouvir as respostas.

Instruções para os grupos na segunda fase

Vocês são um grupo de 4 participantes cada um representando uma das 4 partes:

- Pharma S.A..
- O governo sul-africano
- Activistas que representam a Treatment Action Campaign (TAC)
- O grupo de Juízes que presidiu ao processo instaurado pelas companhias farmacêuticas.

O exercício passo a passo

1. Cada participante deve identificar-se e identificar a parte que representa, ou seja, o papel que está a desempenhar.
2. A seguir, cada participante deve indicar qual a sua posição em relação ao desfecho do julgamento: caso considerem ser fácil chegar a uma solução, devem mostrar o cartão verde; se, pelo contrário, acharem que será difícil, devem apresentar o cartão vermelho.
3. A vossa tarefa agora consiste em chegar a uma decisão satisfatória, baseada no consenso dos quatro membros. A discussão deve ser feita em rondas. Os juízes moderam a discussão e apresentam a sua posição em último lugar.
 - 1.ª ronda: apresentação da posição.
 - 2.ª ronda: apresentação de ideias para a solução.
 - 3.ª ronda: negociação das diferentes soluções.
4. Ouçam calmamente todas as opiniões. No final de cada contribuição devem indicar a vossa posição relativamente ao que foi dito com a ajuda dos cartões.
5. No final do processo consensual, escolham uma pessoa que se responsabilizará por apresentar os resultados na sessão plenária.

Bingo!

O que é que sabemos sobre Direitos Humanos?

Temas	Direitos Humanos em geral, Crianças, Segurança Humana
Grau de complexidade	Nível I
Tamanho do grupo	8+
Duração	40 minutos
Sinopse	Esta actividade tem a forma de um questionário simples e é uma variante do "Bingo", no qual os participantes podem partilhar os seus conhecimentos e experiências relacionadas com Direitos Humanos.
Direitos relacionados	Qualquer Direito Humano.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Saber que os Direitos Humanos são importantes para todas as pessoas em todo o lado. ▪ Desenvolver capacidades para saber ouvir. ▪ Encorajar o respeito pelos outros e pelas suas opiniões.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma cópia da folha com o questionário e um lápis por participante. ▪ Folhas A3 e marcadores.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Faça uma cópia da folha do questionário numa folha A3. ▪ Familiarize-se com os direitos básicos listados na DUDH e na Convenção dos Direitos da Criança.

o exercício passo a passo

1. Distribua as folhas com o questionário e os lápis.
2. Explique que os participantes devem procurar um parceiro a quem dirigir uma das questões da folha. As palavras-chave para as respostas devem ser anotadas na respectiva caixa de resposta.
3. No final da primeira resposta, os pares separam-se e devem procurar um novo par.
4. O objectivo do jogo é, não só obter as respostas, mas também obtê-las de diferentes participantes.
5. Quem tiver as caixas de respostas todas preenchidas deve gritar BINGO! E ganha o jogo!
6. Prossiga para a análise. Peça aos participantes para partilharem as respostas obtidas em cada questão. Liste as palavras-chave num quadro. Deixe que os participantes tenham breves comentários.
7. Quando o quadro estiver completo, regresse a cada questão para uma análise mais aprofundada.

TEMAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



CRIANÇAS



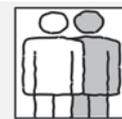
SEGURANÇA HUMANA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL I

TAMANHO DO GRUPO



8+

DURAÇÃO



40 MINUTOS

A lembrar : Análise e avaliação

8 de Maio

Dia Mundial da Cruz
Vermelha e do Crescente
Vermelho

- Todas as questões estavam relacionadas com Direitos Humanos? Quais?
- Quais as perguntas mais difíceis de responder? Porquê?
- Quais as questões mais controversas? Por que serão os Direitos Humanos controversos?
- Como é que as pessoas têm informações sobre Direitos Humanos e sobre as violações dos mesmos? Confiam nas fontes de informação?

Dicas para o animador

Se considerar necessário, altere as questões para adaptar melhor a actividade aos interesses e ao nível do seu grupo.

Quando registarem as respostas, apontem apenas palavras-chave. O objectivo da tabela consiste em ajudá-lo a guiar a análise. No final de cada ronda, aborde sucintamente as questões, de forma a clarificar as diferentes interpretações que surjam. Destaque os pontos que reclamam debates mais profundos e concordem em voltar a esses pontos mais tarde.

É provável que os participantes dêem exemplos que não conhece, ou porque são exemplos muito confusos ou porque são pessoais. Não se preocupe muito com isso, pois ninguém espera que saiba tudo! Pode questionar os participantes em relação à autenticidade e à confiança que tem nessa informação e discutir a fonte da mesma. Aliás, pode ser uma boa oportunidade para encorajar os participantes a pensarem criticamente sobre a informação como uma questão de princípio.

Algumas das respostas podem ser controversas. Por exemplo, alguém pode achar que o aborto é uma negação do direito à vida. E pode haver dois grupos com opiniões contrárias, que defendem as suas opiniões com unhas e dentes. A primeira questão, que é extremamente importante, consiste em tentar perceber as várias perspectivas de um problema; ou seja, por que motivo as pessoas defendem esta ou aquela posição. Normalmente há conflitos de interesses e até de direitos (veja-se, no caso do aborto, o conflito de interesses entre os direitos da mãe e da futura criança). Qualquer que seja a diferença de opinião ou a diferente interpretação dos direitos, as pessoas devem tratar as opiniões dos outros com respeito. Podem discordar da opinião, mas devem respeitar a pessoa.

A segunda questão a reter é o facto de devermos conhecer os Direitos Humanos precisamente porque são controversos. A forma como devem ser interpretados e aplicados não é linear nem se encontra de todo esgotada, pois precisam de ser continuamente reavaliados e desenvolvidos. Assim, é da responsabilidade de todos fazer parte do processo de promoção e de protecção dos Direitos Humanos.

Sugestões para aprofundamento

Retome uma ou duas das respostas que provocaram mais controvérsia e discutam os dilemas da vida real que existem e surgem quando se caminha para o desenvolvimento de uma cultura de respeito pelos Direitos Humanos.

Uma outra forma de abordar os Direitos Humanos será através de imagens. Descubra como é que as pessoas vêem esses Direitos passando pela actividade "O que é que consegue ver?" inserido em "Jogos de Imagens" na página 166. Esta actividade pode desencadear algumas discussões, por exemplo, sobre estereótipos, o modo como construímos as nossas imagens do mundo e também acerca da discriminação.

FICHAS

Folha de questionário

O nome do documento que proclama os Direitos Humanos	Um Direito especial que todas as crianças devem ter	Uma Organização idêntica à Cruz Vermelha
Um Direito negado a algumas pessoas no teu país	Um Direito Humano que lhe tenha sido negado	Uma Organização que luta pelos Direitos Humanos
Um dever que todos temos em relação aos Direitos Humanos	Um exemplo de discriminação	Um Direito muitas vezes negado às mulheres
Alguém que luta pelos Direitos Humanos	Uma violação do direito à vida	Um exemplo de violação de privacidade

Central Eléctrica

Façam esta central gerar energia positiva e criativa!

TEMAS



PAZ E VIOLÊNCIA



CIDADANIA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



10+

DURAÇÃO



90 MINUTOS

Temas	Paz e Violência, Cidadania, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	10+
Duração	90 minutos
Sinopse	O poder está muitas vezes associado à violência. Esta actividade usa o trabalho de grupo criativo para abordar questões relacionadas com: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Violência na comunidade, e ▪ Formas de resolver os problemas inerentes à violência.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumentar o conhecimento e a compreensão relacionadas com manifestações de violência e com as suas causas. ▪ Desenvolver a cooperação e as capacidades de trabalho em grupo. ▪ Comprometer-se na procura de soluções criativas para o problema da violência.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimular o interesse pelos Direitos Humanos trabalhando com imagens. ▪ Reflectir sobre o trabalho dos meios de comunicação social e a sua abordagem aos problemas de Direitos Humanos. ▪ Desenvolver capacidades de comunicação e cooperação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fio de lã ou corda com o comprimento da sala. ▪ Tesouras. ▪ Folhas A4: 6 folhas por participante devem ser suficientes. ▪ Marcadores: um por pessoa. ▪ Campainha (opcional). ▪ Fita-cola. ▪ 2 salas (opcional, mas preferível).
Preparação	<p>Prepare uma das salas para ser a central eléctrica. Deixe um espaço livre no meio da mesma. Estique a corda pela sala e dê um nó firme nas pontas. Este fio representa um cabo eléctrico e deve estar, mais ou menos, a um metro de altura do chão. (Não deve estar demasiado apertado, pois quando houver falhas de energia teremos de dar uns nós no fio como remendo!)</p> <p>O melhor é escrever um sinal na porta da sala que indique que ali é a central.</p>

O exercício passo a passo

Esta actividade divide-se em duas partes: na primeira parte, de dez minutos, faça uma reflexão em grupo relacionada com formas de violência; e, na segunda parte, de 60 minutos, trabalhem na central.

1.ª Parte. Reflexão em grupo relacionada com formas de violência:

1. Peça aos participantes para fazerem uma pequena reflexão individual sobre as formas de violência na comunidade (escola, associação, clube, liceu, bairro, etc.). Deixe bem claro que não vão abordar questões como o terrorismo ou o genocídio, mas sim pequenas formas de violência que somos obrigados a enfrentar no dia-a-dia, como por exemplo: assaltos, bullying, abusos verbais, sarcasmo, piadas de mau-gosto, etc.
2. Peça-lhes que utilizem os marcadores e escrevam palavras-chave ou pequenas frases em maiúsculas nas várias folhas. Cada forma de violência deverá estar descrita na respectiva folha.
3. Recolha as folhas e verifique se há alguma forma de violência repetida. Ponha as repetidas de lado.
4. Dê-lhes um pequeno intervalo de cinco minutos enquanto se prepara para a segunda parte da actividade. Dobre as folhas e pendure-as no "cabo eléctrico". Os papéis devem ter pelo menos 0,5m de intervalo. O melhor será colá-los ao fio para que não se desloquem.

2.ª Parte. Na central eléctrica.

1. Convide os participantes a entrarem na central eléctrica, onde vão trabalhar como técnicos.
2. Divida os participantes em dois grupos.
3. Explique que esta central gera "energia negativa" e, uma vez que essa energia é muito pesada, há falhas frequentes. O trabalho consiste em estimular a falha de energia cortando o fio no ponto médio entre os papéis. O trabalho deles será reverter a situação e gerar "energia positiva" no cabo.
4. Quando uma falha de energia estiver eminente, as luzes vão começar a falhar e ouve-se uma campainha. Assim que a luz falhar, um participante de cada grupo deve correr em direcção ao local onde a corrente eléctrica quebrou. Nessa altura, cada um pega numa ponta do cabo e unem-nas para que a corrente volte a fluir temporariamente.
5. Com a mão que estiver livre, cada técnico deve pegar nas folhas, que estão penduradas no cabo, e ler as mensagens em voz alta.
6. Os dois grupos são responsáveis por remediar a falha. Dê-lhes cinco minutos para que consigam pensar em soluções para os dois problemas apresentados.
7. No final dos cinco minutos, os grupos devem partilhar e discutir as soluções encontradas e concordar com a melhor para cada problema. Devem, então, escrever as soluções em novas folhas e entregá-las aos técnicos.
8. Os técnicos devem dar um nó nas pontas do cabo e colar os papéis com as soluções em cima da junção para tornar a reparação permanente.
9. As duas folhas com as formas de violência devem ser coladas na parede.
10. Agora, corte o cabo onde houver mais problemas para resolver e repita o exercício. A actividade acaba quando todas as formas de violência estiverem coladas na parede, ou seja, quando tiverem sido substituídas pelos papéis com soluções.
11. No final da actividade recolha todos os papéis com as soluções e cole-os na parede ao lado do respectivo problema.

Análise e avaliação

Comece a avaliação com uma pequena revisão da actividade e, depois, avance para a análise das formas de violência e das soluções apresentadas:

A lembrar**20 de Fevereiro**Dia da Resistência não
violenta

- Como é que os participantes se sentiram? Gostaram? Porquê?
- Quais as causas das formas de violência identificadas?
- As soluções propostas são realistas? A curto ou a longo prazo?
- Que desafios ou obstáculos poderemos encontrar quando quisermos implementar estas soluções?
- Como é que os jovens conseguem prevenir a violência ou lutar contra ela?
- Que Direitos Humanos foram violados?

Dicas para o animador

Esta actividade necessita de 10 minutos para a primeira parte, cerca de 60 minutos para o trabalho na central, e 20 minutos para a análise e avaliação.

Tente manter o ritmo para que os participantes não se aborrecam.

Se os participantes estiverem com dificuldades em encontrar um *slogan* ou uma ideia que possa servir como solução para o problema (ponto 6 do "exercício passo a passo"), dê-lhes o seguinte exemplo: num papel têm escrito *bullying* e no outro têm escrito "violência na televisão". Um grupo pode então sugerir que se organizem *workshops* nas escolas sobre formas de lidar com *bullying* e que os filmes violentos só devem poder ser transmitidos a partir das 23:00; o outro grupo pode sugerir que se dê formação a mediadores que ajudem a lidar com o problema de *bullying* e que o limite televisivo seja as 21:00 horas, hora antes da qual é proibido transmitir filmes violentos. Os dois grupos devem agora discutir as duas propostas e combiná-las ou aperfeiçoá-las antes de as escreverem nas novas folhas. Cada grupo pode sugerir duas ou três propostas, embora uma seja suficiente.

Se o grupo for pequeno, o melhor será trabalhar com um grupo de "técnicos de emergência". O objectivo de trabalhar com dois grupos é o de duplicar as hipóteses de ter duas propostas para o mesmo problema, o que aumenta as vossas opções.

A actividade de "quebra-gelo" "A máquina humana" na página 63 é um óptimo aquecimento para a cooperação.

Este método pode ser adaptado a qualquer assunto que envolva a identificação de problemas e de soluções.

Sugestões para aprofundamento

Nesta actividade pode ter surgido o tema da discriminação ou questões relacionadas com o género. Mesmo que não tenham surgido esses problemas, se estiver interessado em explorar os temas da identidade e do direito à igualdade relacionados com a dignidade e o respeito, desenvolva a actividade "Quem Somos Eu?" da página 235.

1, 2, 3... Acção

Confrontem um dos problemas identificados nesta actividade. Por exemplo, se o *bullying* foi um dos assuntos abordados, o grupo pode levar a cabo a organização de um *workshop* na escola que frequenta e certificar-se de que o assunto será abordado no próximo conselho da escola ou da associação.

Nota: "Central Eléctrica" foi desenvolvida baseada numa actividade proposta por Dariusz Grzemny, da Association for Children and Young People (Chance) (Associação para Crianças e Jovens), Glogow, Polónia.

Criar Laços

O que é a sociedade civil – e quem faz o quê, por quem?

Temas	Cidadania, Democracia, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	8-20
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade aborda a negociação entre os direitos e as responsabilidades dos cidadãos, do governo, das ONGs e dos meios de comunicação social numa democracia.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito de voto e de participação no governo do seu país. ▪ Liberdade de informação e de expressão. ▪ Responsabilidades para com a comunidade.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender a associação entre direitos e responsabilidades. ▪ Tentar compreender as complexas relações entre os diferentes quadrantes de uma democracia. ▪ Promover a cooperação e a responsabilidade civil.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma folha A3 para cada grupo. ▪ 2 marcadores de cores diferentes (ex.: verde e vermelho) para cada grupo. ▪ Uma cópia das regras do jogo para cada participante. ▪ Um novelo de lã ou de corda (de preferência de cor verde). ▪ Um rolo de fita-cola para cada grupo. ▪ Tesoura. ▪ Cópias das regras do jogo..
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Corte cerca de 24 fios de lã ou de corda com 1,5m de comprimento.

o exercício passo a passo

1. Explique que o objectivo desta actividade consiste em representar num mapa as diferentes relações entre quatro quadrantes numa sociedade democrática (ideal).
2. Divida os participantes em quatro grupos, todos com a mesma dimensão, de forma a representarem quatro "actores" numa democracia: o governo, o sector das ONGs, os meios de comunicação social e os cidadãos, respectivamente.
3. Distribua a cada grupo a folha A3 e os marcadores e peça-lhes que façam uma pequena reflexão em grupo sobre o papel do seu "actor" numa sociedade democrática, ou seja, quais são as funções principais que desempenha. A vermelho, devem listar as cinco funções mais importantes.

TEMAS



CIDADANIA



DEMOCRACIA



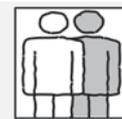
DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO



8-20

DURAÇÃO



90 MINUTOS

4. Junte os vários grupos para que possam apresentar as suas ideias e partilhar as várias reacções. Pergunte-lhes se concordam com as funções dos quatro "actores" e deixe-os modificar as listas, caso o queiram fazer.
5. Volte a formar os grupos e peça-lhes que realizem mais uma reflexão em grupo, agora para discutirem acerca do que precisam para poderem levar a cabo as suas funções, ou seja, o que vão exigir de cada um dos outros três "actores". Estas exigências devem ser listadas, a verde, de acordo com diferentes títulos. Dê-lhes 15 minutos para executarem esta tarefa.
6. Quando o tempo estiver quase a terminar, peça aos grupos que ordenem as seis exigências mais importantes. Distribua a cada grupo uma fita-cola e os fios de lã, que irão utilizar para representar essas exigências.
7. Distribua também as cópias das "Regras do Jogo", leia-as e certifique-se de que toda a gente percebeu o que tem de fazer. Peça aos grupos para disporem as suas folhas de papel no centro da sala, de maneira a formar um quadrado, afastadas umas das outras cerca de 1 m. Os membros de cada grupo devem posicionar-se perto do respectivo "canto".
8. Início da ronda de negociação. Cada ronda deve durar cerca de dez minutos. Lembre aos grupos que, quando aceitam uma exigência, devem colar um dos pedaços de lã entre as duas folhas, o que significa que aceitam a responsabilidade.
9. No final do processo, os quatro "actores" estão interligados por uma teia de lã muito complexa. Avance para a análise e avaliação da actividade enquanto os participantes ainda estão sentados à volta do quadro.

Análise e avaliação

Peça aos participantes para observarem a teia que construíram e para reflectirem.

- É difícil pensar nas diferentes funções desempenhadas pelos vários actores numa democracia?
- Houve algum desentendimento entre os grupos relativamente à aceitação ou rejeição das várias exigências?
- Quais das exigências feitas não foram aceites como responsabilidades? E porquê? Achem que esses casos constituiriam um problema na realidade?
- Houve alguma responsabilidade aceite pelo grupo, que não fosse reconhecida antes? Como é que se sentem em relação a essa exigência?
- Os participantes aprenderam alguma coisa sobre a dinâmica de uma sociedade democrática que ainda não soubessem? Houve alguma surpresa?

Dicas para o animador

Quando os grupos tiverem acabado de definir as suas funções, não perca demasiado tempo com a análise do ponto 4 do "exercício passo a passo". Esta pequena análise deve servir apenas de ponto de partida para o trabalho de grupo seguinte. Os grupos podem querer anotar as funções dos outros actores.

Quando os grupos estiverem a listar as suas exigências (passo 5), avise-os de que devem ser realistas! As responsabilidades terão de ser plausíveis, logo não poderão fazer reivindicações injustas ou pouco razoáveis.

O passo 8 – negociações entre os grupos – não deve ser apresentado como uma "competição", nem deve demorar muito tempo. Deixe bem claro que os grupos devem encarar esse trabalho como uma fase de cooperação, pois o objectivo é fundar uma sociedade onde todos os actores

exigências que lhes parecerem razoáveis ou, caso contrário, as rejeitem, deixando as mais controversas para a discussão final.

Variantes

A actividade pode ser mais ou menos complicada, conforme o número variável de "actores" de uma sociedade que queira usar: por exemplo, pode querer acrescentar os "empresários", as "minorias" ou os "grupos desfavorecidos". No entanto, este aumento de actores vai tornar a fase de negociação mais complicada e, nesse caso, o melhor é não juntar todos os grupos. Pode também utilizar categorias diferentes, que sejam mais relevantes para a vida dos jovens – por exemplo, substitua os "cidadãos" por "jovens" e o "governo" pela "escola".

A actividade pode ser simplificada se retirar um ou mais grupos: por exemplo, pode trabalhar apenas com os "cidadãos" e com o "governo". Deve seguir este conselho, caso esteja a trabalhar com um grupo demasiado pequeno.

Pode tentar fazer a actividade sem utilizar a tabela: durante a fase da negociação, um representante do primeiro grupo pega na ponta de um dos pedaços de lã e oferece a outra ponta a alguém do segundo grupo. Se os participantes se agarrarem bem às suas pontas, a "sociedade" inteira estará interligada no final do processo!

Sugestões para aprofundamento

O grupo pode dar continuidade ao diagrama de relações, incluindo diferentes grupos da comunidade (veja as "Variantes"). Podem transferir o diagrama para uma folha maior, de forma a clarificar as diferentes relações e, nesse caso, podem até escolher cores para as representar – por exemplo: vermelho para o governo, amarelo para os meios de comunicação social, verde para as ONGs, etc. Pensem nas várias relações que existem na vossa sociedade, especialmente nas que não se encontram bem desenvolvidas, e no que podem fazer para reforçar os elos mais frágeis.

Se quiserem seguir com um projecto prático, que envolva a cooperação e relações entre os governos locais, as ONGs e os meios de comunicação social na vossa comunidade, tentem fazer a actividade "Plantar um Jardim numa Noite" da página 214.

A lembrar

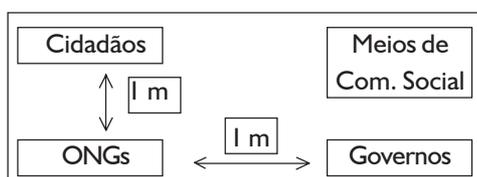
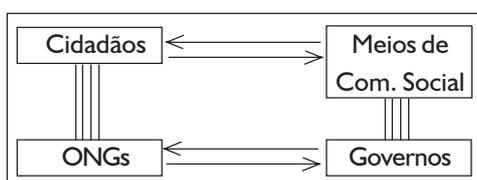
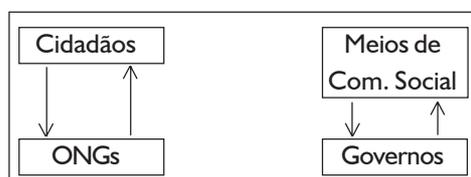
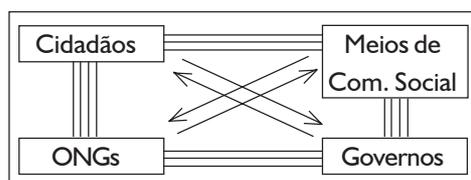
9 de Novembro 1989

Queda do Muro de Berlim

FICHAS

Regras do Jogo

1. O objectivo deste exercício é que cada "actor" consiga que as suas exigências sejam aceites por parte dos outros "actores".
2. As negociações são feitas entre cada par de "actores", em três rondas, conforme o exemplo:
 - 1.ª ronda: negociação entre os cidadãos e as ONGs; negociação entre o governo e os meios de comunicação social.
 - 2.ª ronda: negociação entre os cidadãos e os meios de comunicação social; negociação entre o governo e as ONGs.
 - 3.ª ronda: negociação entre os cidadãos e o governo; negociação entre os meios de comunicação social e as ONGs.
3. Os pares decidem quem deve começar e, depois, um de cada vez, podem fazer as suas exigências.
4. As exigências devem ser feitas o mais clara e concisamente possível. Os participantes devem explicar o que pretendem com as suas exigências e por que motivos as estão a fazer, ou seja, qual o seu objectivo no desempenho das suas funções.
5. Para aceitar ou rejeitar uma exigência, os participantes devem decidir se a mesma é justa e se a conseguem cumprir.
6. Se um grupo rejeitar uma exigência, o pedaço de lã deve ser posto de lado, uma vez que não será utilizado. Se a exigência for aceite, o pedaço de lã deve ser colado entre as duas entidades, simbolizando a relação estabelecida. O grupo que aceitou a exigência, deve tomar nota na sua tabela, para não se esquecer do prometido.
7. Repitam o processo até discutirem todas as exigências.
8. Repitam o processo até haver ligações entre os quatro "actores".

Posições de partida**2.ª Sessão****1.ª Sessão****3.ª Sessão**

Cuidado, Estamos a Ver!

Ninguém errou mais do que aqueles que nada fizeram porque só podiam fazer pouco.

Temas	Globalização, Direitos Sociais, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	150 minutos
Sinopse	Nesta actividade, os participantes devem conceber uma campanha de informação pública sobre as consequências da deslocalização de empresas multinacionais.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a gozar de condições de trabalho justas e favoráveis. ▪ O direito a formar sindicatos. ▪ O direito à Segurança Social.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Analisar as consequências, locais e globais, da deslocalização de empresas multinacionais. ▪ Promover o activismo pelos Direitos Humanos. ▪ Encorajar a criatividade e a imaginação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Etiquetas autocolantes para fazer autocolantes para a campanha. ▪ Grandes folhas de papel para fazer posters. ▪ Folhas A4 para fazer panfletos. (opcional: papel colorido) ▪ Fita-cola e cola. ▪ Marcadores e lápis. ▪ Tesouras. ▪ Jornais, revistas, brochuras e qualquer outra fonte de material para ilustrações.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie a folha de dados e os objectivos da campanha: um exemplar por participante.

o exercício passo a passo

1. Explique que esta actividade se centra sobretudo na questão da globalização e que foca especialmente a prática de relocalização de empresas multinacionais.
2. Pergunte aos participantes o que sabem sobre o assunto e qual a sua opinião sobre a maneira como este é tratado nos meios de comunicação social.
3. Faça uma reflexão em grupo sobre o que caracteriza uma boa campanha publicitária.
4. Divida o número total de participantes em pequenos grupos de três ou quatro pessoas.
5. Dê o exemplo da Campanha Roupas Limpas (EECCC – Eastern European Clean Clothes Campaign), que tenta informar o público sobre as consequências da globalização e distribua a folha de dados.

TEMAS



GLOBALIZAÇÃO



DIREITOS SOCIAIS



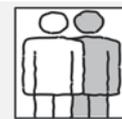
CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



150 MINUTOS

6. Estabeleça o cenário da actividade: imaginem que a ONG (organização não-governamental) responsável pela campanha em Portugal recebeu um subsídio do Conselho da Europa. No passado, devido a problemas de financiamento, tinha apenas conseguido trabalhar em pequena escala e levar o trabalho a poucos países. O conselho de directores da campanha decidiu agora renovar e estendê-la a toda a Europa. A Organização quer contratar o vosso grupo como consultores.
7. Distribua os objectivos da campanha (2.ª folha de dados), dizendo que a ONG referida lhe pediu que transmitisse esses dados como documentos de referência.
8. Cada pequeno grupo deve pensar numa proposta para expandir a campanha no vosso país. Devem começar por esboçar uma proposta geral para toda a campanha. Depois, devem fazer propostas mais detalhadas acerca do modo como podem alcançar o primeiro objectivo, que é o de informar o público em geral. A proposta detalhada deve incluir:
 - Um calendário das actividades,
 - A lista de actividades propostas (concertos, programas de rádio e televisão, teatro de rua, distribuição de panfletos, etc.),
 - Locais onde as actividades vão ser realizadas (escolas, edifícios públicos, etc.),
 - Número de pessoal necessário,
 - Materiais a utilizar (autocolantes, posters, etc.).
9. Sublinhe que a proposta deve ser clara e concisa. Avise-os de que a ONG está aberta a qualquer proposta, criativa de preferência, embora insista que os grupos devem ir ao encontro dos objectivos expostos e fundamentar os meios propostos para os alcançar. Depois, terão de apresentar a vossa proposta a representantes da ONG que os recomendarão à direcção da campanha. Por agora, terão 60 minutos para delinear a proposta.
10. Quando as propostas estiverem prontas, organize as apresentações.
11. A análise deverá ocorrer em plenário.

Análise e avaliação

Comece por uma pequena revisão sobre o modo como decorreu a actividade. Peça a cada grupo que descreva como se organizaram e como funcionou o grupo. Todos se sentiram envolvidos? Todos sentiram que participaram? Depois discutam questões sobre a globalização e verifique o que é que os participantes aprenderam.

- Quais são as vantagens e as desvantagens de deslocalizar uma empresa? E nos níveis de empregabilidade local? E na economia nacional? E na economia global?
- Os trabalhadores podem escolher verdadeiramente as condições de trabalho que lhes são oferecidas, ou não?
- Quem é o responsável pela situação?
- O que é que deve e pode ser feito para consciencializar os trabalhadores relativamente aos seus direitos?
- Este tipo de campanhas será útil? Porquê?
- O que é que caracteriza uma boa campanha?
- Acham que as instituições que trabalham no campo de protecção dos direitos dos trabalhadores, tais como as ONGs, os sindicatos, as agências das Nações Unidas, as organizações que lideram as campanhas anti-globalização, estão a agir eficazmente, a fazer a diferença?

Dicas para o animador

Pode encontrar informação complementar sobre a prática da deslocalização das empresas multinacionais na informação adicional sobre a globalização. Antes de iniciar esta actividade, verifique se a ONG aqui referida ou alguma organização similar tem delegações na sua região.

Um dos objectivos desta actividade consiste em estimular a criatividade dos participantes. Assim, deve realçar que têm liberdade completa para "inventar" qualquer estratégia de marketing, não esquecendo, porém, que devem alcançar os objectivos estabelecidos pela ONG.

No ponto 10 do "exercício passo a passo", ou seja, na altura em que os grupos apresentam os seus trabalhos, pode fingir que pertence à direcção da ONG. No entanto, recomendamos que, se possível, peça a uma terceira pessoa para representar esse papel, uma pessoa que não tenha estado envolvida no trabalho de grupo. Isto torna a actividade mais interessante e abre portas a uma discussão mais acesa, especialmente se conseguir convidar alguém que pertença a uma ONG, que trabalhe com assuntos da globalização ou que seja director de campanhas.

Se conseguir convidar "especialistas", talvez seja uma boa ideia dividir a actividade em duas sessões: a primeira, para pensarem e fazerem a campanha e, a segunda, para análise.

Sugestões para aprofundamento

Entre em contacto com a Campanha Roupas Limpas e siga em frente com o trabalho que o grupo começou.

Se o grupo quiser continuar a trabalhar o tema dos direitos sociais e de trabalho, indique-lhes a actividade "A Vida de Ashique" da página 99, que foca o problema do trabalho infantil.

A lembrar

24 de Outubro

Dia Mundial de Informação sobre o Desenvolvimento

FICHAS

1. Folha de dados: Campanha Roupas Limpas

A Campanha Roupas Limpas é uma rede que começou na Holanda, em 1990, e que tem como objectivo melhorar as condições de trabalho na indústria de roupa desportiva. Até agora, a Campanha Roupas Limpas está presente em, aproximadamente, dez países da Europa de Leste. A Campanha Roupas Limpas consiste na coligação de organizações de consumidores, sindicatos, organizações pelos Direitos Humanos e pelos direitos das mulheres, investigadores, grupos de solidariedade e activistas.

As questões mais importantes que estão em cima da mesa para análise são:

- Remuneração baixa
- Trabalho precário (sem contratos, horas de trabalho irregulares, horas extraordinárias obrigatórias e não remuneradas, etc.)
- Proibição do direito de livre associação (intimidação dos trabalhadores activistas)

2. Objectivos da Campanha

Os objectivos da campanha são:

- Sensibilizar o público em geral para conseguir o seu apoio a favor da campanha.
- Mostrar, através de exemplos concretos, o impacto das consequências da globalização na violação dos Direitos Humanos.
- Pressionar as empresas de forma a aumentar o respeito pelos Direitos Humanos dos seus trabalhadores, difundindo informação sobre os seus direitos.
- Criar uma rede de pessoas, organizações e instituições que lutam pela mesma causa.

Dê um Passo em Frente!

Tudo depende dos direitos dos outros e do meu infinito dever de os respeitar.
Emmanuel Lévinas

TEMAS


DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

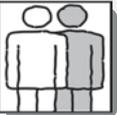

POBREZA


DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1
NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO


10-30

DURAÇÃO


60 MINUTOS

Temas	Discriminação e Xenofobia, Pobreza, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	10-30
Duração	60 minutos
Sinopse	Somos todos iguais, mas alguns são mais iguais do que outros. Nesta actividade, os participantes passam pela experiência de ser outra pessoa. De entre os temas abordados incluem-se: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A desigualdade social como fonte de discriminação e exclusão. ▪ Empatia e os seus limites.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direito à não discriminação. ▪ Direito à igualdade na dignidade. ▪ Igualdade no acesso aos direitos sociais.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimular o interesse pelos Direitos Humanos trabalhando com imagens. ▪ Reflectir sobre o trabalho dos meios de comunicação social e a sua abordagem aos problemas de Direitos Humanos. ▪ Desenvolver capacidades de comunicação e cooperação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cartões com a descrição dos papéis. ▪ Um espaço aberto (um corredor, uma sala grande ou rua). ▪ Cassete ou um CD com música relaxante.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leia calmamente a actividade. Analise a lista de "situações e acontecimentos" e adapte-a de acordo com o seu grupo. ▪ Faça os cartões: um por participante. Copie a folha (adaptada) à mão ou fotocopie, recorte as tiras e dobre-as.

o exercício passo a passo

1. Prepare uma atmosfera calma, com música relaxante de fundo. Ou pode ainda preferir pedir a todos os participantes para fazerem silêncio.
2. Distribua os cartões aleatoriamente, um por participante. Peça-lhes que os leiam, mas que não os mostrem a ninguém.
3. Convide-os a sentar (de preferência no chão) e a ler o seu cartão.
4. Respirem fundo e representem o vosso papel. Para os ajudar, leia as questões que se seguem e deixe que os participantes reflectam sobre as respostas, para que possam construir o passado e o presente da sua personagem.
 - Como foi a vossa infância? Que tipo de casa tinham? Que tipo de jogos jogavam? O

- que é que os vossos pais faziam?
- Como é o vosso dia-a-dia actualmente? Onde é que convivem com outras pessoas? O que é que fazem de manhã, de tarde e à noite?
 - Que tipo de vida têm? Onde vivem? Quanto é que ganham por mês? O que é que fazem nos tempos livres? O que é que fazem nas férias?
 - O que é que vos deixa motivados e de que é que têm medo?
5. Peça silêncio absoluto enquanto se alinham junto à parede (como numa linha de partida).
 6. Explique-lhes que vai ler uma série de situações e de acontecimentos. Sempre que quiserem dizer que "sim", devem dar um passo em frente. Caso contrário, não devem sair do lugar.
 7. Leia uma situação de cada vez, fazendo uma pausa entre cada afirmação para que os participantes tenham tempo de reflectir e avaliar a sua posição em relação aos outros participantes.
 8. No fim, peça a todos que anotem a sua posição final. Faça um pequeno intervalo para que possam despir a pele da personagem e prossiga para a análise.

Análise e avaliação

Comece por perguntar aos participantes sobre o que passou e como é que se sentiram com a actividade. Depois comentem as questões abordadas e o que aprenderam.

- Como é que se sentiram ao dar um passo em frente – ou não?
- Para aqueles que deram vários passos em frente, quando começaram a reparar que os outros não estavam a andar tão depressa quanto eles?
- Alguém sentiu que houve momentos em que os seus Direitos Humanos mais básicos não estavam a ser respeitados?
- Alguém consegue adivinhar quais os papéis dos outros participantes? (Deixe que revelem os seus papéis nesta parte da análise).
- Foi fácil ou difícil representar os diferentes papéis? Como é que imaginaram a pessoa que estavam a representar?
- Acham que este exercício é, de alguma forma, um espelho da sociedade? Como?
- Quais os Direitos Humanos que estavam a ser representados por cada personagem? Há alguém que possa dizer que os seus Direitos Humanos não estavam a ser respeitados ou que não tinham acesso a eles?
- Que passos poderiam ser dados para colmatar as desigualdades na sociedade?

Dicas para o animador

Se optar por fazer esta actividade na rua, certifique-se de que os participantes ouvem as afirmações, especialmente se tiver um grupo muito grande! Pode precisar da ajuda de mais animadores para reler as afirmações.

Na primeira fase da actividade, enquanto estiverem a imaginar a personagem que vão representar, é possível que alguns dos participantes lhe digam que sabem muito pouco acerca da vida da pessoa que lhes calhou. Nesses casos, explique que devem usar a sua imaginação, pois os pormenores não têm interesse especial para esta actividade.

Esta actividade é muito importante pois mostra bem o impacto da distância que separa os vários participantes, especialmente no final quando houver um grande espaço entre aqueles que

A lembrar

18 de Dezembro
Dia Internacional dos
Migrantes

deram e os que não deram passos em frente. De forma a realçar o impacto, pode ajustar e adaptar os papéis representados à realidade dos participantes. Se o fizer, certifique-se de que adapta os papéis de maneira a que apenas um pequeno número de pessoas possa dar passos em frente (ou seja, possa responder "sim"). Estas regras também se aplicam caso tenha um grupo muito grande e queira aumentar o número de afirmações.

Durante a fase de análise e avaliação, é também importante aprofundar como é que os participantes tinham conhecimentos sobre a vida da personagem que representaram. Foi através de experiências pessoais ou de outras fontes de informação (notícias, livros e estereótipos)? Tem a certeza de que podem confiar nessas fontes de informação? E, desta forma, pode aproveitar para introduzir o tema: como é que os estereótipos podem prejudicar o trabalho?

Esta actividade é particularmente relevante para criar ligações entre as diferentes gerações de direitos (civis/políticos e sociais/económicos/culturais) e o acesso que todos temos a esses mesmos direitos. Os problemas da pobreza e da exclusão social não são apenas um problema jurídico – embora a última também seja uma realidade entre os refugiados e os requerentes de asilo. A questão reside, muitas vezes, no acesso eficaz a esses mesmos direitos.

Variantes

Uma forma de conseguir trazer mais ideias para o debate e de aprofundar os conhecimentos dos participantes consiste em trabalhar com pequenos grupos e depois juntá-los em plenário para que partilhem as suas ideias. Para isso precisa necessariamente de mais animadores. Tente este método na segunda parte da análise - depois de terem revelado qual a sua personagem. Peça aos participantes para pensarem, na vossa sociedade - quem tem menos e quem tem mais hipóteses e oportunidades; e que passos podem ser dados para acabar com as desigualdades. Como alternativa, pode pedir aos participantes que, pegando no exemplo de uma das personagens, se interroguem sobre o que pode ser feito, ou seja, quais os deveres e responsabilidades da comunidade, do governo e deles próprios perante esta personagem.

Sugestões para aprofundamento

Dependendo do contexto social em que está a trabalhar, pode querer convidar representantes de grupos de defesa de certas minorias culturais ou sociais para virem falar com o seu grupo. Descubram quais as prioridades que têm agora em mãos e o que podem fazer para ajudar. Este tipo de reunião pode ser uma excelente hipótese de abordar alguns dos preconceitos ou estereótipos que surgiram durante a análise e avaliação.

Se o grupo quiser aprofundar as questões relacionadas com as desigualdades entre o acesso à educação pelo mundo fora, e as medidas que estão a ser tomadas, tentem fazer a actividade "Educação para Todos?" da página 138.

1, 2, 3... Acção

Retomem as ideias sugeridas. Pensem como podem ajudar as organizações que trabalham com as minorias culturais e sociais e coloquem as vossas ideias em prática.

FICHAS

Cartões descritivos

Você é uma mãe solteira desempregada.	Você é uma rapariga muçulmana que vive com os seus pais que são pessoas religiosas devotas.
Você é a filha do gerente do banco local. Estuda Economia na universidade	Você tem 19 anos, é filho de um agricultor e vivem numa remota aldeia nas montanhas.
Você é um soldado do exército que está a cumprir o serviço militar obrigatório.	Você é um jovem portador de deficiência que só pode circular com a ajuda de uma cadeira de rodas.
Você é uma rapariga cigana de 17 anos que nunca chegou a terminar a escola primária.	Você é uma prostituta de meia-idade que está infectada com HIV/Sida.
Você é um professor desempregado, num país onde não domina a nova língua oficial.	Você é um refugiado de 24 anos do Afeganistão.
Você é um imigrante ilegal do Mali.	Você é o presidente da juventude de uma organização político-partidária (cujo partido está agora no poder).
Você é o filho de um imigrante chinês que gere um negócio de <i>fast food</i> com muito sucesso.	Você é a filha do embaixador americano do país onde agora vivem.
Você é o dono de uma empresa de importação e exportação de muito sucesso.	Você é um trabalhador aposentado de uma fábrica de sapatos.
Você é a namorada de um jovem artista dependente de heroína.	Você é uma lésbica de 22 anos.
Você é uma modelo natural de um país de África.	Você é um jovem desalojado com 27 anos.

Situações e acontecimentos

Leia as seguintes situações em voz alta. Entre cada afirmação, os participantes devem analisar a situação em que se encontram e dar ou não um passo em frente. Dê-lhes tempo para que avaliem a sua posição relativamente aos outros.

- Nunca teve sérias dificuldades financeiras.
- Tem uma casa decente com telefone e televisão.
- Sente que a sua língua, religião e culturas são respeitadas na sociedade onde vive.
- Sente que a sua opinião sobre as questões políticas e sociais são respeitadas, e que os seus pontos de vista são ouvidos.
- Há pessoas que o consultam sobre diferentes assuntos.
- Não tem medo de ser mandado parar pela polícia
- Sabe a quem se deve dirigir se precisar de um conselho ou de ajuda.
- Nunca se sentiu discriminado por causa das suas origens.
- Beneficia de protecção médica e social adequadas às suas necessidades.
- Pode ir de férias uma vez por ano.
- Pode convidar os seus amigos para irem jantar lá em casa.
- Tem uma vida interessante e está confiante em relação ao seu futuro.
- Sente que pode estudar e seguir a profissão que escolher.
- Não tem medo de ser assediado ou atacado nas ruas, ou pelos meios de comunicação social.
- Pode votar nas eleições nacionais e locais.
- Pode festejar as mais importantes datas religiosas com os seus familiares e amigos.
- Pode participar num seminário internacional no estrangeiro.
- Pode ir ao cinema ou ao teatro pelo menos uma vez por semana.
- Não tem receio do futuro dos seus filhos.
- Pode comprar roupas novas, pelo menos, de três em três meses.
- Pode apaixonar-se pela pessoa que escolher.
- Sente que as suas competências são apreciadas e respeitadas na sociedade onde vive.
- Pode usar e beneficiar das vantagens da Internet.

Desenha-me uma Palavra!

Os que não são artistas também têm direitos!

Temas	Direitos Humanos em geral, Meios de comunicação social, Cidadania
Grau de complexidade	Nível I
Tamanho do grupo	8+
Duração	45 minutos
Sinopse	Trata-se de um jogo de equipa cujo objectivo consiste em representar, através de um desenho criativo, uma palavra relacionada com Direitos Humanos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à liberdade de opinião e de expressão. ▪ O direito à liberdade de pensamento. ▪ Igualdade na dignidade e nos direitos.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Promover o conhecimento da DUDH. ▪ Desenvolver o espírito de equipa e o pensamento criativo, assim como a consciência do modo como as imagens são usadas. ▪ Promover a solidariedade e o respeito pela diversidade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma tabela grande onde estejam especificados os artigos da DUDH. ▪ Uma grande folha de papel ou um quadro para anotar os resultados. ▪ Folhas A4 e canetas para os desenhos dos grupos: uma folha por equipa e por cada ronda de jogo. ▪ <i>Bostik</i> ou pioneses para afixar os desenhos.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie a versão resumida da DUDH (pág. 446) para uma folha, onde todos consigam ler os vários artigos. ▪ Escolha os direitos com que quer trabalhar e copie-os para uma lista.

● exercício passo a passo

1. Peça aos participantes que se dividam em grupos de quatro ou cinco e que escolham um nome para a sua equipa.
2. Explique que nesta actividade vão estar a trabalhar em grupo: entregue a um membro de cada equipa um artigo da DUDH para eles desenharem. Os restantes membros da equipa têm de adivinhar qual é o direito! A primeira equipa a acertar ganha um ponto. A equipa que mais pontos acumular, ganha.
3. Peça aos participantes para levarem papéis e canetas, e para se espalharem pela sala de modo a que não ouçam o que se vai passando nas outras equipas.
4. Chame um membro de cada equipa e dê-lhe um dos direitos da sua lista, por exemplo: "proibição da tortura" ou "direito à vida".

TEMAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL I

TAMANHO DO GRUPO



8+

DURAÇÃO



45 MINUTOS

5. Peça-lhes que voltem para as suas equipas e que desenhem o que o direito representa, enquanto os seus companheiros tentam adivinhar. Só estão autorizados a desenhar imagens; não podem escrever palavras ou números, nem tão pouco falar, excepto para confirmar a resposta certa.
6. O resto da equipa só pode tentar adivinhar, não pode fazer perguntas.
7. No final de cada ronda, peça aos artistas que escrevam no seu desenho qual o direito relacionado, tenham ou não acabado, e que ponham o papel de lado.
8. Repita a ronda o número de vezes que o tempo disponível lho permitir. Chame um participante diferente para ser o desenhador, e certifique-se de que todos têm a oportunidade de desenhar, pelo menos uma vez.
9. No final, peça aos grupos que afixem os seus desenhos, para que as diferentes interpretações possam ser comparadas e discutidas.

Análise e avaliação

Comece por rever a actividade em si e depois fale um pouco acerca do que os participantes sabem sobre Direitos Humanos.

- Desenhar Direitos Humanos foi mais fácil ou mais difícil do que estavam à espera?
- Como é que os participantes escolheram desenhar um Direito Humano? Onde é que foram buscar as imagens?
- É possível comparar as diferentes imagens de um mesmo direito? Houve muitas maneiras de desenhar e interpretar o mesmo conceito?
- Depois de reverem todos os desenhos, pergunte o que é que os participantes descobriram que sabiam sobre Direitos Humanos.
- Será que acham que os Direitos Humanos têm alguma importância nas suas vidas? Que direitos?

Dicas para o animador

Antes de iniciar esta actividade, aconselhamos que leia a DUDH (pág. 447) e que se familiarize com o significado dos Direitos Humanos, por exemplo: que estão internacionalmente assegurados; que são legalmente protegidos; que estão centrados na dignidade do ser humano; que protegem tanto o indivíduo como os grupos; que são inalienáveis; que são iguais para todos, interdependentes e universais.

O melhor é decidir primeiro como é que vai usar o quadro. Se os participantes souberem muito pouco sobre a DUDH, é mais fácil mostrar o quadro antes da actividade para que eles tenham ideia do que vão tentar adivinhar! Se já souberem alguma coisa, deixe o quadro para o final para estimular a discussão sobre os direitos que não chegaram a ser desenhados.

Tenha em atenção que os participantes, que pensam não ter grande jeito para o desenho, podem achar que se trata de uma tarefa demasiado difícil para eles. Incentive-os, explicando que não está à espera de nenhuma obra de arte e que não perdem nada em experimentar. Pode ser que se surpreendam!

Utilize a versão abreviada da DUDH para escolher os direitos a desenhar. Sugestões: o direito à vida; proibição da tortura; o direito a um julgamento justo; proibição da discriminação; o direito à protecção da vida privada; o direito à educação; proibição da escravatura; liberdade de associação; liberdade de expressão; o direito a uma nacionalidade; liberdade de pensamento e de religião; o direito a votar; o direito ao trabalho; o direito à saúde; o direito à propriedade; o direito a casar e a constituir família e o direito a escolher com quem casar.

Variantes

Se o grupo tiver menos de oito participantes pode jogar com um único grupo. Peça a um dos participantes para desenhar; quem adivinhar desenha a seguir, e assim sucessivamente.

Sugestões para aprofundamento

O grupo pode querer continuar a explorar as questões relacionadas com os direitos das pessoas com necessidades especiais e, nesse caso, passe à actividade "Veja as Capacidades!" da página 279.

A lembrar

10 de Dezembro
Dia dos Direitos
Humanos

Desporto para Todos

"É um mau jogo quando não há vencedores."
Provérbio Italiano

TEMAS

 **DESPORTO**

 **DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA**

 **SAÚDE**

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO

 **8+**

DURAÇÃO

 **120 MINUTOS**

Temas	Desporto, Discriminação e Xenofobia, Saúde
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	8+
Duração	120 minutos
Sinopse	Esta é uma actividade muito dinâmica. Os participantes têm de conceber novos jogos com grande imaginação e criatividade. De entre as questões abordadas incluem-se: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As regras dos jogos e a justificação e supervisão das mesmas. ▪ Os Direitos Humanos como regras de vida. ▪ Discriminação no desporto.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à saúde. ▪ Igualdade nos direitos e em dignidade.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar relativamente à exclusão política e social das actividades desportivas. ▪ Adquirir capacidades de trabalho em grupo e de cooperação, e desenvolver a criatividade. ▪ Encorajar os participantes a pensar nos Direitos Humanos como regras para um jogo limpo na vida.
Materiais	Vai precisar de reunir um conjunto do material seguinte para cada grupo de 4 participantes: <ul style="list-style-type: none"> ▪ 4 baldes grandes ou caixotes do lixo. ▪ 1 novelo de corda grossa. ▪ 2 bolas de futebol. ▪ 2 jornais. ▪ 1 pedaço de giz. ▪ Tesouras.

o exercício passo a passo

1. Fale aos participantes sobre o movimento "Desporto para todos": para assinalar o milénio, o Conselho Nacional do Desporto decidiu promover um concurso para inventar um novo jogo que possa ser jogado em todo o mundo.
2. Divida-os em grupos.
3. Explique que cada grupo tem 20 minutos para arquitectar um jogo, utilizando o equipamento fornecido. Devem decidir qual o objectivo do novo jogo e as regras do mesmo.

4. No final, os participantes devem jogar os vários jogos inventados pelos outros grupos.

Análise e avaliação

Comece por rever a forma como os participantes interagiram nos diferentes grupos e pergunte-lhes se gostaram da actividade. Discuta os jogos e as regras inventadas e, por último, fale um pouco sobre o desporto e os jogos na vida real.

- Foi muito difícil inventar um jogo?
- Como é que os grupos trabalharam? De uma forma democrática ou houve uma pessoa que tomou todas as decisões?
- Partilharam tarefas? Ou seja, uma pessoa teve a ideia, outra concretizou-a e outra organizou o jogo, etc.?
- Quais os jogos de que mais gostaram? O que é que faz de um jogo um "bom jogo"?
- Houve algum grupo que tivesse de alterar as regras depois de experimentar o jogo? Por que motivo, e como é que o fizeram? (Todos participaram nesse processo, apenas alguns ajudaram ou foi só uma pessoa que se encarregou disso?)
- Qual a importância de ter um objectivo claro e regras justas para que todos sintam que podem participar?
- Todos sentiram que podiam participar, ou houve alguns que se sentiram em vantagem ou em desvantagem em relação aos outros?
- Na vida real, como é que certos grupos são excluídos do desporto? Quais os métodos de exclusão que são infracções dos Direitos Humanos?
- Os artigos da DUDH podem ser utilizados como regras para viver num mundo pluralista. Serão boas regras? Ou seja, são universalmente aceites por todos os jogadores (toda a gente em todo o mundo)? São muitas ou poucas regras? São justas? E será que todos os jogadores (todos os países) jogam de acordo com essas regras?

Dicas para o animador

Certifique-se de que os grupos são heterogéneos, ou seja, pessoas altas e baixas, pessoas com óculos e sem óculos, ambos os sexos, várias idades, etc.

Dependendo dos participantes, pode ter de iniciar a actividade com uma pequena reflexão em grupo sobre os jogos em geral, acerca dos objectivos e de regras bem definidas.

Pode também estabelecer limites: o jogo não pode durar mais de 20 minutos, ou deve ser jogado dentro de certos limites geográficos. Quando os jogos estiverem a ser testados e, caso os responsáveis encontrem falhas, devem poder modificá-las.

A discussão pode ser encaminhada para os Direitos Humanos de várias maneiras. Pode, por exemplo, considerar as diferenças e as semelhanças entre as regras e os Direitos Humanos. As boas regras, tal como os Direitos Humanos, existem para assegurar que o jogo é justo, limitando o poder de alguns jogadores sobre outros. As regras aplicam-se a todos os jogadores, da mesma maneira que os Direitos Humanos são universais. Algumas regras estabelecem não só direitos como também deveres. Por exemplo, um jogador de futebol tem o direito de chutar a bola, mas não tem o direito de dar um pontapé num jogador da equipa adversária. E existem sanções em caso de desrespeito das regras.

O processo de tomada de decisão relativamente à alteração das regras pode ser comparado com as alterações das leis na vida real. São mudadas de acordo com decretos, nova legislação ou pela consulta, através de referendos, da população e das ONGs?

A lembrar

10 de Outubro
Dia Mundial da Saúde
Mental

Quando estiverem a avaliar a actividade, os participantes podem argumentar que a discriminação e a exclusão não são assuntos que tenham grande importância no desporto, pois as pessoas tendem a escolher os desportos em que são naturalmente bons. Ou seja, as pessoas altas podem jogar basquetebol e as pessoas menos enérgicas podem dedicar-se ao bilhar ou ao xadrez. No entanto, temos problemas quando a atenção do treinador é totalmente dedicada aos jovens promessa, em detrimento dos que ali estão por puro divertimento. Alguns desportos excluem jogadores com base na riqueza: por exemplo, se for preciso equipamento ou treinos muito caros. Fale-lhes do projecto "Desporto de Rua", uma iniciativa dos jovens nos Balcãs para promover a tolerância e os Direitos Humanos (veja a informação suplementar sobre o Desporto e os Direitos Humanos no capítulo 5).

Variantes

Se quiser fazer esta actividade apenas com o objectivo de promover a capacidade de trabalhar em grupo, pode pedir a um conjunto de participantes que pense num jogo de cooperação e ao outro conjunto que pense num jogo competitivo. Na análise pode comparar os dois jogos.

Sugestões para aprofundamento

Se o grupo estiver interessado em explorar questões relacionadas com a igualdade, façam a actividade "O Caminho para a Terra da Igualdade" da página 177, que aborda o assunto da igualdade entre os sexos.

1, 2, 3... Acção

Organize um "Dia do Desporto" cooperativo. Convide jovens de outros clubes e associações e joguem os vossos novos jogos. O grupo terá de decidir como tornar este dia o mais inclusivo possível.

Informação complementar

O movimento "Desporto para todos" promove o ideal olímpico do desporto enquanto Direito Humano para todos os indivíduos, independentemente da raça, classe social e sexo. O movimento encoraja as actividades desportivas que possam ser praticadas por pessoas de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições sociais e económicas. www.olympic.org/ioc/e/org/sportall

Dinheiro para Gastar

Em tempo de guerra, o pão é melhor do que as bombas

Temas	Segurança Humana, Paz e Violência, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	90 minutos
Sinopse	Nesta actividade utilizam-se cartões para realizar debates em grupo, com o intuito de definir um orçamento familiar. Inclui também uma dramatização. Os assuntos abordados são: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A distinção entre "querer" e "precisar". ▪ Despesas do Estado e Militarização. ▪ As oportunidades que advêm do dividendo de Paz.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos económicos e sociais tais como o direito à saúde, à alimentação e à educação. ▪ O direito a viver num ambiente limpo e saudável. ▪ O direito à segurança humana.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reflectir em relação às necessidades pessoais e familiares e à importância das mesmas. ▪ Desenvolver capacidades para participar nas tomadas de decisão democráticas. ▪ Promover a responsabilidade e o sentido de justiça.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópias dos vários cartões: um conjunto por grupo. ▪ Envelopes: um por grupo. ▪ Tesoura. ▪ Cola ou fita-cola para colar os cartões a uma folha grande para fazer um poster: um por grupo. ▪ Folhas grandes (tamanho A3) ou de tamanho de cavalete: 1 folha por grupo. ▪ 1 cópia com a descrição do papel do "pai especial" ▪ Cópia da tabela (capítulo 5)
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie a folha com os vários itens. Recorte-os e coloque-os no envelope – não se esqueça de que precisa de um conjunto de cartões por grupo. ▪ Copie a tabela com os dados sobre "Despesas militares a nível mundial e suas alternativas" (capítulo 5) para uma folha grande, ou para uma transparência, ou faça uma cópia por participante. ▪ Organize a sala de forma a arranjar espaço para todos os pequenos grupos. ▪ Antes de dar início à actividade, escolha discretamente um participante para desempenhar o papel de "pai especial", numa das famílias. Entregue-lhe o cartão que descreve a personagem que vai representar e avise-o de

TEMAS



SEGURANÇA HUMANA



PAZ E VIOLÊNCIA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



90 MINUTOS

que o seu papel deve ser mantido em segredo. Apenas pode haver um "pai especial", independentemente do número de grupos.

- Fotocopie ou passe para um acetato as caixas de informações que quiser utilizar.

O exercício passo a passo

1. Explique aos participantes que vão estar divididos em pequenos grupos e que cada grupo representa uma família. O objectivo é delinear o orçamento familiar para o mês seguinte.
2. Divida os participantes em pequenos grupos (de preferência, com um número igual ou inferior a cinco elementos). Cada grupo é composto pelo pai, pela mãe e pelo(s) filho(s). Os participantes devem decidir entre si qual o papel que vão desempenhar e escolher o nome da família.
3. Entregue o envelope que contém os cartões com os vários itens e uma folha grande a cada grupo.
4. Explique que os cartões representam os itens que devem ser discutidos para o orçamento. Devem abordar apenas estes pontos. O custo de cada item está escrito em cada cartão e não deve ser alterado.
5. Cada família tem em caixa 10 000 (dez mil Ems) e, por isso, devem escolher o que têm de incluir e excluir do seu orçamento mensal.
6. Explique que estas decisões devem, preferencialmente, ser tomadas de forma democrática e que, no final, os cartões devem ser afixados no poster de cada família.
7. Os grupos têm 20 minutos para tomar as suas decisões e para prepararem os seus posters.
8. No final, dê-lhes dez minutos para que possam avaliar os restantes orçamentos e considerar qual lhes parece mais ou menos apropriado.
9. Volte a juntar os participantes em plenário e siga para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Cada grupo, na sua vez, deverá fazer um comentário geral em relação à actividade. No final, utilize as seguintes perguntas como guia para aprofundar a análise:

- Como é que estabeleceram o orçamento familiar? Foi uma decisão democrática?
- Quais os critérios utilizados nas tomadas de decisão?
- Como é que equilibraram as necessidades de alimentação, alojamento e roupa, com as necessidades de segurança e de lazer? Quais os factores económicos e sociais mais importantes?
- Como é que se sentiram quando um item que consideravam importante não foi incluído no orçamento familiar?
- Quais os orçamentos mais e menos apropriados? Porquê?
- Será que podemos comparar os orçamentos familiares de diferentes países?
- Quais as listas que melhor reflectem os orçamentos de Estado?
- Quais as listas que deveriam reflectir um orçamento de Estado?

Mostre-lhes agora a tabela: "Despesas militares a nível mundial e suas alternativas".

- O que é que os participantes têm a dizer dos actuais orçamentos com equipamento militar, armamento e outros materiais?
- Por que é que os Estados gastam tanto com armamento?

- Será este gasto justificável? Será que o mundo é um local mais seguro ou mais pacífico?
- Quais as consequências deste tipo de distribuição orçamental no que diz respeito aos benefícios económicos e sociais das populações? E em relação ao meio ambiente?
- Como é que podemos alterar a situação? Já alguém ouviu falar da "reconversão militar" ou do "fundo da desmilitarização"? Se não, por que haverá tão pouca informação nas notícias?

Dicas para o animador

A família dita tradicional varia de país para país. Por isso, deixe que os participantes incluam avós e outros parentes nos seus grupos familiares, conforme acharem apropriado.

A existência do "pai especial" tem dois objectivos: primeiro, provocar a discussão, especialmente nos países com fortes raízes democráticas; e, segundo, assegurar que, no final, tenhamos uma grande variedade de orçamentos para comparar e discutir. Tenha atenção, pois os restantes membros da família podem ficar chateados, ou até mesmo zangados, com a atitude do pai. Podem também ficar um pouco baralhados com a situação pois não sabem que ele está a fingir! Terá de ser sensível aos problemas que eventualmente podem surgir no grupo, e que podem requerer a sua atenção e ajuda para serem resolvidos. Tente, no entanto, que o grupo continue a actividade sem descobrir o papel secreto do pai especial! Contudo, se achar que esse papel vai criar demasiadas dificuldades no desenrolar da actividade, omita-o!

Sinta-se à vontade para adaptar a lista de itens, para que reflecta melhor a realidade das famílias na sua localidade, região ou país. No entanto, não se esqueça de acrescentar sempre os itens relativos à segurança e a alguns bens de luxo, para que os participantes tenham de tomar decisões em relação às necessidades prioritárias e não prioritárias de uma família.

Variantes

Uma outra hipótese é simplesmente utilizar a folha dos itens como lista e pedir, às várias famílias, que marquem as suas escolhas. Neste caso, peça aos grupos que escrevam o respectivo orçamento numa folha à parte que depois possa ser exposta onde todos os participantes possam ver.

Sugestões para aprofundamento

O grupo pode organizar uma pesquisa sobre as mudanças positivas - por exemplo, a proposta do fundo de desmilitarização, ou a situação dos países que não têm nem exército nem armas (como a Costa Rica).

Se quiser explorar algumas das consequências da guerra, especialmente sobre os refugiados, façam a actividade "Posso Entrar?" da página 218.

1, 2, 3... Acção

E por que não incitar a uma discussão sobre a desmilitarização? Quanto mais estivermos atentos a este problema, mais seremos a pressionar o governo para alterar o estado das coisas. Descubram que proporção do vosso orçamento de Estado é despendida com custos militares e com necessidades sociais. Podem escrever ao vosso Primeiro-ministro e pedir mudanças.

Podem também associar-se às inúmeras campanhas de desmilitarização que são organizadas por esse mundo fora, como por exemplo a Campanha de Jovens e Estudantes para o Desarmamento

A lembrar

Nuclear (<http://freespace.virgin.net/ys.cnd/>) e a Pax Christi Internacional (www.paxchristi.net/). Ou então, comecem uma campanha, no vosso próprio grupo, utilizando este tipo de organizações como fontes.

21 de Setembro

Dia Internacional da Paz

Informação complementar

A indústria internacional de armamento destrói a segurança humana, pois desvia a atenção prioritária, e conseqüentemente, os recursos, das necessidades básicas humanas. O principal argumento utilizado para este desvio de recursos é a necessidade de proteger a população e o território Estatal. Mas, será que as populações estão realmente protegidas se não receberem educação, alimentação e cuidados médicos? Os gastos militares reflectem as necessidades da população ou os interesses do Estado?

Um dos problemas adicionais consiste no facto do investimento que o Estado realiza na sua segurança (logo, na segurança da sua população) se tornar num círculo vicioso: cada Estado tenta sempre ter melhores armas para dominar o poder militar de outros Estados. A isto chama-se "corrida ao armamento".

Na década a seguir ao final da guerra-fria registou-se uma redução nos gastos militares. Nessa altura, deveriam ter sido desenvolvidas políticas que assegurassem que o "dividendo de Paz" – o dinheiro poupado do orçamento militar - fosse utilizado para reforçar a segurança humana aumentando, por exemplo, os gastos com a educação e com a saúde. Na realidade, isto não aconteceu, pois esse dinheiro serviu para reduzir as dívidas nacionais.

Os gastos militares a nível mundial estão outra vez a subir. Este aumento teve início em 1999 e continuou em 2000. E isto pode parecer um paradoxo, pois a segurança é agora muito mais visível em várias áreas do mundo. Uma das razões possíveis é que alguns dos maiores investidores adoptaram ou anunciaram planos de defesa tendo em conta um crescimento.

Os activistas pela Paz e outros militantes dos Direitos Humanos argumentaram, durante décadas, ser imperativo concretizar um programa vigoroso e criativo de reconversão da produção militar em produção civil. Entre os argumentos invocados estão:

- A imoralidade das próprias indústrias de armamento e a sua capacidade de destruição;
- Os perigos inerentes ao aumento da proliferação do tráfico de armas;
- A incapacidade da indústria de se controlar a si mesma e à utilização dada à sua produção;
- O desperdício inerente à indústria e os escândalos de abusos de recursos, financeiros e humanos; e
- O potencial que seria desencadeado pela reconversão.

No capítulo 5, na secção de informação sobre Paz e Violência, podem encontrar estatísticas e tabelas com informações relevantes para esta actividade.

FICHAS

Cartões com vários itens

Alimentação (2 000)	Propinas da escola/universidade (2 000)	Seguro de Saúde Familiar (1 000)
Carro novo (4 000)	Mensalidade do ginásio (300)	Brinquedos e jogos (200)
Computador (800)	Lotaria (100)	Reconstrução da casa (400)
Sistema de alarme (1 500)	Roupas (400)	Comida para os animais (100)
Conta da água (200)	Cão de guarda treinado (400)	Medicamentos (300)
Transportes (gasolina, senhas de autocarro e bilhetes de comboio) (400)	Mensalidade de aluguer ou de hipoteca (2 500)	Presente de aniversário para a mãe (400)
Reparação da máquina de lavar roupa (200)	Materiais mensais para a escola ou universidade (300)	Arma pessoal (400)
Equipamento de pesca (200)	Equipamento electrónico novo para a casa (100)	Conta de electricidade (200)
Novo modelo da cadeira reclinável (700)	Aulas de defesa pessoal para a mãe e para a(s) filha(s) (300)	Actividades de lazer (cinema, teatros, feira de diversões, parques temáticos) (200)
Alarme para o carro (300)	Fim-de-semana prolongado numa casa de praia (400)	Equipamento de defesa pessoal (por exemplo, gás pimenta e choques) (100)
Jantar de família num restaurante (100)	Conta do telefone (300)	Ajuda financeira para os avós e outros parentes (200)
Acampamento de férias para jovens (200)		

Descrição do papel do "pai especial"

Papel do "pai especial"

Como ganha-pão da casa, acha que a sua opinião deve contar mais no que diz respeito a estas decisões de dinheiros do que a opinião da sua esposa ou dos seus filhos; afinal, você é quem traz o dinheiro para casa!

Acredita piamente que a falta de lei e de ordem é um grande problema na cidade onde vivem. É extremamente perigoso andar na rua! Assim, a sua grande prioridade é a segurança da sua família, da sua casa e dos seus bens.

Educação para Todos?

Tem boa memória? Agora é a melhor altura para a testar!

TEMAS

 EDUCAÇÃO

 GLOBALIZAÇÃO

 CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

TAMANHO DO GRUPO

 6-30

DURAÇÃO

 90 MINUTOS

Temas	Educação, Globalização, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	6-30
Duração	90 minutos
Sinopse	Nesta actividade os participantes têm de localizar e juntar pares de cartas enquanto pensam nas desigualdades no acesso à educação por todo o mundo e no modo como se poderá alcançar uma "Educação para Todos".
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à educação. ▪ O direito ao desenvolvimento da personalidade. ▪ O direito à igualdade, independentemente do sexo e estatuto social.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pensar na educação como uma questão de Direitos Humanos. ▪ Analisar criticamente o nível de acesso a uma educação de qualidade em todo o mundo. ▪ Encorajar a responsabilidade para a concretização do objectivo "Educação para Todos".
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 conjunto de cartas para cada três ou quatro participantes. ▪ 2 folhas de papel mais grosso ou de cartão fino (tamanho A4) para cada três ou quatro participantes e cola (opcional mas preferível). ▪ Tesoura. ▪ Papel e canetas para as anotações na segunda parte.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Familiarize-se com as cartas. ▪ Fotocopie as folhas com as cartas e cole-as no papel grosso para que durem mais. Recorte as 40 cartas e baralhe-as.

O exercício passo a passo

Esta actividade é constituída por duas partes: 1.ª parte – o jogo de memória; e 2.ª parte – o relato dos temas.

1.ª Parte. O jogo de memória (10 minutos)

1. Explique que há 20 pares de cartas. Cada par é composto por uma carta com uma frase e outra com uma imagem. A tarefa consiste em identificar os pares e agrupá-los. Os textos das cartas relacionam-se ou com os objectivos do Fórum Mundial para a Educação (FME), no sentido de tornar a Educação para Todos uma realidade, ou com questões gerais sobre Direitos Humanos e Educação.
2. Explique aos participantes como se joga: os jogadores devem juntar-se em grupos de três ou quatro pessoas. Devem espalhar as cartas pelo chão com a face voltada para baixo.

Cada jogador tem direito a virar duas cartas de cada vez. Se uma ou as duas forem afirmações o jogador deve ler o texto em voz alta para os restantes. Se as duas cartas formarem um par (imagem + afirmação), o jogador guarda-o e tem direito a jogar mais uma vez. Se as cartas não formarem par, o jogador deve voltar a pô-las exactamente no mesmo sítio onde estavam. Trata-se de um jogo de memória, pois os jogadores têm de memorizar o local das diferentes cartas para conseguirem formar mais pares.

3. O vencedor é o jogador que tiver conseguido fazer mais pares.

2.ª Parte. Relato dos temas (60 minutos)

1. Num quadro, faça uma pequena síntese dos temas abordados. Peça aos participantes que leiam os títulos das suas cartas (não o texto integral) enquanto os vai apontando.
2. Peça ao grupo para escolher quatro a seis temas que lhes despertem mais interesse.
3. Divida os participantes em grupos de quatro a cinco pessoas. Peça a cada pequeno grupo para seleccionar dois dos tópicos que mais gostariam de debater. (Tente organizar os temas de forma a que dois grupos abordem o mesmo tópico para gerar mais ideias. Isto significa que os grupos terão de negociar quais os tópicos que serão debatidos.)
4. Quando os tópicos tiverem sido distribuídos, dê 20 minutos a cada grupo para poderem debater os dois tópicos escolhidos. O objectivo do debate vai depender da carta: se a carta tiver uma pergunta, o grupo terá de dar uma resposta; se for uma afirmação, terão de a comentar criticamente.
5. Passados os vinte minutos, chame os participantes para o plenário e para a análise. Fale de um assunto de cada vez. Dê cinco minutos a cada grupo para expor as suas respostas e conclusões, e reserve mais cinco minutos para as perguntas dos outros participantes.
6. Quando todos tiverem falado, avance para a análise final.

Análise e avaliação

Uma vez que já analisaram os vários tópicos, siga para a avaliação do jogo e do que foi aprendido.

- Os participantes gostaram do jogo de memória?
- Foi uma maneira apropriada para iniciar uma análise sobre questões de educação?
- Como decorreram as discussões dentro de cada grupo? Todos sentiram que podiam participar?
- Será que temos de enfrentar demasiados desafios? É possível existir uma "Educação para todos"?
- O que é que vocês, o vosso grupo, ou a vossa comunidade podem fazer para contribuir para esse objectivo comum da "Educação para Todos" no vosso país e/ou em países em vias de desenvolvimento?

Dicas para o animador

O jogo de memória tem como objectivo tornar mais divertido o processo de obtenção da informação necessária para a análise.

Esta actividade é muito simples de dinamizar. Certifique-se apenas de que lê as cartas antes do início da mesma. Não se esqueça de que tem de saber que cartas formam par, para que durante o jogo possa ajudar e verificar se os pares estão correctos. Quando estiver a explicar as regras do jogo, o melhor é mostrar um par para servir de exemplo.

A lembrar

8 de Janeiro
Dia Mundial da
Alfabetização

Alguns dos cartões têm acrónimos, por exemplo Fórum Mundial para a Educação (FME). Certifique-se também de que todos sabem o que cada acrónimo significa. (Veja na "Informação Complementar", em baixo).

Tenha também em atenção que um terço das cartas contém frases relacionadas com os objectivos proclamados no Fórum Mundial para a Educação (FME), que teve lugar em Dakar, no Senegal, em Abril de 2000. As restantes cartas são sobre questões relacionadas com Direitos Humanos e Educação, ou sobre questões que devem ser abordadas para se alcançar a qualidade desejada numa educação para todos.

Variantes

Se considerar que tem pouco tempo para a segunda parte, utilize a técnica descrita na actividade "Só Um Minuto" da página 256. Peça a cada participante para escolher um tópico das cartas e para falar sobre esse tópico durante um minuto sem hesitação ou repetições. Esta também pode ser uma boa opção caso considere que o grupo precisa de melhorar as suas capacidades de comunicação oral.

Sugestões para aprofundamento

Muitas das questões suscitadas no jogo de memória podem ser tratadas noutras actividades. Por exemplo, se quiserem explorar a questão dos orçamentos para a educação e para outras necessidades sociais e os orçamentos gastos na militarização, podem fazer a actividade "Dinheiro para Gastar" da página 133. Podem ainda tratar das questões relacionadas com a exploração do trabalho infantil e com a falta de acesso à educação com a actividade "A Vida de Ashique" da página 99.

1, 2, 3... Acção

As cartas revelam numerosos problemas que entram o projecto "Educação para Todos". O grupo pode escolher qualquer um destes problemas, fazer uma breve pesquisa, pensar em solucioná-lo e passar à acção. Fale-lhes do 3.º capítulo que traz dicas sobre "como agir".

E por que não escrever aos deputados ou ao Ministério da Educação a perguntar o que é que está a ser feito no nosso país para atingir os objectivos propostos durante o Fórum Mundial para a Educação?

Informação complementar

O direito à educação é um dos direitos sociais e económicos reconhecidos. Contudo, e embora os Estados tenham dado a sua concordância e assumido o compromisso de assegurar educação básica, gratuita, para todos, a realidade é bem diferente: a educação não é para todos, mas sim para uma minoria.

A comunidade internacional uniu-se para enfrentar este desafio, no ano 2000, no Senegal, no Fórum Mundial para a Educação (FME). Os objectivos da conferência consistiam em avaliar os progressos alcançados na década de noventa para proporcionar educação básica, e renovar o compromisso da Educação para Todos. 1100 participantes de 164 países adoptaram o Quadro de Acção de Dakar, comprometendo-se a alcançar uma educação básica de qualidade para todos até 2015. A UNESCO ficou responsável pela coordenação de todos os actores internacionais e pelo reforço da dinâmica global.

Reconheceu-se que diferentes países enfrentam diferentes desafios. Por exemplo, enquanto alguns países se deparam com a falta de recursos, outros enfrentam a falta de vontade política. Um dos resultados da conferência foi a confirmação de que, para alcançar e assegurar os objectivos da Educação para Todos, é necessário estabelecer parcerias dentro dos países, apoiadas pela cooperação com agências e instituições regionais e internacionais.

Durante esta reunião realçou-se a importância da educação para um desenvolvimento sustentável, para a paz, para uma participação efectiva na sociedade e para conseguir economias saudáveis, no séc. XXI. Um dos resultados positivos do FME foi o estabelecimento de objectivos específicos, de prazos, assim como a descrição das acções a realizar de forma a alcançar a Educação para Todos. Se iremos alcançar estes objectivos e se conseguiremos levar as acções a bom porto são questões que só podem ser respondidas se todos nós, a todos os níveis da sociedade, estivermos atentos e se lutarmos pela Educação para Todos.

Fonte: UNESCO, Educação para Todos: Relatório Final do Fórum Mundial para a Educação, 2000.



Dinheiro & Educação

A falta de recursos é uma das principais ameaças à Educação para Todos. Os governos não conseguem honrar o seu compromisso de Educação para Todos, sem os meios financeiros necessários. É também uma questão de padrões. Os professores mal pagos e a falta de material põem em perigo a qualidade da educação. Sem recursos, a educação não tem significado; não há dinheiro, não há educação. Concorde?



Globalização & Educação

Quem pensa que a globalização só traz vantagens para a educação por causa do acesso às novas tecnologias, está muito enganado! Os efeitos da rápida liberalização do comércio, e a necessidade de ajustamentos estruturais característicos da globalização, ameaçaram o rendimento base dos governos em alguns países, mas principalmente dos países em desenvolvimento. Nestas circunstâncias, o financiamento para a educação é seriamente prejudicado!



Comida & Educação

Nos países em vias de desenvolvimento, considera-se que a comida e a educação andam de mãos dadas: um estudante com fome não se consegue concentrar. A comida é muitas vezes utilizada como incentivo para os pais mandarem os filhos para a escola; se as crianças não forem alimentadas na escola, põem-nas a trabalhar.



Educação & Internet

Em muitos países, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) tornaram-se uma parte fundamental do processo educativo. São vistas como essenciais para a investigação e para os trabalhos de casa. Muitos concordam que a Internet abriu novas portas à educação, mas também fechou algumas. O abismo entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento aumentou. Em muitos países, não só não há computadores, como nem sequer há electricidade.



Educação & Álcool

O excesso de álcool é um grave problema em muitas escolas/ universidades. Impede os alunos de aprenderem e aumenta a violência. Muitas escolas proibiram a entrada de álcool nas suas instalações, mas esta medida não está a ter o resultado esperado. O que é que pensa que pode ser feito para solucionar este problema?



Universidade (Educação Superior e Contínua)

Nos termos da legislação relativa aos Direitos Humanos, os Estados apenas têm o dever de assegurar a educação básica (primária) grátis. O seu compromisso não se estende à educação superior ou à formação contínua. Pensa que o compromisso dos Estados deve ser estendido à educação superior e contínua? Se sim, pensa que é uma exigência realista?



Professores & Educação

Por vezes, a qualidade dos professores é um problema; pode faltar experiência ou mesmo formação para serem educadores de qualidade. Existem requisitos mínimos para se ser professor, como a licenciatura em ensino para os professores do ensino básico e secundário e o doutoramento para os professores do ensino superior. Serão estas exigências realistas ou será que só aumentam o problema da falta de professores?



Educação e Ambiente

Os estilos de vida da maioria das pessoas que vivem em países europeus são insustentáveis. Se querem que as pessoas façam escolhas acertadas sobre as formas como devem mudar os seus estilos de vida, elas precisam de perceber as relações entre a ecologia, economia, política e história. Precisam de ter capacidades interculturais e valores de responsabilidade e de compromisso. Como é que incluiria a educação para a sustentabilidade no currículo?

**Educação Livre**

Os governos têm o dever de garantir a educação primária gratuita para todos. Mas na verdade, em muitos países, se uma família não tem recursos financeiros para pagar as mensalidades e/ou os materiais, as crianças não podem ir à escola.

**Disciplina & Educação**

Escolas e universidades de diferentes países usam diferentes meios para garantir a disciplina. Estes meios incluem punições corporais, suspensão, trabalho extra, expulsão e participação no conselho de escola ou do colégio. Para si, qual é a melhor abordagem para garantir a disciplina num cenário educativo?

**Mulheres & Educação**

Nos países em vias de desenvolvimento, 78% das raparigas estão na escola, versus 86% dos rapazes. 60% das crianças que não vão à escola são raparigas. Um dos objectivos do Fórum Mundial para a Educação é eliminar a desigualdade de género na educação primária e secundária até 2005 e alcançar a igualdade de género até 2015.

**Paz & Educação**

"A Paz começa em casa". As instituições educativas são muitas vezes consideradas como a segunda casa dos estudantes. A educação para a paz deve, por isso, ser parte integrante do currículo da educação formal, assim como deve ser encorajada nos cenários de educação não-formal. Como incluiria a educação para a paz num currículo de educação formal?

**Educação & Igualdade**

As taxas de matrículas no pré-escolar são de extremos: vão de quase 100% nas Bermudas, Malásia, Bélgica e Suécia, a cerca de 2%, ou até menos, nos países que são afectados por uma guerra e por desafios económicos. Um dos objectivos do Fórum Mundial para a Educação é assegurar que as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos sejam alcançadas através de um acesso igualitário aos programas de educação/formação e formação contínua.

**Desporto & Educação**

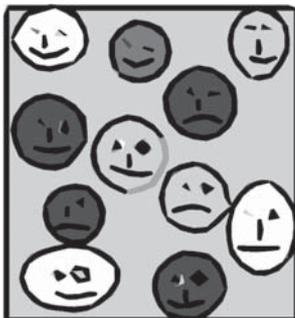
A) O desporto não precisa de ser obrigatório durante toda a escolaridade. Se faltar tempo para outras disciplinas, estas devem ter prioridade.
B) O desporto deve estar sempre presente durante toda a escolaridade. Ensina muitas coisas que não podem ser aprendidas noutras disciplinas, como por exemplo a cooperação e o desenvolvimento do corpo e da mente. Com qual destas afirmações concorda?

**Educação & Militarização**

Embora a educação e as actividades militares sejam vistas como coisas muito diferentes, estão na verdade intimamente relacionadas. Em países muito militarizados uma grande percentagem do orçamento é concedida às despesas militares em detrimento do sector social, especialmente da educação.

**Exclusão Social & Educação**

Nem sempre todos estão incluídos no sistema educativo do Estado. O sistema educativo não está à disposição das crianças de rua, crianças pobres, crianças que trabalham a tempo inteiro. Na Roménia, a Fundação "De volta à escola" vai ao encontro das necessidades das crianças excluídas do sistema oficial, dando-lhes uma hipótese de educação e de melhores oportunidades de emprego no futuro.



Educação & Minorias

A inclusão das minorias nas escolas/ universidades é um problema comum nas sociedades multiculturais. Para além do problema da discriminação individual, as diferenças religiosas e linguísticas também representam um desafio ao sistema. Como é que adaptaria o sistema e o currículo de forma a ir ao encontro das necessidades das minorias?



Aprendizagem ao longo da vida

O analfabetismo na idade adulta é um problema sério nos países que não dispõem sequer de educação básica. Um dos objectivos do FME (Forum Mundial pela Educação) é uma melhoria de cerca de 50% nos níveis de analfabetismo nos adultos até 2015. Muitos países europeus comprometeram-se a desenvolver a educação permanente mas não conseguem proporcionar uma educação contínua adequada a adultos. Qual acha que deve ser a prioridade educativa dos governos?



Educação para os Direitos Humanos

A educação para os Direitos Humanos (EDH), numa educação formal, não-formal ou informal, é considerada da responsabilidade dos governos. Então por que é que numa sociedade civil, as ONG se encarregam de algo que é dever e responsabilidade dos governos?



SIDA/HIV & Educação

"A primeira batalha a ganhar contra a SIDA é a batalha de deitar por terra o muro de silêncio e o estigma que a envolve." (Kofi Annan). É imperativo que se quebre o silêncio para acabar com a discriminação e para prevenir contágios. A crise do HIV/SIDA deve estar no centro das agendas educativas nacionais. O que pode ser feito para lutar contra o HIV/SIDA nas instituições educativas?

Glossário da Globalização

... *Um mundo mais pequeno – A Internet – FMI – Comércio – Manifestações violentas...*
O que é que lhe vem à cabeça quando ouve a palavra "Globalização"?

Temas	Globalização, Direitos Sociais, Educação
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta é uma actividade de procura de informação que envolve pensamento crítico sobre as manifestações, causas e consequências da globalização.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito ao trabalho. ▪ O direito a um nível de vida adequado, à saúde e ao bem-estar. ▪ O direito à educação.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Adquirir conhecimentos e perceber as manifestações, causas e consequências da globalização.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dicionários (pelo menos 4). ▪ Papel de tamanho A4 e A3. ▪ Fita-cola e tesouras. ▪ Canetas e marcadores de cores diferentes. ▪ Vários artigos impressos, revistas, panfletos, para a colagem. ▪ Acesso a fontes de referência (biblioteca, Internet). ▪ Fotocopiadora (opcional). ▪ Furador, corda, agrafador para juntar as páginas. ▪ Cola.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Junte toda a informação sobre a globalização que conseguir. Se necessário, use as ligações e as referências apresentadas na informação suplementar sobre a globalização (pág. 400). ▪ Reúna jornais, revistas, panfletos, brochuras, calendários e postais que possam ser usados para ilustração.

o exercício passo a passo

1. Explique que o objectivo desta actividade consiste na criação de um glossário ou de um ficheiro para pesquisa com termos, factos e personalidades associados à globalização.
2. Para aquecer, comecem com um jogo de "associação de palavras". Peça aos elementos do grupo que digam a primeira palavra que lhes vem à cabeça quando pensam em "globalização".
3. Depois façam uma reflexão em grupo sobre o que querem incluir no glossário. Por exemplo:
 - Definições e abreviaturas comuns como ATTAC, FMI, CCC.
 - As principais questões da globalização.

TEMAS



GLOBALIZAÇÃO



DIREITOS SOCIAIS



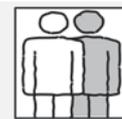
EDUCAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



90 MINUTOS

A lembrar

8 de Setembro
Dia Internacional da
Alfabetização

- Pessoas/personalidades ligadas à globalização e/ou a movimentos anti-globalização.
- Nomes, datas, locais de reuniões, *workshops*, conferências, etc.
- Empresas multinacionais e organizações internacionais implicadas.
- Ilustrações – fotografias e desenhos.
- Citações.

4. Mostre os materiais que arranjou e deixe bem claro que os participantes têm total liberdade para lerem o que quiserem e para serem criativos. Podem adoptar o grafismo que entenderem, assumindo a forma de um poster ou de um folheto, ou qualquer outro formato.
5. Divida os participantes em grupos de três ou quatro pessoas.
6. Quando todos tiverem terminado, peça a cada grupo para apresentar o seu trabalho em plenário.

Análise e avaliação

Comece por rever como decorreu a actividade. Os participantes gostaram de a realizar? Prossiga com uma pequena análise sobre o que foi aprendido.

- Qual foi a informação mais surpreendente? Porquê?
- As informações eram consistentes? Havia contradições ou erros?
- Quais são os prós e os contras da globalização?
- Deve-se/Pode-se evitar a globalização?
- Quais são as consequências da globalização?
- Vêem alguns efeitos da globalização no vosso dia-a-dia? Positivos ou negativos?
- Como pode a globalização promover os Direitos Humanos?
- Que papel podem as organizações juvenis desempenhar num mundo global?

Conclua a sessão regressando aos resultados da reflexão em grupo inicial e peça ao grupo que acrescente novas palavras e conceitos, aprendidos durante a actividade.

Dicas para o animador

É fundamental que apresente uma vasta gama de recursos para que os participantes se deparem com muita informação, que pode encontrar em revistas e artigos de jornais, livros, Internet, rádio, vídeos, posters, panfletos, brochuras e música.

Não se deve preocupar com a apresentação do documento final. O mais importante nesta actividade é a interacção entre os participantes e o processo de aprendizagem na procura e análise crítica da informação. Quando explicar a actividade, realce que os participantes devem conseguir explicar os conceitos o mais clara e concisamente possível.

Sugestões para aprofundamento

Se os participantes quiserem saber mais sobre a globalização e, acerca do modo como a Internet é utilizada na promoção dos Direitos Humanos, devem fazer a actividade "O Impacto da Internet".

1, 2, 3... Acção

Se estiver a trabalhar numa escola, o glossário produzido pela turma pode ficar como fonte de referência na biblioteca, disponível para todos. Já um grupo de jovens pode reunir toda a informação e fazer um poster do grupo.

ATTAC significa "Association for the Taxation of financial Transactions for the Aid of Citizens" (Associação para a Indexação de Transacções Financeiras para Ajuda aos Cidadãos).

IMF significa "International Monetary Fund" (FMI – Fundo Monetário Internacional).

CCC – "Clean Clothes Campaign" (Campanha Roupas Limpas).

Grandes Activistas

"É um ideal pelo qual se deve viver e lutar." Nelson Mandela

Temas	Direitos Humanos em geral, Meios de Comunicação Social, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	60 minutos
Sinopse	Esta actividade utiliza fichas informativas de forma a estimular o interesse pelos activistas dos Direitos Humanos. Os temas abordados são: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Repressão política. ▪ Activistas dos Direitos Humanos no século XX. ▪ A luta pelos direitos nos vários países.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Liberdade de opinião e de expressão. ▪ O direito a um julgamento justo. ▪ O direito à protecção contra a tortura.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer algumas personalidades que lutaram pelos Direitos Humanos em diferentes países. ▪ Desenvolver capacidades de tratamento e de organização da informação, e competências de cooperação para trabalhar em grupo. ▪ Promover o respeito, a responsabilidade e a curiosidade pelos Direitos Humanos.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Um conjunto de trinta cartas por grupo. ▪ Tesoura. ▪ Envelopes. ▪ Opcional: cola e cartão mais grosso para tornar as cartas mais resistentes.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organize a sala de maneira a haver espaço para trabalharem vários grupos. ▪ Fotocopie as fichas, de forma a ter um conjunto de cartas por grupo. ▪ Recorte o conjunto das 30 cartas, baralhe-as para não estarem todas seguidas e coloque-as dentro de envelopes. É importante manter os conjuntos separados!

o exercício passo a passo

1. Peça aos participantes para se dividirem em pequenos grupos (três ou quatro participantes em cada um), e distribua um envelope por grupo.
2. Peça-lhes para espalharem as várias cartas com a face virada para baixo.
3. Explique que as cartas têm informações sobre a vida de seis activistas dos Direitos Humanos. O objectivo do jogo é fazer a ligação entre a informação e o activista, construindo assim uma pequena descrição da cada pessoa.

TEMAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



60 MINUTOS

4. Explique que cada personagem é composta por um conjunto de cinco cartas (ou seja, uma carta A, uma B, uma C, uma D e uma E).
5. Peça a cada grupo para escolher uma carta, sucessivamente, até as cartas acabarem.
6. Dê-lhes uns minutos para que possam ler as cartas silenciosamente.
7. E depois deixe-os sozinhos. Cada grupo deve pensar nas suas próprias estratégias para construir o seu perfil e, para isso, vão precisar de 15 a 20 minutos.
8. Volte a reunir todos os participantes e peça a um representante de cada grupo para apresentar, pelas suas próprias palavras, uma das personagens. Prossiga com outro representante, até que todas as personalidades sejam apresentadas e todos os grupos possam verificar se juntaram as peças correctamente.

Análise e avaliação

1. O exercício foi acessível? Quais as estratégias utilizadas pelos diferentes grupos para ordenar as cartas?
2. De qual das personalidades já tinham ouvido falar e quais desconheciam? Por que é que algumas personalidades eram mais conhecidas do que outras?
3. Ficaram surpreendidos com alguma informação? O que é que consideraram mais impressionante?
4. Peça aos participantes para seleccionarem a citação com a qual mais se identificam: qual seria a sua reacção se tivessem estado (ou se tivessem sido colocados) na situação daquela pessoa?
5. O que é que as pessoas podem fazer?

Dicas para o animador

Há imensa informação disponível sobre cada uma destas personalidades e as pequenas biografias fornecidas oferecem apenas uma ténue (e subjectiva) perspectiva sobre o assunto. Há também centenas de outros activistas que poderiam constar desta lista - com os que aqui seleccionámos pretendemos apenas sensibilizar para a temática e desencadear o interesse.

Sugestões para desenvolvimento

Recomendamos que tente dar seguimento a esta actividade, encorajando os participantes a procurarem informação sobre outros activistas. Pretende-se que admirem as personalidades que, através da nossa história, contribuíram na luta pelos Direitos Humanos. O grupo pode até começar a sua própria galeria de activistas de Direitos Humanos. Os seis perfis propostos nesta actividade devem funcionar como ponto de partida: podem colar as fotos em pedaços de cartão, juntamente com as citações e as curtas biografias, e colá-las na parede da vossa sala. Pode pedir a cada membro do grupo para procurar mais informações e fotos de outros grandes activistas para adicionarem à vossa galeria. Os seis activistas que vos apresentamos são activistas históricos na área dos direitos civis e políticos, mas o melhor será alargar o leque e procurar activistas nas áreas económicas e sociais. Na sociedade civil, há diversos canais utilizados para exprimir opiniões e para lutar pelos direitos. Se quiser aprofundar este assunto, aconselhamos a actividade "Criar Laços" da página 115.

I, 2, 3... Acção

Procurem mais informações sobre os mais recentes activistas ou prisioneiros políticos – por exemplo, aqueles que a Amnistia Internacional nomeou como "Prisioneiros de Consciência". Escrevam uma carta ou organizem uma campanha para informar a sociedade civil sobre estes prisioneiros e para pressionar as pessoas certas para os libertarem.

Informação complementar

Sites úteis com informação sobre os activistas dos Direitos Humanos:

www.speaktruthtopower.org

www.universalrights.net/heroes

www.globalyouthconnect.org

www.hrw.org

A secção inglesa da Amnistia Internacional fez o seu próprio cartaz de grandes figuras defensoras dos Direitos Humanos, que pode ser encomendado através do web site: www.amnesty.org.uk.

A lembrar

10 de Dezembro
Dia dos Direitos
Humanos

FICHAS

Cartões para Análise

A

"Lutei contra a dominação branca e negra. Valorizei o ideal de uma sociedade livre e democrática onde todas as pessoas vivessem juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal pelo qual se deve viver e lutar por alcançar. Mas, caso seja obrigado, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer."

Nelson Mandela

A

"De certos encontros dolorosos, mas ao mesmo tempo reconfortantes, eu apercebi-me como é que das profundezas da imoralidade de repente se ouve alguém gritar "A culpa é minha". E como, dessa lamentação, o paciente recupera o direito a considerar-se um ser humano outra vez."

Evgenia Ginzberg

B

Nasceu numa vila perto de Umtata e foi eleito/a Presidente da República da África do Sul, nas primeiras eleições democráticas no país, quando tinha 76 anos. Até essa altura - e mesmo depois disso - a sua vida foi dedicada à

B

Nasceu em 1906 na Rússia e morreu em Moscovo em 1977. Trabalhou, discretamente, como professor/a e jornalista até que foi rotulado/a de terrorista pelo regime estalinista num falso julgamento. Passou 18 anos nos

C

luta contra o *apartheid*, o sistema racista utilizado pelo ex-governo branco para reprimir a maioria da população negra. Ele/a sofreu várias formas de repressão: foi banido/a de reuniões, forçado/a a esconder-se, e foi finalmente

C

campos de prisão siberianos sob condições horrendas porque se recusou a confessar outros de crimes que não cometera. Passou o primeiro ano numa cela solitária e húmida, proibido/a de se mexer, falar, cantar ou até mesmo de se deitar durante o dia. Mais tarde foi

D

preso/a, e sentenciado/a a prisão perpétua quando tinha 44 anos. Ele/a passou os seguintes 28 anos da sua vida atrás das grades, longe da sua família e dos seus filhos.

D

enviado/a para outro campo de prisão siberiano - o pior dos campos, de onde poucos saíam com vida - como castigo por ter ajudado um companheiro de prisão.



©MTI



©David King Collection

A

"Eu tenho um sonho - que um dia esta nação se erga e viva o verdadeiro significado da sua crença: "nós acreditamos que esta verdade é óbvia: que todos os Homens são criados iguais." Eu tenho um sonho - que os meus quatro filhos vão um dia viver numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele mas pela natureza do seu carácter." *Martin Luther King*

B

Nasceu em Atlanta, na Geórgia, em 1929, quando a lei exigia que os negros ocupassem lugares especiais nos autocarros, nos teatros e cinemas e que bebessem de fontes de água diferentes das dos brancos. Quando tinha 28 anos, co-fundou

C

uma organização de igrejas negras que encorajava marchas pacíficas, manifestações e boicotes contra a segregação racial. A organização participou num protesto em Birmingham, Alabama, onde centenas de crianças de cor

D

encheram as ruas para apoiar a causa. A polícia foi enviada para o local com cães, e bombeiros, com mangueiras de incêndio com muita pressão. Foi preso/a e encarcerado/a.



©MTI

A

"A não-violência é a maior força à disposição da Humanidade. É mais eficaz do que a arma de destruição mais poderosa alguma vez criada pelo engenho dos homens."

Mahatma Gandhi

B

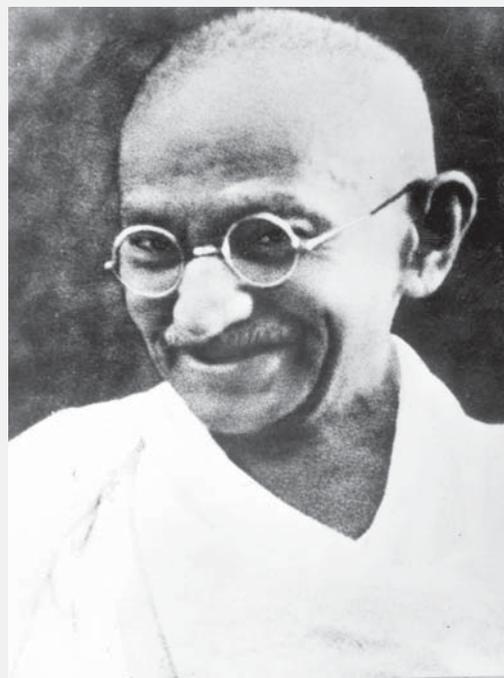
Nasceu em 1869. Filho/a de pais hindus, viveu em Gujarat quando a Índia ainda se encontrava sob o jugo do Império Britânico. Ele/a liderou a luta pela Independência, mas nunca se desviou da sua crença nos

C

protestos pacíficos e na tolerância religiosa, embora tenha sido preso/a e encarcerado/a em várias ocasiões. Quando os indianos agiram violentamente uns contra os outros ou contra o Rajá britânico, ele/a jejuou até que a violência acabou. Liderou uma marcha de 390 km pela Índia e

D

persuadiu os seguidores a aceitar a brutalidade da polícia e dos soldados sem retaliarem. Ele/a passou um total de 2338 dias da sua vida, incansavelmente dedicada à paz, na prisão.



©MTI

A

"Nós não estamos a tentar destruir ou aniquilar o regime militar; eles estão sempre a ameaçar aniquilar-nos, mas... o objectivo do nosso movimento é criar uma sociedade que ofereça segurança a todo o nosso povo, incluindo aos militares.

Daw Aung San Suu Kyi

A

"Ai de mim, envio esta triste canção que tenho na minha cabeça a todos aqueles que ajudam prisioneiros. Estes sentimentos nesta época sombria... Nunca esquecerei aquelas terríveis torturas. Que esta actual miséria na prisão nunca mais seja infligida a nenhum outro ser sensível." *Ngawang Sangdrol*

B

Nasceu em 1945 em Burma e era o/a filho/a do herói nacional assassinado na luta pela independência do domínio colonial. Tornou-se num/a líder popular na luta pela democracia contra

B

Ele/a é um monge/uma freira budista que acredita que o Tibete deve ser independente da China, e que foi preso/a pela primeira vez quando tinha dez anos pelas autoridades chinesas. O seu único crime foi participar numa

C

um regime militar cruel e quase foi assassinado/a por uma unidade do exército a quem deram ordens para lhe apontar as armas. Foi posto/a sob prisão domiciliária durante seis anos, sem que tivesse sido acusado/a de qualquer crime, e foi completamente isolado/a do mundo. Mesmo quando foi libertado/a, o governo

C

manifestação pacífica pela independência do Tibete. Voltou a ser preso/a quando tinha 15 anos e sentenciado/a a três anos de prisão. A sentença aumentou da primeira vez porque ele/a cantou uma canção de independência na prisão; e, outra vez mais tarde, e desta vez por oito anos, porque ele/a

D

não o/a deixou ver a sua/o seu mulher/marido moribundo. Em 2001, ele/a estava ainda confinado/a à sua residência, com acesso extremamente controlado e com as linhas telefónicas cortadas.

D

gritou "Libertem o Tibete" quando estava à chuva no pátio da prisão. Hoje tem problemas nos rins por causa das torturas de que foi vítima.



©Gamma Press



©Tibet Information Network

Heroínas e Heróis

Se os leões falassem, os caçadores nunca seriam os heróis.

Temas	Igualdade de Género, Discriminação e Xenofobia, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	60 minutos
Sinopse	Esta actividade envolve trabalho individual, em pequenos grupos e em plenário. Inclui também uma reflexão em grupo e uma análise sobre: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Heroínas e heróis como símbolos da socialização e cultura. ▪ Imagens estereotipadas de heroínas e heróis.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Igualdade na dignidade e nos direitos. ▪ O direito à liberdade sem distinção de género.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reflectir na História que nos é ensinada e apreciar as diferentes perspectivas nos eventos históricos que partilhamos e nas heroínas e nos heróis a eles associados. ▪ Analisar criticamente o significado dos heróis e das heroínas como modelos e o modo como os estereótipos crescem na nossa história, cultura e dia-a-dia.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Papel e canetas (Uma vermelha e uma azul por participante: opcional mas preferível). ▪ Bloco de cavalete e marcadores.

o exercício passo a passo

1. Dê cinco minutos aos participantes para pensarem em heróis ou heroínas que admiram particularmente (vivos ou já falecidos).
2. Distribua papel e canetas, e peça a cada participante para desenhar duas colunas. Numa primeira coluna, a vermelho, devem escrever o nome de três ou quatro heroínas com uma pequena descrição de quem foram e do que fizeram pelo seu país. No final da folha devem também escrever palavras-chave que descrevam as características pessoais das heroínas.
3. Na outra coluna, e com a caneta azul, façam o mesmo com o nome de três ou quatro heróis.
4. Depois peça aos participantes que se juntem em grupos de cinco a sete elementos para partilharem as suas opções, e escolherem quatro heroínas e quatro heróis que sejam merecedores do título.
5. Volte a reunir o grupo e escreva o nome dos seleccionados em duas colunas no cavalete. Anote também as palavras-chave que descrevem as características físicas dos heróis e das heroínas.

TEMAS



IGUALDADE DE GÉNERO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



60 MINUTOS

6. Discuta a lista de características e o papel dos heróis e heroínas como modelos e até que ponto estes exemplos podem ser considerados como estereótipos. Depois avance para a análise.

O quadro que se segue é um exemplo do que um grupo da Ucrânia produziu na fase dois

Heroínas	Heróis
Princesa Olha – primeira cristã em Kyiv Rus.	Príncipe Volodymyr Kyiv Rus (nome antigamente usado na Ucrânia) foi batizado.
Jovem mulher, Roxsalana, capturada pelos Turcos. Viveu no harém de khan. Usou a sua posição para influenciar políticas.	Hetman Mazepa – lutou pela independência.
Poetisa Lesya Ukrainka que escreveu sobre a identidade ucraniana e sobre a emancipação das mulheres.	Poeta Shevchenko – glorificou a liberdade.
forte astuta terna feminina poderosa bela	forte poderoso valente corajoso com forte personalidade determinado

Análise e avaliação

Comece por uma pequena revisão da actividade acerca do que os participantes aprenderam sobre heróis e heroínas. Depois fale dos estereótipos em geral e da forma como eles influenciam as percepções e as acções das pessoas.

- Que tipo de pessoas são consideradas heróis e heroínas? (Homens e mulheres comuns? Reis?) O que é que eles fizeram? (Lutaram? Escreveram poemas?) Onde é que os participantes ouviram falar deles?
- Quais foram as diferenças e as semelhanças entre as duas listas de características?
- Que valores representam os heróis e as heroínas? Esses valores são iguais para os dois géneros, ou há diferenças?
- O que é que as pessoas entendem por estereótipo? Quão verdadeiros são os estereótipos? E será que são sempre negativos?
- Será que vocês, individualmente, e a sociedade em geral, têm estereótipos e diferentes expectativas para homens e para mulheres?
- Os participantes sentem-se limitados por estas expectativas? De que forma?
- Será que a lista de características estabelecida reflecte traços que podem ser utilizados para descrever a vossa sociedade?
- Até que ponto as barreiras sociais e culturais são o resultado de ideias estereotipadas?
- De que forma os estereótipos baseados no género contrariam os Direitos Humanos?
- As expectativas estereotipadas são muitas vezes encaradas como barreiras, tanto para os homens como para as mulheres, que limitam as escolhas e opções na vida. Os participantes já foram vítimas dessas barreiras? Quais? Onde? Em casa, na escola, no grupo ou no trabalho?
- Que podemos fazer em relação a estas barreiras? Conseguem pensar em estratégias que nos libertem das normas culturais e dos valores da masculinidade e da feminilidade?

Dicas para o animador

Esta é uma actividade particularmente adequada a um cenário multicultural, pois o elemento cultural vai tornar-se relevante.

No ponto 5 do "exercício passo a passo", deve aceitar todas as sugestões apresentadas pelos grupos e escrevê-las no quadro. Se alguém sugerir termos como "feminino" ou "masculino", aceite-os e trabalhe-os na altura da avaliação para debater o significado dessas palavras.

Variantes

Quando estiver com um grupo de jovens, o melhor é usar outro tipo de heróis e heroínas, como por exemplo, as personagens das bandas desenhadas e de filmes, cantores/as, actores/actrizes ou desportistas. Pode começar a sessão a ler bandas desenhadas e depois fazer uma reflexão em grupo sobre as características das personagens. Ou então, pode pendurar posters de cantores/as ou desportistas e pedir aos participantes que acrescentem balões com falas ou desenhos. Se lançar a questão, "Quem são os seus heróis e heroínas?", sem impor limites, pode ter algumas surpresas interessantes que podem animar o debate.

Sugestões para aprofundamento

Se o grupo estiver interessado nos heróis e heroínas dos Direitos Humanos, faça a actividade "Grandes Activistas".

1, 2, 3... Acção

Comprometam-se a estar mais atentos aos estereótipos no dia-a-dia, especialmente àqueles que vos podem levar a preconceitos, tanto dos outros, como também (se bem que inadvertidamente!) vossos.

Informação complementar

Um estereótipo consiste numa generalização, em que as características de uma parte do grupo são alargadas ao grupo por inteiro. Por exemplo: os italianos adoram ópera, os russos adoram ballet, os jovens que se vestem de cabedal e que conduzem motos são perigosos e as pessoas que são negras vêm de África.

Pode surgir também alguma confusão relativamente às palavras sexo e género. Sexo refere-se às diferenças biológicas entre o homem e a mulher, diferenças essas que são universais e inalteráveis. Género refere-se aos atributos sociais que são aprendidos ou adquiridos através da sociedade, enquanto membro de uma determinada comunidade.

Assim, género diz respeito aos atributos adquiridos pela sociedade: papéis, actividades, responsabilidades e necessidades relacionadas com o ser homem (Masculino) e com ser mulher (Feminino), numa dada sociedade, numa determinada altura, e como membro de uma comunidade específica dentro dessa sociedade.

Fonte: Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), Programa Género em Desenvolvimento: Pack de informação e aprendizagem, Programa e tópicos introdutórios do projecto correntes de género, Janeiro, 2001.

A lembrar

8 de Março

Dia Internacional da Mulher

3 de Novembro

Dia Mundial do Homem

Horóscopo da Pobreza

Consegue prever o futuro? O que é que o próximo ano vai reservar à Amina ou à Misha?

TEMAS

 POBREZA

 GLOBALIZAÇÃO

 DIREITOS SOCIAIS

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
 NÍVEL 3
 NÍVEL 2
 NÍVEL 1

NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO

 15-21

DURAÇÃO

 60 MINUTOS

Temas	Pobreza, Globalização, Direitos Sociais
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	15-21
Duração	60 minutos
Sinopse	Esta actividade associa o conhecimento à criatividade para explorar questões relacionadas com as consequências da pobreza e com as oportunidades que são negadas aos pobres.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à alimentação e a uma habitação condigna. ▪ O direito à saúde. ▪ O direito ao trabalho.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reflectir não só sobre a falta de oportunidades das pessoas carenciadas, mas também sobre as dificuldades que estas pessoas têm em aproveitar as poucas possibilidades que lhes são apresentadas. ▪ Compreender o ciclo vicioso da pobreza. ▪ Promover a justiça social, a dignidade humana e a responsabilidade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 12 Cartas de Horóscopo. ▪ 12 Cartas de Vida. ▪ Uma folha de papel para cada participante. ▪ Uma folha grande de papel ou um quadro. ▪ Marcadores ou giz. ▪ Fita-cola.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie as cartas do horóscopo e da vida e recorte-as. ▪ Junte quatro cartas da vida com o horóscopo correspondente em três conjuntos. Guarde cada conjunto num envelope para que não se misturem.

O exercício passo a passo

1. Faça uma pequena introdução à actividade. Fale brevemente sobre os horóscopos em geral. Os participantes costumam ler horóscopos? E acreditam no que lêem? Que tipo de informação é que nos costumam fornecer?
2. Divida o número de participantes em três grupos e entregue a cada um o envelope com os conjuntos das cartas da vida e horóscopos.
3. Os grupos têm 20 minutos para inventar o horóscopo das quatro cartas da vida que lhes foram dadas. Devem usar a imaginação, a intuição e mesmo o senso comum para prever o que irá acontecer a essas pessoas no próximo ano. Não se esqueça de os avisar que nesta actividade não há respostas certas ou erradas, mas que os participantes

devem tentar fazer previsões que estejam dentro dos limites da realidade.

4. Quando tiverem terminado chame-os para o plenário. Cada grupo, na sua vez, deve apresentar o trabalho que realizou: primeiro, apresentar as personagens, lendo as cartas da vida e, depois, ler os horóscopos por eles imaginados.
5. No final, cole os cartões numa folha de papel para fazer uma tabela (não se esqueça de que a folha tem de ser grande!)

Análise e avaliação

Inicie a análise perguntando a cada grupo como é que decidiram o futuro de cada uma das personagens. Tente, com a ajuda deles, definir pobreza e discutir as consequências da mesma.

▪ Que imagens vêm logo à cabeça quando pensamos em pessoas carenciadas? E quais as diferenças entre o nosso próprio país e os países em desenvolvimento? São estereótipos? As imagens correspondem à realidade? Onde é que as pessoas vão buscar essas informações?

▪ Como é que os participantes definem pobreza?

▪ Uma pessoa pode ser considerada "rica" num país e "pobre" noutro? Ou seja, a pobreza é relativa?

▪ Na vossa sociedade, por que é que algumas pessoas são ricas e outras são pobres?

▪ Quais são as formas de escapar à pobreza, tanto no vosso país como na Eritreia, que é um dos países mais pobres do mundo? Ter um tio rico? Ganhar a lotaria? Ter educação? Ser saudável? Conhecer as pessoas certas? Trabalhar muito? E que mais?

▪ Será que é fácil para as pessoas pobres libertarem-se desse círculo de pobreza? Ou melhor, se uma pessoa nasce numa família pobre, qual é a probabilidade de continuar pobre quando for adulto?

▪ Que tipo de oportunidades têm as pessoas ricas?

▪ Que tipo de oportunidades têm as pessoas pobres?

▪ As pessoas têm culpa de serem pobres? Será que é simplesmente o destino? Será que a culpa é das forças sociais, políticas e económicas?

▪ A pobreza anda normalmente de mãos dadas com a fome, má nutrição, saúde precária, falta de instrução, falta de habilitações e desemprego. Será coincidência ou estão mesmo relacionadas? Se sim, quais são as relações?

▪ De uma forma geral, como é que as pessoas tratam/vêem os pobres?

▪ Que tipo de programas políticos e sociais originam um maior número de oportunidades de vida para todos os cidadãos?

▪ Até que ponto a educação é uma chave fundamental na redução da pobreza no vosso país?

▪ Na maioria dos países do mundo, o fosso entre os ricos e os pobres continua a aumentar. O abismo entre os vários países está também a aumentar. Que consequências trará para a Europa?

▪ Será que esse aumento é grave? Se os participantes acharem que sim, então quem tem a responsabilidade de reduzir esse fosso?

▪ O que é que indivíduos, grupos, comunidades locais e países podem fazer para diminuir esse abismo?

Dicas para o animador

Explique aos participantes que este horóscopo tem como objectivo dar asas à imaginação e que não é, de todo, necessário que eles sejam astrólogos ou tenham conhecimentos sobre as características normalmente atribuídas aos signos do Zodíaco. Devem sim prestar atenção aos

A lembrar**17 de Outubro**

Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza

detalhes que lhes são fornecidos nas histórias de vida e usar a sua cultura geral e os seus conhecimentos de história, economia e sociologia. No item "Amor", devem ter em atenção, e referir, não só pormenores para a vida amorosa da personagem, como também o relacionamento com a família e com os amigos.

Variantes

Pode adaptar e substituir as histórias, por outras que considere mais interessantes ou mais apropriadas, ou até mesmo por casos reais que conheça, ou dos quais tenha ouvido falar, dentro da comunidade ou região onde se vivem.

Sugestões para aprofundamento

As mulheres são frequentemente o ganha-pão da família, quer porque são mães solteiras ou porque o seu parceiro está desempregado. No entanto, elas são normalmente discriminadas no seu local de trabalho e, se faltar o apoio social, torna-se muito complicado trabalhar e manter uma família. Se o grupo estiver interessado em explorar alguns destes tópicos, tente abordar a actividade "Trabalho ou Filhos?" da página 266.

1, 2, 3... Acção

Ofereçam-se como voluntários a uma ONG ou a uma Associação que esteja a trabalhar para tentar criar oportunidades para pobres. Podem tentar localizar um grupo e descobrir quais são as suas necessidades, e depois é só desenvolver um projecto para angariar fundos.

FICHAS**Cartas de Vida**

Maria, mãe solteira com três filhos, vive numa zona muito pobre da Ilha da Madeira, Portugal. O seu último companheiro acabou de abandoná-la. Trabalha para uma família rica como empregada, mas por quanto tempo? Alguém roubou um anel da senhora, que suspeita das criadas domésticas. Como não conseguem descobrir quem roubou o anel, todas as empregadas vão ser despedidas. Maria é **Capricórnio**.

Amina é da Turquia. Vive numa pequena aldeia numa das mais pobres regiões do país. Tem 12 anos e os seus pais - aldeões muito pobres - falam já em arranjar-lhe um marido. Mas ela não quer casar-se e, por isso, decidiu fugir de casa para a capital, onde espera conseguir um futuro melhor. Amina é **Gémeos**.

Misha é de Tornsk, na Sibéria. Está desempregado há vários meses e não sabe o que fazer. A sua mulher está muito doente e tem de ficar na cama o dia todo. Tem quatro filhos com 20, 18, 10 e 8 anos, e os dois mais novos são portadores de deficiência. Misha é **Virgem**.

Yuriy vive com os pais e três irmãos mais novos em Tornsk, na Sibéria. Tem 20 anos e é jogador de hóquei no gelo com uma carreira promissora. O tio, que vive na América, ofereceu-se para arranjar uma bolsa de estudo para que ele possa ir estudar para lá. O pai de Yuriy, Misha, está desempregado há vários meses e, por agora, a única fonte de rendimento da família são os pequenos trabalhos de Yuriy. Yuriy não sabe o que fazer. A mãe está muito doente, os dois irmãos mais novos são portadores de deficiência e a família depende dele. Yuriy é **Caranguejo**.

Bengt é um jovem *skinhead* sueco. Já foi preso duas vezes este ano por comportamento violento. Está desempregado há dois anos e, apesar disso, continua a rejeitar as ofertas que lhe têm sido feitas. Prefere passar o tempo a treinar o cão – um *pitbull terrier* –, a exercitar-se no ginásio e a passear nas ruas com os seus amigos, que estão ligados a vários incidentes racistas nos últimos tempos. Bengt é **Carneiro**.

Ricardo vive sozinho em Barcelona, Espanha, num pequeno apartamento que mal pode pagar. Há muito tempo que está doente e que vive dos subsídios da segurança social do Estado. Antes ia ganhando algum dinheiro com pequenos trabalhos. A mulher dele fugiu e levou os filhos com ela quando soube que ele tinha SIDA. Ricardo é **Balança**.

Abdoul saiu da Mauritânia há muitos anos, para ir procurar emprego na capital francesa, Paris. Passou os primeiros anos sozinho, mas depois conseguiu trazer a mulher, os quatro filhos e os pais. Vivem todos juntos num apartamento num bairro pobre de Paris. Durante uns tempos as coisas correram bem, especialmente quando a mulher deu à luz gémeos. No entanto, tem sido muito difícil educar as crianças de acordo com as tradições da Mauritânia. Os gémeos têm agora 12 anos. Têm tido muitos problemas na escola e, muitas vezes, recusam-se a obedecer aos pais. Recentemente, Abdoul perdeu o emprego por causa da crise económica. Abdoul é **Leão**.

Os gémeos, **Moktar** e **Ould** nasceram em Paris, França. São os filhos de Abdoul, um trabalhador imigrante, que veio da Mauritânia. A sua família – pais, quatro irmãos mais velhos e avós – vive num apartamento num bairro pobre de Paris. Os gémeos têm 12 anos e muitos problemas na escola. Recusam-se a estudar, faltam às aulas muitas vezes para passear com os amigos nos subúrbios de Paris e recusam-se a obedecer aos pais, com quem discutem imenso e, muitas vezes, de forma violenta. Os relatórios da escola mostram que eles estão a ficar cada vez mais violentos. Moktar e Ould são **Aquário**.

Krista, 20 anos, paga a renda de um apartamento exíguo num subúrbio pobre de Praga e sonha ir viver para a Alemanha. Leu um anúncio de oferta de emprego em Berlim. Telefonou e encontrou-se com um senhor que lhe prometeu tirá-la da miséria, dizendo-lhe que facilmente arranjará emprego em Berlim. Ela decidiu acreditar no senhor, arriscar e ir para a Alemanha. Krista é **Sagitário**.

Jane é uma viúva já idosa que vive na Escócia. O marido era alcoólico e raramente trabalhava. Sobrevive com uma pensão do Estado irrisória, mas agora precisa de algum cuidado acrescido visto que a sua saúde está a piorar. Jane é **Peixes**.

Bella vive com a irmã, Angélica, em Palermo, na Itália. Os pais morreram quando elas tinham 16 e 17 anos, o que significa que tiveram de desistir da escola e começar a trabalhar para se sustentarem. Agora têm 22 e 23 anos. Bella tem dois empregos: trabalha na restauração durante o dia e como empregada de limpeza no hospital durante a noite. Também tem a irmã a seu cargo, que é toxicod dependente. Bella recusa-se a abandonar a irmã, pois sabe quanto ela sofreu às mãos do pai, que era muito violento. Bella tem problemas com o seu temperamento, pois tem dificuldades em controlar-se, o que já fez com que perdesse o emprego duas vezes. Bella é **Touro**.

Angelica vive com a irmã, Bella, em Palermo, na Itália. Os pais morreram quando elas tinham 16 e 17 anos, o que significa que elas tiveram de desistir da escola e começar a trabalhar para se sustentarem. Agora têm 22 e 23 anos. Bella tem dois empregos e também toma conta de Angelica, que é toxicod dependente. Angelica rouba, frequentemente, o salário da irmã para comprar drogas. Já se conseguiu livrar das teias da droga, mas acaba sempre por voltar, pois é muito difícil para ela controlar a sua dependência. Angelica é **Escorpião**.

CARTÕES DE HORÓSCOPO

<p>Carneiro (Bengt) (21 Março-21 Abril)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Balança (Ricardo) (23 Setembro-22 Outubro)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>
<p>Touro (Bella) (22 Abril-21 Maio)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Escorpião (Angelica) (23 Outubro-22 Novembro)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>
<p>Gêmeos (Amina) (22 Maio-21 Junho)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Sagitário (Krista) (23 Novembro-21 Dezembro)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>
<p>Caranguejo (Yuriy) (22 Junho-22 Julho)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Capricórnio (Maria) (22 Dezembro-20 Janeiro)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>
<p>Leão (Abdoul) (23 Julho-22 Agosto)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Aquário (Moktar e Ould) (21 Jan-19 Feb)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>
<p>Virgem (Misha) (23 Agosto-22 Setembro)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>	<p>Peixes (Jane) (20 Fevereiro-20 Março)</p> <p>Amor</p> <p>Trabalho</p> <p>Saúde</p>

Joga o Jogo!

"A vida é como um jogo de cartas onde Deus baralha, o diabo dá e nós temos de jogar os nossos trunfos."

Provérbio Jugoslavo

Temas	Desporto, Paz e Violência, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	10-15
Duração	45 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa simulação baseada num jogo bem conhecido pelos intervenientes, quer seja de cartas ou de tabuleiro, mas nem sempre todos os jogadores jogam sem batota. Esta actividade aborda questões relacionadas com conflitos e com a resolução dos mesmos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a participar nos processos de tomada de decisão. ▪ Igualdade em dignidade e direitos. ▪ O direito a um tratamento legal justo.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver conhecimentos sobre o modo de identificar um problema e as suas causas. ▪ Desenvolver capacidades de resolução de conflitos. ▪ Promover participação, cooperação e respeito pelos outros.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Um baralho de cartas normal, ou outro tipo de cartas, por exemplo, o baralho do "Uno". ▪ Cartões com a descrição dos papéis.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leia a informação sobre a resolução de conflitos fornecida e tire todas as dúvidas sobre o processo. ▪ Copie os cartões. ▪ Escolha um jogo que seja simples e fácil de adaptar para que possa ser jogado em cerca de 20 minutos. Pode ser um jogo de cartas (o jogo do burro ou uma ronda de sueca), ou um jogo de tabuleiro (como o "Monopólio", o "Trivial" ou o "Pictionary"), ou até uma partida de bilhar. O jogo deve poder ser jogado por 8 pessoas. Deve tratar-se de um jogo onde seja fácil fazer batota. ▪ Discretamente, escolha quatro participantes, um de cada vez, para que desempenhem um papel especial na actividade. Explique a simulação, entregue um dos cartões a cada um desses participantes especiais e avise-os de que o papel que irão representar deve ser mantido em segredo.

TEMAS



DESPORTO



PAZ E VIOLÊNCIA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



10-15

DURAÇÃO



45 MINUTOS

O exercício passo a passo

1. Chame os participantes e pergunte-lhes se não querem juntar-se a um jogo de cartas ou a um jogo de tabuleiro (conforme o que tiver escolhido!).
2. Certifique-se de que todos conhecem as regras do jogo e, em caso negativo, reveja as regras com o grupo (não precisa de ir ao ínfimo detalhe das mesmas...). Se o grupo for muito grande, divida o número de participantes e organize vários jogos ao mesmo tempo (se isso acontecer vai precisar da ajuda de mais animadores).
3. Dêem início ao jogo e joguem enquanto tiverem tempo para o fazer. Deixe que os próprios jogadores desenvolvam o processo de mediação. Deve intervir apenas no caso de os jogadores não estarem a tomar a iniciativa ou se as coisas estiverem a aquecer. Nesse caso, deve fazê-lo de forma estratégica e, se possível, entre duas rondas do jogo.
4. Quando o jogo tiver terminado, dê algum tempo aos participantes para acalmarem e avance para a análise.

Análise e avaliação

Partindo do pressuposto de que já passaram por várias fases de discussão durante as tentativas de conciliação, falem sobre o que os participantes acharam da actividade e do que aprenderam sobre mediação e processos de resolução de conflitos.

- Gostaram da actividade? O que é que se passou durante o jogo?
- Quatro dos participantes desempenharam papéis especiais. Quem eram e que papel representaram?
- O que é que se passou quando alguém interrompeu o jogo pela primeira vez? Peça a cada jogador para relatar o que viu e o que fez.
- Como surgiram as ideias para resolver os problemas? E como foram aplicadas?
- O papel do animador como mediador foi frustrante? E se ele tivesse batido o pé em relação às regras do jogo?
- Os participantes conseguem identificar os passos do processo de resolução de conflitos?
- Na vida real, quais os prós e os contras de tentar resolver os problemas através da negociação em vez de tomar decisões?

Dicas para o animador

Se os jogadores estiverem a tentar desenvolver meios para a resolução de um conflito, deixe-os avançar com o mínimo de intervenção possível! Afinal de contas, esse é o objectivo da actividade e se o conseguirem sozinhos, tanto melhor! Se isso não acontecer, certifique-se de que avalia as abordagens que seguiram, durante a análise.

Ao longo do jogo, tente encaminhar os participantes para encontrarem as suas próprias estratégias e soluções, tendo em conta o processo de resolução de conflitos, ou de negociação com princípios, como às vezes é denominado. Há três passos fundamentais:

1. Tomar consciência do conflito
 - *Não discutir pontos de vista* (ou nesse caso, não discutir sobre quem está certo ou errado).
 - *Identificar o problema* (clarificar o que aconteceu).
 - *Dissociar a pessoa do problema* (não deixe os jogadores insultarem-se, foquem antes o problema).

2. Diagnosticar o que está mal e procurar soluções possíveis.
 - *Focar os interesses e não as posições*; ou seja, procurem pontos comuns (Eles querem jogar o jogo ou não?)
 - *Inventem opções que sejam vantajosas para todos*. Proponham soluções justas para todos e que satisfaçam toda a gente (por exemplo, façam mais uma ronda ou sugira as seguintes questões: Não seria mais útil clarificar as regras? Não será necessário discutir o assunto? Será que devíamos estipular sanções? Alguém tem mais ideias?)
3. Aplicar as soluções apropriadas.
 - *Insistir nos critérios objectivos* (neste caso, seria a definição de regras e sanções).
 - *Participação*. Certifique-se de que os grupos envolvidos na disputa participam e responsabilizam-se pela resolução dos problemas. A probabilidade de as soluções impostas funcionarem é muito pequena; será preferível que as pessoas se envolvam na procura de soluções convenientes para todos.

Tenha atenção ao facto de que, embora o processo de resolução de conflitos esteja dividido em três passos, na prática é muito difícil distingui-los e, portanto, é normal que se sobreponham.

Não se assuste com o nível das capacidades necessárias para animar esta actividade: não é imprescindível que tenha formação em resolução de conflitos, nem tão pouco que tenha conseguido resolver todos os conflitos em que já se envolveu! Uma forma de ajuda é pensar na sua experiência! Pense em algumas das suas experiências pessoais conflituosas. Reflecta em relação ao que se passou e tente analisar as situações de acordo com os três passos descritos.

Os papéis distribuídos funcionam melhor se os redefinir de acordo com o jogo que vão jogar.

Variantes

Se o grupo for superior a 15 pessoas, o melhor será dividi-lo em três ou quatro grupos mais pequenos para que todos possam jogar. No entanto, aconselhamos que tenha mais animadores a trabalhar consigo! Pode também ir mudando os jogadores de ronda em ronda, o que adicionará mais dinâmica ao jogo e tornará mais difícil a detecção dos jogadores com os papéis secretos.

Como alternativa, organize o grupo de modo a que uns joguem e os outros observem. Estes podem ser apenas observadores e comentar o jogo na altura da análise, ou podem ser mediadores, e, nesse caso, vão precisar de alguns conselhos seus sobre a forma como devem mediar. De qualquer forma, certifique-se de que não fica com demasiados observadores.

Sugestões para aprofundamento

Se o grupo quiser pôr em prática a sua capacidade de negociação fundamentada em princípios, desenvolvam a actividade "Que Todas as Vozes Sejam Ouvidas" da página 232, que trata exactamente do estabelecimento de estruturas representativas numa organização, por exemplo, numa escola ou num conselho de uma associação.

1, 2, 3... Acção

Insista na mudança a nível pessoal. Encoraje os participantes a lembrarem-se dos três passos para a resolução de conflitos quando se virem envolvidos numa disputa - qualquer que seja a escala da mesma, ou com quem quer que seja (pais, professores ou amigos). De tempos a tempos, partilhem as vossas experiências e analisem os progressos do desenvolvimento das capacidades dos participantes.

A lembrar **Informação complementar**

1.º sábado de Julho
Dia Internacional da
Cooperação

Os conflitos podem acontecer a todos os níveis da actividade humana, desde o pessoal ao nível internacional.

A resolução de conflitos é uma abordagem pluralista baseada na partilha de problemas mútuos entre as partes envolvidas. A resolução do conflito implica abordar as raízes do próprio conflito, alterando o comportamento – para que deixe de ser violento –, alterando as atitudes – para que deixem de ser hostis, – e alterando as estruturas – para que deixem de ser exploradoras. Este termo pode designar tanto o processo (ou a intenção) de fazer valer estas alterações, como também o objectivo do mesmo.

O processo de resolução de conflitos está pensado de forma a, em primeiro lugar, difundir a energia emotiva negativa que separa as duas partes e, em segundo lugar, capacitar as partes para a compreensão e resolução das suas diferenças de forma a encontrar ou criar soluções aceites por ambas, que vão de encontro às causas dos conflitos. Nos últimos anos, alguns especialistas começaram a utilizar a expressão "transformação do conflito" para designar as dimensões culturais, relacionais e estruturais da resolução do mesmo. Assim, a "transformação do conflito" pode ser vista como o nível mais profundo de mudança no processo de resolução de conflito.

Podem descobrir mais sobre o desenvolvimento das capacidades para a resolução de conflitos na página www.brad.ac.uk/acad/confres, incluindo um curso autodidacta que é fácil, gratuito e de excelente qualidade. O livro *Getting to yes (Chegar ao sim)* de Roger Fisher e William Ury (publicado pela Arrow books, em 1987) é um clássico, sendo de leitura fácil e divertida.

Um Conflito define-se do seguinte modo: Desacordo ou incompatibilidade de objectivos entre diferentes pessoas ou grupos. Deriva do Latim *conflictus*, que significa "lutar juntos"; é utilizado para indicar tanto um processo como um estado. "O conflito envolve lutas entre duas ou mais pessoas por causa de valores, ou competição por causa do status de poder ou por causa da escassez de recursos." (Moore, 1986).

A resolução de conflitos é baseada na cooperação.

A cooperação encontra-se essencialmente fundamentada nas percepções subjectivas e o seu objectivo a longo prazo consiste em: eliminar as causas do conflito, melhorar a comunicação, gerar situações de onde todos saiam vencedores sem ser necessário o recurso à coerção.

FICHAS**Cartões****O que decide as regras**

A sua função consiste em inventar novas regras para o jogo. Note que não são regras que discuta e acorde com os outros jogadores – você simplesmente começa a ditar as regras! Geralmente estas regras são, claro, para o seu próprio benefício!

As regras criadas podem ser mais ou menos importantes, mas deve insistir e continuar a afirmar que essas são as regras do jogo e nem acredita que mais ninguém as conheça!

Pode, por exemplo, e dependendo do jogo, inventar uma regra que desqualifique o jogador, atrasando a sua vez de jogar, ou então, uma regra que diga que quem jogar o 6 de ouros ou conseguir atirar um 1 no dado, pode jogar outra vez ou ganha um bônus!

O acusador

Você é aquele que interrompe o jogo acusando os outros de não estarem a jogar de acordo com as regras. Dependendo do jogo, pode acusar as pessoas de demorarem demasiado tempo quando chega a sua vez, ou de não baralharem bem as cartas – o que entender.

O que gosta mesmo é de agitar as coisas. Uma discussão vem mesmo a calhar e, para isso, é só apontar o dedo a pessoas que estejam inocentes!

O batoteiro

Você está sempre a fazer batota, tira uma carta a mais aqui e ali, conta mais pontos para si e menos para os outros..

Tente começar a fazer batota de forma discreta, e espere um pouco antes de tornar as coisas mais óbvias e conflituosas. No início deve negar todas as acusações que lhe forem feitas, mas, à medida que o jogo se desenvolve, terá de adaptar o seu papel de acordo com as discussões e com as resoluções que tiverem sido tomadas durante o processo de resolução de conflitos.

O mau perdedor

Antes de mais, tem de se certificar de que não ganha o jogo, e para isso jogue mal em todas as rondas! No entanto, deve desempenhar o papel da personagem que gosta de ganhar! Quando não ganhar, deve ser muito mau perdedor... Fica louco, diz coisas e tem atitudes que fazem com que aqueles que realmente ganharam se sintam mal (pode, por exemplo, atirar com as cartas ao ar ou começar a gritar).

Jogos de Imagens

Uma imagem vale mais que mil palavras e a máquina fotográfica não mente – ou será que sim?

TEMAS

 DIREITOS HUMANOS EM GERAL

 MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

 DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

 NÍVEL 1

TAMANHO DO GRUPO

 INDIFERENTE

DURAÇÃO

 30 MINUTOS

Temas	Direitos Humanos em geral, Meios de Comunicação Social, Discriminação e Xenofobia
Grau de complexidade	Nível I
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	30 minutos
Sinopse	O trabalho com imagens é extremamente criativo e divertido. Logo, este tipo de actividades é ideal para "quebrar o gelo", enquanto se reforça o conhecimento sobre os assuntos focados. Por exemplo: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Estereótipos. ▪ Interpretação individual do mundo. ▪ Como as imagens podem ser utilizadas para informar e desinformar.
Direitos relacionados	▪ Todos. Depende das imagens seleccionadas e dos assuntos que preferir abordar.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar sobre a importância dos Direitos Humanos no dia-a-dia. ▪ Desenvolver as capacidades de ler e escrever, e também as capacidades de ouvir e comunicar. ▪ Promover empatia e respeito pela dignidade humana.

I. O que é que consegue ver?

Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Um conjunto de imagens. ▪ Cartão, cola, plástico autocolante (opcional). ▪ Quadro, folhas A3 e marcadores. ▪ Uma tabela com os artigos da DUDH.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Selecciona um conjunto de 25 imagens com pessoas de diferentes nacionalidades em diferentes cenários. ▪ Cole as imagens no cartão e plastifique-as para que fiquem mais resistentes (opcional). ▪ Numere as imagens.

o exercício passo a passo

1. Distribua as imagens pelas várias mesas da sala.
2. Peça aos participantes para trabalharem individualmente.

3. Leia em voz alta um dos artigos da DUDH e escreva-o no quadro.
4. Peça aos participantes para olharem com atenção para as imagens e para escolherem a que melhor representa o artigo que acabaram de ouvir ler.
5. Peça a cada participante para revelar a imagem seleccionada e para explicar o porquê da escolha.
6. Tome nota das imagens seleccionadas escrevendo o número no quadro.
7. Faça quatro a cinco rondas com diferentes artigos da DUDH (Selecione direitos políticos, civis, sociais e económicos).

Análise e avaliação

Comece por rever a actividade em si e depois faça uma pequena avaliação dos conhecimentos adquiridos.

- Foi difícil escolher imagens que representassem os diferentes direitos? Foram seleccionadas várias imagens, ou acharam que uma ou duas imagens representavam os vários direitos enumerados?
- As mesmas imagens foram escolhidas por diferentes participantes em diferentes rondas, ou será que as pessoas têm ideias muito distintas sobre o que melhor representa os diferentes direitos? O que é que isto nos mostra em relação à forma individual que cada um de nós tem de ver o mundo?
- Olhem para a lista no quadro. Que fotografias foram mais vezes seleccionadas? O que é que elas têm de especial? Por que é que essas foram mais vezes seleccionadas? O tamanho e as cores também tiveram peso na decisão, ou só interessava o que a imagem representava?
- Houve alguma imagem que tenha sido seleccionada para representar diferentes direitos?
- Houve alguém que não tenha concordado com a interpretação de um colega?
- Houve alguma imagem que nunca tenha sido seleccionada? E se olharem agora para ela, conseguem decifrar qual o direito humano que ela pode representar? Os participantes devem explicar o porquê das suas escolhas.
- Conheciam todos os direitos abordados nesta actividade? Se não, quais os que não conheciam?
- Como é que os meios de comunicação social utilizam as imagens para o bem e para o mal? Escolham um exemplo de um acontecimento actual e analisem a forma como foi apresentado nos jornais e na televisão. Como é que os Direitos Humanos relacionados foram apresentados?

Dicas para o animador

Uma fotografia em particular pode ser escolhida várias vezes numa ronda, ou em várias rondas. Por outras palavras, pode representar o mesmo artigo para as mesmas pessoas, ou pode representar diferentes artigos para diferentes pessoas.

Para mais informações sobre como reunir o seu próprio conjunto de fotos, veja o capítulo "Como utilizar o Farol" na página 42. Pode coleccionar fotografias de revistas, de panfletos de agências de viagens, calendários velhos e postais. Certifique-se de que as imagens não têm legendas, mas não se esqueça de tomar as notas que achar necessárias atrás para que possa responder a qualquer pergunta relativa à foto. As imagens devem ser o mais abrangentes possível e mostrar uma grande variedade de aspectos da "vida na terra". Assim, deve inserir imagens de indivíduos e

de grupos, jovens e idosos, culturas e profissões. Deve ainda incluir fotografias em cenários campestres e citadinos, industriais e agrícolas, pessoas a desenvolver várias actividades, seja de trabalho ou de lazer. Quando as estiver a numerar tente não impor uma ordem. O objectivo dos números é apenas para que as consiga identificar mais rapidamente.

A necessidade da sua orientação aquando da análise das fotos vai depender do grupo e das aptidões de "instrução visual" que os participantes possuem. Aconselhamos que comece a actividade por analisar uma ou duas imagens em conjunto com o grupo. As questões que sugerimos na secção "Informação Suplementar" podem ser utilizadas como guia.

Variantes

Pode também pedir aos participantes que escolham a fotografia que para eles melhor representa o conceito de Direitos Humanos. Quando todos tiverem escolhido a sua foto, devem explicar a escolha.

Sugestões para aprofundamento

Peça máquinas fotográficas emprestadas, ou compre das descartáveis, quando estiverem em saldos, e, na sua localidade, organize um projecto com fotos: "Perspectivas sobre Direitos Humanos".

As imagens não provêm só de fotografias mas também de situações e acontecimentos. Convide o grupo a "sentir" a discriminação, com a actividade "Dê um Passo em Frente!" da página 122.

1, 2, 3... Acção

Exponha as fotografias tiradas no projecto "Perspectivas sobre Direitos Humanos". Em alternativa, desenvolva algumas das ideias para posters sugeridas na actividade "Jogos de Imagens" da página 166 e utilize-os para uma exposição.

Informação complementar

Saber "ler" imagens é uma aptidão que deve ser aprendida e desenvolvida. Fala-se de instrução, ou seja, da capacidade de reconhecer as letras do alfabeto e de ler a palavra impressa. Mas o termo implica muito mais do que isso. Também se refere à capacidade de analisar, compreender e interpretar o texto como um todo. Da mesma maneira, algumas pessoas falam de "instrução visual" para descrever as capacidades necessárias para "ler" uma imagem. Para saber "ler" uma imagem deve-se sempre perguntar quem a fez e por que razão a fez daquela maneira - quais foram os seus motivos? Também se deve ter em atenção o impacto emocional de uma foto e o modo como pode afectar a atitude em relação ao sujeito/objecto. Sugerimos que levantem as questões que se seguem enquanto observam as fotos dos "Grandes Activistas" da página 147.

O sujeito: quem, o quê, onde e quando?

- Quem é a pessoa da foto? Qual a sua idade, sexo, saúde, riqueza ou estatuto social?
- O que é que a sua postura e expressão facial me dizem?
- O sujeito sabe que está a ser fotografado? Está a posar para a foto, ou é uma foto natural?
- Como é o ambiente da foto? Está em harmonia com a pessoa ou contrasta com ela?
- O que é que está a fazer? É uma actividade normal ou especial?

- Qual é a impressão geral com que se fica da pessoa? Positiva, negativa, simpática ou desinteressada?

O contexto

- Onde é que a imagem foi publicada? Num jornal, revista ou num panfleto de uma loja de viagens? Ou seja, foi usada com o objectivo de informar, vender ou publicitar? Ou outro?
- Há um título ou qualquer tipo de informação juntamente com a imagem que confirme a mensagem que o fotógrafo quer passar?

Detalhes técnicos

- É a preto e branco ou a cores? Esse pormenor tem algum efeito no impacto da foto? A foto teria mais impacto se fosse maior?
- Ficaram impressionados com o ângulo em que a foto foi tirada?
- Quais os efeitos especiais que foram utilizados, como luminosidade ou focagem? E porquê?
- A imagem foi manipulada? A imagem está a mentir? E será a imagem que se encontrava à frente do fotógrafo quando este carregou no botão ou terá a imagem sido retocada em computador (para que a pessoa parecesse mais sedutora, por exemplo)?

Quem tirou a foto?

- Qual a relação entre o fotógrafo e o sujeito?
- É complacente com o sujeito?
- Foi pago ou é uma fotografia de um amador?
- Por que quis o fotógrafo tirar a foto? Quais foram os seus motivos? O que é que nos estava a tentar dizer ao tirar esta foto?

Para concluir, que símbolos ou estereótipos conhece? Por exemplo, Martin Luther King como líder político admirado pelo seu povo, ou Ngawang Sangdrol como camponês tibetano? Por que é que os editores deste manual escolheram essas fotos para esta actividade? Qual o efeito destas imagens na sua atitude em relação à pessoa? Será que acrescentam algum aspecto à maneira como olha para a pessoa depois de ter lido os textos? Como? Porquê?

Fonte: Informação adaptada de *Focus for Change* (Desigualdade entre as classes, os géneros e as raça e os meios de comunicação social no contexto internacional), 1992. (103, London Street, Reading, Berkshire, RG1 4QA, England, Inglaterra.)

2. O que é que vê no Pancho?

Materiais/Preparação

- Fotocopie todas as ilustrações do Pancho no manual (veja no capítulo 5) e, se possível, amplie-as.
- Faça vários conjuntos das ilustrações: um conjunto para cada grupo.

O exercício passo a passo

1. Divida os participantes em grupos.
2. Distribua os conjuntos das ilustrações e peça-lhes que, individualmente, escolham a que mais gostam – seja porque razão for.
3. Quando todos tiverem escolhido, peça a cada participante para partilhar a sua escolha, explicando:

- O que é que a banda desenhada lhe diz.
 - Por que escolheu aquela imagem.
 - Por que motivo está relacionada com as suas preocupações e com a sua realidade.
 - Por que razão está relacionada com os Direitos Humanos.
4. Depois de cada participante ter falado, o restante grupo deve partilhar com os outros elementos a sua reacção à imagem
 5. Quando todos tiverem falado, reúna o grupo em plenário.

Análise e avaliação

Peça comentários gerais aos grupos sobre as suas impressões e prossiga com as mesmas questões sugeridas no primeiro jogo de imagens: "O que é que consegue ver?"

Dicas para o animador

Pode usar as ilustrações do Pancho de várias maneiras. Pode, por exemplo, pedir aos participantes que escrevam legendas para as figuras ou pode apagar as falas nos balões e sugerir-lhes que pensem no que vão escrever.

Não deixe, no entanto, de lembrar a importância de respeitar os direitos de autor do artista.

3. Partes de imagem

Materiais/Preparação

- Encontre imagens que contem uma história simples. Corte a imagem em duas partes para que, quando o observador olhar separadamente para cada uma, veja a situação de forma bem diferente do que aquela que, na realidade, as duas imagens juntas contam.
- Reúna os conjuntos de imagens em envelopes separados. Vai precisar de um conjunto por participante.

O exercício passo a passo

1. Peça aos participantes que se juntem em pares.
2. Distribua os envelopes: um por participante.
3. Peça aos participantes para, um de cada vez, abrir o envelope e entregar uma das partes da imagem ao parceiro. Este deve tentar contar a história da imagem: quem é o sujeito e o que é que se está a passar.
4. Depois, o primeiro participante deve entregar-lhe a segunda parte da imagem e perguntar ao parceiro - agora que tem acesso à imagem completa - qual é a verdadeira história da imagem.
5. Prossigam com uma breve análise
 - Quais as surpresas desta actividade?
 - As pessoas aceitam normalmente a história como lhes é vendida e esquecem-se que pode não ser a "história completa"?

Dicas para o animador

Pode utilizar esta actividade como "quebra-gelo" ou pode aprofundá-la um pouco mais, pedindo aos pares que troquem de fotografias com os pares vizinhos e recomecem tudo outra vez. Foi mais fácil na segunda ronda? Ou é um desafio maior? Porquê?

4. Legendas para as imagens

Materiais/Preparação

- Imagens numeradas.
- Papel e canetas: uma por participante.
- Tesouras e fita-cola.
- Folhas A3. Precisar de uma folha para cada imagem.

o exercício passo a passo

1. Disponha as imagens numa mesa e peça aos participantes para, individualmente ou em pares, pensarem em legendas para cada uma das imagens. Avise-os que as legendas vão ser afixadas junto à respectiva imagem; por isso não devem rascunhar o papel.
2. Quando todos tiverem terminado, segure em cada uma das imagens e convide alguns dos participantes a lerem as suas legendas.
3. Cole a imagem no centro de uma folha A3 e peça que todos cole as suas legendas à volta da imagem de modo a formar um poster.
4. Afixe os posters na parede.
5. Faça uma pequena revisão das diferentes imagens e das suas legendas.
 - Foi muito difícil escrever as legendas?
 - O que é uma boa legenda?
 - Se uma imagem vale mais do que mil palavras, para que é que precisam de legendas?

Dicas para o animador

Se utilizar papel colorido e marcadores para as legendas, os posters vão ficar muito mais atractivos. O processo de obter várias legendas diferentes para cada imagem é normalmente divertido e provocante. Os participantes ficam empenhados e preparados para um bom debate. As legendas são a base ideal para mostrar que cada um vê o mundo de forma única e que isso deve ser respeitado.

5. Balões de fala

Materiais/Preparação

- Imagens: uma imagem por par (Dois ou três pares devem ficar com a mesma imagem).
- Papel e canetas: um por cada dois participantes.
- Cola.

A lembrar **O exercício passo a passo****21 de Março**

Dia Mundial da Poesia

1. Junte os participantes em pares. Distribua as imagens, as folhas e as canetas.
2. Convide os participantes a analisar as imagens: Quem? O quê? Onde? Quando? e Como?
3. Peça-lhes que cole a imagem ao papel e que escrevam balões de fala para as diferentes personagens na imagem.
4. Os pares devem agora partilhar o seu trabalho com o grupo. No final, sigam para a análise da actividade:
 - Foi difícil analisar as imagens e escrever os balões?
 - Para os pares que tinham a mesma imagem - quais as semelhanças e as diferenças das vossas análises?
 - Quais os estereótipos encontrados nas imagens e nos balões de fala?

Dicas para o animador

Não deve restringir o grupo a imagens com pessoas. Por que não incluir algumas imagens com animais? Isto pode ser especialmente frutífero se quiser falar de estereótipos. Pode começar por explicar que frequentemente os animais são utilizados como estereótipos nas bandas desenhadas e pode, depois, pedir ao grupo que procure exemplos de estereótipos nas suas imagens e nos balões.

Manobras Eleitorais

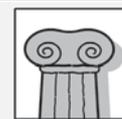
Tem capacidade de persuasão?

Temas	Democracia, Cidadania, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	45 minutos
Sinopse	Esta actividade baseia-se numa análise que aborda: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos e deveres ligados à democracia. ▪ Debate democrático.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a participar no processo democrático. ▪ Liberdade de expressão e de opinião.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Considerar alguns dos aspectos controversos de uma sociedade democrática. ▪ Praticar e desenvolver competências de escuta, debate e persuasão. ▪ Incentivar a cooperação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma sala grande. ▪ Cartão (A4) e canetas coloridas para desenhar sinais. ▪ Fita-cola. ▪ Folhas e canetas para anotações (opcional).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escreva "Concordo" e "Não concordo" em dois cartões. Em seguida, cole-os, um em cada extremidade de uma parede, mas certifique-se de que há espaço suficiente para todos formarem uma fila entre eles. ▪ Coloque duas cadeiras no centro da sala, a cerca de 50 cms uma da outra, permitindo que haja espaço para os participantes andarem em volta delas.

o exercício passo a passo

1. Mostre os dois cartões e explique que vai ler algumas afirmações com as quais os participantes podem concordar mais ou menos.
2. Escolha uma afirmação (da lista abaixo incluída) e leia-a em voz alta.
3. Peça aos participantes para se posicionarem mais perto ou mais longe dos cartões, conforme o grau de concordância com a afirmação: se concordarem ou discordarem totalmente devem colocar-se junto dos cartões; caso contrário devem posicionar-se num local intermédio entre os mesmos.
4. Quando todos tiverem assumido as suas posições, convide os que estiverem mais perto dos cartões para se sentarem nas cadeiras ao meio da sala. Os restantes participantes devem sentar-se à volta das cadeiras, colocando-se atrás da pessoa com a qual estejam mais de acordo ou, caso estejam indecisos, no centro da sala.

TEMAS



DEMOCRACIA



CIDADANIA



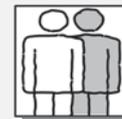
DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



45 MINUTOS

5. Dê, a cada um dos participantes sentados nas cadeiras, um minuto para expor as suas razões. Ninguém os deve interromper nem ajudar. Todos devem ouvir em silêncio.
6. No final desse minuto, peça aos restantes para tomarem a decisão de se juntarem ou ao grupo que está a favor da afirmação ou ao grupo que se posicionou contra a mesma. Ninguém pode continuar indeciso. Dê dez minutos aos dois grupos para que, separadamente, preparem argumentos que sustentem as respectivas decisões e seleccionem um porta-voz para apresentar esses argumentos.
7. No final dos 10 minutos, chame os grupos de volta e peça a cada um dos porta-vozes para ocupar as cadeiras com os seus apoiantes à volta.
8. Dê três minutos a cada um para apresentar os seus argumentos; esta é a altura em que os apoiantes podem decidir mudar de grupo caso os argumentos da outra facção tenham sido convincentes.
9. Dê mais cinco minutos a cada grupo para repensarem separadamente os seus argumentos e escolherem um terceiro porta-voz. No final das novas apresentações, os apoiantes podem voltar a mudar de posição, caso o queiram fazer.
10. Junte todos os participantes para a análise final e avaliação.

Análise e avaliação

Agora pensem um pouco no processo e no propósito da actividade, e também nas razões que nos levam a valorizar uma sociedade pluralista. Tente não se centrar nas questões propriamente ditas.

- Alguém mudou de opinião durante a análise? Se sim, quais foram os argumentos que o/ a convenceram?
- Os participantes ficaram com a sensação de que tinham sido influenciados por outros aspectos para além dos argumentos utilizados como, por exemplo, pressão dos colegas, linguagem emocional ou sentimento de rivalidade?
- Para aqueles que não alteraram a sua opinião, conversar sobre estas questões surtiu algum efeito? Conseguem pensar em alguma coisa que os fizesse mudar de opinião?
- Por que é que as pessoas têm opiniões diferentes? O que é que deve ser feito em relação a isso numa sociedade democrática?
- Será que todas as opiniões devem ser aceites numa democracia?

Dicas para o animador

A primeira parte desta actividade, onde os participantes se posicionam de acordo com a sua opinião, nunca deve demorar mais do que uns minutos. O objectivo consiste em que os participantes estabeleçam as suas posições iniciais e vejam onde se encontram em relação aos outros.

O principal objectivo desta actividade será em pôr em prática as competências da comunicação e da persuasão, bem como reflectir acerca dos assuntos abordados. Assim, deve incentivar os participantes a pensar não só no conteúdo e na forma como apresentam os seus argumentos, mas também no tipo e na forma dos argumentos que permitam persuadir mais pessoas da outra posição. Não se esqueçam de procurar aumentar o número de pessoas em cada um dos grupos. Podem usar o tempo de intervalo entre discursos para reflectir acerca da posição contrária apresentada, planeando formas de a fragilizar.

Os tópicos sugeridos podem ser outros que dêem azo a discussão. O importante é escolher uma afirmação que seja bastante controversa dentro do grupo.

Nota: a análise de uma afirmação demora pelo menos 30 minutos para as diferentes fases. Portanto se quiser discutir mais do que uma afirmação terá de ter em atenção o tempo disponível.

Aconselhamos que seja flexível em relação à ordem sugerida e que tenha em atenção tanto os pontos fortes e fracos do grupo, como o próprio debate - se está a esmorecer ou a aquecer. Pode também, por exemplo:

- Acrescentar mais um ou dois intervalos para que o grupo prepare mais argumentos e para que diferentes porta-vozes possam exprimir a sua opinião.
- Se já tiver feito esta actividade com o grupo - ou mesmo que não tenha -, pode sempre introduzir um elemento surpresa: variar na escolha do primeiro orador. Em vez de ser o primeiro da fila, escolha antes o terceiro a contar do cartão.
- Num dos intervalos para a preparação de argumentos, pode solicitar que os apoiantes de um orador ajudem a oposição a encontrar os seus argumentos, ou seja, esses participantes estarão a pensar em argumentos contra o seu próprio ponto de vista. Esta é uma boa maneira de os obrigar a reflectir sobre a posição contrária à deles e pode ser uma variante muito interessante, caso não se registem grandes alterações nos grupos.

Os oradores podem ter um bloco de notas na mão para anotar os argumentos e para servir de cábula enquanto falam.

Pode também levantar a seguinte questão: Açam que o pluralismo ou a liberdade de expressão devem ter algum tipo de limites numa sociedade tolerante? Açam que devem ser permitidas manifestações fascistas ou nacionalistas, por exemplo?

Sugestões para aprofundamento

Se estiver interessado em continuar com este assunto acerca do modo como se formam e mudam opiniões (especialmente por influência dos meios de comunicação social), dê uma olhadela à actividade "1.ª Página" da página 75.

1, 2, 3... Acção

Caso seleccione a afirmação relativa ao acto de votar, pode também querer fazer o questionário sobre os hábitos de voto na sua comunidade local. Para isso veja a actividade "Votar ou Não Votar" da página 288.

A lembrar

24 de Outubro

Dia das Nações Unidas

Afirmações sugeridas para o debate

- Temos a obrigação moral de votar nas eleições.
- Devemos obedecer a todas as leis, mesmo às que não são justas.
- As únicas pessoas que têm algum poder numa democracia são os políticos.
- "As pessoas têm os políticos que merecem".
- Faz parte da responsabilidade dos cidadãos controlar as actividades do dia-a-dia do governo.

O Caminho para a Terra da Igualdade

"O obstáculo é o caminho."

Provérbio Zen

TEMAS



IGUALDADE DE GÉNERO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



EDUCAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



4+

DURAÇÃO



90 MINUTOS

Temas	Igualdade de Género, Discriminação e Xenofobia, Educação
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	4+
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade envolve trabalho de grupo e consiste em imaginar e desenhar, de forma a abordar questões relativas à igualdade de género e à discriminação contra as mulheres.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discriminação baseada no sexo e no género. ▪ O direito a casar com mútuo consentimento. ▪ O direito das mães a protecção especial antes e depois no parto.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender os objectivos da igualdade e do equilíbrio entre os géneros. ▪ Desenvolver imaginação e criatividade na previsão do futuro. ▪ Promover a justiça e o respeito.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 folha A4 e um 1 lápis para cada grupo anotar os resultados da reflexão em grupo. ▪ 1 folha A3 por grupo. ▪ Marcadores coloridos (em número suficiente para cada grupo). ▪ Um mapa - de preferência um mapa de caminhos, ou um mapa que contenha as características físicas de uma região, tais como: montanhas, vales, rios, florestas, aldeias, pontes, etc.
Preparação	Familiarize-se com o mapa e com os símbolos utilizados.

O exercício passo a passo

1. Explique que o objectivo desta actividade consiste em que os participantes desenhem um mapa fantasia, onde mostrem o caminho para a Terra da Igualdade, um país onde se alcançou a verdadeira igualdade de géneros. É, sem dúvida, o nosso objectivo, enquanto seres humanos, mas de momento esta Terra ainda só existe na imaginação de cada um.
2. Pergunte-lhes se conhecem alguma história popular ou outra, onde os simbolismos abundem. Por exemplo: histórias que descrevam uma escura floresta como símbolo do mal; ou uma maçã muito vermelha que representa a tentação; ou um viajante que atravessa um rio cheio a nado, representando a sua força moral; ou a humildade

- simbolizada pela ajuda a um animal em apuros.
3. Mostre o aspecto característico de um mapa: a forma como os contornos são desenhados, o sombreado das montanhas e dos rios, e os símbolos utilizados para assinalar as florestas, as charnecas, os prédios, os cabos eléctricos, etc.
 4. Peça-lhes que se juntem em grupos de três a cinco pessoas. Distribua as folhas A4 e os lápis e dê-lhes 15 minutos para realizarem uma reflexão em grupo sobre:
 - Como imaginam a Terra da Igualdade.
 - Que obstáculos podem encontrar no caminho para a Terra da Igualdade.
 - Como ultrapassarão esses obstáculos.
 5. Agora, distribua as folhas A3 e os marcadores. Peça a cada grupo para desenhar o seu mapa, onde estejam representadas: as paisagens do presente, as do futuro e o caminho que as une. Os participantes devem também pensar nos símbolos para as diferentes características geográficas e para os obstáculos e oportunidades que podemos encontrar ao longo do percurso.
 6. Dê-lhes 40 minutos para desenharem os seus mapas e lembre-lhes que devem fazer uma legenda para os símbolos.
 7. No final junte os participantes para a sessão plenária e peça-lhes que apresentem os seus mapas.

Análise e avaliação

Comece por uma pequena avaliação sobre a forma como decorreu o trabalho dentro dos diferentes grupos, ou seja, como se passou o processo de tomada de decisão acerca do que representar e do modo como o desenhar. Conversem sobre a Terra da Igualdade e as suas características e também sobre os vários obstáculos.

- Os participantes gostaram da actividade? Porquê?
- Das três questões, qual foi a mais fácil de debater? E qual foi a mais difícil e porquê?
- Quais são as principais características da Terra da Igualdade?
- Quais são os principais obstáculos que impedem a sociedade actual de alcançar a Terra da Igualdade?
- O que é que precisa de mudar para que se possa construir uma sociedade onde haja igualdade entre os géneros?
- Justificar-se-ão políticas de discriminação positiva como medidas para o reforço da igualdade entre os géneros?
- Se tivessem de avaliar o vosso país, entre vários países do mundo, quanto à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, que valor lhe dariam, numa escala de 1 a 10, onde 1 é muito desigual e 10 é quase o ideal de igualdade?
- Quais os grupos que são discriminados na vossa sociedade? E como é que essa discriminação se manifesta? Quais os Direitos Humanos que estão a ser violados?
- Como podemos apoiar os grupos em desvantagem para que eles reivindiquem os seus direitos?
- Qual o papel da educação na consciencialização dos direitos de cada um?

Dicas para o animador

Se os participantes não tiverem grandes ideias, dê-lhes uma ajuda sugerindo-lhes que desenhem: uma mulher que atravessa a ponte da educação para passar o rio do preconceito contra as

A lembrar

25 de Novembro
Dia Internacional da
Eliminação da Violência
contra as Mulheres

mulheres que querem ser advogadas; ou o homem que se sente extremamente realizado como educador de um infantário a tomar conta de crianças pequenas. Claro que têm de pensar em exemplos de acordo com os estereótipos que reflectem a realidade da vossa sociedade!

Variantes

Os grupos podem fazer pequenas maquetas dos mapas, utilizando "lixo". Neste caso, terá de recolher uma boa colecção de pequenas caixas de cartão, rolos de papel higiénico, papel, pedras, pedaços de corda e de lã, clipes, etc.; e, claro, ter cola e cartão à mão para servir de base às maquetas.

Este método de desenhar o mapa que vai do presente ao futuro pode ser adaptado à grande maioria das questões em que os participantes têm de pensar livremente e de imaginar soluções para os problemas.

Sugestões para aprofundamento

Aprofunde a questão da desigualdade de género ou outro assunto aqui abordado. Pode, por exemplo, fazer uma pesquisa na biblioteca local ou na Internet, ou pode também convidar um representante de uma organização que trabalhe sobre este tema para vir falar com o grupo.

Em alternativa, pode também explorar questões relacionadas com a discriminação e com o direito à identidade cultural, no contexto de um desenvolvimento sustentável. Assim, aconselhamos a actividade "Os Makah e a Caça às Baleias" da página 209.

1, 2, 3... Acção

Procurem as políticas relativas à igualdade de oportunidades de género, na vossa escola, associação ou local de trabalho, e discutam a forma como as políticas foram implementadas e a necessidade de alterações das mesmas ou de esforços extra para levar a instituição a atingir o estatuto da Terra da Igualdade.

Informação complementar

O conceito base desta actividade é o de "emancipação" ou de "reforço do poder" (*Empowerment*). *Empowerment* é extremamente difícil de traduzir e, já em inglês, é muito difícil de explicar, quanto mais em português! *Empowerment* engloba os meios e os resultados da pedagogia que algumas pessoas chamam de "educação liberal".

A definição de *Empowerment*, retirada da Oxfam, é:

"*Empowerment* implica o desafio às formas de opressão, que coagem milhões de pessoas a tomar o seu lugar na sociedade, mas o seu lugar desigual, ou o lugar que lhes nega os seus Direitos Humanos."

O Conto das Duas Cidades

Já ouviu falar da Legolândia? Aquela cidade na Dinamarca feita de pequenos "tijolos de plástico"? Agora tem a hipótese de visitar a Igualândia e a Egolândia!

Temas	Direitos Sociais, Cidadania, Ambiente
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	7-13
Duração	90 minutos
Sinopse	Este é um jogo de tabuleiro onde os jogadores escolhem o tipo de cidade onde querem viver e as comodidades de que querem usufruir. Os temas abordados incluem: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Solidariedade Social. ▪ As implicações do pagamento de impostos. ▪ A importância da democracia local.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à segurança social. ▪ O direito à propriedade. ▪ O direito a um ambiente saudável.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver o sentido de responsabilidade para com a comunidade. ▪ Perceber a importância da segurança social na vida da comunidade. ▪ Promover valores de solidariedade e responsabilidade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 cópia do tabuleiro para o jogo. ▪ Papel ou cartão de tamanho A3 (preferível, mas opcional). ▪ 1 dado. ▪ Clipes de duas cores diferentes (ex: vermelho e azul). O mesmo número de clipes de cada cor e clipes suficientes para cada jogador ter um. ▪ Tesouras. ▪ <i>Bostik</i>. ▪ 4 cópias dos cartões de substituição. ▪ 2 envelopes. ▪ Dinheiro (6 000 Ems por jogador) - ver página 297. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tabuleiro para o jogo. ▪ 2 cópias da folha de tarefas do Banqueiro da Cidade. ▪ 1 cópia da folha de tarefas do Banqueiro do Jogo. ▪ Papel e caneta. ▪ Cronómetro ou relógio. ▪ Retroprojector e uma cópia em acetato das regras (opcional).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leia "o exercício passo a passo" para se familiarizar com o tabuleiro, com os cartões de substituição e com as regras.

TEMAS



DIREITOS SOCIAIS



CIDADANIA



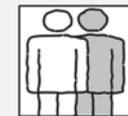
AMBIENTE

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



7-13

DURAÇÃO



90 MINUTOS

- Recorte duas das folhas com os cartões de substituição. Coloque-os em envelopes separados para que não se misturem, e marque os envelopes com A e B (as duas cópias que sobram vão servir de referência nas reuniões do Conselho de cada cidade).
- Cole a fotocópia do tabuleiro num cartão ou num papel mais duro para o tornar mais resistente e durável.
- Escolha três jogadores para serem os banqueiros: um para cada cidade e um para o jogo. Entregue a cada um a respectiva folha de tarefas. Peça-lhes que ponham umas etiquetas de identificação para que todos os reconheçam.
- Divida o resto do grupo em duas partes iguais. Entregue a uns os cliques vermelhos e aos outros os azuis.
- Peça a cada jogador para fazer o seu próprio peão, escrevendo o seu nome num pedaço de papel e colocando o clipe da cor da sua equipa.
- Imprima o dinheiro! Fotocopie e corte o dinheiro de forma a parecer verdadeiro. Vai precisar de 6 000 Ems para cada jogador/cidadão.

O exercício passo a passo

1. Explique que esta actividade é um jogo de tabuleiro e mostre-o. Trace o trajecto que representa a cidade A e a cidade B. Assinale o local onde as duas cidades se cruzam e as casas onde se recebe o salário, se pagam os impostos e onde há "hipótese de mudar", o que significa que o jogador tem a possibilidade de ir jogar para a outra cidade.
2. Explique como se joga (leia as regras). Certifique-se de que todos as perceberam. Decida quando é que o jogo acaba.
3. Peça aos banqueiros que estejam bem identificados para que todos saibam a quem têm de pagar os impostos!
4. Joguem! Quando terminar, passe para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por rever como decorreu o jogo e quais os resultados. Avance depois para a análise do que se aprendeu.

- Os participantes gostaram do jogo? Do que é que gostaram mais? E menos?
- Acharam justo, no início, que alguns jogadores tivessem de pagar mais impostos do que outros? Continuaram a sentir-se injustiçados depois de jogar um pouco mais?
- Como decorreram as reuniões da Assembleia Municipal? Como foram tomadas as decisões? Democraticamente?
- Como é que as pessoas, que não concordavam com o Conselho da Cidade, se sentiram?
- Quem é que mudou de uma cidade para a outra? Por que é que o fizeram?
- Alguém, nas reuniões da Assembleia, tirou dinheiro do seu próprio bolso para contribuir para o bem-estar da comunidade? Por que é que o fizeram?
- No início do jogo as condições sociais das cidades eram iguais. Como é que acabaram? Havia diferenças? Quais?
- Em qual das cidades preferiam viver? Porquê?
- Vale a pena pagar mais impostos para ter uma melhor comunidade para todos? Ou preferiam manter o vosso salário para comprar as coisas que querem e de que necessitam?

- Qual era a situação das duas cidades no final do jogo? Estavam ambas na Igualândia, ou na terra onde as pessoas são interesseiras e egoístas, ou seja na Egolândia?
- Numa escala de um a dez (sendo um o extremo do Egoцентриsmo e dez o extremo da Igualdade), como classificariam a vossa própria sociedade?

Dicas para o animador

O jogo é acessível para quem esteja habituado a jogos de tabuleiro, mas não se esqueça de explicar as regras do mesmo. É mais fácil se as escrever num bloco de cavalete, se as apresentar com a ajuda de um retroprojector ou se fizer umas fotocópias e as distribuir.

O jogo funciona melhor se tiver no máximo dez jogadores como cidadãos, e não se esqueça de que o jogo deve começar com um número igual de cidadãos em cada cidade. Se tiver, por exemplo, 16 participantes, pode pedir aos banqueiros que fiquem em grupos de dois. Se tiver um número de participantes ainda maior é preferível formar dois grupos cada um com o seu jogo. Nesse caso, não se esqueça de que o material tem de ser em duplicado e o melhor será encontrar alguém que o ajude a supervisionar o segundo jogo.

Aqui fica um bom conselho: antes de tentar jogar o jogo com o seu grupo, teste-o com os seus amigos ou vizinhos! Ficará mais familiarizado com as regras e as coisas correm muito melhor!

Nota: as pessoas responsáveis por receber os impostos e gerir os fundos das cidades são aqui denominadas "banqueiros" mas, na realidade, o banqueiro não tem essas funções. O termo foi utilizado, porque é o mais comum nos jogos de tabuleiro. Se achar que este termo é incorrecto, escolha outro, por exemplo, "administrador financeiro".

Sugestões para aprofundamento

E por que não encorajar as pessoas a desenvolver as suas ideias sobre a Terra da Igualdade do futuro? Veja a actividade "Os Nossos Futuros" na página 211.

As regras do jogo

Número de jogadores: entre 7 e 13. Três participantes serão os banqueiros. No início do jogo, as duas cidades têm o mesmo número de cidadãos.

Objectivo do jogo: O vencedor é o jogador que, no final, tiver mais dinheiro.

Como Jogar

1. Escolham três participantes para banqueiros: banqueiro da cidade A, da cidade B e do jogo.
2. Metade dos jogadores fica com peões vermelhos e a outra metade com azuis.
3. No início, os jogadores são divididos em dois grupos iguais. Cada grupo tem o mesmo número de jogadores vermelhos ou azuis. Um dos grupos vai pelo trajecto da cidade A e o outro pelo da cidade B.
4. Todos os jogadores começam na casa "Partida e salário".
5. Durante o jogo, cada pessoa só pode mudar de cidade se calhar na casa "hipótese de mudar".
6. Todos os jogadores começam com o salário de acordo com a cor:

A lembrar

1.ª Segunda-feira de Outubro

Dia Mundial do Habitat – "Cidades sem bairros de lata"

- Jogadores azuis: 500
 - Jogadores vermelhos: 100
7. Lancem o dado para decidir quem começa. Começa quem conseguir o valor mais alto. Os restantes jogadores prosseguem pela ordem da pontuação, no sentido contrário ao do relógio.
 8. Na sua vez, o jogador deve lançar o dado e avançar o número de casas, que lhe sair, na sua própria cidade. Quando chegar à casa sorteada, deve ler as instruções em voz alta e cumprir as indicações.
 9. Nota: um jogador que seja obrigado a retroceder para quando tiver chegado à casa sorteada. Não volta a seguir a instrução desta segunda casa.
 10. Se um jogador deve alguma coisa e não tem dinheiro para pagar, fica na casa onde se encontra e torna-se um pedinte.
 11. Dois ou mais jogadores podem ocupar a mesma casa simultaneamente.

Casas especiais

Impostos

De cada vez que um jogador passa pela casa "Pagamento de impostos", tem de os pagar (os jogadores tem de os pagar sempre que passarem pela casa, mesmo que aí não parem). O imposto depende do salário do jogador e da cidade onde vive.

Cidade A	40% quando o salário é de 500 ou mais 10% quando o salário é 100 ou menos
Cidade B	10% independentemente do salário

Nota: um cidadão desempregado, que não receba subsídio de desemprego, não paga impostos.

Um cidadão desempregado que receba subsídio paga 10% do subsídio que recebe, independentemente da cidade.

O imposto é pago ao banqueiro da respectiva cidade (os jogadores da Igualândia pagam ao banqueiro da Igualândia e os da Egolândia pagam ao banqueiro da Egolândia).

Salário

De cada vez que um jogador passar pela casa "partida e salário" (basta passar, não precisa de parar), recebe o seu salário do banqueiro do jogo.

Caso o cidadão esteja desempregado, e se a cidade tiver sistema de segurança social, o jogador recebe o subsídio de desemprego do banqueiro da respectiva cidade.

Hipótese de mudar

Qualquer jogador que pare na casa "hipótese de mudar" pode escolher se quer mudar de cidade ou não (mudar da Igualândia para a Egolândia ou vice-versa). Para mudar, um jogador só precisa de anunciar a sua decisão aos restantes e aos banqueiros. Na sua jogada seguinte, começa a andar pelo trajecto da cidade escolhida.

Um jogador que mude de cidade continua a receber o antigo salário, mas paga os impostos de acordo com a cidade onde está.

Reuniões da Assembleia Municipal

Todos os jogadores que estiverem na cidade estão convocados para a reunião da Assembleia Municipal. Esta reunião é a hipótese dada para alterar a política da cidade, no que

entenderem que deve ser alterado.

As reuniões têm lugar a cada 5.º pagamento de imposto. O Banqueiro da Cidade tem um quadro onde marca quantas pessoas passaram pela casa de "pagamento de imposto".

Após a passagem de cinco jogadores por essa casa o banqueiro deve convocar a reunião.

Os jogadores da cidade podem decidir se querem, ou não, ter a reunião.

O jogo pára na altura da reunião e os jogadores da outra cidade têm de esperar até ao fim desta para retomarem o jogo.

Os jogadores têm cinco minutos para tomar decisões em relação às necessidades da cidade e às alterações (caso as haja) da política. As opções relativamente à política são dadas nos cartões de substituição e os cidadãos podem pedir a cópia da folha para verem que políticas estão na ordem do dia (ou seja, que opções têm).

Para alterar a política seguida, os jogadores têm de comprar um cartão de substituição com o dinheiro dos impostos. O dinheiro encontra-se determinado em cada cartão. A Assembleia Municipal só pode alterar as políticas que puder pagar. O banqueiro da cidade paga o custo ao banqueiro do jogo. Os jogadores podem alterar o que quiserem: só precisam de ter dinheiro para pagar essas alterações.

Uma Assembleia que esteja numa situação financeira difícil pode decidir vender um ou mais cartões de substituição ao Banqueiro do Jogo. O preço de venda é 50% do preço de compra.

Os cidadãos ricos podem, caso queiram, contribuir para os fundos da cidade de forma a poderem comprar cartões de substituição.

O banqueiro deve, com um pouco de *bostik*, colar o cartão de substituição no tabuleiro, sobre a casa correspondente.

Cartões de Substituição

Há 17 cartões de substituição com políticas que podem ser adoptadas pela Assembleia Municipal numa reunião. Os cartões podem ser comprados pelo banqueiro da cidade pelo preço determinado no cartão. Uma vez comprado, o cartão deve ser colado pelo banqueiro na casa do tabuleiro que for determinada pelos cidadãos.

Qualquer casa pode ser "substituída". Se, na altura da substituição, estiver algum dos jogadores nessa mesma casa, o jogador não é obrigado a seguir as novas instruções. A nova política só entra em vigor quando um novo jogador calhar nessa casa.

Os cidadãos/jogadores decidem a política numa reunião da Assembleia da Cidade, e podem comprar um ou mais cartões de substituição. Todos os cartões têm de ser pagos.

Pedintes

Um jogador que não tenha dinheiro para pagar os seus impostos ou outras dívidas fica na casa onde está e torna-se um "pedinte". Contudo, se existir um abrigo para desalojados, os pedintes podem escolher ir dormir a esse abrigo em vez de ficarem na casa onde pararam. Avançar de casa não liberta o pedinte das suas dívidas.

O pedinte pode pedir dinheiro a todos os jogadores que pararem na casa onde ele se encontrar parado. A decisão de dar dinheiro ao pedinte depende apenas do jogador. Quando o pedinte tiver dinheiro suficiente para pagar as suas dívidas, espera pela sua vez de jogar, paga o que deve, lança o dado e segue.

Os pedintes podem lançar os dados vez sim, vez não. E têm as seguintes hipóteses:

Se calhar 6 Encontra 50 Ems num caixote do lixo.

- Se calhar 5 Reúna 20 garrafas de cerveja vazias e receba 50 Ems pelo depósito das mesmas – isto se a cidade tiver um centro de reciclagem.
- Se calhar 4 O próximo jogador a passar dá-lhe 10 Ems.
- Se calhar 3 Embebedou-se e adormeceu na sua vez.
- Se calhar 2 Adormece no parque e encontra uma nota de 10 Ems debaixo do banco de jardim. Se a cidade tiver renovado o parque, encontra uma nota de 20 Ems.
- Se calhar 1 Foi assaltado. Entregue o dinheiro que lhe derem da próxima vez ao banqueiro da cidade.

O dinheiro que o pedinte ganhar é pago pelo banqueiro da cidade onde o pedinte vive.

Quando é que jogo acaba?

Os jogadores decidem como acabar com o jogo antes de este começar. Podem escolher uma de duas opções:

- Quando o primeiro jogador completar 20 voltas.
- Quando chegarem a um limite de tempo previamente estabelecido, por exemplo, 45 minutos.

Nota: O jogo acaba caso uma das cidades entre em bancarrota. O vencedor será o jogador que tiver mais dinheiro.

Informações complementares

Código Europeu de Segurança Social

O Código Europeu de Segurança Social do Conselho da Europa entrou em vigor em 1968. Desde Julho de 2001, foi ratificado por 18 Estados membros. Fornece um leque alargado de protecção social, incluindo garantias de:

- Assistência médica, que inclui assistência médica geral, assistência médica especializada e assistência médica de urgência,
- Subsídio de desemprego,
- Subsídio de velhice, e
- Subsídio de Incapacidade.

FICHAS

Cartões de Substituição

Renovação do parque, com construção de piscina e um recreio infantil. Custo: 200 Ems	Limpeza do parque. Custo: 100 Ems	As estradas estão boas. Totalmente reconstruídas. Avance três casas. Custo: 400 Ems	As estradas estão boas, os buracos foram remendados. Mas só até à próxima reunião. Custo: 200 Ems.	Perdeu o seu emprego! O fundo de desemprego paga 30% do salário. A Cidade tem de ter uma reserva de 1000 Ems.
A greve da escola acabou. Jogue outra vez! Custo dos aumentos salariais: 400 Ems.	Inauguração do novo teatro e cinema. Custo: 400 Ems.	O seu pai reformou-se mas recebe reforma. Estabelecer o sistema de reformas custa 400 Ems.	Quer ler e agora há uma biblioteca! Jogue outra vez! Custo da biblioteca: 200 Ems.	Já não há crianças de rua. O orfanato foi construído. Custo do orfanato: 200 Ems.
Adoeceu. Hospital público é totalmente subsidiado. Paga apenas 10 Ems. Custo: 600 Ems.	Adoeceu. Hospital público não é subsidiado. Paga 30 Ems. Custo: 400 Ems.	Acesso à praia grátis! Aproveite! Custo pelo acesso subsidiado: 100 Ems.	O problema dos transportes é aliviado com o caminho para bicicletas. Custo do caminho: 150 Ems.	Sistema de reciclagem reduz a recolha do lixo. Avance três casas. Custo: 150 Ems pelo sistema de reciclagem.
Tem um problema com a justiça. Arranja um advogado do Estado Avance duas casas. Custo: 200 Ems.	Não há desalojados na cidade. Inauguração de um abrigo. Custo do abrigo: 200 Ems.			

MATERIAL DE APOIO**Folha de Tarefas do Banqueiro da Cidade**

Nenhuma cidade começa o jogo com dinheiro. Todos os rendimentos provêm dos impostos pagos pelos jogadores quando passam pela casa de "pagamento de impostos".

1. O banqueiro deve usar a folha de contagem para manter um registo do número de jogadores que passaram pela casa "pagamento de impostos" e deve convocar uma reunião da Assembleia Municipal de cinco em cinco jogadores.
2. O banqueiro recebe os impostos de cada jogador na sua cidade quando o jogador passa pela casa de pagamento de impostos. Nota: os jogadores que mudarem de cidade passam a pagar os impostos da cidade para onde mudaram. O esquema de impostos é o seguinte:
 - Cidade A 40% quando o salário é de 500 ou mais
10% quando o salário é de 100 ou menos
 - Cidade B 10% independentemente do salárioOs cidadãos que estejam desempregados e que não recebam subsídio não pagam impostos.
Os que recebem subsídio pagam 10% desse subsídio.

3. Outras tarefas dos banqueiros:

- Gerir o dinheiro da cidade.
- Pagar ao banqueiro do jogo o preço da compra dos cartões de substituição.
- Colar o cartão de substituição no tabuleiro, sobre a casa decidida pelos jogadores na reunião do conselho.
- Administrar o fundo de desemprego como e quando a cidade decidir implementar um.
- Pagar o subsídio de desemprego aos jogadores que a ele tenham direito, se a cidade tiver decidido implementar um sistema de segurança social. Tem de haver pelo menos 1000 Ems no banco quando se estabelecer o sistema.
- Estar atento aos pedintes da sua cidade e certificar-se de que as regras são cumpridas quando eles tentarem a sorte com o dado:

Se calhar 6 Encontram 50 Ems num caixote do lixo.

Se calhar 5 Reúnem 20 garrafas de cerveja vazias e recebem 50 Ems pelo depósito das garrafas - isto se a cidade tiver um centro de reciclagem!

Se calhar 4 O jogador que passar a seguir dá-lhes 10 Ems.

Se calhar 3 Embebedam-se e adormecem perdendo a vez seguinte de jogar.

Se calhar 2 Adormecem no parque e encontram uma nota de 10 Ems debaixo do banco de jardim. Caso a cidade tenha renovado o parque encontram 20 Ems.

Se calhar 1 São assaltados e têm de dar a próxima doação - ou qualquer dinheiro que ganhem - na jogada seguinte.

Nota: o banqueiro deve entregar-lhes o dinheiro caso eles o encontrem no parque ou no caixote do lixo, e tirar-lhes o dinheiro caso sejam assaltados.

Registo do Pagamento de impostos

De cada vez que um jogador passar pela casa de "pagamento de impostos", o banqueiro deve receber o imposto e riscar um sector do primeiro círculo (apontar no círculo da folha). Quando tiver chegado ao 5º jogador, o banqueiro é responsável por

1.ª Reunião



2.ª Reunião



3.ª Reunião



4.ª Reunião



5.ª Reunião



6.ª Reunião



FICHAS**Cartão do Banqueiro do jogo**

No início do jogo é o banqueiro que tem todo o dinheiro. Ele/ela deve:

1. Certificar-se de que o jogo corre bem e sem problemas
 - Dar início ao jogo,
 - Certificar-se de que as regras são cumpridas,
 - Cronometrar as reuniões do Conselho, que não devem demorar mais do que 5 minutos, e
 - Acabar com o jogo de acordo com o tempo previamente estipulado ou quando um jogador tiver completado o número de voltas previamente acordadas.
2. Manter registos
 - No início do jogo registar o nome, cor e cidade de cada jogador
 - Registar o número de vezes que cada jogador passou pela "Partida e Salário".
3. Pagar o salário de cada jogador no início do jogo e de cada vez que ele passe pela casa "partida e salário". Os salários estão estipulados de acordo com a cor do jogador e são independentes da cidade onde vive:
 - Jogadores azuis: 500 Ems
 - Jogadores vermelhos: 100 Ems
4. Receber os pagamentos relativos aos cartões de substituição dos banqueiros das cidades.

Folha de contagem

Registar o nome dos jogadores a vermelho ou a azul de acordo com a sua cor. O melhor é usar o método das cinco barras para contabilizar a passagem dos jogadores. Uma barra por passagem e com a quinta passagem cortam-se as quatro feitas previamente. Com a sexta barra recomeça a contagem. Desta forma torna-se mais fácil contabilizar as várias rondas. Assim uma contagem de doze voltas ficaria **||||| ||| ||**

Jogadores da cidade A no início do jogo

Nome do jogador	N.º de vezes que passou pela "partida"

Jogadores da cidade B no início do jogo

Nome do jogador	N.º de vezes que passou pela "partida"

CIDADE B

As estradas estão cheias de buracos. As viagens são muito longas. Falha 1 jogada.

O parque está sujo e precisa de ser renovado. Falha 1 jogada para ajudar na limpeza.

É assaltado por uns meninos de rua. Dê 10 Ems.

Espaço Livre.

Adoeceu. Não há hospitais. Recue 3 casas.

Ganhou a lotaria! Recebe 50 Ems.

O conto das duas cidades

Tabuleiro.

O seu pai reforma-se sem pensão. Pague 20 Ems para o ajudar.

Não tem nada para fazer à noite. Está entediado. Recue 3 casas.

É assaltado por uns meninos de rua. Dê 10 Ems.

Espaço Livre.

Adoeceu. Não há hospitais. Recue 3 casas.

Adoeceu. Não há hospitais. Recue 3 casas.

Espaço Livre.

Espaço Livre.

Espaço Livre.

Mesmo salário. Nada para ler.

Trabalho de volta!

Foi despedido! Desculpe!

Bonito dia para ir à praia. Pague 10 Ems para ter acesso.

Foi despedido! Desculpe!

Tem um problema legal. Contrate 1 advogado privado. Paga 50 Ems.

Um bêbado vadio está a perturbá-lo. Falha 1 jogada para resolver a questão.

Um bêbado vadio está a perturbá-lo. Falha 1 jogada para resolver a questão.

O parque está sujo e precisa de ser renovado. Falha 1 jogada para ajudar na limpeza.

Os autocarros não estão a funcionar. Vá de Taxi. Paga 10 Ems.

Os autocarros não estão a funcionar. Vá de Taxi. Paga 10 Ems.

Bonito dia para ir à praia. Pague 10 Ems para ter acesso.

Sem nada para ler: paga 10 Ems por 1 livro.

Trabalho de volta! Mesmo salário.

Um bêbado vadio está a perturbá-lo. Falha 1 jogada para resolver a questão.

A recolha do lixo está em greve. Falha 1 jogada para levar o seu lixo.

Os professores estão em greve por melhores salários. Falha 1 jogada para tomar conta dos seus filhos.

Os professores estão em greve por melhores salários. Falha 1 jogada para tomar conta dos seus filhos.

Ganhou a lotaria! Recebe 50 Ems.

Trabalho de volta! Mesmo salário.

O seu pai reforma-se sem pensão. Pague 20 Ems para o ajudar.

Um bêbado vadio está a perturbá-lo. Falha 1 jogada para resolver a questão.

A recolha do lixo está em greve. Falha 1 jogada para levar o seu lixo.

Os professores estão em greve por melhores salários. Falha 1 jogada para tomar conta dos seus filhos.

Os professores estão em greve por melhores salários. Falha 1 jogada para tomar conta dos seus filhos.

Ganhou a lotaria! Recebe 50 Ems.

CIDADE A



Manual de Educação para os Direitos Humanos.

Reunião do Conselho da cidade
Em cada 5º pagamento de impostos

O Impacto da Internet

Em qualquer grande invenção tecnológica há preconceito político ou social.

TEMAS

 MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

 GLOBALIZAÇÃO

 DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

TAMANHO DO GRUPO

 8-50

DURAÇÃO

 180 MINUTOS

Temas	Meios de Comunicação Social, Globalização, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	10-50
Duração	180 minutos
Sinopse	Esta actividade pretende, através do trabalho em pequenos grupos e de discussões em plenário, abordar os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O futuro da Internet e o fosso tecnológico. ▪ A utilização da Internet para a promoção dos Direitos Humanos.
Direitos relacionados	Qualquer Direito Humano
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar os participantes em relação às implicações da Internet e do acesso à informação global. ▪ Desenvolver a imaginação e a capacidade de reflectir criticamente. ▪ Promover a justiça e a solidariedade entre os participantes enquanto promovem as questões de Direitos Humanos.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópias das fichas. ▪ Folhas A3 e marcadores para cada grupo. ▪ Papel e canetas para anotações. ▪ Espaço para a sessão plenária e para o trabalho em grupo.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie a ficha n.º 1: "Seis opções para a previsão do impacto da Internet", em número suficiente para que dê uma folha por 2 participantes. ▪ Fotocopie as fichas 2, 3, 4, 5 e 6, em número suficiente para que cada participante tenha uma cópia.

O exercício passo a passo

Esta actividade tem três partes: primeira – introdução (10 minutos); segunda – prever o impacto da Internet (60 minutos); e terceira – de que forma a Internet pode ser utilizada para promover os Direitos Humanos (90 minutos).

1.ª Parte. Introdução (dez minutos)

1. Introduza a actividade explicando que vão precisar de muita imaginação e de saber pensar e avaliar criticamente. A tarefa passa por avaliar o impacto da Internet e das novas tecnologias de informação nas nossas vidas e no trabalho com Direitos Humanos.
2. Como preparação e para que os participantes tenham a informação necessária, forneça ao grupo alguns dados básicos sobre a Internet. Peça-lhes para que, em pares, partilhem a sua própria experiência com a Internet e as vantagens e desvantagens de a utilizar.

Dê-lhes dez minutos.

2.ª Parte. Previsão do impacto da Internet (60 minutos).

1. Distribua as cópias da ficha n.º 1: "Seis opções para a previsão do impacto da Internet". Explique que os cenários foram pensados e escritos em termos bastante opostos para atrair mais decisões.
2. Peça a cada par para decidir qual dos cenários é mais provável e qual é o menos provável que venha a concretizar-se no futuro. Dê-lhes 15 minutos.
3. Peça a todos os participantes para se juntarem em plenário e para apresentarem os seus resultados. Tente resumir o debate sobre:
 - O(s) cenário(s) mais provável(eis).
 - A importância dos Direitos Humanos para as tecnologias da informação, por exemplo, o direito à liberdade de expressão.
 - O fosso tecnológico.
4. Peça a um ou a dois participantes que apontem as palavras-chave no quadro.

3.ª Parte. De que forma a Internet pode ser utilizada para a promoção de Direitos Humanos (90 minutos).

1. Divida os participantes em cinco grupos, de A a E. Distribua as fichas. Cada pessoa do grupo A deverá ter uma cópia da ficha para o grupo A, "os cenários futuros: visão pessimista"; os do grupo B deverão receber as cópias da ficha para o grupo B, "cenários futuros: visão otimista"; e, assim, sucessivamente.
2. Dê-lhes 20 minutos para lerem e comentarem as fichas.
3. Peça-lhes que tenham em conta a informação relacionada com os resultados do debate da primeira parte em relação ao impacto da Internet. Devem ter especial atenção a esta parte da actividade, pois daqui advirá informação relevante para o passo seguinte.
4. Organize novamente os grupos. Desta vez, volta a ter cinco grupos, mas tem de incluir um participante do grupo A, um do grupo B, um do grupo C, etc., em cada um deles.
5. Agora devem decidir quais as três vantagens mais importantes da Internet enquanto promotores de Direitos Humanos.
6. Sugira-lhes que comecem por partilhar a informação, que principiem por ouvir os participantes dos grupos C, D e E (ou seja, os que trazem informações sobre o trabalho das ONGs) e que depois ouçam os participantes dos grupos A e B. No final, terão reunido as condições necessárias para terminar as tarefas a que se propuseram: identificar e concordar com a utilização da Internet para a promoção dos Direitos Humanos.
7. Devem nomear um representante para, no final, apresentar os resultados em plenário. Dê-lhes 35 minutos para esta fase.
8. Reúna todos os participantes e partilhem os resultados.

Análise e avaliação

Comece por rever a actividade e a forma como participaram. Depois comentem o que aprenderam.

- O que é que já sabiam sobre a Internet? Utilizam-na muito? E para quê?
- Havia um fosso tecnológico entre os participantes? Qual a consequência desse facto nas capacidades para participar na actividade? Houve alguém que se tenha sentido excluído por pensar que não tinha competências suficientes para contribuir?
- E os outros? Encararam esta falta de experiência como uma falha para o trabalho em grupo?

- A internet é uma rede mundial de computadores interligados.
- A internet está acessível a mais de 150 milhões de pessoas em todo o mundo.
- 90% dos utilizadores vivem na América do Norte, na Europa, no Japão e na Austrália.
- Fala-se de uma divisão digital quando nos referimos a este acesso desigual às novas tecnologias de informação.
- A internet permite que os utilizadores publiquem e acedam a informações online e comuniquem directamente uns com os outros via correio electrónico (e-mail), mailing lists, newsgroups e salas de chat.

- Quais são as vantagens de trabalhar num grupo onde as pessoas têm diferentes experiências e atitudes em relação a um assunto?
- Quais foram os pontos mais interessantes que aprenderam sobre o trabalho das ONGs com Direitos Humanos? Tiveram alguma surpresa?
- Será que, em geral, as vantagens da utilização da Internet para a promoção de Direitos Humanos prevalecem sobre as desvantagens?
- O que é que precisa de ser feito para se lidar com essas desvantagens?

Dicas para o animador

Avalie o grau de familiaridade que os participantes têm com a Internet antes de pensar em fazer esta actividade, para que possa afinar o tom e a abordagem geral.

Por altura da análise e avaliação, será talvez uma boa ideia focar questões relacionadas com o acesso às tecnologias de informação e comunicação ao nível, não só global, como também local. Certifique-se de que aqueles que têm dificuldades em aceder à Internet conseguem falar sobre essa dificuldade. O objectivo das questões sobre o fosso tecnológico dentro do grupo e das vantagens de trabalhar com pessoas com diferentes experiências consiste exactamente em encorajar as pessoas a considerarem vários pontos de vista quando tomam uma decisão.

Variantes

Pode alargar a actividade e incluir um exercício sobre decisões consensuais. Siga os seguintes passos:

1. Na primeira parte, depois do passo 4 (decisões em pares), peça a dois grupos de dois participantes para se juntarem e, agora em grupos de quatro pessoas, para chegarem a consenso em relação aos cenários com maior ou menor probabilidade de acontecer. Peça também que acrescentem uma ou duas afirmações com potenciais questões relacionadas com Direitos Humanos (como a liberdade de expressão) que estejam interligadas com o cenário que, para eles, é mais provável que aconteça. Assim, assegure-se de que os grupos que chegarem rapidamente a consenso sejam encorajados a continuar a reflectir em conjunto sobre o cenário escolhido, aumentando o domínio de reflexão antes de seguir para o próximo passo. (15 minutos)
2. Agora, junte dois grupos de quatro participantes e, em grupos de oito, comparem as escolhas e cheguem a consenso relativamente aos cenários com maior ou menor probabilidade de acontecer. Peça a cada grupo para nomear um representante. E, a partir daqui, prossiga a actividade tal como já foi descrito – com a apresentação dos resultados em plenário.
3. Na sessão plenária, peça aos participantes para lerem as afirmações que escreveram sobre questões de Direitos Humanos e para explicarem as razões fundamentais para as suas escolhas. Encoraje os participantes (e não apenas os representantes de cada grupo) a reflectir sobre:
 - As diferenças e semelhanças das escolhas feitas pelos diversos grupos;
 - As razões que motivaram as escolhas;
 - Os Direitos Humanos e a sua relação com a Internet;
 - As consequências reais dos cenários escolhidos.
4. Peça também aos participantes que pensem na forma como trabalharam.
 - Mudaram de opinião durante as negociações?

- Foi mais difícil trabalhar num grupo maior?
- Houve alguém que liderou (por exemplo, os que tinham mais ou menos experiência com a Internet)?
- Conseguiram exprimir as suas opiniões, independentemente das suas competências para trabalhar com a Internet?

Sugestões para aprofundamento

Motive os participantes a visitarem páginas da Internet (e as ligações) listadas nas fichas dos "Perfis das ONGs". Assim, pode ser que se sintam entusiasmados para preparar um projecto para:

- Utilizar os recursos disponíveis na Internet para consciencializar o vosso bairro sobre questões de Direitos Humanos.
- Pensar em novas maneiras de utilizar a Internet para a promoção de Direitos Humanos.
- Criar o vosso próprio site e estabelecer ligações com outros grupos.

Caso os participantes estejam interessados em trabalhar com um exemplo específico da Internet a ser usado para promover Direitos Humanos, tentem fazer a actividade "Quando o Amanhã Chegar" da página 228. Esta actividade, que é sobre o direito à vida, usa o material retirado de um site criado por um prisioneiro condenado à pena de morte.

I, 2, 3... Acção

Aprofundem as ideias desenvolvidas na actividade, ou aproveitem uma das imensas oportunidades que aparecem nos sites listados nas fichas dos "Perfis das ONGs".

Informação complementar

O "Relatório sobre o Desenvolvimento Humano" de 2001 do PNUD realça o fosso tecnológico e está disponível em www.undp.org.

A lembrar

17 de Maio

Dia Mundial das
Telecomunicações

FICHAS

Seis opções para a previsão do impacto da Internet

1. **O MUNDO SERÁ UM LUGAR MELHOR!** Até 2010, todas as pessoas no mundo inteiro vão estar ligadas à Internet. A Internet vai substituir as lojas, os gabinetes e as viagens de negócios. Assim, pouparemos imenso dinheiro, logo tudo vai ser grátis! As guerras vão acabar! Toda a gente vai ser feliz!
2. **O MUNDO SERÁ UM LUGAR TERRÍVEL.** Até 2010, todas as pessoas no Ocidente vão estar ligadas à Internet, mas biliões de pessoas fora da sociedade capitalista em desenvolvimento vão viver na pobreza. A instabilidade resultante vai levar a uma guerra mundial, ou finalmente alguém vai usar a receita para a bomba nuclear – disponível na Internet. Todos vão morrer.
3. **AS PESSOAS VÃO DOMINAR A INTERNET!** Até 2010, o volume do tráfego na Internet vai significar que o controlo do governo é, a partir desse momento, impossível. Vão nascer pequenas sociedades auto-governadas com pessoas que vivem em "aldeias virtuais". Todos vão ser livres.
4. **O GOVERNO VAI DOMINAR A INTERNET!** Tal como Orwell previu em *1984*, até 2010, o Big Brother vai estar de olho em si! Todos os e-mails, todos os detalhes bancários, todos os compromissos e compras, tudo vai ser registado e escrutinado. Os computadores vão estar equipados com câmaras que supervisionarão toda a gente, 24 horas por dia. Os regimes totalitaristas chegarão ao poder. Todos serão oprimidos.
5. **A INTERNET É UMA MODA PASSAGEIRA.** Até 2010, a novidade do ciberespaço já terá esmorecido. Toda a gente terá retomado os seus negócios e as suas vidas, como sempre o fizeram. Não haverá necessidade de discutir se a nova tecnologia da informação vai ser outro campo de batalha para a liberdade de expressão. Pouparão muito dinheiro se ignorarem o ciberespaço - ele vai desaparecer.
6. **A INTERNET VEIO PARA FICAR.** Até 2010, toda a gente no mundo estará ligada a toda a gente. Conviverá através do monitor, irá de férias sem sair da sua sala de estar, e discutirá com pessoas que nunca conheceu. A Internet estará tão difundida que a única hipótese de sobreviver economicamente é investindo fortemente e reorientando a sua estratégia em relação à Internet.

Fonte: Adaptado de *Direitos Humanos e a Internet*, escrito por S. Hicks, E. F. Halpin e E. Hoskins (ed.), McMillan Press Ltd, London, 2000.

Grupo A. Cenários futuros – visão pessimista

Neil Postman, "Cinco ideias sobre a mudança tecnológica"

Primeiro, pagamos sempre um preço pela tecnologia; quanto maior a tecnologia, maior o preço.

Segundo, há sempre vencedores e vencidos, e os vencedores tentam sempre persuadir os vencidos de que eles são os vencedores.

Terceiro, há preconceito social, político ou epistemológico em toda a grande tecnologia. Por vezes esse preconceito é vantajoso; por vezes não. A imprensa escrita aniquilou a tradição oral; a telegrafia aniquilou o espaço; a televisão humilhou a palavra; e talvez o computador deponha a vida comunitária. E por aí fora.

Quarto, a mudança tecnológica não é aditiva, mas sim ecológica; o mesmo será dizer que altera tudo e que, por isso, é demasiado importante para ser deixada nas mãos do Bill Gates.

E **quinto**, a tecnologia tem tendência para se tornar mítica, ou seja, para ser entendida como parte da ordem natural das coisas e, portanto, com tendência a controlar mais as nossas vidas do que necessitamos.

(Retirado de uma palestra dada na conferência, "As novas tecnologias e a pessoa humana: o novo milénio, a comunicação e a esperança", Denver, Colorado, 27 Março, 1998, www.newtech.org/address10-en.htm)

Grupo B. Cenários futuros – visão optimista

Sean Kidney, "A internet como meio facilitador da actividade dos cidadãos"

Para as pessoas que se interessam pela Internet, julgo que o cenário é optimista. Tal como qualquer outra grande mudança, a Internet traz oportunidades mas também perdas. Presenciamos perdas no mundo da imprensa escrita como resultado. Julgo que esta será a revolução onde há espaço suficiente para os indivíduos terem o seu impacto, porque há espaço para as opiniões dos indivíduos e espaço para estar informado. Normalmente as notícias desaparecem nas revoluções, mas não nesta.

Uma das esperanças que deposito na Internet é a de que facilite a actividade dos cidadãos, conduzindo assim a um tipo de democracia diferente. Acho que isso é extremamente importante para nós se quisermos que o fosso social não aumente, especialmente nestes próximos dez anos, enquanto a revolução vai apanhando o resto do mundo. Precisamos de unir esforços, não apenas a nível nacional, mas a nível global, para que juntos consigamos ter a habilidade de ajudar no futuro desta revolução especial.

Se souber ler, a próxima barreira ao conhecimento será o acesso à informação, acesso a material de leitura, como numa biblioteca. Pense como as bibliotecas revolucionaram a nossa cultura. A promessa da Internet é, está claro, a de uma biblioteca global. (De "Conversa com a sociedade de Editores da NSW", 6 Abril 1999, <http://online.socialchange.net.au>)

Grupo C. Perfil da ONG: Amnistia Internacional (www.amnesty.org)

A Amnistia Internacional, fundada em 1961, faz campanhas de libertação dos prisioneiros de consciência, assegura julgamentos justos e expeditos para os prisioneiros políticos, luta para abolir a pena de morte, as torturas e outros tratamentos cruéis aos prisioneiros, para acabar com os assassinatos políticos e "desaparecimentos", e opõe-se às violações dos Direitos Humanos por parte de governos ou de grupos de oposição. A Amnistia Internacional tem cerca de um milhão de membros e apoiantes, em 162 países e territórios. As suas actividades vão desde as demonstrações públicas ao envio de cartas, da educação para os Direitos Humanos aos eventos angariadores de fundos, dos apelos individuais sobre um caso em particular às campanhas globais sobre uma questão em geral.

É imparcial e independente de qualquer governo, persuasão política ou crença religiosa. A Amnistia Internacional é sobretudo financiada pelas subscrições e pelos donativos dos seus membros de todo o mundo. A sua página oferece um manual para campanhas, um manual sobre julgamentos justos e oportunidades para participar em campanhas, de se registar para receber apelos urgentes via sms e o envio de postais para abolir a tortura.

Exemplos do trabalho da Amnistia Internacional:

Depois de alguns erros e da conseqüente má publicidade, a Amnistia Internacional, nos finais dos anos 60, adoptou a regra de que as pessoas da organização só deveriam interferir em casos que não ocorressem no seu país de origem. Os voluntários levam a cabo a maior parte do trabalho da organização. Escrevem cartas aos governos que abusam dos Direitos Humanos, em nome daqueles que têm pontos de vista contrários aos desses governos, e são vítimas de prisão, perseguição, ameaças, maus tratos físicos, tortura, "desaparecimentos", ou assassinatos por motivos políticos. O seu pessoal apresenta-se nos acontecimentos públicos, onde passam informação sobre os prisioneiros de consciência e questões de Direitos Humanos ao público presente. Organizam demonstrações, escrevem notas de imprensa, fundam grupos de escrita em igrejas, sinagogas ou mesquitas e exercitam a sua inteligência e imaginação sem qualquer limite.

A Amnistia Internacional nunca exigiu créditos pela libertação de alguns prisioneiros. Esta é o resultado de vários factores, de entre os quais se incluem as valiosas acções (às vezes com grande risco) das famílias e dos amigos. No entanto, muitos dos prisioneiros libertados vieram a público dizer que as cartas e a publicidade da Amnistia Internacional foram muito importantes.

Em 1977, a Amnistia Internacional foi galardoada com o Nobel da Paz pelo seu trabalho. A sua campanha "Get up Sign up", que marcou o 50.º aniversário da DUDH, recolheu 13 milhões de promessas de apoio à declaração. Em 2001, o site da Amnistia Internacional "Stoptorture" ganhou o Prémio Revolução 2001, pela melhor utilização de e-mail ("best use of e-mail") (www.stoptorture.org).

Grupo D. Perfil da ONG: Derechos e Direitos Humanos (www.derechos.org)

A "Derechos e Direitos Humanos" (Derechos Human Rights) foi fundada em 1995 e foi, provavelmente, a primeira organização de Direitos Humanos baseada na Internet. Em conjunto com a Equipo Nizkor, uma organização parceira em Espanha, "Derechos" apercebeu-se de que a Internet tem o potencial necessário para ser uma ferramenta eficiente na batalha contra as violações de Direitos Humanos por todo o mundo e para ajudar as organizações de Direitos Humanos a falar a uma só voz. "Derechos" trabalha com organizações de Direitos Humanos na América Latina na divulgação da informação exacta e atempada sobre a situação dos Direitos Humanos no seu país e nas oportunidades para ajudar. A organização também coordena várias listas de e-mails, publica um jornal online sobre Direitos Humanos e trabalha com o intuito de preservar a memória e a justiça pelos que desapareceram. A sua página oferece uma lista de ligações para outras organizações de Direitos Humanos.

Um exemplo do trabalho da Derechos:

Em 1998, Javier Vildoza (21) leu a seguinte frase na página da Derechos: "Vildoza, Jorge (aliás) Tenente Comandante "Gaston", subchefe GT332 (...) presentemente um fugitivo, vive em Inglaterra; pode ter levado o filho de Cecília Vinas, nascido a meados de Setembro de 1997." Javier descobriu que o homem que pensava ser seu pai era na realidade um conhecido abusador de Direitos Humanos. Descobriu também que este homem tinha raptado uma criança nascida na mesma altura em que ele tinha nascido, na Escola Mecânica Naval, um campo de concentração público durante a ditadura argentina. Tratava-se do filho de Cecília Vinas e de Hugo Reinaldo Penino, mas tinha sido levado por Jorge Vildoza que, mais tarde, foi indiciado por mais de 60 acusações de tortura e crime. Tinha sido registado como Javier Gonzalo Vildoza Grimaldo e criado por Vildoza e pela sua mulher como filho do casal, mas nunca lhe tinham contado a verdade sobre as suas origens.

Ao navegar pelas páginas da Derechos e do Projecto Desaparecidos, Javier descobriu que os seus pais biológicos estavam ainda na lista de desaparecidos e que os seus avós o tinham procurado durante mais de 20 anos. Em 1998, encontrou-os. O facto de se ter apercebido de quem era e do que o seu pai tinha feito, levou-o a escrever a um tribunal na Argentina e a pedir um exame de ADN. Os resultados foram conclusivos: era filho de Cecília Vinas e de Hugo Reinaldo Penino. Desde então vive com os seus avós biológicos. A história de Javier ilustra como o activismo online pode ter resultados inesperados e pode exceder as nossas expectativas. Quando o Projecto Desaparecidos foi pensado, o seu objectivo era o de manter viva a memória dos desaparecidos, denunciar os responsáveis pelos desaparecimentos na América Latina e no mundo. Nunca se pensou que a página ajudasse um dos filhos dos "desaparecidos" a saber a verdade sobre a sua história.

(Adaptada de "Tratar os Direitos Humanos online: o nascimento cibernético dos Direitos", escrito por Michael Katz-Lacabe e Margarita Lacabe, in *Direitos Humanos e a Internet*, por S. Hicks, E. F. Halpin e E. Hoskins (ed.), McMillan Press Ltd, London, 2000)

Grupo E. Perfil da ONG: Human Rights Watch (www.hrw.org)

A Human Rights Watch é uma organização independente, não-governamental, apoiada pelos contributos de privados e de fundações por todo o mundo. A organização foi fundada em 1978 como Helsinki Watch (agora Human Rights Watch/Helsinki), para dar resposta ao pedido de apoio de grupos locais fortificados em Moscovo, Varsóvia e Praga, que tinham sido estabelecidos para supervisionar o cumprimento dos Direitos Humanos, tal como se encontra estabelecido nos acordos de Helsínquia. Não aceita fundos governamentais, directa ou indirectamente. A Human Rights Watch trabalha para acabar com vários abusos, incluindo as execuções sumárias, tortura, detenção arbitrária, restrições da liberdade de expressão, de associação, de assembleia e religião, violações e discriminação racial, sexual, étnica ou religiosa.

A Human Rights Watch publicita informação sobre os vários abusos de forma a constranger os governos aos olhos dos seus cidadãos e aos olhos da comunidade internacional. A Human Rights Watch pressiona também a favor da retirada militar e do apoio económico e diplomático aos governos que abusam sistematicamente dos Direitos Humanos.

Três exemplos do trabalho da Human Rights Watch:

Tribunal Penal Internacional: a Human Rights Watch esteve na linha da frente dos esforços para criar o Tribunal Penal Internacional, um tribunal permanente que julga os mais sérios crimes contra Direitos Humanos, independentemente do local onde tenham sido cometidos. A criação do tribunal resultou da pressão pública, de esforços realizados por grupos da sociedade civil e de governos por todo o mundo.

Chechénia: A Human Rights Watch foi a única organização internacional dos Direitos Humanos que se manteve na fronteira da Chechénia durante a ofensiva Russa, fornecendo informações que levaram a Comissão das Nações Unidas pelos Direitos Humanos a adoptar uma resolução que condenou a conduta Russa. A resolução marcou a primeira vez que a Comissão censurou um dos 5 membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Cosovo: a Human Rights Watch lançou uma operação no Cosovo, muito antes da campanha de bombardeamento da NATO. O seu primeiro relatório sobre o Cosovo foi publicado em 1990, e a organização acompanhou de perto os desenvolvimentos ao longo dessa década de 90. Os vários massacres investigados no local, entre o final de 1998 e o início de 1999, levaram ao aparecimento desses massacres como notícias de primeira página de jornais em todo o mundo.

Os Direitos da Criança

Uma criança sem coragem é como um céu sem estrelas.

TEMAS



CRIANÇAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



EDUCAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE

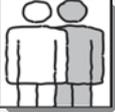
NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



60 MINUTOS

Temas	Crianças, Direitos Humanos em geral, Educação
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	60 minutos
Sinopse	<p>Esta actividade usa o <i>ranking</i> em diamante para promover uma análise sobre a Convenção dos Direitos da Criança (a CDC), incluindo os seguintes temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos do Homem em geral e direitos da criança em particular, proclamados na CDC. ▪ Obrigações e responsabilidades instituídas na Convenção. ▪ Como reivindicar os direitos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a conhecer e a viver com a família. ▪ O direito a estar protegido em relação à exploração económica. ▪ O direito a tratamento especial nos processos judiciais.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dar a conhecer a Convenção dos Direitos da Criança (CDC). ▪ Desenvolver capacidades para rever informação de forma crítica e relacioná-la com experiências do dia-a-dia. ▪ Encorajar sentimentos de responsabilidade, solidariedade, justiça e igualdade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cartões com a Declaração: um por cada pequeno grupo. ▪ Uma folha grande de papel para fazer um quadro de parede. ▪ Marcadores. ▪ Espaço suficiente para que todos os grupos possam trabalhar separadamente.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender a versão resumida da CDC publicada na página.. Especifique os artigos na folha de papel que será o quadro de parede. ▪ Reveja os cartões com as declarações, que são fornecidos, e relacione-os com a CDC. Escolha quais os artigos que proporcionarão discussões mais acesas. Pense nas questões que serão mais relevantes para o seu grupo e naquelas que provocarão mais controvérsia. ▪ Prepare um conjunto de cartões por cada grupo. Guarde cada conjunto num envelope para não se misturarem!

o exercício passo a passo

1. Comece por fazer uma pequena revisão sobre a CDC. Descubra o que é que os participantes sabem sobre a referida Convenção. Mostre o quadro e reveja os principais artigos.

2. Peça aos participantes para se juntarem em pequenos grupos de três ou quatro pessoas e distribua os envelopes com os cartões que contêm as declarações.
3. Explique o procedimento do *ranking* em diamante. Cada grupo deve discutir a importância das nove declarações para a sua vida. Depois devem dispô-las num modelo tipo diamante, por ordem de importância: a declaração mais importante deve ser posta em cima; logo abaixo, devem estar, lado a lado, as duas consideradas mais importantes; por baixo destas, devem ser colocadas as três declarações com importância moderada; a quarta fila, terá mais duas declarações e, finalmente, a quinta fila apresenta a última, aquela que tem menos importância de acordo os participantes. Desta forma, os cartões tomarão a forma dum diamante.
4. Dê 25 minutos aos grupos para discutirem e decidirem a ordem do *ranking*.
5. Quando todos os grupos tiverem acabado, deixe que cada participante passe pelas mesas dos outros para ver como é que cada grupo ordenou as declarações. No final, reúna os grupos para a sessão em plenário.

Análise e avaliação

Comece por pedir a cada grupo para apresentar os resultados da sua análise. Depois pergunte aos participantes se gostaram da actividade e questione-os sobre o que aprenderam.

- Como são os resultados dos diferentes grupos? Quais são as semelhanças e as diferenças?
- Por que é que pessoas diferentes têm prioridades diferentes?
- Depois de terem ouvido os restantes grupos alguém quer reconsiderar a sua ordenação dos cartões? Que argumentos foram mais persuasivos?
- De uma maneira geral, que direitos não são respeitados na sua comunidade e porquê?
- Há algum direito que não esteja contemplado na Convenção e que achem que deva estar?
- Acham que as crianças precisam da sua própria Convenção? Porquê?
- Se as crianças têm a sua própria Convenção, não acham que deveria haver uma para os jovens de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos?
- Quais os direitos que deveriam estar incluídos numa convenção para os jovens?
- É certo que as crianças têm os seus direitos proclamados na CDC mas, na realidade, será que alguma vez chegam a ter conhecimento deles e a reivindicá-los?
- Como é que as pessoas reivindicam os seus direitos?
- Se a participação no processo democrático é uma forma de reivindicar os direitos, o que é que os participantes podem fazer desde agora para começarem a "reivindicar os seus direitos", em casa, na escola ou no seu grupo?
- A quem é que as crianças da vossa comunidade se podem dirigir se forem vítimas de violações dos seus direitos?

Dicas para o animador

Encontra mais informação sobre o "*ranking* em forma de diamante" no capítulo I – "Como utilizar o Farol". Lembre aos participantes que não existem maneiras certas ou erradas de ordenar os cartões. Devem ter consciência de que as experiências variam de pessoa para pessoa e que, por isso, as prioridades de cada um também diferem. Isso deve ser respeitado. No entanto, no seio de cada grupo, devem tentar chegar a uma decisão consensual sobre a ordem das declarações. Afinal de contas, na vida real, as prioridades têm de ser definidas e as decisões têm de ser tomadas tendo em conta os interesses de todos!

A lembrar Variantes

20 de Novembro
Dia Mundial da Criança

Em vez de entregar 9 artigos para o grupo ordenar, pode entregar só oito e deixar um cartão em branco para que os participantes identifiquem o nono.

Coloque os cartões com as declarações num chapéu e peça a cada um dos participantes para tirar um papel e falar sobre o artigo durante um minuto. Veja a actividade "Só Um Minuto" na página 256, para informações sobre este método. Peça aos grupos para escreverem uma pequena história ou para apresentarem uma peça relatando um incidente relacionado com os artigos seleccionados. Como alternativa, as histórias/representações podem basear-se em eventos contados pelos meios de comunicação social, algo que se ouviu ou viu num filme ou teatro, ou que se leu num livro ou revista. As peças podem ser pensadas de forma a começar com o incidente e, depois improvisarem-se soluções ou formas de prevenção desse incidente em particular, ou da violação, em geral.

Sugestões para aprofundamento

Convide alguém que esteja familiarizado com a CDC para vir conversar com o grupo (um advogado, o responsável por uma linha telefónica de ajuda a crianças, um psicólogo infantil ou alguém do gabinete do Provedor de Justiça). Antes da conversa, faça uma pequena reflexão em grupo sobre os abusos dos Direitos Humanos das crianças: abuso infantil, exploração sexual, negligência e *bullying* entre crianças. Descubra quem é responsável, na vossa comunidade; por exemplo: pais, polícia, linhas telefónicas de ajuda, assistentes sociais, etc. Pergunte também o que devem fazer se presenciarem uma violação, especialmente em casos graves como um vizinho a maltratar os próprios filhos. Não se esqueça de que tem de lidar com estes assuntos com muita cautela, preocupação e cuidado.

As crianças e os jovens sentem-se muitas vezes discriminados. Se o grupo quiser explorar questões sobre a discriminação, façam a actividade "Todos Diferentes – Todos Iguais" da página 263.

1, 2, 3... Acção

Verifique até que ponto a gestão da escola, a sua organização, orientação e currículos escolares assumem os deveres e responsabilidades que lhes competem, em relação à CDC. Por exemplo: planifica uma educação que promove o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus talentos e capacidades, ou dá ênfase excessiva à aprendizagem para os exames? Os alunos têm o direito a exprimir as suas opiniões livremente sobre todos os assuntos que lhes dizem respeito? E essas opiniões são tidas em consideração? Isto é, existe uma Assembleia de Escola? E até que ponto essa Assembleia é eficaz? A forma de disciplina salvaguarda a dignidade da criança? Como é que a escola lida com episódios racistas e de *bullying*? Discutam todos os pontos que podem ser melhorados e as medidas que podem e devem ser tomadas de forma a abordar essas questões. Dê uma espreitadela ao exemplo de "1,2,3... Acção", e planifique um projecto. Tenha cuidado, não se precipite, nem entre em conflitos de poder (desnecessários) com os professores!

Informação complementar

No capítulo 5, na secção com informação suplementar sobre crianças, pode encontrar: o texto completo da Convenção, documentos relevantes da UNICEF publicados anualmente sobre a situação das crianças no mundo, e outros livros e publicações relacionadas com os direitos da criança.

FICHAS**Cartões com frases**

Fotocopie os artigos que se seguem e recorte-os para fazer cartões com frases.

Toda a criança tem direito a exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe dizem respeito, sendo estas devidamente tomadas em consideração. A criança tem direito à liberdade de expressão.

O direito da criança à liberdade de pensamento, de consciência e de religião deve ser respeitado. Toda a criança tem direito à liberdade de associação e à liberdade de reunião pacífica.

Nenhuma criança deve ser submetida a intromissões arbitrárias ou ilegais na sua vida privada, família, domicílio ou correspondência. A criança deve ser protegida de ofensas ilegais à sua honra ou reputação.

Os pais têm a responsabilidade principal na educação e desenvolvimento da criança.

Toda a criança tem direito à educação. O Estado deve providenciar ensino primário obrigatório, acessível e gratuito para todos. A disciplina escolar deve ser assegurada de forma compatível com a dignidade da criança. A educação deve promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e capacidades; inculcar o respeito pelos Direitos Humanos e liberdades fundamentais; preparar a criança para uma vida responsável numa sociedade livre, num espírito de compreensão, paz, tolerância, igualdade e amizade e de respeito pelo meio ambiente.

A criança tem direito ao descanso e ao lazer, a brincar e a participar livremente na vida cultural e nas artes.

A criança deve ser protegida da exploração económica e do trabalho que ponha em risco a sua vida ou desenvolvimento. Toda a criança deve ser protegida de todas as formas de exploração e violência sexual, de prostituição ou outras práticas sexuais ilícitas, na produção de espetáculos ou materiais de natureza pornográfica.

O Estado deve tomar todas as medidas possíveis para proteger e ajudar as crianças atingidas por um conflito armado.

Toda a criança suspeita ou acusada de ter infringido o direito penal é presumida inocente até que a sua culpabilidade tenha sido legalmente decretada; deve beneficiar de assistência jurídica para a preparação e apresentação do seu caso; não deve ser obrigada a testemunhar ou a confessar-se culpada; deve ver plenamente respeitada a sua vida privada; deve ser tratada de forma apropriada à sua idade, circunstância e bem-estar. Nenhuma criança com menos de 18 anos poderá ser condenada à morte ou a prisão perpétua.

Os Makah e a Caça às Baleias

"Digam o que disserem – a caça às baleias é crime e crime é crime"
Greenpeace

TEMAS



AMBIENTE



GLOBALIZAÇÃO



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO



14+

DURAÇÃO



150 MINUTOS

Temas	Ambiente, Globalização, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	14+
Duração	150 minutos
Sinopse	Esta actividade envolve trabalho em pequenos grupos, dramatizações, análise e construção de consensos sobre os seguintes assuntos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ A utilização sustentável dos recursos marinhos. ▪ O direito dos povos indígenas à sua cultura e desenvolvimento.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a participar na vida cultural. ▪ O direito dos povos a disporem livremente da sua riqueza natural. ▪ O direito a desenvolver e utilizar os recursos naturais.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Explorar os conflitos existentes entre o direito ao desenvolvimento, a participação na vida cultural e a protecção do ambiente. ▪ Desenvolver capacidades interculturais e reflectir sobre preconceitos. ▪ Desenvolver atitudes de abertura face às diferenças culturais.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fichas. ▪ Canetas e papel para os diferentes grupos tirarem notas.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leia todas as fichas com informações complementares para se familiarizar com os diferentes assuntos e, assim, poder tirar as dúvidas que surgirem. ▪ Fotocopie os cartões com os diferentes papéis para cada grupo. Cada participante deve ter o seu próprio cartão.

O exercício passo a passo

A actividade divide-se em duas partes: a primeira parte (30 minutos) é uma pequena introdução à própria actividade e aos temas ambientais e culturais envolvidos; e a segunda parte (90 minutos) é uma simulação de uma reunião, onde se discute a petição entregue pela tribo Makah à Comissão Internacional da Baleia (CIB) para poderem retomar a caça às baleias. Certifique-se de que deixa tempo para a análise e avaliação da actividade.

1ª Parte. Introdução aos temas ambientais e culturais (30 minutos)

1. Explique que esta actividade se relaciona com direitos ambientais e culturais. Baseia-se no requerimento feito pela nação Makah à CIB para poder retomar a caça às

baleias e na oposição a este requerimento manifestada por vários grupos.

2. Conte ao grupo a história dos Makah (veja nas fichas).
3. Introduza os assuntos abordados nesta actividade. Peça aos participantes para subirem ou descerem (se esticarem ou se encolherem) de acordo com o grau de concordância em relação às afirmações. (Para saber as regras desta técnica, veja na actividade "Sobe e desce" (pág. 68) Leia uma afirmação de cada vez:
 - "Os costumes dos povos devem ser respeitados desde que não violem os Direitos Humanos."
 - "Devemos respeitar o direito de cada um a escolher livremente o que comer: se querem ser veganos, vegetarianos ou se comem carne."
 - "A comida devia ser produzida utilizando métodos amigos do ambiente."
 - "A criação de animais não deveria incluir métodos cruéis como a criação intensiva ou formas cruéis de os matar."
 - "As tradições culturais são muito importantes para os diferentes povos e devem ser respeitadas."
 - "As baleias não devem ser caçadas, mesmo que seja com objectivos culturais."

2.ª Parte. Um encontro simulado para discutir o requerimento da tribo dos Makah à CIB para retomar a caça às baleias. (90 minutos)

1. Lembre ao grupo que a tribo dos Makah entregou o requerimento à CIB para retomar a caça às baleias e que vários grupos ambientalistas se opuseram. Esta actividade é uma simulação da reunião com uma organização imaginária, denominada CDASD (Cultura, Direitos, Ambiente, Sustentabilidade e Diálogo). A CDASD é uma organização independente que trabalha com o intuito de trazer a perspectiva dos Direitos Humanos para as questões ambientais. Está empenhada em promover a compreensão através do diálogo. A simulação consiste numa reunião entre quatro grupos, organizada pela CDASD:
 - a, Os Makah, que querem apresentar o seu caso para retomar a caça das baleias;
 - b, A "Grande Aliança do Norte" (GAN), uma organização que representa os caçadores de baleias e de focas. A GAN está empenhada em trabalhar para uma utilização sustentável dos recursos marinhos mamíferos por parte das culturas que vivem na costa. A GAN apoia os Makah.
 - c, A "Protectores do mar", uma organização que investiga e regista violações das leis, regulamentos e tratados internacionais, que protegem as espécies marinhas selvagens. Opõe-se ao requerimento entregue pelos Makah.
 - d, Greenpeace, activistas ambientais que se opõem à caça das baleias.
2. A função da CDASD é mediar a reunião. A análise focará quatro questões essenciais:
 - A caça às baleias deve ser permitida?
 - Poderá a caça às baleias ser encarada como um caso especial quando parte de uma tradição?
 - Se a caça às baleias for permitida, deve sê-lo a que nível?
 - Que tipo de gestão será necessária?
3. Chame dois voluntários para serem os representantes da CDASD e divida o resto dos participantes em quatro pequenos grupos. Distribua os cartões. Dê 30 minutos aos grupos para discutirem a informação e para prepararem a defesa da sua posição relativamente ao requerimento dos Makah.
4. Quando os grupos estiverem preparados, reúna-os em plenário. Peça ao par mediador, representante da CDASD, que organize a reunião; deve durar cerca de 60 minutos. O objectivo da reunião é partilhar informação, discutir os problemas levantados e chegar a um acordo sobre as quatro questões.

5. A CDASD inicia a reunião com uma pequena introdução sobre Direitos Humanos e protecção do ambiente como enquadramento para a sessão. A tribo Makah terá, de seguida, direito a expor o seu caso. E depois começa o debate.
6. No final do debate, faça a "análise e avaliação" da actividade.

Análise e avaliação

Peça aos grupos para reflectirem sobre o processo de debate e acerca das possibilidades de chegar a um consenso.

- Foi difícil desempenhar papéis diferentes?
- Qual foi o aspecto mais interessante que aprenderam?
- Quais os melhores argumentos? Apelar às emoções ou apresentar argumentos racionais e lógicos?
- Foi difícil entender o outro lado da questão? E aceitá-lo?
- Na vida real, até que ponto é difícil aceitar práticas culturais dos outros que os participantes consideram cruéis, incompreensíveis ou imorais?
- Onde é que o choque cultural se torna discriminação?
- É difícil ser aberto em relação às diferenças culturais?
- Será que a globalização conduz necessariamente a perdas culturais? Será que a cultura modificada é uma cultura perdida?
- Será que devemos pensar nas transformações culturais como um processo positivo?
- As reivindicações legais de direitos são normalmente resolvidas nos tribunais. Acham que é uma forma justa de resolver questões de direitos?
- O que é que deve ter prioridade: o direito à alimentação e à vida ou a protecção ambiental e a preservação das espécies?

Antes de terminar a sessão, volte a fazer uma ronda de "sobe e desce" para ver se as pessoas mudaram de opinião em relação a este assunto. Repita as mesmas questões que usou na primeira parte.

Dicas para o animador

A complexidade das questões abordadas nesta actividade implica que deverá ser realizada com um grupo maduro e com boas capacidades de análise. Tanto a informação a assimilar como o texto dos cartões implica um certo nível de conhecimento sobre Direitos Humanos e terminologia ambiental. Aconselhamos que divida a actividade em duas sessões, deixando assim tempo suficiente para os participantes se prepararem e reflectirem sobre as diferentes questões.

Um dos principais objectivos desta actividade consiste em confrontar os jovens com as limitações das suas perspectivas culturais e ajudá-los a reconsiderar as suas atitudes quanto à utilização sustentável da vida selvagem. A caça às baleias é, no entanto, um tema muito emotivo e algumas pessoas podem defender fortes pontos de vista. É, por isso, um grande desafio, mas também uma questão muito difícil de abordar. O segundo objectivo da actividade consiste em aumentar as capacidades de tomada de decisão consensuais. Por esse motivo, a actividade foi concebida como uma reunião mediada por uma organização imaginária: a CDASD (Cultura, Direitos, Ambiente, Sustentabilidade e Diálogo). Antes de começar a actividade veja a informação sobre tomadas de decisão consensuais.

Preste atenção à terminologia utilizada e certifique-se de que os participantes percebem completamente o significado de todos os termos e conceitos, como por exemplo:

Povos indígenas

Não há distinções, duras e cruas, que nos permitam definir, sem ambiguidade, os povos indígenas. De uma forma geral, diz-se que são os descendentes dos povos que originalmente ocupavam as terras antes dos colonizadores chegarem e antes das fronteiras serem estabelecidas. São sempre marginais em relação ao Estado e, normalmente, são tribais.

O princípio da precaução

O princípio da precaução declara que "quando uma actividade ameaça prejudicar a saúde pública ou o ambiente, devem ser tomadas medidas preventivas, mesmo se as relações causa-efeito ainda não tiverem sido provadas cientificamente." Este princípio inclui agir mesmo em situações de incerteza; passar o ónus da prova para aqueles que correm os riscos; avaliar alternativas para actividades potencialmente perigosas, e métodos de tomada de decisão participativos.

Sustentabilidade

Em 1989, a Comissão Mundial das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento (UNWCED, em inglês, ou seja, United Nations World Commission on Environment and Development), também denominado Relatório Brundtland, definiu o desenvolvimento sustentável como "o desenvolvimento que vai ao encontro das necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades". "Utilização Sustentável" é um termo aplicável apenas aos recursos renováveis e significa a utilização do recurso numa proporção que esteja de acordo com a sua capacidade de renovação. Existe um princípio mundialmente acordado para a utilização sustentável dos recursos naturais do mundo, baseado em provas científicas e em informações objectivas.

Variantes

Se o grupo for pequeno pode dividi-lo apenas em dois subgrupos: os Makah e a GNA, de um lado, e a Greenpeace e a Protectores do Mar, do outro.

Uma maneira alternativa de apresentar esta actividade será realizar um painel. Nomeiem um representante para cada grupo: para os Makah, para a GNA, para a Protectores do Mar e para a Greenpeace. Devem apresentar os seus casos e depois a assistência coloca questões. No final da actividade, faça uma votação em relação às quatro questões. Desta maneira, os participantes reflectem sobre Direitos Humanos e sobre as implicações culturais e ambientais do problema, ficando apenas a faltar a tomada de decisão de forma consensual.

Sugestões para aprofundamento

A globalização é um dos assuntos abordados nesta actividade. Se o grupo estiver interessado em aprofundar os aspectos da globalização, pode tentar fazer a actividade "Glossário da Globalização" na página 145.

1, 2, 3... Acção

Apoiem os povos indígenas comprando os seus produtos. Muitos dos objectos de artesanato que estão à venda nas lojas são manufacturados por povos indígenas. Da próxima vez que for comprar um presente para alguém, procure esses produtos.

A lembrar

9 de Agosto

Dia Internacional dos Povos Indígenas

Informação complementar

Página da GNA (High North Alliance: www.highnorth.no); da "Protectores do mar" (Sea Shepherd International: www.seashepherd.com); da Comissão Internacional da Baleia (International Whaling Commission www.iwcoffice.org); da Comissão de Preservação da Nação Makah (Conservation Makah Nation: <http://content.lib.washington.edu/aipnw/renker/contemporary.html>), e da Greenpeace (www.greenpeace.org).

FICHAS

O povo dos Makah (também conhecido como "os Makah" ou como "a tribo dos Makah") vive numa reserva na ponta mais a noroeste da Península Olympic, no estado de Washington, nos EUA. Actualmente a reserva tem cerca de 27,000 hectares. As informações recolhidas no censo de Julho de 1999 revelaram que a tribo é composta por 1214 membros, embora apenas 1079 vivam na reserva. A taxa de desemprego na reserva é de aproximadamente 51%. Quase 49% das famílias na reserva têm rendimentos classificados abaixo do nível federal de pobreza, e 59% das habitações são consideradas abaixo da média.

Apesar desta descrição desoladora, as tradições são muito fortes e muitos dos Makah que acabam o ensino superior voltam para a reserva para trabalhar para a tribo, na clínica local e na escola pública.

Fonte: <http://content.lib.washington.edu/aipnw/renker/contemporary.html>

FICHAS

Cartões

Cartão da organização CDASD

A vossa posição sobre a questão da caça às baleias é neutra. A vossa função é apenas fornecer informação sobre a legislação relativa aos Direitos Humanos, sobre o ambiente e mediar a reunião. A vossa tarefa, como mediadores, é assegurar que a reunião não fuja do tema e clarificar qualquer falsa noção ou mal-entendido. Devem ajudar os grupos a esquecer as diferenças que os separam e a explorar os aspectos em comum, de maneira a que consigam chegar a um consenso sobre as seguintes questões:

- A caça às baleias deve ser permitida?
- Poderá a caça das baleias ser encarada como um caso especial quando é parte de uma tradição cultural?
- Se a caça das baleias for permitida, deve sê-lo a que nível?
- Que tipo de gestão será necessária?

Comecem por acolher os participantes. Estabeleçam a estrutura do debate. Em cerca de dois minutos, mostrem o cenário, sumariando os principais Direitos Humanos e aspectos ambientais que se encontram em questão, citando, se necessário, os excertos fornecidos a seguir. Devem também referir que algumas pessoas podem ser moralmente contra a caça às baleias.

Depois peça aos Makah para explicarem as suas razões para retomarem a caça às baleias antes de estender a discussão ao grupo geral. Quando tiverem passado 40 minutos de debate comecem a sumariar.

Informação complementar sobre os Direitos Humanos, a cultura e o ambiente

O Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais declara, no Artigo 1.º, que:

1. Todos os povos têm o direito a dispor deles mesmos. Em virtude deste direito, determinam livremente o seu estatuto político e asseguram livremente o seu desenvolvimento económico, social e cultural.
2. Para atingir os seus fins, todos os povos podem dispor livremente das suas riquezas e dos seus recursos naturais, sem prejuízo das obrigações que decorrem da cooperação económica internacional, fundada sobre o princípio do interesse mútuo e do direito internacional. Em nenhum caso poderá um povo ser privado dos seus meios de subsistência.

Artigo 15.º:

1. Os Estados Parte no presente Pacto reconhecem a todos o direito:
 - (a) De participar na vida cultural;
 - (b) De beneficiar do progresso científico e das suas aplicações;

O preâmbulo da Declaração de Viena de 1993 declara que, "Reconhecendo e afirmando que todos os Direitos Humanos decorrem da dignidade e do valor inerentes à pessoa humana, que a pessoa humana é o sujeito central dos Direitos Humanos e das liberdades fundamentais, e que, conseqüentemente, deve ser o seu principal beneficiário e participar activamente na realização desses direitos e liberdades... Congratulamo-nos com a proclamação de 1993 como Ano Internacional dos Povos Indígenas do Mundo, enquanto forma de reafirmação do empenho da comunidade internacional em garantir a estes povos o gozo de todos os Direitos Humanos e liberdades fundamentais, bem como em respeitar o valor e a diversidade das suas culturas e identidades".

Em 1981, a Comissão Internacional da Baleia decidiu permitir a caça desta espécie para a subsistência dos aborígenes. Está definida como a "caça às baleias com o propósito de consumo pelas comunidades aborígenes levada a cabo ou em nome dos povos aborígenes, indígenas ou nativos que partilhem fortes laços de comunidade, de família, sociais e culturais relacionados com uma contínua e tradicional dependência da caça às baleias e sua utilização".

A Convenção das Nações Unidas do Direito do Mar declara que "Um dos princípios gerais é a optimização e sustentabilidade da utilização dos recursos marinhos renováveis."

Em 1982, houve uma moratória relativa à caça à baleia cinzenta em vias de extinção. Em 1994, a população das baleias tinha já recuperado para 21,000 indivíduos (número estimado) e foi retirada da Lista de Espécies em vias de extinção nos Estados Unidos.

Cartão da tribo dos Makah

A vossa função é apresentar o caso dos Índios Makah que vivem na costa noroeste da América do Norte. Nesta actividade, devem unir os vossos conhecimentos sobre os Direitos Humanos e sobre as questões ambientais com as citações que se seguem que retirámos da página dos Makah:

"As cerimónias, os rituais, os cânticos e as histórias da caça às baleias foram passando de geração em geração e mantidas vivas, apesar de terem já passado 70 anos desde a última caçada. Referimo-nos a uma estrutura social que cresceu à volta da caça. Actualmente alguns dos índios Makah trabalham na pesca do salmão, vendendo-o a uma fábrica de peixe local, embora o velho sistema de partilha entre a família e os amigos exista ainda."

"Foram as operações industriais de caça à baleia levada a cabo pelos Europeus e pelos Americanos que esgotaram o stock de baleias. Quando o governo americano resolveu finalmente tomar as medidas ambientalistas necessárias, os Makah foram também obrigados a parar com as caçadas. Agora, o stock cresceu e chegou a um número que é já considerado histórico – 21,000 exemplares – e, no ano passado, as baleias foram retiradas da Lista de Espécies em Perigo dos EUA."

"Os jovens dão agora cada vez mais valor a uma identidade baseada na própria cultura e história. Fazer parte de uma cultura com uma grande tradição é um privilégio que poucos jovens dos EUA têm."

"Nós não vamos caçar as baleias cinzentas com fim comercial... se bem que já ouvimos boatos de que as planeávamos vender aos japoneses. O nosso objectivo é apenas preservar as nossas tradições e assegurar a nossa subsistência. Na nossa petição solicitamos apenas cinco baleias e ninguém pode dizer que as vamos caçar todas. Seremos um elemento colaborador na certeza de que a baleia cinzenta nunca mais voltará a fazer parte da lista de espécies em perigo... A tribo é a primeira a reconhecer a necessidade de impor limites na caça... Está-nos no sangue e nos nossos valores."

"Os Makah vão à pesca em pequenos barcos costeiros. Ainda não foram tomadas as decisões sobre a tecnologia a utilizar. As nossas opções incluem: um velho arpão de mão, tal como era utilizado antigamente, ou uma versão modificada com uma granada na ponta, tal como os que são utilizados na caça às baleias cabeça-de-arco do Alasca."

Cartão da Grande Aliança do Norte (GAN)

A GAN é uma organização que representa os caçadores de baleias e de focas do Canadá, Gronelândia, Ilhas Faroe, Islândia e Noruega, assim como de várias comunidades locais. A GAN está empenhada em trabalhar pelo futuro das culturas costeiras e pela utilização sustentável dos recursos marinhos mamíferos. Nesta actividade, devem unir os vossos conhecimentos sobre Direitos Humanos e sobre as questões ambientais com as citações que se seguem que retirámos da página da GAN.

"Os Makah já caçavam baleias há 2.000 anos, quando chegaram estes imperialistas brancos, ávidos de caçar baleias por causa dos óleos e de tudo o que era importante para eles. E, assim, violaram aquele recurso e os Makah não puderam continuar com a sua tradição. Os Makah têm esperado pacientemente pela renovação deste recurso. E agora, finalmente, isso aconteceu. Mas, agora, os caras-pálidas mudaram de opinião. De repente, querem banir qualquer utilização deste recurso."

"As diferentes culturas nunca vão chegar a um acordo quanto ao animal que lhes é especial e qual é bom para comer. No norte da Noruega as pessoas têm uma relação especial com o pato Eider enquanto, na Dinamarca, qualquer honrado comerciante de caça vende o peito do pato Eider como uma especialidade. Assim, a afirmação "as baleias são diferentes", leva-nos a uma importante questão: "diferentes para quem?"

"A caça às baleias, tal como a caça às focas, é permitida desde que seja levada a cabo pelos povos indígenas e sem fins comerciais. Apenas a "tradicional" utilização é autorizada e, normalmente, são os forasteiros que definem o que é "tradicional". Ligar a caça às baleias e às focas a um modo de produção não comercial é uma forma de negar aos povos o direito a definir o próprio futuro. Nenhuma cultura é estática, mas uma política contra os caçadores de baleias é, de facto, uma tentativa de "congelar" a situação, de tornar uma cultura em desenvolvimento num museu estático. Parece que o comércio é considerado como uma coisa má pela maioria dos Governos Parte na Comissão Internacional das Baleias. Não deixa, no entanto, de ser irónico que este ponto de vista seja apresentado pelos governos que são normalmente os grandes defensores do comércio livre. Todavia, aparentemente, a algumas pessoas vai ser negado o acesso ao mercado mundial. E, caso queiram fazer parte da economia mundial, não será jogando o jogo segundo as suas regras, mas sim segundo as regras dos forasteiros."

"A situação actual ou a estratégia "afastem-se das baleias" são difíceis de defender com argumentos lógicos. Há muitas práticas na agricultura, na pesca ou na silvicultura que são claramente insustentáveis, mas ninguém as bane das indústrias."

"Segundo o relatório sobre os mamíferos marinhos, do Conselho da Europa, de 12 de Julho de 1993: "Os mamíferos marinhos são parte dos recursos vivos dos ecossistemas dos oceanos. Devem ser protegidos sempre que forem ameaçados e só deve ser permitida a sua caça quando se tiver a certeza que o número de seres existentes o permite. A caça pode até ser necessária de forma a prevenir a sobrepopulação e os desequilíbrios nos ecossistemas marinhos."

"A caça às baleias é um bom exemplo do modo como a cooperação internacional pode transformar uma situação de exploração excessiva numa de utilização sustentável. A cooperação internacional não é perfeita, mas pode e deve funcionar."

Cartão da "Protectores do Mar" e da "Sociedade de Preservação das Baleias e dos Golfinhos"

A "Protectores do Mar" é uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, envolvida na investigação e no registo das violações das leis, regulamentos e tratados internacionais que protejam as espécies da vida selvagem marinha. A Sociedade de Preservação das Baleias e dos Golfinhos (SPBG) é o instituto mais activo a nível mundial na conservação e no bem-estar das baleias, dos golfinhos e dos porcos-marinhos.

A vossa função é apresentar as opiniões das pessoas preocupadas com a protecção da natureza e da vida selvagem. Devem unir os vossos conhecimentos sobre os Direitos Humanos e sobre as questões ambientais com as citações que se seguem, retiradas das páginas web da "Protectores do Mar" e da SPBG.

"A verdadeira razão para os Makah avançarem com esta petição é saberem perfeitamente que a carne da baleia vale 80USD o quilo, no Japão, e que uma baleia vale cerca de um milhão de dólares. E não estamos a falar apenas das cinco baleias que eles dizem querer matar. Claro que isto traz implicações para milhares de baleias, pois a Noruega e o Japão, e outros países interessados na caça às baleias, como a Rússia ou a Islândia, estão muito atentos ao desfecho deste assunto. No caso de o requerimento dos Makah ser deferido, isso destruirá a credibilidade dos Estados Unidos no movimento internacional da conservação marinha. O Capitão Paul Watson da "Protectores do Mar", afirma:

"Estamos a caminhar na corda bamba: se, por um lado, tentamos respeitar o direito histórico dos povos de levar a cabo as suas velhas tradições de subsistência, por outro, temos de tentar equilibrar os interesses da conservação e da protecção das baleias... (e) tentando perceber o mundo em mudança dos povos indígenas. Em 1995, por exemplo, criticou-se a caça russa da baleia cinzenta quando se alegava que a carne da baleia não estava a ser comida pelos povos indígenas mas sim por raposas, em quintas de produção de raposas, por causa da pele."

"Os esquimós do Norte do Alasca são agora economicamente diferentes das pessoas que caçavam baleias há um século. A exploração do petróleo trouxe a poluição, distúrbios e novas populações para o Alasca. Trouxe também muito dinheiro aos locais. Para um observador informal, caçar a partir de helicópteros distorce um pouco a definição do que é aborígene."

"Enquanto a GAN continua a debater a questão emotiva do recomeço da caça comercial das baleias, centenas de baleias, e os seus primos, os pequenos golfinhos e os porcos-marinhos morrem todos os anos, quase sem ninguém dar conta, nas caçadas aborígenes."

"No contexto da vida selvagem, o princípio da precaução declara que, quando não se conhece o impacto de uma acção sobre uma espécie, deve ser dado o benefício da dúvida à espécie, protelando a acção até que se prove que esta não trará custos ou perdas inaceitáveis à mesma."

Cartão da Greenpeace

Em todo o mundo, os apoiantes da Greenpeace publicitam as suas visões sobre como alcançar um mundo mais sustentável. Devem unir os vossos conhecimentos sobre Direitos Humanos e sobre as questões ambientais com as citações que se seguem, retiradas da página da Greenpeace.

"Digam o que disserem, a caça às baleias é um crime e um crime está sempre errado. Todos sabemos que as baleias não são humanas, mas serão menos do que os humanos? O que leva alguns a regozijarem-se com a matança das baleias é semelhante ao que os leva a aceitar o genocídio de seres humanos "inferiores". Acreditamos que a expressão "Direitos Humanos" só superficialmente é chauvinista em relação às espécies. Num sentido mais profundo da expressão, as baleias, assim como outros mamíferos sensíveis, estão habilitadas aos Direitos Humanos ou, pelo menos, a "Direitos Humanistas", ou seja, aos direitos fundamentais que nós consideramos parte da nossa tradição humanitária".

"A Greenpeace não apoia qualquer programa de caça às baleias, mas também não se opõe à caça às baleias que seja realmente uma forma de subsistência. No entanto, caso haja um factor comercial, nós estaremos na linha da frente, a lutar contra esse programa."

"Os grupos abaixo assinados, apelam respeitosamente à nação dos Makah para não retomarem a caça às baleias. As pessoas de todo o mundo, de várias culturas, consideram as baleias como seres sagrados e defendem cada espécie como uma nação soberana em si mesma, merecedora de respeito e de protecção. As baleias cinzentas migram vastas distâncias todos os anos, para prazer de centenas de observadores de baleias. Passam, por pouco tempo, nas águas dos Makah. Consideramos que a importância das tradições espirituais deve ser observada tendo em conta o contexto de um planeta cuja vida selvagem está a ser destruída." Rede de Acção pelos Animais e outros.

"Eu fiquei em estado de choque quando ouvi que estavam a pensar matar as baleias cinzentas - ou qualquer outra baleia... Fizemos o nosso trabalho de casa, fomo-nos informar e descobrimos que está a ser discutida uma proposta para matar cinco baleias por uma tribo. Caso esta proposta seja aceite, logo teremos várias outras tribos no Canadá e no Alasca e dizer: "Bom, se eles as podem caçar, nós também". Julgo que os americanos - que têm uma relação especial com as baleias - não estão prontos a aceitar uma colheita de baleias nesta altura do ano." EUA, Rep Jack Metcalf.

"As baleias continuam em perigo, apesar da moratória imposta pela comunidade internacional, em 1986. O método mais eficaz na preservação das baleias é a criação de santuários - áreas onde a caça das baleias é proibida -, não apenas temporariamente, mas para sempre."

"É extremamente difícil determinar com precisão o número real de baleias existente nas diferentes populações. O tamanho da maioria das populações de baleias conhecido tem um erro de mais ou menos 50%. Uma vez que as mudanças acontecem muito devagar, é quase impossível saber se uma população está a crescer ou a diminuir sem uns bons anos de estudo. No entanto, não há dúvidas que a causa do declínio das populações baleares é a caça comercial de baleias."

Os Nossos Futuros

A melhor forma de testar o nosso progresso não é aumentando a abundância dos que já têm muito, mas sim assegurando o suficiente àqueles que têm pouco.

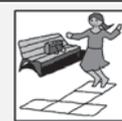
Franklin D. Roosevelt

Temas	Crianças, Ambiente, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	15-20
Duração	60 minutos
Sinopse	<p>Nesta actividade, os participantes vão desenhar, reflectir e discutir esperanças e preocupações para o futuro da sua geração. De entre os assuntos abordados podemos salientar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Questões ambientais que afectam as gerações vindouras. ▪ Os jovens e a família. ▪ Vida na comunidade.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a ter opinião e a ter acesso a informação. ▪ O direito a ser ouvido em relação a todos os assuntos relacionados com o melhor para a criança. ▪ O direito a um nível de vida decente.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumentar o conhecimento sobre a vida na comunidade, os direitos e as responsabilidades. ▪ Promover competências para poder realizar um bom debate, saber trabalhar em equipa e desenvolver a imaginação. ▪ Encarar o mundo como uma oportunidade em aberto, onde todos os jovens podem deixar a sua contribuição, seja positiva ou negativa.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Papel para rascunho. ▪ Folhas grandes para o desenho final. ▪ Tintas, canetas e marcadores. ▪ Materiais para uma colagem: papel colorido, revistas, ramos, arroz, feijão, folhas mortas, conchas, etc. ▪ Cola. ▪ Fotografias e Imagens do bairro/cidade de há dez ou vinte anos atrás (opcional).

o exercício passo a passo

1. Evoque, com os participantes, o conceito de alteração ao longo do tempo. Peça-lhes que façam uma pequena viagem no tempo e que pensem como é que o bairro era quando eram pequenos, como eram as suas casas e até como eles mudaram. Alguma destas salas

TEMAS



CRIANÇAS



AMBIENTE



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



15-20

DURAÇÃO



60 MINUTOS

- do centro foi remodelada, ou alguma tem nova mobília? Há algum prédio novo no bairro? Peça-lhes que reflectam sobre todas estas alterações e sobre quem tomou as decisões do que devia ser renovado e de como se devia renovar.
2. Façam uma pequena reflexão em grupo sobre as mudanças que gostariam de ter visto, caso tivessem sido consultados.
 3. Estabeleça uma ligação entre as tomadas de decisão que afectam outras pessoas e os Direitos Humanos. Os Direitos Humanos são uma boa base para as tomadas de decisão? Os Direitos Humanos serão mais ou menos importantes para os decisores do futuro? Porquê?
 4. A vossa oportunidade chegou! Este é o momento para começarem a pensar – e até mesmo a influenciar – o futuro que também é o vosso!
 5. Divida os participantes em pequenos grupos de três ou quatro pessoas.
 6. Distribua o papel e as canetas e peça-lhes que esbocem o bairro/cidade ideal do futuro. Têm toda a liberdade do mundo! O limite é a vossa imaginação!
 7. Quando cada grupo tiver terminado o seu rascunho, devem transferi-lo para a folha grande e terminá-lo com as tintas e com os materiais de colagem.
 8. Quando todos tiverem acabado, cada grupo deve apresentar o seu plano, explicando onde foram buscar as suas idéias e como é que as desenvolveram. Reserve algum tempo para perguntas e respostas, mas deixe as polémicas mais complexas para a análise.

Análise e avaliação

Comece por rever como decorreu o trabalho de grupo e como é que as decisões foram tomadas.

- Todos sentiram que participaram e contribuíram para o plano final? Como é que os grupos aproveitaram o que de melhor tinham os vários membros?
- Como é que se sentiram ao ouvir as reacções ao vosso trabalho?
- Como é que se sentiram ao fazer um *feedback* dos outros trabalhos?
- Estariam preparados para comprometer alguns dos ideais individuais se tivessem de desenhar um plano de grupo que fosse ao encontro das necessidades e aspirações de todos?
- Gostaram de ser os "arquitectos do vosso futuro"?
- Acreditam que os vossos sonhos se vão realizar algum dia? Porquê? Por que não?
- Acreditam que os adultos estão preparados para discutir os vossos planos? Porquê? Por que não?
- Qual foi a maior surpresa de todos os planos?
- Quais seriam os vossos direitos como cidadãos do futuro?
- Quais seriam os vossos deveres como cidadãos do futuro?
- Que medidas podem os jovens tomar de forma a influenciar os processos democráticos que modelam as suas vidas e os seus futuros?

Dicas para o animador

O título desta actividade é "Os Nossos Futuros". Ao utilizar o plural queremos apenas focar que o futuro não está predeterminado, mas é o que fazemos dele. Assim, há um leque de futuros à nossa espera e o desafio dos jovens consiste em construir o futuro que reflecta os seus ideais e as suas aspirações.

Para reforçar o conceito de mudança, pode mostrar imagens antigas de algum local há dez ou vinte anos atrás. Pode também pedir-lhes que pensem em alterações globais. Por exemplo: há

trinta anos atrás, a Internet não passava de ficção científica, mas daqui a uns anos todas as escolas e bibliotecas do mundo estarão ligadas à Internet.

Se os participantes não tiverem muitas certezas em relação ao aspecto da cidade do futuro, pode ajudá-los com as seguintes perguntas:

- Quem é que lá vive? Pessoas que lá nasceram, ou migrantes? Que idade têm? Têm família?
- Como é o seu dia a dia? Fazem compras? Como é que se movimentam?
- Que tipo de serviços de saúde - como hospitais, dentistas, etc. – precisam?
- Como são as suas escolas?
- Como são as suas vidas sociais? Quais são as suas actividades de lazer?
- Têm animais?
- Que tipos de trabalho fazem?
- Quais os desenvolvimentos tecnológicos?
- Então e o meio ambiente? E as zonas circundantes?

Variantes

Um método alternativo é usar a ideia da "Roda do Futuro". Junte os participantes em pequenos grupos. Cada grupo fica responsável por desenhar a Roda do Futuro de um único tópico, por exemplo: educação, família, comunidade, emprego ou saúde. Na roda do meio ambiente, por exemplo, temos como eixo os pontos mais importantes e centros concêntricos à volta. Os raios dividem a roda em secções, onde podem apontar sugestões tais como: não fumar, automóveis eléctricos, muitas árvores, rios limpos e agricultura biológica.

Sugestões para aprofundamento

Descubram como se processam os planos para o desenvolvimento local e como os influenciar. Participem nas reuniões da Assembleia Municipal e envolvam-se nas tomadas de decisão da escola, clube ou associação; ou candidatem-se até a um lugar no conselho da cidade. Podem encontrar mais dicas e mais opções noutras actividades como, por exemplo: a actividade "O Caminho para a Terra da Igualdade" na página 176 apresenta caminhos possíveis para alcançar a igualdade de géneros; a actividade "O Impacto da Internet" na página 190 apresenta outros cenários para novas tecnologias.

Enquanto sonhamos com os nossos futuros, podemos começar a construir uma sociedade mais justa. Se o grupo quiser abordar o tema do *bullying* e explorar novas formas de desenvolver empatia e respeito por todos, tentem fazer a actividade "Temos Alternativa?" na página 259.

1, 2, 3... Acção

Levem o vosso plano ao conselho municipal e vejam se conseguem conquistar os elementos do conselho. O vosso projecto poderá vir a ser inserido no plano da cidade/vila/aldeia.

A lembrar

12 de Agosto

Dia Internacional da Juventude

Plantar um Jardim numa Noite

Aceita o desafio de construir um jardim numa única noite?

TEMAS



AMBIENTE



CIDADANIA



SAÚDE

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



6+

DURAÇÃO



180 MINUTOS

Temas	Ambiente, Cidadania, Saúde
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	6+
Duração	180 minutos
Sinopse	<p>Esta é uma actividade criativa que utiliza o desenho e a construção de maquetes para explorar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ as dinâmicas que potenciam o desenvolvimento; ▪ se o desenvolvimento local vai ou não ao encontro das necessidades das pessoas; ▪ como são tomadas as decisões sobre o desenvolvimento local.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a participar nos processos de tomada de decisões. ▪ O direito a participar na vida cultural da comunidade. ▪ O direito ao descanso e ao lazer.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perceber que as consequências do desenvolvimento não são inevitáveis; ▪ Desenvolver as capacidades necessárias para participar na democracia local e no desenvolvimento; ▪ Desenvolver a criatividade, as capacidades para trabalhar em grupo, a cooperação e o respeito pelos outros.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mapas e imagens do local onde vivem (passado e presente). ▪ Um mapa em grande escala do vosso bairro, que mostre o local escolhido. ▪ Canetas e papel para desenhar. ▪ Materiais para construir as maquetes: pequenas caixas, tubos, papel de seda, tintas, corda, lã, rolhas, tubos em cartão, folhas de alumínio, caixas de ovos e outros desperdícios domésticos, ramos, cortiça, pedras, conchas, etc. ▪ Cola e fita-cola. ▪ Tinta e pincéis. ▪ Cartão bem duro ou contraplacado para servir de base às maquetes.
Preparação	<p>Para a 1ª parte. Desenvolvimento - como e porquê</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Junte mapas e imagens da cidade ou da área onde vivem (passado e presente). ▪ Selecciona locais onde o grupo possa trabalhar. Procure na sua localidade e descubra se há sítios que sofrerão alterações em breve.

Para a 2.ª parte. Planear projectos de desenvolvimento

- Junte informação acerca do sítio sobre o qual o grupo decidiu trabalhar. Por exemplo: artigos de jornais, actas de reuniões da Assembleia Municipal.
- Se tentarem construir maquetes com desperdícios, certifique-se de que tem material suficiente. Muito antes de realizar esta actividade com o seu grupo, comece a pôr de lado pequenas caixas, os tubos interiores dos rolos de papel higiénico, etc.

O exercício passo a passo

Esta actividade divide-se em duas partes. A primeira – "Desenvolvimento – como e porquê" acaba por ser uma pequena reflexão sobre as forças que originam a mudança. Na 2.ª parte – "Planear projectos de desenvolvimento" –, o grupo deve pensar num projecto para a sua própria localidade e pô-lo em prática, construindo uma maquete.

1.ª Parte. Desenvolvimento – como e porquê

1. Introduza o tema do desenvolvimento local. Use os mapas e as imagens recolhidas para estimular a discussão sobre o desenvolvimento local nos últimos 50 a 100 anos. Fale sobre as forças políticas, económicas e sociais que conduziram a estas mudanças. De uma forma geral, estas alterações foram para melhor? Para quem e porquê?
2. Peça ao grupo para dar exemplos de alterações que tenham acontecido durante a vida dos participantes – proliferação de edifícios, construção de centros comerciais, vivendas, entre outros –, e que identifique quem beneficiou com estes desenvolvimentos. Por exemplo, se os projectos forneceram as tão necessárias casas a baixo custo ou, se pelo contrário, foram construídos apartamentos de luxo ou casas de férias como investimentos de grandes empresas financeiras.
3. Olhem para o mapa de grande escala e decidam qual o sítio que escolherão para o projecto.

2.ª Parte. Planear projectos de desenvolvimento

1. Mostre, no mapa, o sítio sobre o qual decidiram trabalhar. Certifique-se de que todos sabem onde é e, caso seja necessário, façam uma visita ao local.
2. Vejam se já há planos para esse sítio recorrendo a informações dos jornais locais ou das actas das reuniões camarárias. Falem sobre quem está a lançar as diferentes propostas e imaginem quais são os interesses dessas pessoas ou entidades.
3. Façam uma pequena reflexão em grupo com várias propostas possíveis. Sejam o mais imaginativos possível.
4. Separem-se em grupos de quatro a cinco pessoas, revejam as ideias da reflexão em grupo e debatam os prós e os contras das várias opções.
5. A próxima tarefa de cada grupo é chegar a uma decisão sobre o projecto que devem seguir, fazer um desenho e uma maquete do mesmo.
6. Quando todas as maquetes estiverem prontas, cada grupo deve apresentar a sua e explicar os seus planos.

Análise e avaliação

Comece com uma pequena revisão acerca do modo como decorreu o trabalho de grupo. Todos trabalharam para o mesmo fim? Como é que as decisões foram tomadas? Depois siga para a análise dos planos propriamente ditos.

- Quais os aspectos que tiveram mais peso nas decisões para desenvolver o local? Por exemplo: custos, tempo, esforço, lucros, necessidades locais – quais?
- Os planos são amigos do ambiente e das pessoas? E são sustentáveis?
- Os planos vão ao encontro das necessidades das pessoas que lá vivem? Por exemplo, de pessoas com necessidades especiais, crianças, minorias?
- Que recursos serão necessários para levar o projecto avante?
- Serão utilizados recursos renováveis?
- Os recursos não-renováveis serão usados com cuidado?
- De que forma pode o projecto afectar o ecossistema em geral? Foram plantadas algumas árvores ou preservou-se a vida selvagem?
- Que lixos seriam produzidos na construção e manutenção do projecto? Como é que se vai distribuir esse lixo?

Dicas para o animador

Esta actividade parte do pressuposto de que a maioria dos jovens vive em centros urbanos ou perto deles. A escolha do sítio deve depender da vossa localização: sua e do grupo. Todos os locais têm potencial! O grupo deve fazer a sua pesquisa e decidir. No entanto, nalgumas circunstâncias, por exemplo em escolas e devido a constrangimentos curriculares, o professor terá de escolher.

Há várias opções relativamente ao projecto: um centro comercial, um centro de lazer, uma escola, casas, um parque de estacionamento, um espaço verde, um recreio, um campo para desporto, um jardim com rosas plantadas e bancos para os mais velhos, uma quinta dentro da cidade, um santuário para animais selvagens, um parque de diversões, um relvado para jogos de *bowling*, etc. Incentive o grupo a ter em consideração as necessidades das pessoas.

Variantes

Pode escolher um cenário irreal; por exemplo: o que é que preferiam ver no sítio onde está a Câmara Municipal, ou os Ministérios, ou o hospital? Ou, caso vivam numa localidade rural, descubram um melhor fim para a fossa ou para o terreno abandonado, depois do fecho da exploração das minas.

Sugestões para aprofundamento

Descubra mais informações sobre os planos que a Câmara possui para o local sobre o qual têm estado a trabalhar. Discuta esses planos e escreva ao executivo camarário ou ao jornal local para partilharem as vossas opiniões com outras pessoas. Descubra também como é que as decisões dos projectos são tomadas na cidade ou vila onde vivem. Que influência têm os cidadãos nas tomadas de decisão? Como é que os jovens podem ganhar voz nas tomadas de decisão que lhes dizem respeito? Se o grupo estiver interessado em explorar estas questões relacionadas com as tomadas de decisão, façam a actividade "Votar ou Não Votar?" na página 288.

1, 2, 3... Acção

Assistam a uma reunião de planeamento da vossa Câmara Municipal e contribuam para esse processo de planeamento.

Participem na celebração do Dia do Ambiente. Procurem informações na Internet sobre as actividades do Dia do Ambiente no vosso país em: www.unep.org

Em Portugal, o Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (www.geota.pt) será também um bom recurso ao nível de estudos ambientais e trabalho com a Agenda 21.

Informação complementar

A ideia desta actividade surgiu com o projecto "Have på en nat" (Plantar um jardim numa noite), que fez parte do Festival Cultural da Cidade de Copenhaga, em 1996. Um grupo de jovens pertencentes à Økologiskeigangsættere, uma organização Agenda 21 local, trabalhou durante dois anos na preparação da construção de um jardim numa área abandonada no interior da cidade – não durante uma noite, mas ao longo de poucos dias. Os jovens decidiram que queriam ter um jardim comunitário naqueles 300m². Aprenderam carpintaria, canalização, a pôr tijolos e horticultura e, durante esses dois anos, foram plantando muita coisa noutros sítios e, assim, quando o dia chegou, conseguiram plantar um jardim quase durante a noite. Havia um pouco de tudo: pequenos caminhos cobertos de relva que circundavam o sítio, árvores, arbustos, flores e vegetais. O jardim lá ficou até que o local foi reclamado pela Câmara para a construção de casas, em Abril de 2001.

A lembrar

5 de Junho

Dia Mundial do Ambiente

Posso Entrar?

Refugiados, vão para casa! Iam... se pudessem.

TEMAS

 SEGURANÇA HUMANA

 DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

 PAZ E VIOLÊNCIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1

NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO

 6-20

DURAÇÃO

 60 MINUTOS

Temas	Segurança Humana, Discriminação e Xenofobia, Paz e Violência
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	6-20
Duração	60 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa dramatização sobre um grupo de refugiados que está a tentar fugir para outro país. São abordados os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os direitos dos refugiados. ▪ Os argumentos sociais e económicos para conceder ou recusar o direito de asilo.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a procurar e beneficiar de asilo noutro país, em caso de perseguição. ▪ O direito ao não reenvio (o direito dos refugiados a não voltarem ao seu país onde se arriscam ser perseguidos ou mortos). ▪ O direito à não-discriminação.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver o conhecimento e a compreensão pelos refugiados e pelos seus direitos. ▪ Perceber os argumentos utilizados para permitir ou negar a entrada de refugiados num país. ▪ Promover solidariedade para com as pessoas que são forçadas a deixar as suas casas.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cartões com o guião. ▪ Giz e/ou mobílias para criar um posto de passagem fronteiriço. ▪ Canetas. ▪ Papel.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocopie uma folha com informação por participante. ▪ Fotocopie os cartões com o guião: um para cada inspector do serviço de imigração nacional, refugiado e observador. ▪ Prepare o cenário da dramatização. Desenhe uma linha no chão, que represente a fronteira ou distribua a mobília de forma a criar uma fronteira física com um intervalo para o posto de passagem fronteiriço. Coloque uma mesa a fingir de balcão do serviço de imigração e faça a sinalética para inspector com as regras de entrada no país e da alfândega, etc.

o exercício passo a passo

1. Explique que vão fazer uma dramatização sobre um grupo de refugiados que está a fugir do seu país natal e que vai à procura de segurança noutro país.

2. Comece com uma reflexão em grupo para descobrir o que os participantes sabem sobre os refugiados. Escreva os pontos numa grande folha de papel ou num bloco de cavelete para que depois se possa referir a estes pontos durante a análise.
3. Mostre aos participantes a organização da sala enquanto vai lendo o seguinte texto: "Está uma fria noite escura e húmida, na fronteira do país X com Y. Fugindo da guerra do país X, chega agora à fronteira um grande número de refugiados; precisam de passar para o país Y. Têm fome, frio e estão muito cansados; têm muito pouco dinheiro e não têm documentos, para além do passaporte. Os responsáveis pela imigração do país Y não são todos da mesma opinião – alguns querem deixar entrar os refugiados, mas outros não. Os refugiados estão desesperados, e usam todos os argumentos possíveis para persuadir os responsáveis."
4. Divida os participantes em três grupos. Um grupo para representar os refugiados do país X, o segundo grupo para representar os responsáveis pela imigração no país Y e o terceiro grupo será o dos observadores.
5. Peça aos refugiados e aos inspectores para prepararem os seus papéis e os seus argumentos. Distribua as fichas e dê-lhes 15 minutos.
6. Comece a peça. A representação pode ter a duração que quiser, mas dez minutos devem chegar.
7. No final, dê cinco minutos aos observadores para se prepararem.

Análise e avaliação

Comece por pedir, aos observadores, comentários gerais sobre a dramatização. Depois ouça o que os refugiados e os inspectores sentiram no respectivo papel. Por fim, entre na análise sobre as questões abordadas e sobre o que os participantes aprenderam:

- O tratamento dado aos refugiados foi justo?
- De acordo com o artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos do Homem e a Convenção, de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados, os mesmos têm direito a protecção. Foi-lhes dada essa protecção? Porquê/Por que não?
- Acham que um país deve ter o direito de recusar a entrada de refugiados?
- Será que tomavam essa atitude caso fossem um inspector? E se soubessem que eles estavam condenados à morte no seu país?
- Que tipo de problemas têm os refugiados de enfrentar assim que chegam ao país de acolhimento?
- O que é que se pode fazer para resolver alguns dos problemas de aceitação que os refugiados enfrentam?
- Há deslocados internos no vosso país? Ou num país vizinho?
- O que é que pode e deve ser feito, antes de mais, para evitar o problema dos refugiados?

Dicas para o animador

A reflexão em grupo inicial tem como objectivo avaliar que conhecimentos os participantes possuem sobre refugiados: por que é que eles existem; o que é que leva as pessoas a abandonarem a sua pátria; de onde é que vêm e para onde vão. Estas informações vão ajudá-lo a saber como guiar a análise final, e de que informação suplementar é que vai precisar para essa fase.

Pense bem sobre o que fazer caso tenha algum refugiado no seu grupo. Se calhar o melhor será que ele não faça parte do grupo que irá representar os refugiados, pois pode ter más memórias da experiência.

Os três grupos não precisam de ser iguais. Pode optar por ter apenas três ou quatro observadores e deixar que os restantes tenham um papel mais activo na dramatização.

Pode entregar cópias da informação suplementar aos observadores para que eles se possam informar sobre os direitos dos refugiados enquanto os outros dois grupos se estão a preparar para a peça.

A cena passa-se numa noite escura e fria... Na altura da dramatização tente desligar as luzes e abrir as janelas para dar um ar mais realista! Para aumentar ainda mais a confusão dos refugiados, pode também inventar uma língua para escrever a sinalética na fronteira. No entanto, não se esqueça de explicar a língua aos inspectores!

Nota: Esta actividade foi adaptada do manual *First Steps: A Manual for starting human rights education (Primeiros passos: um manual para iniciar a educação para os Direitos Humanos)*, da Amnistia Internacional, Londres, 1997. A citação "Refugiados, vão para casa! Iam... se pudessem" foi o slogan utilizado numa campanha do ACNUR.

Variantes

Façam uma nova versão da peça, mas desta vez os refugiados e os inspectores devem trocar de papéis. Os observadores terão a tarefa adicional de apontar as diferenças entre a primeira e a segunda dramatização, especialmente as diferenças relacionadas com uma maior protecção dos direitos dos refugiados.

Envolva agora uma equipa do ACNUR para ajudar os refugiados do país X. Pode também encorajar alguns membros do grupo a pesquisar informação sobre o papel do ACNUR e a escrever um "relatório oficial" que inclua os seguintes tópicos:

- Os argumentos que persuadiram os inspectores a permitirem a entrada dos refugiados.
- Qualquer comportamento menos apropriado por parte dos inspectores do SEF.
- Recomendações que o país Y deve ter em consideração para proteger os direitos dos refugiados.

Sugestões para aprofundamento

Descubram mais sobre os refugiados no vosso país, principalmente sobre o seu dia-a-dia. Contactem uma associação local de apoio a refugiados e entrevistem os refugiados e pessoas que aí trabalhem.

Se quiserem tentar fazer uma actividade que mostre o que ocorre depois de os refugiados terem passado a fronteira e pedido asilo, façam a actividade "A Barreira da Língua" na página 80.

1, 2, 3... Acção

Contactem uma organização local ou nacional que trabalhe com refugiados que tenham sido acolhidos, e vejam o que podem fazer para os ajudar. Podem estar, por exemplo, a precisar de gente para recolher bens essenciais e para os distribuir pelos refugiados.

Informação complementar

Todos os anos milhões de pessoas têm de abandonar as suas casas, muitas vezes os seus próprios países, por causa da guerra. Estas pessoas tornam-se refugiadas. A maior parte das vezes, porque têm de ser rápidas, deixam todos os seus bens para trás. Nesta altura, as famílias acabam por se separar. Muitos dos refugiados acabam por nunca mais conseguir voltar a casa.

A maioria procura segurança no país vizinho. Chegam em grande número de uma vez só – é o que se chama fluxo em massa. Outros viajam grandes distâncias antes de encontrarem a segurança que procuram, e chegam a aeroportos e a portos muito longe da sua terra natal.

Em 1951, as Nações Unidas adoptaram a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados que já foi assinada pela maior parte dos países do mundo. Com o intuito de supervisionar a implementação da Convenção e de apoiar os refugiados com ajuda humanitária, foi instituído o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

De acordo com a Convenção, um refugiado é aquele que abandonou o seu país e não pode voltar, receando com razão ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas. A principal protecção a que um refugiado deve ter direito é a não ser enviado de volta para o país onde se arrisca a ser perseguido ou mesmo morto (direito ao não reenvio). Este direito também se aplica caso o governo queira que o refugiado se desloque para um terceiro país, de onde ele pode ser reenviado para a sua terra natal.

Os governos têm o dever de ouvir o pedido de um refugiado que procura segurança (asilo) no seu país. Este princípio aplica-se a todos os Estados, tenham ou não assinado a Convenção de 1951. A referida Convenção refere igualmente que um refugiado não deve ser discriminado e que tem direito a todos os direitos no país que o acolheu.

No entanto, os países muitas vezes não estão de acordo em relação ao que é um "verdadeiro" refugiado; para muitos países ricos, os refugiados não são vítimas de opressão, e sim pessoas que procuram um melhor nível de vida. São os denominados "migrantes económicos". Os governos chegam até a argumentar que os medos dos refugiados são exagerados ou mesmo infundados.

A lembrar

20 de Junho

Dia Mundial dos Refugiados

Número de Refugiados em todo o mundo

Região (no final de 2005)	Refugiados
África	2 571 500
Ásia Central, Ásia Austral, África Setentrional e Médio Oriente	2 467 300
Europa	1 965 800
Ásia e Pacífico	825 600
Américas	564 300
Total	8 394 500

Fonte: *População de Refugiados*, ACNUR, 2005, <http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/statistics/>

Origem das maiores populações de refugiados em 2005

País de Origem	Principais países de acolhimento	Refugiados
<i>De onde é que eles vêm?</i>	<i>Para onde é que eles vão?</i>	
Afganistão	Paquistão/ Irão/ Alemanha	1 900 000
Sudão	Uganda/ Chade/ Etiópia	687 000
Burundi	Tanzânia/R.D. do Congo	421 650
R. Democrática do Congo	Tanzânia/ Burundi/ Zâmbia	400 000
Somália	Quênia/ Reino Unido	356 000
Vietnam	China/ Alemanha	350 800
Territórios Palestinos ocupados	Arábia Saudita/ Egito	341 900
Iraque	Irão/Alemanha/Reino Unido	247 650
Azerbaijão	Arménia/ Alemanha	226 000

Fonte: *População de Refugiados*, ACNUR, 2005, <http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/statistics/>.

Deslocados Internos

Nem todas as pessoas que são forçadas a abandonar o seu país se mudam para um outro país; são os chamados Deslocados Internos (DI). Os DIs são o grupo de deslocados que mais rapidamente aumenta no mundo. Por exemplo, na América Latina, o número de DIs (2 000 000) é maior do que o número de refugiados (377 000). O continente que, no final de 2005, apresentava um maior número de DIs foi a Ásia com 2 480 000. Ao contrário dos refugiados, não estão protegidos pelas leis internacionais nem sequer se podem candidatar a receber alguns tipos de ajuda. Foi lançado um debate a nível internacional sobre a maneira de melhor ajudar o grupo de DIs e acerca de quem deveria ser responsável pelo seu bem-estar. O ACNUR proporciona ajuda a alguns grupos de DIs a pedido do Secretário-geral das Nações Unidas.

FICHAS**Papel dos Refugiados****Argumentos e opções dos refugiados**

Devem preparar os seus argumentos e táticas; têm de decidir se querem argumentar como um grupo ou se cada membro apresenta os seus argumentos individualmente.

Pode utilizar estes argumentos que lhe apresentamos e outros de que se lembre:

- Temos o direito a receber asilo;
- Os nossos filhos têm fome; vocês têm o dever moral de nos ajudar;
- Seremos assassinados se voltarmos;
- Não temos dinheiro;
- Não temos mais nenhum sítio para onde ir;
- Era médico na minha cidade natal;
- Só queremos um abrigo até que seja seguro voltar;
- Vocês já receberam outros refugiados;

Antes da dramatização começar, reflecta um pouco em relação às seguintes opções:

- Estão dispostos a separarem-se caso os inspectores vos peçam?
- Estão dispostos a voltar para casa caso vos tentem mandarem embora?

O vosso papel é o de representar um grupo heterogéneo de refugiados, por isso, não se esqueçam de, durante a preparação, se decidirem quanto à vossa identidade: idade, sexo, relações familiares, profissão, riqueza, religião e se trazem ou não bens convosco.

Papel dos Inspectores**Argumentos e opções dos inspectores**

Devem preparar os seus argumentos e táticas; têm de decidir se querem argumentar como um grupo ou se cada membro apresenta os seus argumentos individualmente.

Pode utilizar estes argumentos que lhe apresentamos e outros de que se lembre:

- Estão desesperados: não os podemos mandar embora;
- Se os enviarmos de volta, seremos responsáveis caso eles sejam presos, torturados ou mesmo mortos;
- Nós temos uma obrigação legal de aceitar refugiados;
- Não têm dinheiro, logo vão precisar de apoio do Estado. O nosso país não tem meios para isso;
- Conseguem provar que são verdadeiros refugiados? Se calhar só estão aqui para tentar melhorar o nível de vida deles...
- O nosso país é um parceiro militar e económico do país natal deles. Não os podemos proteger;
- Se calhar têm competências de que nós precisamos...
- Já há refugiados suficientes no nosso país. Precisamos é de cuidar dos nossos cidadãos. Eles têm de ir para os países mais ricos;
- Se os deixarmos entrar, outros virão;
- Não falam a nossa língua, têm uma religião diferente e comem comida diferente. Não se vão conseguir integrar;
- Vão-nos trazer problemas políticos;
- Alguns deles podem ser terroristas ou criminosos de guerra escondidos.

Antes da dramatização começar, reflecta um pouco em relação às seguintes opções:

- Vai deixar que todos os refugiados passem a fronteira?
- Vai deixar que apenas alguns passem a fronteira?
- Vai dividi-los de acordo com a idade, profissão, riqueza...?
- Ou vai fazer algo diferente de tudo isto?

Papel dos observadores

O vosso papel consiste em observar a dramatização. No final da mesma ser-vos-á pedido um *feedback* geral. Escolham um de entre vós para vos representar.

À medida que vão vendo a peça, entre outros pormenores, devem ter em atenção:

- Os diferentes papéis representados pelos refugiados e pelos inspectores;
- Os argumentos apresentados e a forma como são expostos;
- As violações dos Direitos Humanos e dos direitos dos refugiados.

Devem decidir como vão tomar nota de todos esses pontos. Podem, por exemplo, subdividir o grupo para que metade tome nota do que foi dito pelos refugiados e a outra metade esteja atenta aos inspectores.

Qual a Sua Posição?

Serão os Direitos Económicos, Sociais e Culturais luxos a que só os cidadãos dos países ricos têm direito?

TEMAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



CIDADANIA



POBREZA

GRAU DE COMPLEXIDADE



LEVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



50 MINUTOS

Temas	Direitos Humanos em geral, Cidadania, Pobreza
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	50 minutos
Sinopse	Esta actividade aborda os seguintes temas através de um debate: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os bens básicos essenciais à dignidade humana. ▪ A importância relativa dos Direitos Cívicos e Políticos e dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais. ▪ As obrigações do Estado relativamente aos Direitos Sociais e Económicos.
Direitos relacionados	Todos
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perceber as diferenças entre Direitos Cívicos e Políticos e Direitos Económicos, Sociais e Culturais. ▪ Reflectir sobre questões complexas que envolvem a protecção dos Direitos. ▪ Utilizar e desenvolver as capacidades de debate e argumentação.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma cópia da folha de afirmações. ▪ Folhas A3 e canetas. ▪ Corda ou giz (opcional). ▪ Cópias da DUDH simplificada (opcional).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prepare 2 posters - um que diga, "Eu concordo", e outro a dizer, "Eu não concordo" - e cole-os em paredes opostas da sala, de modo a que as pessoas consigam formar uma linha entre os dois (Também pode desenhar uma linha com giz ou fazer uma fronteira com corda).

o exercício passo a passo

1. Inicie a actividade com uma pequena introdução sobre as diferenças entre Direitos Cívicos e Políticos e Direitos Económicos, Sociais e Culturais.
2. Dispense cinco minutos para uma curta reflexão em grupo sobre os diferentes direitos listados por categoria. Faça uma tabela no quadro, com duas colunas (direitos cívicos e políticos e direitos sociais e económicos), onde vai escrevendo os diferentes direitos.
3. Explique que agora vai ler uma série de afirmações com as quais podem concordar mais ou menos.
4. Mostre as duas posições extremas - os posters indicando "Eu concordo" e "Eu não concordo". Explique que os participantes devem ocupar um lugar na linha imaginária

entre os dois posters, e que essa posição deve simbolizar a concordância ou discordância com a afirmação. Desta forma, as opiniões de duas pessoas que estiverem lado a lado devem coincidir ou quase coincidir. Será permitido um breve debate enquanto as pessoas definem o seu lugar na linha!

5. Leia uma afirmação de cada vez. O ritmo deve variar, pois se há frases que abordam temas acerca dos quais as pessoas já têm opinião formada, pode haver outras sobre as quais terão de reflectir.
6. Encoraje a reflexão e a análise. Peça aos que estiverem mais encostados aos posters para explicarem o porquê da sua posição. Pergunte a um participante que se tenha colocado mais ao centro se a sua posição indica falta de opinião formada ou falta de conhecimento sobre o assunto em questão.
7. Os participantes podem alterar a sua posição na linha de acordo com os argumentos de um parceiro.
8. Quando tiver lido a última afirmação, reúna o grupo para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por rever a actividade e depois faça uma pequena análise sobre o que se aprendeu:

- Houve alguma questão que tenha ficado por responder? Porque era muito difícil decidir, ou porque estava mal formulada?
- Por que é que mudaram de posição durante as discussões?
- Ficaram surpreendidos com o nível de desacordo sobre as várias questões?
- E será que é importante que não estejamos de acordo acerca de Direitos Humanos?
- Acham que há respostas "certas" e "erradas" para as diferentes afirmações, ou será que é só uma questão de opinião pessoal?
- Acham que é possível algum dia todos estarem de acordo em relação aos Direitos Humanos?
- Há alguma diferença fundamental entre as duas (primeiras) "gerações" de Direitos Humanos: Cívicos e Políticos e Económicos, Sociais e Culturais? Conseguem dizer qual das duas é mais importante?
- Acham que precisamos de mais direitos? Há lugar para mais gerações de direitos?

Dicas para o animador

Esta actividade aborda os Direitos Humanos em geral, mas especialmente os direitos sociais e económicos, tais como: o direito ao trabalho e ao lazer, aos cuidados de saúde, e a um nível de vida decente (artigos n.º 16, 22 a 29 da DUDH).

As frases contidas na "Folha de afirmações" (a seguir) foram pensadas para abordar as questões que surgem relativamente às diferenças entre direitos cívicos e políticos, por um lado, e direitos sociais e económicos, por outro. Não será necessário fazer uma introdução muito detalhada, pois a maioria das questões irá surgir durante a análise.

No entanto, há dois pontos acerca dos quais valerá a pena falar na introdução. Primeiro, a distinção simples entre Direitos Cívicos e Políticos, que serão as exigências morais que fazemos aos governos relativamente a questões cívicas e políticas, tais como o direito a um julgamento justo, a votar, a expressar a opinião, etc. Por outro lado, os Direitos Económicos, Sociais e Culturais são as exigências relacionadas com questões sociais e económicas, tais como os sem abrigo, cuidados de saúde inadequados, pobreza, etc. O primeiro tipo de direitos é também conhecido como "direitos de primeira geração" e o segundo tipo como "direitos de segunda geração", por causa da

A lembrar

5 de Dezembro
Dia Internacional do
Voluntário para o
Desenvolvimento
Económico e Social

ordem histórica do seu reconhecimento como Direitos Humanos universais.

O segundo ponto encontra-se relacionado com a distinção fundamental que algumas pessoas fazem entre os diferentes tipos de direitos. Os direitos económicos, sociais e culturais têm sido muitas vezes considerados como os menos importantes e/ou mais difíceis de garantir e salvaguardar.

Outros não concordam com isto. No capítulo 4 pode encontrar mais informações sobre este debate. Durante a reflexão em grupo, o melhor será entregar aos participantes cópias da versão abreviada da DUDH para lhes avivar a memória, ou então pode ler alguns dos artigos e encarregá-los de os colocar na categoria certa. Os artigos 16.º e 22.º a 29.º são normalmente considerados como direitos sociais e económicos.

Pode preferir que não se levantem grandes discussões na altura do alinhamento, e sim pegar em duas ou três afirmações e discuti-las em plenário. No entanto, vale sempre a pena suspender a actividade em certos momentos para terem a oportunidade de reflectir sobre algumas questões ou sobre a sua posição relativamente à dos outros.

Variantes

Escreva outras afirmações ou peça aos membros do grupo para as criarem.

Sugestões para aprofundamento

Organize um debate formal sobre uma das questões, pedindo aos participantes que tenham os seus argumentos preparados antecipadamente e levando o debate a votação no final. Pode também convidar outros jovens ou membros da audiência para participar.

É muito importante conhecer os nossos Direitos Humanos, mas é também fundamental ser um cidadão activo se queremos que os nossos direitos sejam salvaguardados. Tente fazer a actividade "Manobras Eleitorais" na página 173, que aborda a questão da persuasão do outro.

1, 2, 3... Acção

Entrem em contacto com uma organização local que trabalhe na defesa dos Direitos Humanos ou com a segurança social e descubram como é que podem dar o vosso contributo.

Informação complementar

No capítulo 4 deste manual pode encontrar informação complementar sobre as diferentes gerações de direitos, incluindo uma breve introdução à "Terceira Geração".

FICHAS

Folha de afirmações

- É mais importante ter um tecto do que poder dizer aquilo que quiser.
- As pessoas têm o dever de trabalhar, mas não o direito.
- A responsabilidade básica de qualquer governo é a de se certificar que todos os cidadãos têm alimentos suficientes.
- O direito "ao descanso e ao lazer" é um luxo que só os países ricos conseguem proporcionar.
- Não cabe ao governo garantir que as pessoas não morrem de fome – mas sim às pessoas!
- A forma como tratamos os nossos cidadãos é problema nosso e não da comunidade internacional.
- Os países pobres devem concentrar-se em proporcionar um nível de vida básico à sua população antes de se preocuparem com os Direitos Civis e Políticos dos cidadãos.
- A desigualdade económica extrema é uma violação dos direitos básicos.
- Os Direitos Económicos, Sociais e Culturais expressam um ideal de futuro, mas o mundo não está preparado para os garantir actualmente.
- Se não conseguimos garantir os direitos, então não vale a pena eles existirem.

Quando o Amanhã Chegar

"Se julgares os outros como o sistema te julgou a ti, não serás melhor do que aqueles que te condenaram à morte." Dwight Adanandus

TEMAS



SEGURANÇA HUMANA



MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



PAZ E VIOLÊNCIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



60 MINUTOS

Temas	Segurança Humana, Meios de Comunicação Social, Paz e Violência
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	60 minutos
Sinopse	Nesta actividade, através da partilha de informação e de debates, exploram-se os seguintes assuntos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os direitos dos criminosos. ▪ A pena de morte. ▪ Modos de protecção da sociedade face aos criminosos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à vida. ▪ O direito a não ser submetido a tratamento cruel, desumano ou degradante.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Analisar os nossos preconceitos acerca dos criminosos e reflectir sobre algumas das implicações da pena de morte. ▪ Ter consciência das nossas capacidades de escuta e da forma como "interpretamos" a informação que nos é dada. ▪ Promover o sentimento de dignidade humana e justiça.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópias das fichas "Quando o amanhã chegar": uma folha por participante. ▪ Uma folha e um lápis para cada membro do grupo.

o exercício passo a passo

1.º Passo

1. Leia a primeira parte da ficha "Quando o amanhã chegar". Quando tiver acabado, dê cinco minutos aos participantes para anotarem os pontos fundamentais por palavras suas. Depois peça-lhes que troquem de folhas com o parceiro do lado, para que leiam as versões dos colegas e teçam comentários.
2. Convide alguns voluntários a ler em voz alta as suas notas. Discuta as diferenças entre as várias versões: houve participantes que se lembraram de mais pormenores do que outros? Alguém se lembrou de inventar algum pormenor que não tivesse sido mencionado na história?
3. Peça aos participantes para comentarem a história: para eles, quem é o narrador? O que se passou?

2.º Passo

1. Leia o recorte de jornal e a segunda parte da história de Nanon.
2. Dê 10 a 15 minutos aos pares para discutirem as novas informações. Distribua as

cópias da ficha "Quando o amanhã chegar" para o caso de quererem rever alguma referência no texto.

3. Peça-lhes que reflectam sobre as seguintes questões:
 - A vossa opinião sobre Dwight ou Nanon mudou quando perceberam que eles estavam no Corredor da Morte? Como? Porquê?
 - O que é que Dwight quis dizer com "Se julgares os outros como o sistema te julgou a ti, não serás melhor do que aqueles que te condenaram à morte!". Concordam com ele?
4. Alargue a análise a todo grupo, ouvindo os comentários que os vários pares têm a fazer sobre as duas questões.

Análise e avaliação

Esta actividade pode ser utilizada para levantar uma série de questões interessantes que podem ser tema de novas discussões ou novas actividades. Recomendamos que, na altura da análise, se restrinja aos assuntos abordados durante a actividade, ou seja, aos assuntos já considerados pelos grupos (veja as "Dicas para o animador").

- A actividade serviu para vos ensinar alguma coisa sobre vós próprios? Levou-vos a reconsiderar alguma opinião ou crença?

- Na vossa opinião, o que é que a actividade quer mostrar? Acham que atingiu o seu objectivo e se não, porquê?

- O que é que a actividade nos diz sobre o direito à vida? Quais as outras questões de direitos que surgiram no debate?

Anote essas questões numa folha A3 para que possam voltar a ser discutidas mais tarde.

Dicas para o animador

Durante a parte inicial da análise, depois de ter lido a primeira parte do texto, os participantes não devem saber, nem ter pistas, relativamente à situação dos dois homens. Tente obter as primeiras impressões dos participantes, mas sem deixar transparecer que tem um objectivo específico. Espera-se que eles analisem o lado humano dos dois homens, sem terem acesso a informações sobre as suas circunstâncias actuais, nem tão pouco sobre o seu passado.

O objectivo de trocar as anotações feitas no final da primeira leitura consiste apenas em mostrar as formas individuais de interpretar e recordar o que é dito. Vale sempre a pena lembrar que não vão fazer um teste, mas que se trata de uma forma de mostrar diferentes pontos de vista, para que não tenham vergonha das suas opiniões. Tente questionar participantes cujas anotações sejam realmente diferentes das do companheiro do lado. Pensem no porquê desta situação, ou seja, por que motivo alguns se lembraram de pormenores que outros omitiram.

A actividade vai de certeza levantar demasiadas questões para serem discutidas numa única sessão. Assim, talvez seja aconselhável manter-se fiel ao guião fornecido, e não permitir que se deixem levar pela discussão, por exemplo, da pena de morte. Tente focar o debate nos seguintes assuntos chave:

1. Em que medida nós, o Estado, e a comunidade em geral costumamos "julgar" as pessoas baseados em algo que (acreditamos que) elas tenham feito? Provavelmente é a isto que Dwight se refere quando fala em "não julgar" os outros como o Estado o julgou a ele (e a Nanon). Sem dúvida que o Estado os excluiu enquanto seres humanos baseado em algo que acredita que eles fizeram no passado.

A lembrar**1 de Março**

Dia Internacional para a
Abolição da Pena de Morte

26 de Junho

Dia das Nações Unidas de
apoio às vítimas de tortura

2. Até os criminosos mais endurecidos possuem e mantêm as suas características humanas – não só a "parte carinhosa e compreensiva" de que fala Dwight, mas também a "frustração e a depressão" que Nanon descreve como resultado do encarceramento.

Quando discutirem a questão do "direito à vida", oriente a análise para as respostas às seguintes questões: será que estas duas pessoas têm ainda direito à vida? E, caso contrário, como é que alguém pode perder esse direito? Será que alguém tem a autoridade para retirar esse direito a um outro cidadão, mesmo que este tenha cometido um crime?

Sugestões para aprofundamento

Aprofunde as questões levantadas no final da actividade. Organize um debate formal ou use o método descrito na actividade "Manobras Eleitorais". Os tópicos podem incluir:

- Questões de punição: Qual o objectivo de encarcerar os criminosos e/ou de os executar? Será para proteger a sociedade, para alterar o comportamento dos criminosos ou será uma forma de vingança?
- A pena de morte: Quais os argumentos a favor e contra a pena de morte?
- A segurança da nação vs. a segurança do indivíduo: Até onde pode ir o Estado no tratamento dos seus piores criminosos e terroristas? Por exemplo, pode a tortura de um indivíduo ser justificada pela necessidade de "segurança de uma nação"?

Dê uma vista de olhos à página da Associação de Apoio a Nanon Williams, <http://www.nawisa.org/>

1, 2, 3... Acção

Visitem a página da Coligação Canadiana contra a Pena de Morte (CCPM – em Inglês, Canadian Coalition Against the Death Penalty, www.ccadp.org), e leiam mais exemplos de páginas escritas por prisioneiros. Contactem alguém que esteja no Corredor da Morte (a página da CCADP tem informação sobre como se podem tornar correspondentes, ou então contactem o núcleo nacional da Amnistia Internacional).

Nota: podem encontrar o artigo completo ("Quando o amanhã chegar") na página da CCPM.

FICHAS

Quando o amanhã chegar, por Nanon Williams**1.ª Parte**

"Foi no dia a seguir à morte de Dwight Adanandus que eu encarei a vida de uma forma totalmente diferente do que ela é ou, devo dizer, do que eu gostaria que ela fosse. Isto aconteceu no início do Inverno, e enquanto ali estava a pensar no amigo que sempre me presenteava com um sorriso, mesmo quando os dias pareciam não mudar, senti dor. Quando tirei finalmente o jornal de debaixo da porta, li a sua história.

Ler a sua história sabendo que nunca mais o iria ver foi como se alguém me estivesse a espetar alfinetes no coração, vezes e vezes sem conta. Às vezes, ele aparecia a balançar no pátio e gritava, "Então rapaz?", e eu olhava em volta, olhava para trás e respondia-lhe "A quem é que está a chamar rapaz?", e começávamos os dois a rir pois eu era o mais novo do nosso bloco. E agora, quando me lembro desses momentos, fico profundamente triste, pois nunca mais vou querer ir ao pátio, sem que lá esteja o Dwight para desanuviar a minha raiva.

À medida que o tempo foi passando, fui arranjando novos métodos para passar o tempo, e gosto de pensar que estes novos métodos me vão tornar, um dia, num homem melhor, tal como o Dwight foi. Nos momentos de fraqueza, dou por mim a pensar no que é que o Dwight teria feito.

"Lembra-te", diria ele, "o sistema só te apanha se tu o deixares. Restabelece a paz com o teu Deus, começa a viver a vida o melhor que souberes e disfruta-a". E, no final, ainda diria "Rapaz, eu não sei a razão por que aqui estás, mas eu sei que tu não pertences aqui..."

2.ª Parte

"... De facto, ninguém pertence aqui, ao Corredor da Morte. Encontramos violadores, assaltantes, pedófilos e sádicos que não querem saber de ninguém. No entanto, também encontramos pessoas carinhosas e compreensivas que fizeram exactamente as mesmas coisas, mas que encontraram uma forma de mudar e é disso que quero que te lembres" – disse-me ele, semanas antes da sua execução. "Lembra-te disto se não te lembrares de mais nada. Se julgares os outros como o sistema te julgou a ti, não serás melhor do que aqueles que te condenaram à morte!". E agora que essas palavras ressoam nos meus ouvidos, pergunto-me como é que demorei tanto tempo a perceber o que o Dwight quis dizer. Claro que percebi o que ele disse e, na altura, fez sentido, mas fazer sentido e compreender totalmente o significado daquelas palavras são coisas completamente diferentes. Acho que afinal sempre era o rapaz que ele me costumava chamar, mas a verdade dói quando finalmente nos apercebemos dela.

Sei que o encarceramento é uma arma de tortura psicológica que aumenta a frustração até que a depressão se instala, mas às vezes o espírito e a vontade de continuar permanecem. O Dwight tinha esse espírito e essa força, independentemente da razão pela qual estava cá dentro, e com esse espírito mudou as vidas de todos os que apodrecem como cadáveres com vida no cemitério do sistema. "Eu sei que não é fácil, rapaz", dizia ele, "Mas nunca ninguém disse que a vida é fácil. Aproveita o que puderes de cada dia e enquanto vires a luz ao fundo do túnel, não deixes de ter esperança". Foram as últimas palavras que ele me disse, entre lágrimas, enquanto se despedia. Não me atrevo a explicar o que significam para mim, pois suponho que mas terá dito para que eu pudesse encontrar a minha própria força, que me permitiu aguentar nestes anos que já passaram, e que me irá permitir aguentar nos anos que ainda estão para vir. Nunca abandonei os meus princípios nem as coisas que têm mais valor na minha vida - como a minha família - por isso, acredito que esse amor e a entrada nos portões do céu sejam o que o amanhã realmente é, quando chegar."

Nanon Williams foi condenado à morte pelo estado do Texas, quando tinha 17 anos, acusado de homicídio voluntário. Ele nega a acusação e passou os últimos nove anos no Corredor da Morte.

Fonte: www.ccadp.org

Recorte de Jornal

Huntsville – 2 de Outubro de 1997. Um assaltante condenado foi executado na quarta-feira à noite por ter disparado sobre um empresário de San António que o tentou impedir de um assalto a um banco, há nove anos. Adanandus, de 41 anos, foi condenado à morte por ter morto Vernon Hanan, que levou um tiro no peito a 28 de Janeiro de 1988, enquanto lutava com Adanandus no vestíbulo de um banco no lado norte de San António.

Que Todas as Vozes Sejam Ouvidas!

"Educar é acreditar na mudança."

Paulo Freire

TEMAS



EDUCAÇÃO



CIDADANIA



CRIANÇAS

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



8-50

DURAÇÃO



115 MINUTOS

Temas	Educação, Cidadania, Crianças
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	8-50
Duração	115 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste num exercício de análise, em pequenos grupos e em plenário, sobre os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é a educação e de que modo vai ao encontro, ou não, das necessidades das pessoas. ▪ Participação nos processos de tomada de decisão.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à educação. ▪ Liberdade de expressão e de opinião. ▪ O direito a participar na governação do seu próprio país.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reflexão sobre o sistema de ensino e acerca do modo como este vai ao encontro das necessidades das pessoas. ▪ Desenvolvimento de competências de cooperação e de participação nas tomadas de decisão democráticas nas escolas e nos grupos e clubes de jovens. ▪ Promoção da justiça e da inclusão.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 4 folhas grandes, canetas e marcadores para cada grupo de quatro participantes. ▪ Folhas extra caso queiram tomar anotações.

O exercício passo a passo

Esta actividade divide-se em duas partes: a primeira (35 minutos) consiste numa análise sobre o tipo de educação que as pessoas querem; e a segunda (60 minutos), numa análise sobre o modo de desenvolver dispositivos democráticos para que as pessoas possam expressar a sua opinião sobre a educação que recebem.

I.ª Parte. Que educação queremos? (35 minutos)

1. Comece com uma breve reflexão em grupo sobre o que entendem por "Educação". Os participantes devem saber que o acesso à educação é um Direito Humano.
2. Faça uma reflexão em grupo sobre os pontos positivos e negativos da educação e vá anotando as palavras-chave.

3. Peça aos participantes que se agrupem dois a dois. Dê-lhes 15 minutos para apreciarem o valor do direito à educação, tendo em conta quem toma decisões sobre o que as pessoas devem aprender e como devem aprender.
4. Volte a reunir o grupo e peça-lhes *feedback*.

2.ª Parte. Desenvolver sistemas democráticos para que as pessoas possam exprimir a sua opinião sobre o tipo de educação que recebem. (60 minutos)

1. Peça aos pares que se voltem a juntar e que reflectam sobre a forma como as decisões são tomadas na sua escola, universidade ou associação. Por exemplo: quem decide o que deve ser ensinado ou que actividades devem ser feitas? Como é que a escola ou clube são administrados? Como é que são tomadas as decisões de gestão orçamental corrente? Como é que são desenvolvidas e acordadas as políticas? O que é que os jovens têm a dizer?
2. Agora peça aos pares que se juntem em grupos de quatro. Diga-lhes para não se esquecerem de que têm direito à educação, e também têm direito a serem envolvidos nos processos de tomadas de decisão relativamente aos assuntos que lhes dizem respeito.
3. Peça aos grupos que considerem os aspectos positivos e negativos da existência de órgãos democraticamente eleitos, que tomam decisões relativamente à sua educação, a nível local. Este órgão pode ser uma Associação de Estudantes numa escola ou no ensino superior, ou um conselho de direcção numa associação ou numa organização de jovens.
4. Peça aos participantes para reflectirem sobre as melhores formas de conselho ou de assembleia que melhor os poderiam representar, permitindo-lhes ter uma palavra a dizer em relação à educação que recebem.
5. A próxima fase depende das circunstâncias do grupo. Se não existir um "conselho" na escola ou na associação, então os grupos devem trabalhar no sentido de decidir que tipo de conselho gostariam de ter e acerca da maneira como o formar. Se o grupo já tiver um "conselho", então deve apreciar o seu funcionamento e pensar numa forma de o melhorar. Explique como se faz uma análise SWOT/FFOA e peça aos grupos para, em 30 minutos, desenvolverem um plano de acção e para o escreverem numa grande folha de papel.
6. Volte a reunir todos os participantes e peça aos grupos para apresentarem os seus resultados.

Análise e avaliação

À medida que foram avançando na actividade abordaram vários pontos. Aconselhamos assim que perca um pouco de tempo a rever a actividade como um todo, a reflectir sobre os temas e a planificar o que fazer de seguida.

- Gostaram da actividade? Foi útil? Porquê? Por que não?
- Por que é que as estruturas de tomada de decisão são como são? Quais os precedentes históricos? Será que estas estruturas cumpriam as suas funções no passado? Por que é que agora não são apropriadas?
- Por que é que os processos e as estruturas de tomada de decisão precisam de ser revistos regularmente?
- Os diferentes planos de acção são comparáveis?
- Quanto custam em termos de tempo, esforço e dinheiro?
- Até que ponto são realistas? (Nota: é positivo pensar-se em grande, mas, para atingir um objectivo, é preciso dar um passo de cada vez!)

A lembrar Dicas para o animador

- 5 de Outubro** Dependendo do grupo, terá que decidir qual a melhor forma de apresentar a actividade relativamente aos aspectos de Direitos Humanos, ou seja: o direito à educação e o direito a participar nos processos de tomada de decisão. Pode fazê-lo pedindo aos participantes que partilhem os seus conhecimentos ou, se preferir, dando-lhes referências sobre esse assunto.
- Dia Mundial dos Professores**
- Dia da República Portuguesa** A análise SWOT/FFOA está descrita e explicada no "1, 2, 3... Acção" (capítulo 3).

Sugestões para aprofundamento

Deixe o grupo aprofundar as ideias com que ficaram desta actividade e, tendo em conta as dicas do capítulo "1, 2, 3... Acção", mobilizem-se para a oportunidade de ter algo a dizer nas tomadas de decisão na escola ou associação.

Se agradou ao grupo pensar no tipo de educação que gostaria de ter, deve também apreciar o jogo de tabuleiro que propomos na actividade "O Conto das Duas Cidades" da página 179, que levanta questões sobre o tipo de cidade em que as pessoas gostariam de viver.

1, 2, 3... Acção

Os participantes devem considerar a hipótese de se ligarem a outras associações de estudantes e de trocarem informações com essas associações, quer sejam da sua área, se encontrem a nível nacional, ou até mesmo internacional.

Informação complementar**Para quê uma associação na escola?**

Uma associação de estudantes ou um "conselho" de escola tem como objectivo dar voz aos alunos em relação aos assuntos que os afectam directamente. Há um sem número de boas razões para fundar um "conselho" na escola e assegurar que o seu trabalho é eficaz.

Benefícios para os alunos

A participação no "conselho" da escola promove o desenvolvimento educativo e pessoal dos alunos porque:

- promove a aprendizagem da cidadania, a eficácia política e as atitudes democráticas;
- promove a confiança social e os valores pessoais;
- capacita os alunos para desafiarem a autoridade;
- os alunos aprendem a tomar decisões de forma justa e responsável;
- os alunos aprendem sobre as realidades da vida; por exemplo, como trabalhar com orçamentos reduzidos ou com autoridades que não estejam receptivas às suas ideias.

Benefícios pragmáticos

- os estilos de gestão democrática funcionam melhor do que os autocráticos, pois são, no fundo, mais eficazes e encorajam a responsabilidade dos alunos;
- os "conselhos" incitam à cooperação, rentabilizam energia e reduzem a alienação;
- os "conselhos" podem melhorar a atmosfera da escola: aumentam a confiança nos professores e as regras tornam-se mais justas
- quaisquer que sejam as limitações devido a pressões exteriores, sociais e políticas, uma associação de estudantes ou um "conselho" constitui uma forma prática de mostrar aos alunos a boa fé das pessoas envolvidas e a dedicação a certos valores.

Quem Somos Eu?

Eu sou quem eu sou, tu és quem tu és, ela é quem ela é... mas juntos temos muito em comum!

Temas	Igualdade de Género, Discriminação e Xenofobia, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	8+
Duração	25 minutos
Sinopse	Esta actividade envolve trabalho, reflexão, desenhos e análise em grupo para tentar abordar questões de identidade.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Igual dignidade e respeito. ▪ O direito a não ser discriminado. ▪ O direito à vida, à liberdade e à segurança.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ter consciência da nossa individualidade e da dos outros. ▪ Identificar o que temos em comum com os outros. ▪ Promover a solidariedade e o respeito.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Canetas e marcadores coloridos: se possível uma cor diferente para cada participante. ▪ Uma folha de papel por cada participante. ▪ Folhas A3 e marcadores.

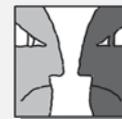
o exercício passo a passo

1. Como preparação, peça aos participantes que se juntem dois a dois, para formar os grupos de trabalho. Peça-lhes para fingirem que não se conhecem e para se apresentarem.
2. O que é mais importante ou interessante perguntar a uma pessoa que não conhecem? Façam uma pequena reflexão em grupo sobre as diferentes categorias (nome, idade, sexo, nacionalidade, família, religião, etnia, emprego/estudo, música, passatempos, desporto, coisas de que gostem e de que não gostem, etc.).
3. Explique que agora o objectivo consiste em descobrir o que têm em comum. Distribua papel e canetas e peça-lhes que cada um, individualmente, desenhe uma representação da sua identidade. A forma mais indicada é, sem dúvida, a estrela, pois assim podem desenhar os vários aspectos que espelham a sociedade. Peça aos participantes que considerem 8 a 10 características importantes da sua identidade e que desenhem a sua estrela pessoal.
4. No final, dêem uma volta pela sala e comparem estrelas. Quando encontrarem alguém com quem partilham um raio, devem assentar o nome da pessoa perto do raio (por exemplo, se o João e o Pedro partilharem o raio de "rap", devem escrever o nome um do outro perto do raio). Dê-lhes 15 minutos para esta tarefa.
5. Volte a reunir o grupo e discutam o quão individuais são. Pode perguntar, por exemplo:

TEMAS



IGUALDADE DE GÉNERO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



8+

DURAÇÃO



25 MINUTOS

- Que aspectos identificativos têm em comum e quais são exclusivos?
 - As pessoas do grupo são muito parecidas ou muito diferentes? Têm mais diferenças ou aspectos em comum?
6. Por fim, faça mais uma pequena reflexão em grupo com os aspectos identificativos com que as pessoas nascem e aqueles que as pessoas escolhem. Façam duas listas no quadro.

Análise e avaliação

Conversem acerca do que os participantes descobriram sobre si próprios e sobre os outros e quais as implicações para os Direitos Humanos.

- O que é que descobriram sobre si próprios? Foi difícil decidir quais as características mais importantes da sua identidade?
- Ficaram surpreendidos com os resultados da comparação das estrelas? Tinham mais ou menos em comum com os outros do que estavam à espera?
- Como é que sentem em relação à diversidade do grupo? Acham que torna o grupo mais interessante ou dificulta o entendimento entre todos?
- Houve algum aspecto a que alguém tenha sentido necessidade de reagir e de dizer: "Eu não sou"? Por exemplo: "Eu não sou fã de futebol", "Eu não sou fã de música techno", "Eu não gosto de cães", "Eu não sou homossexual", "Eu não sou cristão".
- Como é que a identidade se constrói? Quais os aspectos que se constroem socialmente e quais aqueles que são inatos e permanentes?
- Em relação às questões de género, que aspectos são construídos pela sociedade e quais são inatos e permanentes? Escrever-se "rapaz" ou "rapariga"? O que é que associam às palavras "rapaz" e "rapariga"? Será que fazem as mesmas associações para ambos os sexos e para todos os rapazes e todas as raparigas?
- Até que ponto as pessoas são julgadas pela sua identidade individual? E pelo grupo em que estão inseridas?
- Como é que os participantes se sentem por terem liberdade para escolher a sua própria identidade? Quais são as implicações para eles e para a sociedade em que vivem, e especialmente para os Direitos Humanos de igualdade e de respeito?

Dicas para o animador

O nome desta actividade não está errado! O objectivo é deixar os participantes intrigados.

Na altura da preparação, pode dar algumas dicas aos participantes para eles se orientarem. Pode aproveitar o seu próprio exemplo, ou então imaginar um, tal como: Ana, mulher, Portuguesa, mãe, esposa, animadora, viajante, ama a música.

A cor diferente dada a cada participante simboliza a sua individualidade e o arco-íris de identidades, um todo. Pelo menos é esse o nosso objectivo. (Note a analogia com a África do Sul, que se considera a "nação arco-íris", ou seja, uma nação com pessoas de cores diferentes). Se, por acaso, o grupo for demasiado grande e se duas ou três pessoas tiverem de usar a mesma cor, peça-lhes que usem diferentes estilos de escrita.

Se quiser, pode dar um ar um pouco mais sofisticado à actividade, pedindo aos participantes que desenhem as suas estrelas com raios maiores ou menores, conforme o aspecto for mais público ou mais privado. Os raios mais longos chegam mais longe na sociedade, logo são mais públicos.



Os pontos que apresentamos a seguir podem surgir na reflexão em grupo final (passo 6 de "O exercício passo a passo"):

- Aspectos da identidade que eu posso escolher: nome, emprego, filiação num partido político, música preferida, estilo de roupa, equipa de futebol, onde vivo;
- Aspectos de identidade inatos: sexo, idade, altura, cor dos olhos;
- Aspectos que podem causar controvérsia: nacionalidade, género e sexualidade, religião, pertença a uma minoria.

O debate sobre o desenvolvimento da identidade, tendo em consideração aspectos socialmente construídos e inatos, também será controverso, especialmente quando associarem religião e género. Vale a pena pedir aos participantes que considerem o seu próprio processo de crescimento e como certos aspectos da sua identidade foram mudando ao longo dos anos, talvez até aqueles aspectos que julgavam imutáveis.

Valerá também a pena retirar algumas conclusões das várias discussões: somos todos seres humanos com direitos que não podem ser oferecidos ou retirados, independentemente da raça, cor, propriedade, nascimento ou qualquer outro estatuto.

Sugestões para aprofundamento

Esta actividade é muito útil para desencadear debates, podendo por isso ser utilizada para diversos temas, como, por exemplo, a universalidade dos Direitos Humanos, discriminação e xenofobia, os direitos da criança e a cidadania.

Se o grupo estiver interessado em aprofundar o tema da identidade e das questões de género, tentem fazer a actividade "Heroínas e Heróis" na página 153.

A lembrar

7 de Agosto

Dia da Educação e dos Direitos Internacionais dos Transgéneros

Represente o Seu Papel

Mostre-me o que quer dizer com "Direitos Humanos"

Temas	Direitos Humanos em geral, Crianças, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	9+
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta é uma actividade que, através de uma dramatização, encoraja as pessoas a: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Rever as suas ideias gerais sobre Direitos Humanos. ▪ Encontrar diferentes formas de representar essas ideias.
Direitos relacionados	Todos
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rever os conhecimentos dos participantes sobre Direitos Humanos. ▪ Desenvolver capacidades de comunicação e interculturais. ▪ Desenvolver a cooperação e a criatividade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Adereços: roupas, brinquedos, utensílios de casa, etc. ▪ Papel e marcadores, lápis de cor. ▪ Cola, cordel e cartão.

O exercício passo a passo

1. Explique que o objectivo desta actividade consiste em representar a ideia geral ou o conceito de Direitos Humanos de modo a ser entendido por pessoas de diferentes culturas, que falem línguas diferentes.
2. Explique que têm de realizar uma representação mímica e que não poderão usar palavras. No entanto, os grupos podem, se quiserem, usar os materiais ou adereços fornecidos.
3. Divida o número de participantes em pequenos grupos de quatro a seis pessoas e entregue uma folha grande e lápis/marcadores a cada um.
4. Dê dez minutos a cada grupo para uma reflexão em grupo inicial e para que possam escolher três ou quatro ideias que gostariam de mimar.
5. Agora dê-lhes 30 minutos para pensarem e ensaiarem a mímica. Explique que isto deve ser um trabalho de grupo e que todos devem participar na dramatização.
6. Passados os 30 minutos, volte a juntar os grupos para que todos assistam às várias representações.
7. Depois de cada representação deve haver *feedback* e análise.
8. Peça aos espectadores que falem sobre o que viram e que identifiquem as ideias chave da representação.
9. Dê também a hipótese a cada grupo responsável de explicar sumariamente alguns pontos que não tenham sido captados pelos espectadores.

TEMAS



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



CRIANÇAS



CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



9+

DURAÇÃO



90 MINUTOS

Análise e avaliação

Agora faça uma revisão da própria actividade.

- Como é que se sentiram com esta actividade? Foi mais ou menos difícil do que imaginavam? Quais foram as maiores dificuldades, ou quais foram os aspectos mais difíceis de representar?
- Aprenderam alguma coisa nova sobre Direitos Humanos?
- Houve diferenças ou semelhanças entre os diversos grupos? Estavam todos de acordo com a ideia geral de Direitos Humanos? Se não estavam, porquê?

Dicas para o animador

A menos que os participantes nada saibam sobre Direitos Humanos, será muito mais interessante começar a actividade com o mínimo de orientação por parte do animador. O objectivo principal desta actividade consiste em revelar as impressões e os conhecimentos que os jovens têm sobre Direitos Humanos, fruto das suas experiências. Valerá a pena explicar este aspecto aos jovens para que eles não se sintam constringidos por não "saberem" exactamente o que são Direitos Humanos.

Deixe também claro que a ideia é a de retratar Direitos Humanos em geral, e não um direito humano específico. Contudo, eles podem decidir pegar num Direito Humano particular para fazer a ligação com o conceito genérico de Direitos Humanos. No final da sessão, os espectadores devem ser capazes de (ou pelo menos começar a) responder à questão: "O que são Direitos Humanos?"

Não deixe que aqueles que não acreditam na sua veia de actor fiquem para trás! Explique que há muitos papéis para desempenhar, e que esta actividade deve interessar todo o grupo. Adereços fora do vulgar podem ajudar a despertar ideias criativas – vale tudo, desde panelas, carrinhos de brincar, chapéus, almofadas, pedras, uma tampa de caixote do lixo...

Variantes

Esta actividade também pode ser feita com desenhos: peça aos grupos que desenhem um poster – sem palavras – que exponha as principais ideias acerca de Direitos Humanos.

A actividade pode não ser uma tarefa de introdução aos Direitos Humanos, mas sim uma ajuda para organizar e clarificar ideias com que já tenham trabalhado ao longo das actividades do livro, ou que tenham aprendido numa pesquisa.

Sugestões para aprofundamento

Leiam algumas peças de teatro ou outro tipo de literatura que tenha como tema os Direitos Humanos, e organizem uma representação para os membros da vossa comunidade local.

Se o grupo quiser avançar e aprofundar algum Direito Humano em particular, façam a actividade "Os Direitos da Criança" na página 198 que vos dá uma ideia da Convenção dos Direitos da Criança.

1, 2, 3... Acção

Podem desenvolver as vossas mímicas ou pensar numa produção que envolva todo o grupo e representá-la para a comunidade. Se optarem pela variante dos posters, façam depois uma exposição. Qualquer uma destas ideias é boa para celebrar o Dia dos Direitos Humanos.

A lembrar

10 de Dezembro

Dia dos Direitos Humanos

Resposta ao Racismo

Todas as pessoas dentro de uma comunidade escolar têm a responsabilidade de supervisionar e de saber lidar com perseguições raciais e com incidentes racistas.

TEMAS



EDUCAÇÃO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



4-50

DURAÇÃO



120 MINUTOS

Temas	Educação, Discriminação e Xenofobia, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	4-50
Duração	120 minutos
Sinopse	Esta actividade, através de uma dramatização e da análise de um incidente, motiva os participantes a reverem o seu conhecimento sobre diferenças culturais. A actividade envolve também debate e um trabalho de redacção colectivo de forma a abordar questões relacionadas com: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As dificuldades em observar a própria cultura de uma outra perspectiva. ▪ Racismo, estereótipos e diferenças culturais. ▪ Como lidar com o racismo numa escola ou noutra organização educativa.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Igualdade em dignidade e em direitos. ▪ O direito a não ser discriminado. ▪ O direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estimular o interesse pelos Direitos Humanos e pelo racismo. ▪ Desenvolver capacidades para uma participação democrática, comunicação e cooperação. ▪ Promover responsabilidade, justiça e solidariedade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Folhas A3 e marcadores. ▪ 4 voluntários para representar um teatro. ▪ Ficha I, descrição do incidente a encenar e guia para os animadores. ▪ Cópia do regulamento da escola (ou da organização) e guias sobre os incidentes raciais. ▪ Cópias das fichas n.º 2 – "Pontos a ter em conta" –, ou então, escreva os vários pontos num quadro ou copie-os para um acetato (opcional). ▪ Folhas de papel e canetas.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avalie o incidente apresentado na ficha n.º I e, caso seja necessário, adapte-o à sua situação. ▪ Escolha quatro voluntários e peça-lhes que encenem uma pequena peça baseada no incidente.

O exercício passo a passo

Esta actividade está dividida em duas partes: numa primeira fase, pretende-se realizar uma avaliação acerca do que sabemos sobre o termo "racismo"; e, numa segunda parte, redigir-se-á um

regulamento que lide com incidentes racistas numa escola (ou num clube, ou organização).

1.ª Parte. Avaliação: O que sabemos do termo "racismo"?

1. Inicie a actividade com uma reflexão em grupo sobre o racismo. Pode, por exemplo, provocar a reacção dos participantes contando uma anedota racista e perguntando-lhes o que é que têm a dizer. Aponte as respostas num quadro.
2. Os incidentes racistas e os desentendimentos interculturais acontecem todos os dias. De novo através de uma reflexão em grupo, descubra que tipo de incidentes acontecem diariamente e que tipo de comportamentos as pessoas consideram racistas.
3. Passe para o incidente indicado. Distribua papel e canetas. Peça aos observadores para anotarem palavras-chave que resumem as suas respostas a cada intervalo da dramatização. Peça aos voluntários para darem início à sessão.
4. Conduza uma pequena análise sobre os vários comentários:
 - O que é que escreveram no primeiro intervalo? O que é que os levou a tirarem essas conclusões?
 - E no segundo intervalo? O que é que os conduziu a essas conclusões?
 - Que conclusões tiraram no final? Que suposições tinham feito?

2.ª Parte. Redacção de um regulamento que lide com incidentes racistas numa escola (ou num clube, ou organização)

1. Explique que, na segunda fase da actividade, vão redigir o regulamento para uma escola, clube ou organização.
2. A partir de um pequena reflexão em grupo, apresente os vários actores numa escola ou num clube. Numa escola temos, por exemplo: os alunos, os professores, o Presidente do Conselho Executivo, os responsáveis pela limpeza, os bibliotecários, os condutores dos autocarros e os supervisores dos pátios.
3. Em seguida, peça aos participantes que se dividam em grupos de quatro a cinco pessoas para que considerem os deveres e as responsabilidades dos diferentes membros de uma comunidade escolar no que diz respeito aos incidentes racistas. O objectivo consiste em redigir pontos de orientação sobre o modo como se deve lidar com este tipo de incidentes. Dê-lhes 30 minutos para a análise e para prepararem um relatório com pontos-chave.
4. Peça aos participantes que se reúnam em plenário e que façam um pequeno relatório das suas conclusões. O formador deve ir sumariando os diferentes pontos e pode convidar os participantes a compará-los com o regulamento e com as políticas já existentes na escola.
5. Encoraje-os a ir mais longe e a desenvolver um aspecto particular (etapa ou medida). Por exemplo, se for necessário, um dos grupos deve ficar responsável por escrever uma declaração geral sobre o racismo para a escola. Os grupos devem também discutir a forma de apresentar os resultados em plenário, utilizando não só o que escreveram, mas ilustrando o texto com imagens, colagens e linguagem corporal – o que melhor transmitir os seus sentimentos.
6. Em plenário, peça aos grupos para darem conta dos resultados e discutam a melhor forma de implementar as ideias.

Análise e avaliação

Comece por fazer uma pequena revisão da actividade em si e depois avalie o que os participantes aprenderam e qual será o próximo passo a dar.

- Quão predominante é o racismo, na escola ou no clube, e mesmo na sociedade em geral?

A lembrar**21 de Março**Dia Internacional pela
Eliminação da
Discriminação Racial

- Quais os grupos que mais sofrem? Porquê? E são os mesmo grupos alvo de há 20 ou 50 anos atrás?
- A concepção dos participantes acerca do que é considerado um incidente racista mudou por terem realizado esta actividade? Como? Dêem exemplos.
- Quem é o responsável que possa garantir que na vossa escola (ou organização) não haja incidentes racistas?
- Voltem a reflectir no incidente apresentado. O que é que os professores, o pai de Abdallah e o director deveriam ter feito para assegurar um desfecho justo?
 - Ter um regulamento que explique como lidar com incidentes racistas é importante, mas não seria melhor que nem sequer fosse preciso? O que é que pode e deve ser feito para abordar as causas do comportamento racista, tanto numa escola como na sociedade em geral?

Dicas para o animador

Tenha em atenção os antecedentes dos vários membros do grupo e adapte a actividade de acordo com eles. Os participantes empenham-se mais se as questões lhes parecerem reais. Por outro lado, quanto mais real é a situação, mais se envolvem sentimentos e emoções. Assim, deverá estar preparado para isso. É importante que esteja atento aos sentimentos daqueles participantes que já se sentiram discriminados na escola. Em vez de focar um único incidente, falem e partilhem experiências de vários exemplos e de diferentes perspectivas. Assim será mais fácil ter em conta diferentes relações, tais como: as implicações do racismo entre iguais e o racismo vindo de um professor ou de um director.

Caso queira aceitar a nossa sugestão de introduzir o tema com uma anedota racista, o melhor será escolher uma que fale de um conjunto de pessoas que não esteja representado no seu grupo. Todos os países têm anedotas que brincam com situações de outros países. Pode também pedir ao grupo que conte uma ou duas anedotas, e partir daí para a linha que divide as anedotas racistas e as não-racistas. Por exemplo: as anedotas sobre os Paquistaneses e os Turcos serão nacionalistas ou racistas? Esta análise pode levar à definição da anedota racista e do incidente racista (veja em baixo a "Informação suplementar").

Pode acontecer que, no final da segunda parte, no ponto 4, as conclusões não sejam suficientes para os participantes poderem passar para o próximo passo. Nesse caso, utilize a ficha número dois – "Pontos a ter em conta" – e incentive-os a desenvolver os quatro primeiros passos.

Variantes

Esta actividade pode ser adaptada de forma a abordar o tema do *bullying*. Caso este tema vos interesse, façam a actividade "Temos alternativa?" na página 259 antes de tentarem redigir um regulamento *anti-bullying*.

Sugestões para aprofundamento

Façam uma revisão do assunto com alguma frequência: uma ou duas vezes por ano. As políticas devem ser revistas periodicamente para que se certifique de que continuam a ir ao encontro dos objectivos com que foram criadas. À medida que a sociedade vai mudando, também as políticas precisam de ser actualizadas para que continuem a enfrentar os desafios exigidos pelas condições de mudança.

O grupo pode querer aprofundar o tema, explorando os aspectos racistas nas tomadas de decisão. A actividade "Acesso a Medicamentos" da página 103 aborda vários temas (entre eles, o

racismo) que foram levantados aquando do processo judicial entre o Governo da África do Sul e as empresas fabricantes de medicamentos para o tratamento da SIDA, em 1990.

1, 2, 3... Acção

Continuem a trabalhar nas políticas da vossa escola ou organização e certifiquem-se de que as mesmas são implementadas. O grupo pode também entrar em contacto com projectos anti-racistas de outros países. Por exemplo, "Escolas sem Racismo", um programa implementado na Bélgica que requer que, pelo menos 60% da população estudantil, assine e implemente uma declaração contra a discriminação. (www.schoolwithoutracism-europe.org).

Informação complementar

Definições de racismo

- racismo, em geral, consiste em dirigir palavras ou acções que favorecem ou desfavorecem pessoas por causa da sua cor, cultura ou origem étnica. As formas mais subtis de racismo são tão prejudiciais como as formas evidentes.
 - racismo institucionalizado é uma falha colectiva de uma organização na prestação de um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa da sua cor, cultura ou origem étnica. Pode ser observado ou detectado em processos, atitudes e comportamentos carregados de discriminação, através de preconceitos involuntários, ignorância, imaturidade, e estereótipos racistas que desfavorecem pessoas pertencentes a minorias étnicas. Os incidentes racistas e o assédio podem ter lugar em qualquer instituição independentemente do número de alunos originários de diferentes etnias.
- Um incidente racista é qualquer incidente que seja entendido como racista pela vítima ou por qualquer outra pessoa.

Que tipo de incidentes podem ser considerados racistas?

A lista que se segue enumera incidentes racistas

Assédio físico: inclui os exemplos mais óbvios de ataques violentos ou de intimidação física de crianças ou adultos pertencentes a minorias, assim como também inclui incidentes de intimidação menor, mas que têm o mesmo efeito cumulativo.

Assédio verbal: injuriar pessoas pertencentes a minorias e ridicularizar o passado ou a cultura de uma pessoa (por exemplo, a música, a roupa ou a dieta) são os exemplos mais óbvios. Há, no entanto, outras formas de violência verbal, menos óbvias, que envolvem os professores, os alunos ou outros adultos, tais como os comentários de natureza racista que, claro, ofendem.

Desrespeito e falta de cooperação: recusa em cooperar, ou demonstração de desrespeito por parte de alunos, professores, formadores, jovens líderes e outras pessoas pertencentes a minorias numa comunidade escolar pode ser considerado um incidente racista, caso haja provas de motivação racista ou se a vítima achar que o incidente foi motivado pelo racismo. O desrespeito pode também ser inadvertido, por exemplo, se um professor ou um formador ignorar as práticas culturais de um aluno de forma a deixá-lo incomodado ou constrangido.

Outros incidentes: piadas racistas e utilização de vocabulário racista, uso de símbolos racistas, emblemas, t-shirts, grafitis racistas, distribuição de literatura ou posters racistas, presença de organizações racistas ou fascistas numa ou perto de uma comunidade, estereótipos que possam conduzir à discriminação.

Muitos dos incidentes serão de um tipo menos evidente. E essas acções maldosas são normalmente as mais difíceis de detectar e também aquelas com as quais é mais difícil lidar. A maioria dos incidentes que envolvem alunos não acontece à frente de professores ou de adultos. É, por isso, muito importante que as escolas desenvolvam estratégias que assegurem que todos os membros da comunidade escolar são sensíveis a esses incidentes, e se responsabilizam por, relatar e lidar com os mesmos.

Pontos a ter em conta para a redacção do regulamento anti-racismo.

Ao lidar com o assédio racial e com os incidentes racistas é necessário que se desenvolvam e implementem políticas ao nível da abordagem escolar ou organizacional. É importante que essas abordagens aos incidentes racistas sejam adequadas às políticas gerais da escola/organização. Esta questão deve ser considerada como "especial mas não separada". Alguns pontos a ter em conta são:

- É necessário haver uma declaração clara que mostre que não serão tolerados incidentes racistas ou assédios raciais.
- No regulamento, a escola deve deixar bem claro o procedimento caso ocorra um incidente racista.
- A abordagem geral da escola, incluindo os processos e acções acordadas, será estendida a todos os membros da comunidade escolar sem excepção: a direcção, pessoal (docente e não docente), pais, alunos e visitantes.
- Todos devem perceber que, na comunidade escolar, a responsabilidade pela supervisão é colectiva e todos devem saber lidar com o assédio racial e com os incidentes racistas.
- Qualquer decisão relativa a um incidente deverá ser tomada dentro de um espaço de tempo previamente acordado.

(Fonte: Conselho da Cidade de Northamptonshire)

FICHAS**Um incidente – cartão descritivo**

Improvise uma pequena simulação baseada no incidente que a seguir se descreve. Deve ser apresentada em três pequenas cenas tal como indicado em baixo. Nos intervalos, os animadores devem pedir aos observadores que anotem as suas opiniões sobre os vários acontecimentos.

Primeira cena. Dois professores conversam na sala dos professores.

Nos últimos meses tem-se registado uma série de pequenos furtos na escola. Mais uma vez falta dinheiro. O director está determinado a ir ao fundo da questão e pede aos professores que o ajudem a identificar o ladrão. Abdallah, um aluno cuja família é originária do Norte de África, é suspeito de ser responsável, pelo menos, pelo último incidente.

Segunda cena. A conversa entre o pai de Abdallah e o director da escola.

O director convida o pai de Abdallah para uma reunião. No final dessa reunião, o pai de Abdallah reembolsa a soma total do que já tinha sido roubado.

Terceira cena. Dois professores estão outra vez a conversar na sala de professores.

O facto do pai de Abdallah ter pago o que havia sido roubado é como que uma admissão da culpa de Abdallah. No entanto, mais tarde, vêm a descobrir que Abdallah nada tinha a ver com os vários roubos.

Um incidente – guia para o animador

Deixe os voluntários representarem os vários papéis. Nos intervalos, deve lançar algumas perguntas e pedir aos observadores que anotem palavras-chave que resumam as respostas.

Primeira cena: Nos últimos meses tem-se registado uma série de pequenos furtos na escola. Mais uma vez falta dinheiro. O director está determinado a ir ao fundo da questão e pede aos professores que o ajudem a identificar o ladrão. Abdallah, um aluno cuja família é originária do Norte de África, é suspeito de ser responsável, pelo menos, pelo último incidente.

Primeiro intervalo: Primeira questão para os observadores: O que fariam se fossem o director?

Segunda cena: O director convida o pai de Abdallah para uma reunião. No final dessa reunião, o pai de Abdallah reembolsa a soma total do que já tinha sido roubado.

Segundo intervalo: Segunda questão para os observadores: Parece-vos que o problema foi resolvido de forma satisfatória?

Terceira cena: Os professores encaram o resultado da conversa como uma forma de admissão da culpa da parte de Abdallah. No entanto, mais tarde, vêm a descobrir que Abdallah nada tinha a ver com os vários roubos.

Terceiro intervalo: Terceira questão para os observadores: O que é que pensam agora da situação?

Reunião com o Sindicato

Um dia de trabalho justo merece uma remuneração justa.

TEMAS


DIREITOS SOCIAIS


DEMOCRACIA


CIDADANIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1
NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO


10-15

DURAÇÃO


120 MINUTOS

Temas	Direitos Sociais, Democracia, Cidadania
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	10-15
Duração	120 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa simulação de uma reunião entre empregados e patrões, juntamente com os representantes do sindicato, para negociar condições de trabalho e salários. Entre os assuntos abordados estão: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O papel dos sindicatos. ▪ Negociação colectiva no local de trabalho. ▪ Os direitos dos trabalhadores.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à negociação colectiva. ▪ O direito à união e associação, especificamente para participar e constituir um sindicato. ▪ O direito a não ser despedido injustamente.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender o papel dos sindicatos. ▪ Desenvolver capacidades necessárias para tomadas de decisão consensuais. ▪ Promover a participação, a responsabilidade e a solidariedade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cópias da ficha n.º 1 "A situação": uma por participante. ▪ Cópias da ficha n.º 2 "Um pequeno glossário de termos laborais": uma por participante. ▪ Etiquetas para identificação (opcional). ▪ Papel, marcadores de cores e canetas (opcional). ▪ Duas salas (de preferência, mas opcional).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leia a actividade com atenção, incluindo as fichas para que possa tirar as dúvidas que surgirem. ▪ Organize a sala. Disponha 5 cadeiras em círculo. Estas cadeiras são para os representantes dos diferentes partidos e para o participante que vai mediar a reunião. Atrás organize as restantes cadeiras para os observadores.

● exercício passo a passo

1. Introduza a actividade. Explique que vão fazer uma simulação de uma reunião entre os empregados, os patrões e os representantes do sindicato. O objectivo consiste em chegar a um acordo relativamente às condições de trabalho e ao salário através da negociação colectiva.
2. Para começar, peça ao grupo que decida o nome e o produto da empresa. Pode ser

- uma empresa verdadeira ou imaginária, que produza produtos reais ou imaginários. Peça-lhes que pensem também num nome para o sindicato.
3. Agora divida o grupo em dois, numa proporção de dois para um. O grupo mais pequeno representará as entidades patronais e o grupo maior os funcionários e os representantes do sindicato.
 4. Distribua as cópias da ficha n.º 1 – "A situação" – e da ficha n.º 2 – "Um pequeno glossário de termos laborais". Dê dez minutos aos participantes para lerem os papéis e, no final, certifique-se de que todos compreenderam o que leram.
 5. Explique brevemente como vai decorrer a simulação: os patrões convocam a reunião e um deles irá presidir à mesma. No início apresentam a sua proposta. Depois os delegados sindicais e representantes dos funcionários apresentam a sua. Por fim, todas as partes entram em negociações e tentam chegar a um acordo.
 6. Avise os participantes de que devem estabelecer as regras para a reunião antes de começarem - por exemplo, será que deve haver um tempo limite para cada um expor os seus argumentos? Se sim, quanto tempo? Quanto tempo deve durar a reunião? Qual o procedimento para fazer um curto intervalo e consultar as pessoas que está a representar? Quem mais pode pedir a palavra?
 7. Agora, peça aos participantes que se juntem e que se preparem (30 minutos). Os patrões devem escolher dois representantes e alguém para presidir à reunião. Os trabalhadores e os delegados sindicais devem também escolher o mesmo número de representantes – dois. Depois ambos os grupos devem:
 - Elaborar uma nova proposta para ser apresentada na reunião.
 - Decidir os poderes de negociação que os representantes devem ter.
 - Decidir qual o seu ponto decisivo, ou seja, qual é o pior cenário possível e quais as condições mais baixas que estão dispostos a aceitar?
 8. Quando os grupos estiverem prontos, convide os representantes a sentarem-se nas cadeiras do centro e os outros a sentarem-se atrás. Peça ao presidente da sessão para dar início à reunião.
 9. Quando a reunião tiver chegado ao fim, faça um pequeno intervalo e prossiga para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por saber se gostaram da actividade e depois discuta o que se passou na reunião e o que aprenderam:

- Como é que os grupos trabalharam em conjunto para decidir as propostas iniciais? Foi fácil ou difícil?
- Quando estavam a reflectir acerca das propostas, pensaram apenas nos seus interesses ou nos interesses da empresa como um todo?
- Chegaram a pensar em tácticas para a negociação?
- Como é que correu a reunião? Toda a gente teve oportunidade de falar?
- Os dois partidos chegaram a um acordo mutuamente aceitável?
- O direito a pertencer a um sindicato é um Direito Humano reconhecido. Até que ponto é importante? Quais as consequências de não ter esse direito?
- O que é que as pessoas sabem sobre os sindicatos, o que são e para que servem?
- Os sindicatos são fortes no vosso país? Então e os patrões? Também há associações patronais?
- Algum dos participantes pertence a sindicatos? Porquê? Quais são as vantagens e as desvantagens?

A lembrar : Dicas para o animador

1 de Maio
Dia do Trabalhador

Antes de começar esta actividade deve ter em atenção a opinião geral e as atitudes em relação aos sindicatos no seu país. Por exemplo, nas sociedades pós-comunistas, pode haver alguma resistência a esta actividade por causa da herança deixada pelo tempo em que os sindicatos eram vistos como "escolas do comunismo". Nestes casos aconselhamo-lo a começar por explorar as imagens e os estereótipos que as pessoas têm dos sindicatos. Pode também pedir aos participantes que contactem os sindicatos locais para pedir informações ou fazer qualquer outro tipo de pesquisa sobre os assuntos laborais no vosso país. Convém também indicar a relevância e a importância dos sindicatos para salvaguardar os direitos dos trabalhadores, independentemente do sistema político com que se identificam.

Dependendo do grupo, pode precisar de dar mais orientação sobre o processo de negociação. Pode também precisar de dar algumas dicas sobre os vários pontos a considerar quando estiverem a estruturar as posições e propostas; por exemplo:

- Parece aceitável que os funcionários desistam do seu aumento de ordenado em detrimento da manutenção de todos os trabalhadores?
- Que categoria de trabalhadores deve ser dispensada, caso seja necessário?
- A proposta é realista? A empresa consegue suportar o fardo económico?

Deixe a reunião e as negociações seguirem o seu curso! Se, durante as discussões, os empregados e os representantes do sindicato estiverem a pensar entrar em greve, deverá fornecer papel e canetas para que eles possam preparar os posters para o piquete. Se os patrões quiserem praticar um *lock-out* contra os trabalhadores, ou seja, organizar um bloqueio, certifique-se de que tem uma outra sala preparada para onde possa enviar os trabalhadores!

A maioria dos países na Europa tem leis que regulam a negociação colectiva. Pode ler alguma dessa legislação e fotocopiar a que lhe parecer mais relevante para que os participantes tirem mais partido desta actividade.

Variantes

Um exemplo com outra situação que envolva negociações sobre os direitos pode ser uma reunião na escola para resolver uma disputa com um aluno "problemático". A reunião pode decorrer entre um estudante e os seus pais, por um lado, e o director da escola e a associação de pais, por outro.

Sugestões para aprofundamento

Convide um membro de um sindicato para vir dar uma palestra. Deve encontrar o número de telefone de sindicatos numa lista telefónica local. Normalmente os sindicatos estão abertos a qualquer oportunidade que surja para chegar mais perto dos jovens!

Se o grupo gostar de discutir ideias, então pode ser que gostem da actividade "Qual a Sua Posição?" na página 224, onde os participantes têm de defender as suas opiniões sobre uma série de questões relativas aos Direitos Humanos.

1, 2, 3... Acção

Podem desenvolver um projecto em parceria com um sindicato local para promover o trabalho dos sindicatos entre os jovens.

Informação complementar

Pode encontrar informação complementar sobre a juventude e os sindicatos nas informações sobre os direitos sociais, na página 429.

Nota: Esta actividade foi desenvolvida com a cooperação do sindicato GMO do Reino Unido, do Colégio Europeu dos Sindicatos (ETUCO – European Trade Union College) e da Associação Europeia para a Formação dos Trabalhadores sobre o Impacto das Novas Tecnologias (AFETT – Association for European Training of Workers on the Impact of New Technology)

FICHAS

A situação

A situação passa-se numa reunião da empresa, entre os patrões, os empregados e os delegados sindicais. Encontram-se num beco sem saída na tentativa de chegar a um acordo em relação à remuneração salarial.

A fábrica funciona 24 horas por dia, durante os 365 dias do ano. Tem uma força operária total de mil trabalhadores, desde a produção à gerência. Todos os trabalhadores estão sindicalizados.

Actualmente a empresa está a atravessar uma difícil crise financeira e económica, embora ainda esteja longe da bancarrota.

Devido à conjuntura atravessada pelo sector em geral, os lucros diminuíram em relação ao mesmo período do ano passado.

No entanto, os lucros ainda são elevados. Nos últimos três anos, os salários baixaram 3% em termos reais e o número de empregados diminuiu em 10%.

Os trabalhadores exigem um aumento salarial de acordo com o aumento dos outros sectores industriais.

A gerência informou que, para que se registre um aumento salarial, vão ter de reduzir o número de trabalhadores. Assim propuseram:

- Um aumento salarial de 4% sobre os 12 meses nos contratos individuais (a inflação está neste momento a 2% ao ano)
- Pagamento baseado no número de horas anuais, em vez de diárias ou semanais, e o fim das horas extraordinárias.
- Redução do número de trabalhadores (10% – maioritariamente os que estão a meio tempo, em posições temporárias e os estagiários, de acordo com a regra "último a entrar, primeiro a sair") e também os voluntários.

A proposta da gerência foi rejeitada pela Assembleia-geral dos trabalhadores, que estavam preocupados com o facto de ficarem muito pior do que já estavam (actualmente para 40% dos empregados uma parte significativa do seu salário são horas extraordinárias). Os empregados e os representantes do sindicato apresentaram uma contraproposta à gerência:

- Aumento salarial de 9% em dois anos;
- Continuação das horas extraordinárias e de bónus;
- O número actual de funcionários será mantido e qualquer trabalhador que seja forçado a demitir-se será sustentado à custa da empresa;
- Caso estas exigências não sejam cumpridas, os trabalhadores entram em greve.

A contraproposta foi recusada pela direcção, que defende que as sugestões apresentadas pelos trabalhadores e pelo sindicato não são solução para os problemas que a empresa está a enfrentar.

As negociações já duram há dois meses.

A empresa tem como política que, quando as partes não conseguem chegar a um acordo num período de dois meses, devem convocar uma reunião especial para todas as partes envolvidas. E é esta a reunião que constitui a base desta simulação. Ambos os lados devem apresentar novas propostas que possam servir de base real para um acordo consensual que satisfaça as partes.

Devem estar 5 pessoas sentadas à mesa: 2 representantes da gerência, um presidente da reunião (nomeado pelos patrões) e 2 representantes do sindicato. Sendo uma reunião especial, todos os trabalhadores podem assistir.

Um pequeno glossário de termos laborais

Negociação colectiva: Este é um processo de negociação onde os representantes dos empregados e os patrões tentam chegar a um acordo e resolver os seus problemas (como os salários e as condições de trabalho) em conjunto.

Lock-out: É um dos meios mais radicais que os patrões têm de mostrar o seu poder. O patrão recusa-se a deixar o trabalhador entrar no seu local de trabalho, ou seja, bloqueia-o literalmente numa tentativa de o obrigar a aceitar as exigências da gerência. O lock-out, em Portugal, é proibido constitucionalmente, segundo o Artigo 57.º da CRP.

Demissão: Os trabalhadores são demitidos porque o patrão decide fechar a fábrica. O empregado pode ter direito a uma indemnização.

Indemnização: Se um trabalhador efectivo for despedido injustamente ou for despedido por reestruturação da empresa tem direito a receber uma compensação, que é denominada de indemnização. O valor deste pagamento é normalmente baseado no salário actual do empregado, por exemplo, uma semana de salário por cada ano de trabalho.

Greve: O direito à greve é um Direito Humano social, básico e que é visto como um elemento necessário para a negociação colectiva como forma de mitigar a desigualdade inerente na relação patrão-trabalhador. Uma greve é a recusa a trabalhar, ou a obstrução de trabalho, pelos empregados. No entanto, os trabalhadores não podem entrar em greve sempre que lhes apetece! Têm de preencher certas condições que estão previstas na legislação e que diferem de país para país.

Sindicatos: Um sindicato é uma associação que existe para defender os interesses dos trabalhadores, incluindo o salário e as condições de trabalho. Um sindicato geralmente representa os trabalhadores em negociações com os patrões. Em muitos países os sindicatos estão organizados como confederações.

Salários Diferentes

Para trabalho igual salário igual!

Temas	Direitos Sociais, Igualdade de género, Discriminação e Xenofobia
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	4+
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa simulação que confronta os participantes com as realidades do mercado laboral. Aborda os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Salários diferentes pelo mesmo trabalho. ▪ Discriminação no local de trabalho. ▪ Políticas de salários baixos para jovens trabalhadores.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a uma remuneração justa. ▪ O direito a trabalho igual, salário igual. ▪ O direito a não ser discriminado por causa da idade ou do sexo.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Confrontar os participantes com as realidades da discriminação no local de trabalho. ▪ Analisar se a discriminação com base na idade ou no sexo deve ser permitida ou não. ▪ Promover solidariedade, igualdade e justiça.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1 cópia do "Valor dos salários". ▪ Etiquetas: uma para cada participante/trabalhador. ▪ Canetas. ▪ Dinheiro (6 000 EMS por jogador).
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prepare as etiquetas, que devem fazer referência ao sexo e à idade dos trabalhadores. Use a lista do "Valor dos salários" como base. ▪ Decida que tipo de trabalho os participantes podem desempenhar. Não se esqueça de assegurar os materiais necessários.

o exercício passo a passo

1. Explique aos participantes que eles estão empregados, que trabalham para um chefe (você!) e que não se devem preocupar, pois todos receberão o seu salário.
2. Distribua as etiquetas aleatoriamente: uma para cada participante.
3. Explique a tarefa que têm a realizar e certifique-se de que todos perceberam o que têm a fazer.
4. Dê início à actividade.
5. Quando as tarefas estiverem terminadas, peça-lhes para formarem uma fila indiana para receberem o salário. Pague a cada um, tendo por base os preços estipulados na lista dos "Valores dos salários", ou seja, de acordo com o seu sexo e idade. É muito

TEMAS



DIREITOS SOCIAIS



IGUALDADE DE GÉNERO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



4+

DURAÇÃO



90 MINUTOS

- importante que todos ouçam quanto é que cada um está a receber.
6. Se os participantes perguntarem o porquê das diferenças, ou se se queixarem, dê-lhes uma breve explicação, mas evite entrar em discussão.
 7. A actividade não tem uma duração limite, mas o melhor é parar quando as coisas começarem a aquecer demais! Dê tempo para todos se acalmarem, depois sentem-se num círculo e passem para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Será mais fácil organizar a análise em várias fases. Comece por rever a simulação:

- Como é que se sentiram quando se aperceberam de que tinham recebido mais (ou menos) do que os colegas e todos tinham feito o mesmo trabalho?
- Por que é que uns receberam mais (ou menos) do que outros? Por que é que isto aconteceu?
- Como é que se sentiram ao receber mais do que os outros? Como é que se sentiram ao receber menos do que os outros?
- Este tipo de discriminação acontece na vossa região, no vosso país?

A seguir falem da remuneração baseada no sexo:

- Açam justificável que o mesmo trabalho seja pago de forma diferente consoante é feito por um homem ou uma mulher? Porquê? Por que não? Em que situação?
- Então e no caso de um homem trabalhar melhor que uma mulher? Será que isso é razão para pagar menos à mulher?
- Se o homem tiver mais qualificações do que a mulher, é razão para ter um salário mais alto?
- Açam que há funções que devem ser desempenhadas exclusivamente por homens? Porquê? Por que não? Se sim, que trabalhos?
- Açam que há trabalhos que devem ser feitos exclusivamente por mulheres? Porquê? Por que não? Se sim, que trabalhos?
- Açam que a prática da acção positiva (ou discriminação positiva) se pode justificar para alterar as atitudes sociais?

Por último, discutam a remuneração com base na idade:

- Há alguma política, no vosso país, que diferencie os salários com base na idade? Se não há, acham que deveria haver?
- Qual a fundamentação para este tipo de política, especialmente no caso dos mais jovens?
- Qual é a vossa opinião sobre essa política? Boa? Má? Necessária? Desnecessária? Apresentem as vossas razões.

Dicas para o animador

O mais provável é ter de fazer algumas adaptações à actividade. Se precisar de mais ou menos trabalhadores, não se esqueça de manter um número equilibrado de homens e mulheres e uma variedade de idades. Se o grupo for demasiado grande, ou caso prefira aprofundar a discussão sobre os dois tipos de discriminação, a melhor opção é mesmo a de subdividir o grupo e, assim, um grupo discute a discriminação sexual e o outro a etária.

Que trabalho é que eles podem realizar? Deve ser exactamente o mesmo trabalho para todos, e o melhor é que seja uma coisa que todos possam fazer ao mesmo tempo, para que

ninguém esteja parado. Considere as seguintes condições:

- Se quiser ir para o exterior, a actividade pode ser feita na altura do ano em que se encontra?
- Tem espaço?
- A actividade pode ser desempenhada de igual forma por pessoas de diferentes idades e sexos?
- É segura?
- Acha que alguns participantes se podem sentir embaraçados ou até mesmo recusar por motivos étnicos?
- Quanto tempo demora?
- Tem algum requisito especial?
- Pode ser repetida vezes sem conta?

Exemplos de tarefas:

- Limpar o quadro e escrever uma frase com letra bonita.
- Tirar livros de uma prateleira e colocá-los numa caixa. Transportar a caixa para outro lado da sala e voltar a arrumar os livros numa outra prateleira.
- Fazer um avião de papel ou um simples chapéu.
- Recolher três tipos de folhas diferentes e colá-los num pedaço de papel.
- Ver no dicionário o significado de uma palavra e escrevê-lo num pedaço de papel. (Se escolher diferentes palavras e se todas estiverem relacionadas com os Direitos Humanos, no final terão construído um pequeno glossário!).

Quando for a altura do pagamento e tiver de explicar o porquê de salários diferentes, terá de já ter pensado em várias "razões". Estas podem ser verdadeiras - ou seja, porque aconteceu isto ou aquilo -, ou então podem ser ridículas. Por exemplo:

- Quem tropeçou recebe menos.
- Quem sorriu e parecia estar feliz recebe mais.
- É terça-feira!

A informação que se segue, e a informação adicional no capítulo 5 podem ajudá-lo a preparar-se melhor para a análise.

Variantes

Se achar que nesta actividade não deve realizar uma simulação, pode adaptar as informações e fazer uma análise das mesmas. Pode criar uma folha para cada trabalhador onde se menciona: o trabalho realizado, a idade, o sexo e a remuneração. Pode também incluir outro tipo de detalhes, como por exemplo: instrução e experiência profissional. Em alternativa, pode realizar um estudo aprofundado de diferentes casos de trabalhadores. No entanto, deve ter consciência de que a análise por si só não vai provocar a mesma intensidade emocional que obteria com a simulação.

Sugestões para aprofundamento

Se o grupo gosta de dramatizações e se quer explorar o papel dos sindicatos na defesa dos direitos dos trabalhadores a um salário justo e a boas condições de trabalho, façam a actividade "Reunião com o Sindicato" na página 246.

A lembrar

1 de Maio

Dia Internacional do Trabalhador

Direito a uma remuneração justa.

Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, Artigo 7.º

Os Estados Parte no presente Pacto reconhecem o direito de todas as pessoas a gozar de condições de trabalho justas e favoráveis, que assegurem em especial:

- a) Uma remuneração que proporcione, no mínimo, a todos os trabalhadores:
 - 1) Um salário equitativo e uma remuneração igual para um trabalho de valor igual, sem nenhuma distinção, devendo, em particular, às mulheres serem garantidas condições de trabalho não inferiores àsquelas de que beneficiam os homens, com remuneração igual para trabalho igual."

Carta Social Europeia Art. 4.º (3)

A reconhecer o direito dos homens e mulheres a uma remuneração igual para um trabalho de valor igual.

Art. 7.º (5)

A reconhecer o direito dos jovens trabalhadores e aprendizes a uma remuneração justa ou a um subsídio apropriado.

Informação complementar

As questões levantadas pela desigualdade das remunerações são diferentes nos vários países e também diferem de acordo com os dois tópicos: idade ou sexo. A discriminação baseada no sexo é apenas um indicador da discriminação contra as mulheres. As mulheres sempre estiveram em desvantagem nas esferas sociais, políticas e económicas. Exemplos de discriminação contra as mulheres no trabalho incluem discriminação aquando da selecção e entrevista dos candidatos; discriminação em relação à perspectiva de promoções, e o facto de, em média, receberem salários mais baixos do que os homens. Quando as mulheres recebem menos do que os homens por fazerem o mesmo trabalho, trata-se de uma clara violação do direito a uma remuneração justa.

Como trabalhadores, os jovens deveriam também receber uma remuneração justa. No entanto, aqui a situação é muito complexa e difere de país para país. Em geral, a percentagem de desempregados é maior entre os jovens do que entre os adultos.

Embora o princípio de "a trabalho igual, salário igual" seja geralmente defendido, a remuneração dos jovens é muitas vezes considerada um caso especial e muitos países têm políticas que permitem que os jovens recebam menos do que um adulto pelo mesmo trabalho. Estas políticas são justificadas por dois motivos: espera-se, por um lado, desencorajar os jovens a entrar no mercado de trabalho e encorajá-los a permanecer na escola e a receber educação e formação; por outro, manter o interesse dos empregadores em contratar jovens sem experiência e sem formação, especialmente os que desistiram da escola e que, de outra forma, se envolveriam em actividades menos lícitas, constituindo um verdadeiro fardo para o Estado.

A aplicação deste tipo de política e o seu sucesso no decréscimo do desemprego entre os jovens varia de país para país.

O Comité dos Direitos Sociais da União Europeia (responsável pela implementação da Carta Social Europeia) não considera o baixo salário dos jovens incompatível com a garantia de um ordenado justo, desde que a diferença seja razoável e que se esbata rapidamente. Por exemplo, um salário 30% mais baixo do que o salário inicial de um adulto é considerado aceitável para um jovem de 15 ou 16 anos. No entanto, para os jovens de 16 a 18 anos, a diferença não deve exceder os 20%.

Os salários dos jovens nem sempre são baixos. Na realidade, há muitos jovens com instrução que ganham muito dinheiro - até demais, segundo algumas pessoas! Por exemplo, os jovens prosperam nos sectores das novas tecnologias e recebem muito mais do que um trabalhador mais velho que esteja perto da idade de reforma.

FICHAS

O Valor dos salários de acordo com o sexo e a idade

	Sexo	Idade	Salário em Ems
1.	Masculino	35 anos	100
2.	Feminino	16 anos	30
3.	Masculino	22 anos	70
4.	Feminino	32 anos	90
5.	Masculino	16 anos	50
6.	Feminino	19 anos	60
7.	Masculino	26 anos	100
8.	Masculino	20 anos	70
9.	Feminino	24 anos	80
10.	Masculino	37 anos	100
11.	Feminino	17 anos	30
12.	Feminino	23 anos	80

Só Um Minuto

Fala "só um minuto" – sem hesitações – sem repetições!

TEMAS

 **DESPORTO**

 **GLOBALIZAÇÃO**

 **DIREITOS HUMANOS EM GERAL**

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO

 **INDIFERENTE**

DURAÇÃO

 **40 MINUTOS**

Temas	Desporto, Globalização, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	40 minutos
Sinopse	Nesta actividade, os participantes devem ser rápidos e imaginativos para conseguirem falar durante um minuto sobre a relação entre o desporto e os Direitos Humanos.
Direitos relacionados	Todos
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Partilhar conhecimentos sobre desporto e questões de Direitos Humanos. ▪ Perceber como todas as questões de Direitos Humanos estão interligadas e são indivisíveis. ▪ Desenvolver autoconfiança para expressar opiniões pessoais.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma afirmação por participante. ▪ Um chapéu. ▪ Um relógio com ponteiros ou um cronómetro.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie a ficha com as afirmações e recorte-as pelo tracejado. ▪ Dobre as tiras de papel e coloque-as no chapéu.

o exercício passo a passo

1. Peça aos participantes para se sentarem em círculo.
2. Passe o chapéu ao grupo. Peça a cada um dos participantes que tire do chapéu, sem olhar, uma tira de papel.
3. Dê cinco minutos aos participantes para se preparem para falar durante um minuto sem parar sobre a afirmação escrita na tira de papel. As regras são: sem hesitações e sem repetições.
4. Depois dos cinco minutos, peça a cada participante para "discursar" na sua vez seguindo a ordem dos ponteiros do relógio.
5. No final de cada discurso, dê dois ou três minutos para possíveis comentários. Se houver muito a dizer, anote o tópico para regressar a esse assunto no final da sessão.
6. Depois de todos terem falado, retome qualquer aspecto que possa ter ficado pendente.
7. Avance depois para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por apreciar como decorreu a actividade e passe depois para a análise dos temas abordados.

- Foi difícil falar durante um minuto sem parar sobre estes assuntos?
- Quais foram os tópicos sobre os quais foi mais complicado falar e porquê?
- Qual a afirmação mais controversa e porquê?
- Qual a afirmação mais surpreendente?

Dicas para o animador

Esta actividade pode ser trabalhada a diversos níveis e as questões podem ser interpretadas de formas muito diferentes. É importante não se esquecer de que está a trabalhar com jovens. Pode-lhe apetecer dizer algo que provoque uma reflexão mais profunda, mas tenha atenção ao perigo de parecer que está a espera da "resposta certa".

Se lhe parecer que as afirmações sugeridas não têm interesse para o seu grupo, crie outras. Incentive os intervenientes mais relutantes a experimentar participar. Sugira-lhes que falem apenas durante meio minuto, ou 20 segundos, ou que discutam o tema primeiramente com alguém, ou que se deixem ficar para o fim.

Variantes

Se estiver a trabalhar com um grupo pequeno, faça mais do que uma ronda, mas os participantes devem tirar apenas um cartão de cada vez. Por outro lado, se o grupo tiver mais do que 15 pessoas, o melhor será dividi-lo em dois.

Esta técnica de tirar afirmações de um chapéu pode ser adaptada a qualquer tema.

Sugestões para aprofundamento

Se os participantes estiverem com vontade de continuar a falar sobre este tema e, se ainda se sentirem com energia, experimentem a actividade "Desporto para Todos!" da página 130.

Se algum dos outros temas abordados suscitou um interesse especial, procure no índice uma actividade que desenvolva esse tema.

1, 2, 3... Acção

Escolham que tema abordar e debatam qual o próximo passo para passar à acção. Desenvolvam um projecto para poderem continuar a trabalhar no tema escolhido. Entrem em contacto com uma organização local que esteja a trabalhar nesse campo. Aproveitem o projecto como uma oportunidade de aprendizagem que ajude os participantes a reflectirem sobre o que aprenderam, em termos de competências de trabalho de grupo e de acção.

Informação complementar

"Como se joga: o papel do desporto na promoção dos Direitos Humanos", Conferência em Sydney, de 1 a 3 de Setembro, 1999: www.hrca.org.au/#sport_and_human_rights

A lembrar

7 de Abril

Dia Mundial da Saúde

FICHAS

Folha com afirmações

<p>Desporto e discriminação</p> <p>Em que medida é que os jogos para-olímpicos reduzem os preconceitos sofridos pelas pessoas com deficiências?</p>	<p>Desporto e ambiente</p> <p>Os campos de golfe são frequentemente criticados por serem inimigos do ambiente e até mesmo das pessoas, pois geralmente são criados em terrenos anteriormente usados para a agricultura e a floresta. Para além disso, os campos precisam de muita água, herbicidas e pesticidas. Acha que isto fez do golfe uma questão de Direitos Humanos?</p>
<p>Desporto e os Direitos Humanos em geral</p> <p>Acha que o Ronaldo é um bom representante da campanha: "Força para mudar: campanha mundial de combate ao HIV/ SIDA com os jovens"?</p>	<p>Desporto e igualdade de género</p> <p>Há quem diga que há poucas mulheres entre os treinadores de topo e administradores desportivos por discriminação contra as mulheres. Concorda? Se concorda, o que podemos fazer contra isso?</p>
<p>Desporto e os Direitos Humanos em geral</p> <p>Os atletas de nível internacional têm de chegar a um acordo sobre um código de conduta. Os que depois violam o código são penalizados, por exemplo, se aproveitarem um evento desportivo para prestarem declarações políticas. Acha que isto é uma negação do direito de liberdade de expressão?</p>	<p>Desporto e globalização</p> <p>As sapatilhas e outros equipamentos desportivos são produzidos a baixo preço pela exploração do trabalho na Europa de Leste e no Oriente. Os trabalhadores querem continuar a trabalhar e não querem boicotar o trabalho. O que é que nós, como consumidores, podemos fazer para não sermos cúmplices desta exploração?</p>
<p>Desporto e os Direitos Humanos em geral</p> <p>A polícia tem poderes para impedir as viagens dos adeptos de equipas de futebol, ditos perturbadores, a outros países. Acha que é uma negação legítima do seu direito à liberdade de movimentos e de associação?</p>	<p>Desporto e segurança</p> <p>A China apresenta maus resultados no que respeita à defesa e promoção dos Direitos Humanos. Acha que eles deviam ter sido seleccionados, tal como foram, como país anfitrião dos Jogos Olímpicos de 2008?</p>
<p>Desporto e crianças</p> <p>O que diria aos pais e a treinadores ambiciosos que obrigam uma criança a treinar horas sem fim? Quem é que deve ter o direito de decidir sobre a saúde de um jovem e sobre como é que ele passa o seu tempo de lazer?</p>	<p>Desporto e saúde</p> <p>O que é que pode ser feito, a nível local, para combater a utilização de drogas no desporto?</p>
<p>Desporto e cidadania</p> <p>Muitas pessoas nascem num país, mas emigram e tornam-se cidadãs de noutro. No entanto, continuam a apoiar a selecção nacional do seu país de origem, em vez da selecção do país de acolhimento. Qual deveriam apoiar?</p>	<p>Desporto e meios de comunicação social</p> <p>Acha que uma televisão privada tem o direito de comprar em exclusivo a cobertura televisiva de qualquer evento desportivo?</p>
<p>Desporto e discriminação</p> <p>Acha que a verificação do sexo dos atletas é necessária para assegurar uma competição justa, ou acha que é uma violação da dignidade humana e do direito à privacidade?</p>	<p>Desporto e Paz</p> <p>Em que medida os desportos competitivos promovem a cooperação e a compreensão entre os povos?</p>
<p>Desporto e educação</p> <p>A educação física deveria ser obrigatória durante todos os anos escolares?</p>	<p>Desporto e pobreza</p> <p>Acha que os políticos do seu país se servem do desporto para distrair as pessoas do que se passa nos assuntos económicos e políticos?</p>
<p>Desporto e direitos sociais</p> <p>Acha que os desportistas profissionais devem ter os mesmos direitos que outros trabalhadores, por exemplo, o direito a formarem sindicatos e o direito a não ser despedido sem justa causa?</p>	<p>Desporto e pobreza</p> <p>Em muitos países o desporto, principalmente o futebol, é quase como um "passaporte para sair da pobreza". Acha que, por isso, os países menos desenvolvidos devem apostar mais no futebol?</p>

Temos Alternativa?

"Preocupamo-nos com aquilo que uma criança será amanhã, e esquecemo-nos de que ela já é alguém hoje." Stacia Tauscher

Temas	Paz e Violência, Crianças, Discriminação e Xenofobia
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	9-24
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa dramatização que aborda: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Violência interpessoal. ▪ <i>Bullying</i>.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a viver em liberdade e em segurança. ▪ O direito à dignidade e à não-discriminação. ▪ O direito das crianças a serem protegidas e defendidas de actos e práticas perigosas (por exemplo de abuso físico e psicológico).
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aumentar o conhecimento e a compreensão sobre as causas e as consequências do <i>bullying</i>. ▪ Investigar formas de enfrentar o problema. ▪ Criar empatia com as vítimas de <i>bullying</i>.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fotocópias das cenas a serem representadas (uma cena por grupo). ▪ Uma cópia da folha "Histórias de <i>bullying</i>".
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prepare a sala de forma a haver espaço para todos os participantes representarem as suas dramatizações.

o exercício passo a passo

1. Apresente a actividade. Explique que irão trabalhar em pequenos grupos e que o objectivo consiste em fazer pequenas dramatizações sobre o tema de *bullying*.
2. Certifique-se, com uma reflexão em grupo rápida, de que toda a gente sabe o que queremos dizer com *bullying* e que este pode acontecer em qualquer escola ou universidade, ATL, clube e em locais de trabalho.
3. Divida os participantes por três grupos mais pequenos e atribua uma dramatização a cada grupo. Dê-lhes 15 minutos para ensaiarem e preparem as suas cenas.
4. Assim que estiverem prontos, peça-lhes que apresentem a cena, um grupo de cada vez.
5. Deixe os comentários e a análise para a sessão plenária no final das três apresentações.

TEMAS



PAZ E VIOLÊNCIA



CRIANÇAS



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



9-24

DURAÇÃO



90 MINUTOS

Análise e avaliação

Comece por rever as cenas

- Onde é que os grupos foram buscar inspiração para desenvolver as cenas? Foi de filmes ou histórias sobre *bullying*, ou basearam-se na sua própria experiência?
- As cenas eram realistas?
- Na 1.ª cena, que coisas foram ditas que melhoraram a situação e que coisas impediram a sua resolução?
- Em relação à 2ª cena, pareceu-vos fácil ter uma conversa sincera com um amigo que também seja um *bully*? Em geral, que tácticas teriam um efeito mais positivo e quais teriam um efeito negativo?
- Quanto à cena 3, pareceu-vos fácil ter uma conversa franca com um amigo que esteja a ser perseguido? Qual a melhor maneira de encontrar soluções aceitáveis para a vítima?

Agora peça a três participantes para lerem em voz alta as três "Histórias de *bullying*". Convide os outros a tecerem comentários gerais sobre as histórias que ouviram. Reflectam depois sobre as causas do *bullying* e acerca da melhor forma de lidar com a situação.

- Como é que acham que se sente uma pessoa que está a ser *bullied*?
- Acham que essa pessoa é, de algum modo, responsável por isso?
- Acham que os *bullies* estão a tentar provar alguma coisa ao abusarem dos outros?
- Acham que o *bullying* é uma forma de violência?
- Acham que tem a ver com poder?
- Acham que o *bullying* é inevitável?
- Se tiverem amigos que estão a ser *bullied*, acham que devem pedir ajuda a alguém, mesmo quando o vosso amigo vos contou o seu problema em segredo?
- Quais são os preconceitos mais comuns contra as pessoas que são *bullied*?
- Quem é responsável por controlar um problema de *bullying*?

Dicas para o animador

O *bullying* pode ser directo ou indirecto. O *bullying* directo implica um comportamento do tipo: chamar nomes ofensivos, arreliar, empurrar ou puxar alguém, bater ou atacar, roubar as mochilas ou outros bens e escondê-los noutra sítio, forçar alguém a entregar dinheiro ou outro bem e atacar ou ameaçar alguém por causa da sua religião, cor, deficiência, roupa ou costumes. Já no *bullying* indirecto espalham-se boatos sobre a vítima com o objectivo de a isolar socialmente. Este tipo de comportamento é normalmente iniciado por uma ou mais pessoas contra uma vítima, ou vítimas, específicas. A componente básica do *bullying*, seja ele directo ou indirecto, é a intimidação física ou psicológica, que ocorre dia após dia, criando uma rotina de assédio e abuso.

Pode adaptar as cenas para que se ajustem melhor ao tipo de grupo com o qual está a trabalhar (associação, escola, grupo juvenil ou conjunto de trabalhadores). Tenha sempre em atenção os jovens, que constituem o seu grupo, e qualquer tipo de experiências de *bullying* que possam ter tido. Forme os grupos e distribua as cenas de forma adequada.

Sugestões para aprofundamento

Descubra se existem alguns cursos de formação locais (para jovens voluntários) sobre a mediação de conflitos. Convide alguém para vir conversar convosco e pense na possibilidade de criar um sistema de mediadores na sua escola, liceu ou associação.

O grupo pode também querer desenvolver uma política *anti-bullying* para a escola ou organização. O método utilizado na actividade "Resposta ao Racismo" da página 240, onde se cria uma política anti-racismo, é adequado para esta situação.

Se o grupo gosta de dramatizações e se quiser aprofundar as questões de resolução de conflitos encoraje-os a realizar a actividade "Joga o Jogo!" na página 161

1, 2, 3... Acção

Procure um grupo ou associação que esteja a trabalhar na resolução do problema de *bullying* no vosso país e ofereça apoio.

Se o seu grupo for particularmente criativo proponha-lhes fazer uma pequena peça com as dramatizações criadas e representem-na em público.

Os membros do grupo podem também organizar debates nas suas escolas ou comunidades sobre o tema do *bullying*.

Com outros amigos, formem um grupo na vossa escola ou na comunidade de ajuda aos jovens que são vítimas de *bullying*.

Informação complementar

Para mais informações consulte o site www.bullying.co.uk e páginas relacionadas.

A lembrar

4 de Junho

Dia Internacional das Crianças Vítimas de Agressão

FICHAS

Cenas para as dramatizações**Cena 1**

Um estudante dirige-se aos responsáveis e explica que um amigo seu está a ser *bullied*. O/A Director/a de turma é autoritário/a e tradicional. Pensa que se perderam todos os valores e tem uma má opinião sobre o comportamento geral dos jovens de hoje. Não quer assumir responsabilidades na situação. Outros professores subestimam o problema e não reconhecem o comportamento de *bully* pelo que é. A assistente social fica preocupada, mas tem demasiados casos a seu cargo, não tendo, por isso, tempo para tentar lidar com a situação.

Cena 2

Um grupo de estudantes tenta conversar com um amigo que persegue um colega mais novo.

Cena 3

Um grupo de alunos conversa sobre um amigo que tem sido perseguido por um grupo de estudantes mais velhos. Querem muito ajudar o amigo e estão a analisar as soluções possíveis para o fazer.

Histórias de perseguições**História 1**

"Tenho 12 anos e odeio ir à escola porque ninguém gosta de mim. Há um grupo de alunos que, sempre que pode, me chama nomes. Dizem que sou feia e gorda e que os meus pais devem ter muita vergonha de mim. A minha melhor amiga deixou de me falar e agora até é amiga de alguns dos rapazes que pertencem ao outro grupo. Odeio-a. Sinto-me muito só e tenho medo que aquilo que eles dizem sobre os meus pais seja verdade."

Rosa

História 2

"Comecei o ano numa escola nova e desde o primeiro dia senti que algumas das raparigas olhavam para mim de uma maneira muito estranha. Depois percebi que tinham ciúmes, pois os rapazes eram muito simpáticos comigo. Agora quero mudar-me para outro colégio, pois tenho recebido bilhetinhos com ameaças. Também me telefonaram para casa. Chegaram a roubar os meus livros várias vezes. A semana passada, quando fui à casa de banho, três raparigas seguiram-me. Começaram a gritar, ameaçaram-me com uma faca, avisaram-me de que eu deveria ir estudar para outro lado e chamaram-me prostituta. Eu não consigo lidar mais com isto. Estou assustada e furiosa. Tentei falar com a directora, mas ela nem sequer me ouviu. Não sei mais o que fazer."

Elisabete

História 3

"O meu melhor amigo contou-me que o andavam a perseguir lá na escola. Como o queria ajudar, resolvi lá ir ter uma conversa com esse grupo, mas o resultado é que agora também me chateiam a mim. Agora estamos os dois a ser perseguidos: gozam connosco, pregam-nos partidas e já ameaçaram espancar-nos. Nós decidimos não contar a ninguém pois temos medo que as coisas piorem."

André

Todos Diferentes - Todos Iguais

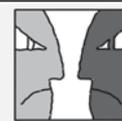
"Todos os seres humanos são universalmente iguais e particularmente diferentes. A igualdade universal e as diferenças particulares devem ser respeitadas."*

Temas	Discriminação e Xenofobia, Direitos Humanos em geral, Globalização
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	6-60
Duração	40 minutos
Sinopse	Esta actividade consiste numa espécie de questionário – breve e suficientemente estimulante para ser interessante em si mesmo, mas também para servir de base a uma excelente análise de grupo!
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Igualdade na dignidade. ▪ O direito aos direitos e liberdades sem qualquer tipo de distinção baseada na raça, cor, religião, etc. ▪ O direito a uma nacionalidade.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abordar a universalidade dos Direitos Humanos. ▪ Consciencializar os participantes para o etnocentrismo e preconceitos que existem neles próprios e nos outros. ▪ Desenvolver a capacidade para interpretar de modo crítico e imparcial a informação que é apresentada.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fichas. ▪ Folhas A3 e marcadores (opcional) ou bloco de cavalete.
Preparação	Fotocopie as fichas: uma por participante. Em alternativa, copie-as para o quadro ou use um retroprojector (certifique-se de que toda a gente o vê).

o exercício passo a passo

1. Explique aos participantes que esta actividade é uma espécie de teste, embora o objectivo não seja ver quem acerta mais ou menos; é apenas utilizada como ponto de partida.
2. Distribua ou mostre as duas citações e dê-lhes tempo (5') para que as leiam.
3. Depois peça que respondam às seguintes perguntas individualmente:
 - a) Qual fonte do primeiro texto? De que livro ou documento foi retirada?
 - b) De que país/região é o autor do segundo texto?
4. Quando todos tiverem terminado, peça-lhes que se juntem em grupos de três e dê-lhes 20 minutos para que discutam e analisem as respostas dadas. Devem pensar nas respostas às seguintes perguntas e, se possível, dar uma resposta colectiva:

TEMAS



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL



GLOBALIZAÇÃO

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



6-60

DURAÇÃO



40 MINUTOS

- Por que escolheram uma resposta em relação às outras?
 - O que é que os textos nos dizem sobre os autores?
 - O que é que pensam sobre os textos?
5. Quando os grupos tiverem terminado, volte a juntá-los em plenário e discutam as respostas à pergunta a) e à pergunta b) de cada grupo. Cada grupo deve explicar as razões que o conduziram à resposta.
 6. Revele o nome do autor, Said al-Andalusi de Espanha, e avancem para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Comece por fazer uma breve revisão da actividade e, depois, se achar que o grupo está receptivo, introduza as noções de preconceito e de etnocentrismo. As perguntas que se seguem devem servir de guia à avaliação (com os participantes todos reunidos ou, caso seja necessário, com os participantes divididos em pequenos grupos):

- Ficaram surpreendidos com a resposta?
- Como é que chegaram às suas respostas iniciais? Adivinharam? Intuíram? Ou sabiam?
- Os participantes mudaram de opinião durante a análise em grupo? O que é que os levou a mudar? Pressão dos colegas? Bons argumentos?
- Como é que defenderam as suas ideias durante a análise? Defenderam as suas opções com convicção ou a medo?
- Por que é que o autor descreveu as pessoas do Norte daquela maneira?
- Que pistas é que o segundo texto nos dá do autor, do seu aspecto e da sua cultura?
- Até que ponto a visão do autor resulta do seu próprio etnocentrismo e de um ponto de vista preconceituoso? Ou acham que é justo dizer que, na altura, as culturas no Norte da Europa eram menos "civilizadas" do que a cultura do autor?
- Os participantes conseguem lembrar-se de exemplos que tenham ouvido ou lido sobre pessoas que tenham sido tratadas de maneira semelhante? Como é que se sentiriam se fossem considerados seres inferiores?
- Que consequências pode haver se alguém não for valorizado pelo que é? Conseguem lembrar-se de exemplos da história? E do presente?
- O que é que devemos fazer para contrariar os efeitos dos preconceitos? Há pessoas ou grupos nas vossas comunidades ou países que sejam objecto de preconceitos? Quais?

Dicas para o animador

Estes excertos foram retirados de um livro escrito por um famoso estudioso de Córdoba, Andaluzia (hoje parte da Espanha), que nasceu em 1029 DC / 420 Ano Hebraico. Said al-Andalusi foi um estudioso muito conhecido pelo seu conhecimento e sabedoria. Para ele, a civilização e a ciência eram muito próximas do conhecimento contido no Alcorão. Possuía grandes conhecimentos não só de religião, como também de literatura árabe, medicina, matemática, astronomia e outras ciências.

Não nos podemos esquecer de que, nesta altura, a bacia do Mediterrâneo, e muito especialmente os reinos da Arábia, constituíam o centro da civilização. O conhecimento não estava tão avançado no "Norte" - como Said chama "norte" à Europa - como estava no mundo árabe: Pérsia, China e Índia.

Tome nota de que, conforme o grupo, pode ser necessário dar aos participantes indicações acerca de maneiras de ler os textos de forma mais crítica. Pode ter de mostrar que, na verdade, o segundo texto revela muita coisa sobre o autor, sobre a sua aparência física e sobre a sua

cultura. Mostre que, por exemplo, ele devia ter cabelo aos caracóis e uma pele escura. Uma leitura crítica envolve não só a compreensão do conteúdo do texto, como também pensar sobre o contexto, quem é o autor e por que motivo ele/a escreve o que escreve. Perceber este processo é um passo fundamental para aprender a ler qualquer mensagem (história, notícias, poemas, letras de músicas, etc.) e para estar atento aos valores que nos são transmitidos.

Pode introduzir o tema do etnocentrismo mostrando como o autor - habituado a pessoas com a pele escura e cabelo ondulado - nos dá uma boa definição do que está ao contrário do que ele considera "normal". É também muito importante que, no decurso da análise, ajude os participantes a perceber que as diferenças culturais não tornam as pessoas "melhores" ou "piores". É muito difícil não julgar os outros, sem qualquer forma de preconceito, quando temos como "norma" a nossa própria cultura. Ter consciência do nosso próprio etnocentrismo converte-se num passo essencial para o reconhecer nos outros e para conseguir comunicar com pessoas de culturas diferentes.

Deixe algum tempo, no final da actividade, para que possam discutir os temas e as ideias que, com certeza, daqui vão sair. Por exemplo, pode querer analisar, ou discutir, o tema do ensino da história e quão pouco nós, na Europa, sabemos sobre a cultura de outros povos.

Nota: os excertos foram retirados da obra *Bool of the Categories of Nations – Science in the Medieval World (Livro das Categorias das Nações – a Ciência no Mundo Medieval)* de Said al-Andalusi, traduzido para inglês por Sema'an I. Salem e Alok Kumar, University of Texas Press, Austin, 1991.

Sugestões para aprofundamento

Se quiser aprofundar a questão da universalidade dos direitos humanos, deve tentar fazer a actividade "Represente o Seu Papel!" na página 238 que envolve criatividade e representação.

A lembrar

21 de Junho

Dia Mundial da Paz e das Orações

FICHAS

Questionário *Todos Diferentes – Todos Iguais*

1. Qual é a fonte do seguinte texto? Foi retirado de que livro ou documento?

"Todas as pessoas no mundo, do Este ao Oeste, do Norte ao Sul, constituem um único grupo; diferem em três traços distintos: comportamento, aparência física e língua."

Escolha uma das seguintes opções:

- A declaração sobre o racismo da UNESCO, 1958 História de Heródoto, 440 AC Os Vedas, Índia, ca. 1.000 AC
 Relatório da Campanha Juvenil "Todos diferentes – Todos iguais", Conselho da Europa, 1996 Said Al-Andalusi, 1029 DC / 420 Ano Hebraico Nenhuma das anteriores

2. De que país/região é oriundo o autor do seguinte texto?

"Aqueles que vivem no extremo Norte (da Europa...) sofreram por estar demasiado longe do sol. O ar é frio e o céu está sempre cheio de nuvens. Por isso, o seu temperamento é frio e o seu comportamento é rude. Consequentemente, os seus corpos tornaram-se enormes, a sua cor ficou branca e os seus cabelos penderam. Perderam a subtileza da compreensão e a nitidez da percepção. Foram tomados pela ignorância e pela preguiça, e dominados pela cansaço e pela estupidez."

Escolha uma das seguintes opções:

- China Europa Índia África Pérsia Nenhuma das anteriores

* Artigo 1.º da Declaração dos Direitos e Deveres dos Seres Humanos, proposta por Jovens. Esta declaração foi criada por 500 jovens de 80 nacionalidades diferentes no Palácio da Europa, em Estrasburgo, por iniciativa de Les Humains Associés e da Association for the Declaration of 26 August, 1989 (AD 89), www.humains-associes.org

Trabalho ou Filhos?

Está a pensar em trabalhar? Então nem pense em ter filhos!

TEMAS



DIREITOS SOCIAIS



IGUALDADE DE GÉNERO



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 2

TAMANHO DO GRUPO



10-25

DURAÇÃO



90 MINUTOS

Temas	Direitos Sociais, Igualdade de Género, Discriminação e Xenofobia
Grau de complexidade	Nível 2
Tamanho do grupo	10-25
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade é uma dramatização que aborda os seguintes assuntos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Direitos reprodutivos no local de trabalho. ▪ Discriminação contra as mulheres no local de trabalho.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à escolha de reprodução por parte da mulher. ▪ O direito a não ser demitida com base na gravidez, maternidade e condição conjugal. ▪ O direito à igualdade de oportunidades de emprego e de remuneração.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reforçar o conhecimento sobre direitos sexuais e reprodutivos da mulher. ▪ Tentar mostrar aos participantes qual a sensação de ser discriminado. ▪ Promover igualdade, justiça e responsabilidade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma folha grande de papel, ou um quadro. ▪ Espaço suficiente para o trabalho de grupo e para a encenação. ▪ Adereços para a peça: mesa e cadeiras, papel e canetas.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie a cena a ser representada para o quadro ou para uma folha A3.

o exercício passo a passo

1. Explique que a actividade envolve uma curta dramatização sobre os direitos reprodutivos das mulheres no local de trabalho. Conduza uma breve reflexão em grupo sobre esses direitos para que os participantes compreendam o termo.
2. Divida o número de participantes em pequenos grupos (no máximo cinco por grupo).
3. Leia o texto que se segue, que é a base da pequena peça:

"Maria está desempregada há quase um ano e anda muito empenhada a procurar um novo emprego. Há dez dias foi a uma entrevista de um emprego de sonho – exactamente o que andava à procura! Tudo correu bem e o trabalho foi-lhe oferecido. A empresa pediu-lhe que se encontrasse com o Sr. Santos, o chefe de pessoal, para assinar o contrato.

As suas responsabilidades e as restantes questões relacionadas com o seu trabalho já tinham sido discutidas na entrevista. Maria estava já prestes a assinar o contrato, quando o Sr. Santos a avisou que uma das condições era que ela assinasse uma declaração garantindo que não ia ter filhos nos próximos dois anos."

4. Dê 20 minutos aos participantes para, em grupo, pensarem no final da história e para a dramatizarem. A representação deve começar na entrevista de Maria com o Sr. Santos e não deve demorar mais de cinco minutos.

5. Convide cada pequeno grupo a apresentar a sua peça. Deixe os comentários para a análise final.

Análise e avaliação

Comece a revisão com uma ronda de comentários de cada grupo sobre a forma como a encenação foi desenvolvida. Fale também sobre as implicações e o que pode ser feito em relação à discriminação deste tipo.

- Alguém ficou surpreendido com a situação? Acham que acontece no vosso país?
- O que é que os grupos decidiram em relação ao final?
- Os finais apresentados eram realistas? Quais os pontos fortes – e fracos – da forma como a Maria lidou com a situação? Até que ponto é fácil ser assertiva neste tipo de situações em vez de ser agressiva ou até mesmo submissa?
- No vosso país, quais os Direitos das Mulheres no trabalho, caso engravidem?
- Por que é que a empresa impõe uma condição destas? Acham justa? Porquê? Por que não?
- Neste caso, há alguma violação dos Direitos Humanos? Se sim, qual ou quais?
- Acham que sucederia o mesmo se a Maria fosse um homem? Porquê? Por que não?
- Qual a perspectiva masculina em relação a este assunto?
- O que é que pode ser feito para promover e proteger os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres?

Dicas para o animador

Dependendo do grupo, pode dividir o número de participantes em conjuntos mistos ou só de representantes do sexo feminino e masculino (se optar por grupos unissexo a discussão será, de certeza, muito mais rica e acesa). Os participantes podem não estar familiarizados com a expressão "Direitos reprodutivos" e, nesse caso, deve ajudá-los a organizar alguns conceitos para que captem a ideia. Fale-lhes nos seguintes pontos:

Os direitos reprodutivos incluem o direito a:

- Uma relação sexual agradável e satisfatória sem medo de infecção e doença.
- Escolher se quer ou não ter filhos.
- Uma consulta de planeamento familiar cuidadosa, apoiada por um serviço seguro de interrupção voluntária de gravidez que trate as mulheres com dignidade e respeito, e que assegure a privacidade.
- Educação sexual e reprodutiva.

Não se esqueça que a discussão sobre os Direitos Humanos que são violados nesta situação pode levantar questões controversas como o aborto ou o direito de escolha da mulher, em oposição ao direito do feto à vida. Trata-se de um tópico muito importante. É também fundamental na Educação para os Direitos Humanos, pois é imprescindível que os participantes sejam tolerantes, que ponham os estereótipos e os preconceitos de lado e que usem as suas capacidades para pensar e avaliar criticamente uma situação. Constitui também uma boa forma de mostrar a complexidade inerente aos Direitos Humanos. Caso o assunto surja, se calhar o melhor é deixar esse debate para outro dia.

Variantes

Em vez de dividir o grupo inicial, pode começar por pedir a dois voluntários que representem a cena, mantendo o resto do grupo como observador. Pode ir fazendo intervalos na apresentação,

A lembrar

15 de Maio
Dia Internacional das
Famílias

pedindo comentários e sugestões aos observadores. Como alternativa, os observadores podem substituir os actores de forma a apresentar uma perspectiva diferente e a alterar o curso da história. Veja no capítulo I, na página 55, mais informações sobre técnicas de dramatização e simulação.

E por que não adicionar mais personagens à história? Pode incluir o marido de Maria, que pode ser um representante do sindicato, prolongando assim a peça para além da entrevista.

Pode adaptar os nomes das personagens para que melhor exemplifiquem o seu país.

Sugestões para aprofundamento

O grupo pode fazer uma pesquisa sobre Direitos sexuais e reprodutivos no vosso país. No seguimento dessa pesquisa, podem também conduzir entrevistas a mulheres e a empregadores e descobrir como é que a legislação funciona na prática. Podem ainda tentar saber qual é o impacto que a legislação europeia tem nas leis nacionais nesta área.

O grupo pode também informar-se acerca da educação sexual e reprodutiva que é ensinada no vosso país. Será que cobre todos os aspectos dos direitos sexuais e reprodutivos?

Se quiserem aprofundar questões relacionadas com outros tipos de discriminação no local de trabalho, tentem fazer a actividade "Salários Diferentes" na página 251.

1, 2, 3... Acção

Levem as questões relacionadas com os direitos sexuais e reprodutivos à vossa escola ou associação.

Informação complementar***O papel da Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação Contra a Mulher.***

Sem ignorar problemas de Direitos Civis, a Convenção dedica também grande atenção a uma das maiores preocupações das mulheres: os direitos reprodutivos. O preâmbulo clarifica que "o papel das mulheres na procriação não deve ser motivo de discriminação". A ligação entre a discriminação e o papel reprodutivo das mulheres é abordado de forma recorrente na Convenção. Por exemplo, no artigo 5, faz-se referência a um "entendimento correcto da maternidade como função social", exigindo a responsabilidade total e partilhada dos homens e das mulheres no desenvolvimento dos filhos. Assim, as medidas para a protecção da maternidade e dos cuidados infantis são proclamadas como direitos essenciais, e encontram-se incorporadas em todas as áreas da Convenção, quer estejamos a falar de emprego, lei familiar, cuidados de saúde ou educação. As obrigações da sociedade estendem-se à oferta de serviços sociais, em especial oportunidades de cuidados infantis, que permitam aos indivíduos combinar as responsabilidades familiares com o trabalho e com a participação na vida pública. São também recomendadas medidas especiais para a protecção da maternidade e para que a mesma "não seja considerada como um acto discriminatório" (artigo 4). A convenção afirma também o direito à escolha por parte da mulher. Curiosamente, é o único Tratado de Direitos Humanos que aborda o planeamento familiar. Os Estados Parte estão obrigados a incluir a informação e o aconselhamento relativos ao planeamento familiar (artigo 10) e a desenvolver códigos familiares que garantam o direito da mulher a "decidir livremente e com todo o conhecimento de causa do número e do espaçamento dos nascimentos, e de ter acesso à informação, à educação e aos meios necessários para permitir o exercício destes direitos (artigo 16)".

Um Mundo Perfeito!

Si vis pacem, para pacem (Se queres paz, prepara-te para a paz)

Temas	Paz e Violência, Saúde, Ambiente
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	15-30
Duração	90 minutos
Sinopse	Esta actividade começa com um pequeno questionário sobre provérbios e ditados populares que falam sobre os vários aspectos de viver em paz. Assim, os participantes podem reflectir sobre: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O significado da Paz. ▪ Paz interior, em paz com os outros e paz com o ambiente. ▪ Desenvolver comportamentos pacíficos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à Paz. ▪ O direito à vida. ▪ O direito a um ambiente saudável.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reflectir sobre a interdependência entre as diferentes dimensões da Paz. ▪ Discutir os diferentes significados de Paz e como se aplicam ao nosso quotidiano. ▪ Promover respeito, solidariedade e responsabilidade.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma folha grande (A3). ▪ Marcadores de cores. ▪ Folhas do questionário e canetas: uma por grupo. ▪ Guias para análise: um por grupo. ▪ Cópias das caixas: uma por grupo. ▪ Uma mandala em branco. ▪ Cópias da mandala em branco: uma por grupo.
Preparação	Copie a roda da Paz para uma folha grande. Quanto maior, melhor!

● exercício passo a passo

Esta actividade divide-se em duas partes: primeira parte - completar a mandala (25 minutos); e segunda parte - falar sobre a Paz (30 minutos)

I.ª Parte. Completar a mandala (25 minutos)

1. Com todos os participantes reunidos, mostre-lhes a cópia que fez da mandala vazia. Apresente-lhes as várias secções: em Paz contigo, em Paz com os outros e em Paz com a natureza. Explique-lhes que a roda completa representa a aquisição de um estado ideal de Paz. Para a completar basta encontrar as 21 palavras "de verdade universal" e relacioná-las com as 21 áreas de uma vida em Paz. Estas 21 palavras podem ser

TEMAS



PAZ E VIOLÊNCIA



SAÚDE



AMBIENTE

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



15-30

DURAÇÃO



90 MINUTOS

- encontradas em provérbios e ditados populares de todo o mundo.
- Peça aos participantes que se juntem em três grupos e distribua a cada grupo uma caneta, uma cópia da roda vazia e uma cópia da folha do questionário. Relembre-lhes de que têm de encontrar as palavras que faltam em cada um dos provérbios. Essas palavras são as pistas para chegarem aos valores das diferentes áreas do círculo da Paz.
 - Quando tiverem acabado, volte a reunir todos os participantes em plenário. Peça a voluntários que leiam os provérbios completos, um de cada vez. Certifique-se de que estão correctos e peça ao voluntário que escreva a palavra que faltava na cópia gigante do círculo da Paz.
 - Repita o procedimento para todos os provérbios até completarem a mandala e atingirem um estado de Paz.

2.ª Parte. Falar sobre a Paz (30 minutos)

- Peça às pessoas para voltarem para os seus grupos e distribua os guias para a análise. Peça-lhes que discutam as questões apresentadas no guia, enquanto vão espreitando os valores dispostos no círculo da Paz. O objectivo é chegar a um consenso sobre as várias questões e, no final, fazer uma pequena apresentação dos debates realizados.
- No final, volte a chamar todos os participantes para o plenário e peça a cada grupo que fale sobre o que foi debatido.

Análise e avaliação

Comece por falar do círculo da Paz e da universalidade dos valores representados. Depois aprecie a 2.ª parte da actividade.

1.ª Parte.

- Foi muito difícil descobrir as palavras que faltavam? Quantos provérbios lhes eram familiares? Acham que há, de facto, "conselhos sábios" que são relevantes para a nossa vida?
- As palavras no círculo interior representam valores universais? Será que são igualmente importantes em todas as culturas? Quais são os mais importantes para a vossa cultura?
- Acham que há algum valor fundamental que não esteja representado?

2ª Parte. Peça a uma pessoa de cada grupo para realizar uma pequena síntese das questões apresentadas no guia. Depois faça as perguntas que se seguem, uma de cada vez.

- Foi fácil chegar a um consenso relativamente a todas as questões discutidas?
- Qual a questão mais controversa? Porquê?
- Qual é a vossa opinião nessa controvérsia?
- Por que é que as pessoas têm pontos de vista diferentes sobre estes assuntos relacionados com a Paz?
- Normalmente as pessoas relacionam a Paz interior com a religião. Por que é que isto acontece?
- Acham que as pessoas têm de ser religiosas para possuírem os valores necessários para alcançarem a Paz interior?
- Quais as relações entre o que tem vindo a ser discutido e os Direitos Humanos?
- Acham que a Paz é uma condição necessária para que exista uma cultura de Direitos Humanos, ou acham que primeiro tem de se saber respeitar os Direitos Humanos para que se possa alcançar uma condição de Paz?

Dicas para o animador

Pode desenvolver as questões levantadas nesta actividade na informação complementar sobre Paz e violência. Estes conhecimentos podem ser-lhe muito úteis quando estiver a conduzir a análise na sessão plenária. Tente introduzir a questão da inter-relação entre as três dimensões da Paz. Não tenha medo das questões problemáticas, pois este assunto é, só por si, bastante controverso. Em vez disso, reflectam acerca dos argumentos pró e contra as diversas questões e tente deixar bem claro que não há respostas certas, nem a preto e branco, para estes assuntos.

Se tiver mais de 18 participantes, o melhor será aumentar o número de grupos e trabalhar com seis pequenos grupos em vez de trabalhar com três grandes. Não se esqueça de fazer cópias extra das folhas!

Variantes

Pode querer trabalhar com o grupo completo na primeira parte da actividade (completar o círculo da Paz). Leia os provérbios em voz alta e deixe-os divagar acerca da palavra certa. Nesse caso, vá escrevendo as palavras certas no círculo gigante, mas quando este estiver completo, terá de fazer cópias extra para que as pessoas tenham uma base para a análise da parte dois.

Sugestões para aprofundamento

Com as novas perspectivas que obtiveram nesta actividade, o grupo pode querer continuar a discutir incidentes que se tenham passado com eles, onde não tenham tido Paz, e descobrir novas soluções para lidar com a violência pessoal. Vejam a actividade "Violência na Minha Vida" na página 285.

Informação complementar

A ideia de construir uma roda da Paz foi retirada do livro *El Arte de Vivir en Paz, Hacia una nueva conciencia de Paz* (de Pierre Weil, Errepar, Argentina, 1995), o que significa "a arte de viver em Paz, no caminho de uma nova consciência de Paz".

Há muitas maneiras de interpretar o círculo da Paz. As notas que se seguem podem ajudar nas análises:

Como pressuposto do círculo temos o infinito - não há princípio nem fim.

Todas as palavras no círculo interior representam os valores, comportamentos ou estados de espírito que deveriam surgir em cada uma das áreas correspondentes da nossa vida. Por exemplo, para estarmos em Paz com os outros e com a sociedade, precisamos de estar em Paz nas áreas da economia, vida social e cultura.

O corpo, a mente e as emoções são áreas fundamentais na nossa relação connosco e com a nossa Paz interior. Para alcançar a Paz interior individual precisamos de sabedoria, de amar, de ter paciência, compaixão, alegria e de ter um corpo saudável.

A terceira dimensão da Paz é o ambiente, logo coincide com a Paz com a natureza. Está subdividida em três áreas: temos de conhecer para estar informados, para poder respeitar a vida e para estar em harmonia com a substância (coisas - natureza, árvores, flores, animais, etc.).

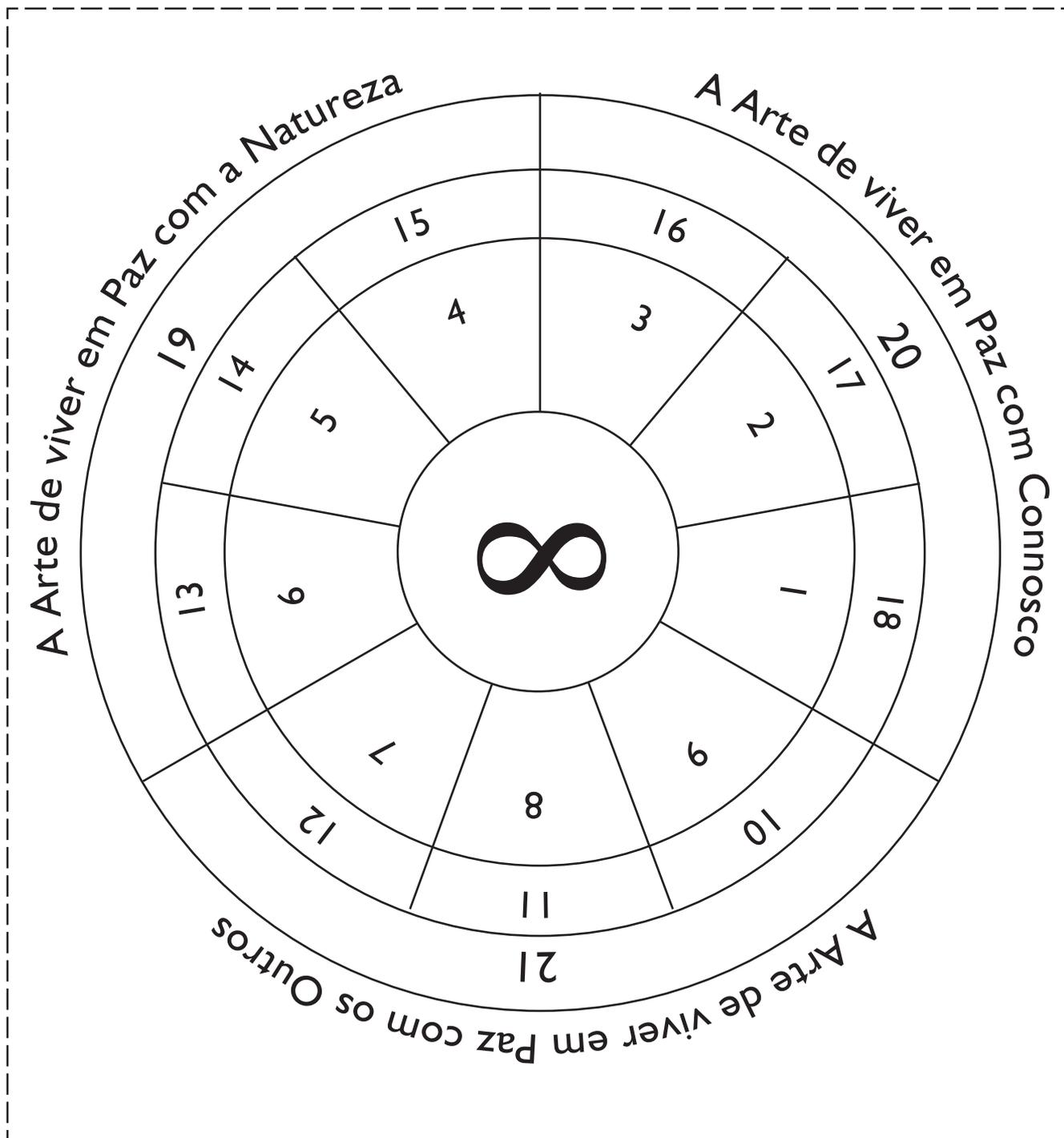
A lembrar

21 de Junho

Dia Mundial da Paz e das Orações

FICHAS

A roda da Paz



Questionário

Consegue encontrar as palavras que faltam nos provérbios e ditados seguintes? Identifique as palavras e obtenha as pistas para o círculo da Paz!

As palavras são: Alegria, Amor, Beleza, Bem-estar social, Compaixão, Conhecimento, Cooperação, Corpo, Cultura, Economia, Emoções, Harmonia, Indivíduo, Informação, Justiça, Meio Ambiente, Mente, Paciência, Respeito, Sabedoria, Saúde, Sociedade, Solidariedade, Substância, Verdade, Vida, Vida social.

Área 1. A experiência é a mãe da _____.

Área 2.

- Onde há _____ não há escuridão. (Provérbio burundi)
- _____ e perseverança têm um efeito mágico pois as dificuldades dissipam-se e os obstáculos desaparecem. (John Quincy Adams)
- O Homem pode acabar com a _____ do seu coração, mas Deus nunca o fará. (William Cowper)
- Não prometas algo quando estás cheio de _____; não respondas a cartas quando estás cheio de raiva. (Provérbio chinês)

Área 3. A _____ é a maior das riquezas.

Área 4. A dúvida é a chave para o _____. (Provérbio iraquiano)

Área 5. Se queres ser respeitado, tens de ter _____ por ti próprio. (Provérbio espanhol)

Área 6. Tocar a terra é estar em _____ com a natureza. (Oglala Sioux. Americano Nativo)

Área 7. Pelo _____ dos outros, por muito grande que seja, que ninguém negligencie o eu próprio -----; entendendo claramente o nosso próprio _____, o nosso objectivo pessoal será mantê-lo. (Provérbio budista)

Área 8. Governos e _____ são fundamentais para a lei da vida; a anarquia e a competição, as leis da morte. (John Ruskin)

Área 9.

- _____ sem sabedoria é como uma flor a crescer na lama. (Provérbio romeno)
- Mais cedo ou mais tarde a _____ vem ao de cima. (Provérbio holandês)
- _____ para sempre, _____ para sempre, _____ para sempre. Porque a união torna-nos mais fortes. (Ralph Chaplin)
- Quando a violência entra em casa, a lei e a _____ saem pela chaminé. (Provérbio Turco)

Área 10. A _____ da mente deve ser útil ao coração. (Mahatma Gandhi)

Área 11. Olha a _____ e regozija-te, / Tudo é alegre e irreflectido, / Até que, mesmo transformados, eles crescem/o deboche e a bebida. (Robert Burns, 1759-1796)

Área 12. Não pode haver _____ onde não houver eficiência. (Beaconsfield)

Área 13. Não te deixes enganar pelas primeiras impressões, pois a aparência não é a _____. (Provérbio inglês)

Área 14. Um momento de paciência pode prevenir um grande desastre e um momento de impaciência pode destruir uma _____ inteira. (Provérbio chinês)

Área 15. Onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos com a _____. (T.S. Eliot)

Área 16. É mais fácil curvar o _____ do que a vontade. (Provérbio chinês)

Área 17. Se nos privarmos de _____, tornamo-nos mal-humorados, rígidos e estereotipados; se as reprimirmos tornamo-nos exactos, correctos e mais puros; se encorajadas elas perfumam a vida; se desencorajadas, envenenam-na. (Joseph Collins).

Área 18. Vê com a tua _____, ouve com o teu coração. (Provérbio curdo)

Área 19. O homem molda-se através da decisão que molda o seu _____. (Rene Dubos)

Área 20. E todo o coração é como o outro coração. Toda a alma é como a outra alma. Toda a face é como a outra face. O _____ é uma ilusão. (Margaurite Young)

Área 21. Podes saber se uma _____ é desenvolvida pela quantidade de lixo que recicla. (Tahanie)

Guias para análise

Guia para análise: Paz connosco (grupo 1)

1. Que entende pela expressão "estar em Paz consigo próprio/a"?
2. Que tipo de coisas fazemos e dizemos no dia-a-dia que mostram que estamos em guerra connosco e que não temos uma Paz interior de qualidade?
3. Há relação entre o corpo, a mente e as emoções? Que tipo de relação?
4. Como podemos desenvolver qualidades que nos ajudem a alcançar a Paz interior?
5. Acha que é possível ter uma relação positiva com os outros se não estivermos em Paz connosco próprios?

Guia para análise: Paz com a natureza (grupo 3)

1. Acha que a sociedade valoriza o ambiente?
2. O que significa viver em harmonia com a natureza?
3. De quem é o dever de cuidar do ambiente?
4. Quantas batalhas acha que vão ser travadas, no futuro, por causa dos recursos básicos naturais (por exemplo, a água), comparadas com as batalhas por outras razões (por exemplo, os conflitos étnicos, culturais ou religiosos)?
5. Acha que a arte de viver em Paz com a natureza é relevante para alcançarmos um estado de Paz total?

Guia para análise: Paz com os outros (grupo 2)

1. Acha que nós – como seres humanos – temos a capacidade de viver em Paz com os outros?
2. Considera que a ausência de guerra é o mesmo que um estado de Paz com os outros?
3. Acha que podemos aprender a ser mais pacíficos com os outros no nosso dia-a-dia? Como?
4. Que fundamentos encontra para continuarmos a ter esperança num mundo em Paz, no futuro?
5. Acha que as feridas deixadas pela guerra algum dia vão cicatrizar para que as pessoas vivam em Paz outra vez?

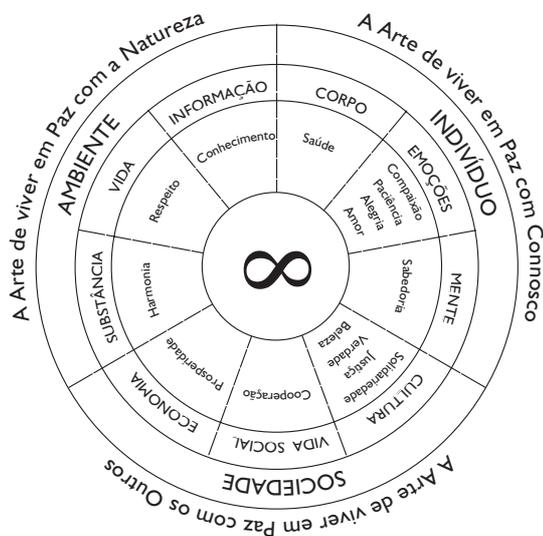
Respostas ao questionário do círculo da Paz.

- Área 1. Sabedoria
- Área 2. a) Amor
 - b) Paciência
 - c) Compaixão
 - d) Alegria
- Área 3. Saúde
- Área 4. Conhecimento
- Área 5. Respeito
- Área 6. Harmonia

- Área 7. Prosperidade
- Área 8. Cooperação
- Área 9. a) Beleza
 - b) Verdade
 - c) Solidariedade
 - d) Justiça
- Área 10. Cultura
- Área 11. Vida Social
- Área 12. Economia

- Área 13. Substância
- Área 14. Vida
- Área 15. Informação
- Área 16. Corpo
- Área 17. Emoções
- Área 18. Mente
- Área 19. Ambiente
- Área 20. Indivíduo
- Área 21. Sociedade

O círculo da Paz completo



Vamos Falar de Sexo!

"Vocês sabem que o Pedro é homossexual?"

Temas	Saúde, Discriminação e Xenofobia, Igualdade de Género
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	10+
Duração	60 minutos
Sinopse	Esta actividade utiliza a técnica do "Aquário" para explorar atitudes em relação à sexualidade, incluindo a homofobia.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a casar e constituir família. ▪ O direito à liberdade, a ser protegido de qualquer discriminação e à igualdade de tratamento. ▪ Os direitos de expressão e de associação.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abordar os problemas e os direitos relacionados com a sexualidade, incluindo a homossexualidade. ▪ Desenvolver a autoconfiança para exprimir opinião sobre estes assuntos. ▪ Promover a tolerância e a empatia.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 3 cadeiras. ▪ 2 animadores. ▪ Espaço para os participantes se movimentarem. ▪ Quadro ou folhas e marcadores. ▪ Tiras de papel e canetas. ▪ Um chapéu.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tenha consciência de que, em muitas comunidades, a sexualidade é um assunto muito sensível e esteja preparado para adaptar a metodologia, ou o tópico, ou até ambos! ▪ Identifique algumas personalidades que tenham falado abertamente sobre a sua sexualidade, incluindo homens e mulheres heterossexuais e homossexuais, bissexuais e transsexuais.

o exercício passo a passo

1. Prepare o cenário. Explique que, embora a maioria das pessoas encare a sexualidade como um assunto privado, o direito à não discriminação devido à orientação sexual é um Direito Humano fundamental protegido pela lei, na maioria dos países europeus. Esta actividade é uma boa oportunidade para explorar atitudes em relação à sexualidade, e, em especial, em relação à homossexualidade. Comecem por fazer uma breve reflexão em grupo acerca de pessoas famosas que tenham assumido a sua sexualidade.

TEMAS



SAÚDE



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



IGUALDADE DE GÉNERO

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4

NÍVEL 3

NÍVEL 2

NÍVEL 1

NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO



10+

DURAÇÃO



60 MINUTOS

2. Distribua as tiras de papel e as canetas e peça aos participantes que escrevam qualquer pergunta que tenham sobre homossexualidade ou sobre a sexualidade em geral. Coloquem as perguntas no chapéu. As questões devem ser anónimas.
3. Explique que esta actividade pretende explorar atitudes em relação à sexualidade e, em particular, à homossexualidade. Toda a gente é livre de exprimir a sua opinião, opinião essa que pode ser mais ou menos convencional, controversa ou desafiadora das normas sociais. As pessoas podem falar sobre pontos de vista com os quais concordam ou não, sem medo do ridículo ou do desprezo dos outros.
4. As três cadeiras devem formar um semicírculo em frente do resto do grupo e devem ser usadas pelas três pessoas que vão estar num "Aquário". O resto do grupo será observador.
5. Deve escolher dois voluntários para se juntarem a si no cenário do debate. Se em qualquer momento alguém quiser entrar no "Aquário" terá de trocar com alguém que já lá esteja, uma vez que só há duas cadeiras. Nessa altura o ex-observador só terá de tocar no ombro de um dos que se encontram a debater e essas duas pessoas trocam de papel.
6. Incentive os participantes a trocarem de papéis para que possam também exprimir as suas opiniões, e outros pontos de vista que - atenção! - podem não coincidir com os deles. Desta forma, podem ser apresentadas perspectivas controversas, "politicamente incorrectas" ou impensáveis e o tema será abordado de várias perspectivas.
7. Não são permitidos comentários ofensivos ou agressivos dirigidos a pessoas do grupo.
8. Peça a um voluntário que tire uma pergunta do chapéu e deixe começar o debate, que deve continuar até que o assunto esteja esgotado e os argumentos se comecem a repetir.
9. Depois peça a três voluntários para debaterem uma outra questão e comece uma nova ronda de debates seguindo as mesmas regras.
10. Discuta o número de questões que o tempo lhe permitir, dependendo também do interesse manifestado pelo grupo. Antes de seguir para a análise final e avaliação da actividade faça um pequeno intervalo para que possam descansar e sair do "Aquário". Isto é especialmente importante caso a discussão tenha sido acesa e controversa.

Análise e avaliação

Inicie uma pequena revisão acerca do modo como os participantes se sentiram dentro e fora do "Aquário".

Depois prossiga, abordando as opiniões apresentadas e, por último, analise o que foi aprendido:

- Alguém ficou chocado ou surpreendido com as opiniões apresentadas? Com quais? Porquê?
- As pessoas na vossa comunidade têm geralmente uma mente aberta em relação à sexualidade?
- Há grupos mais abertos do que outros? Porquê?
- Que forças influenciam o desenvolvimento da nossa sexualidade?
- Onde é que as pessoas vão buscar os seus valores sobre a sexualidade?
- As atitudes dos participantes diferem das dos seus pais e avós? Se sim, de que forma? Porquê?
- Em alguns países, a lei e a pressão social entram em conflito com certos Direitos Humanos, como por exemplo: o direito ao respeito e à dignidade, a apaixonar-se pela pessoa escolhida, a contrair matrimónio livremente, etc. Como é que estes conflitos podem ser resolvidos?

Dicas para o animador

Tem de prestar atenção ao contexto social em que está a trabalhar e adaptar a actividade de acordo com ele. O objectivo desta actividade consiste em permitir que os participantes façam uma reflexão sobre a sua própria sexualidade, acerca das normas da sua sociedade, e dar-lhes confiança para exprimirem as suas opiniões, sendo simultaneamente tolerantes em relação a outros pontos de vista. O objectivo não é convencer as pessoas de determinada perspectiva, nem tão-pouco chegar a um consenso.

Antes de se lançar nesta actividade recomendamos que se prepare, fazendo algumas leituras suplementares sobre "Género", "Discriminação" e "Xenofobia". Tente prever algumas das questões que podem surgir. Estas são apenas algumas das mais frequentes:

- O que é a homossexualidade?
- Qual a diferença entre um heterossexual, um homossexual, um gay, uma lésbica, um bissexual e um transsexual?
- A homossexualidade é uma doença?
- Como é que as pessoas se tornam gays ou lésbicas?
- E quanto ao risco da SIDA?
- Nalguns países a homossexualidade é aceite e os homossexuais podem até casar, mas noutros os homossexuais podem ser punidos com a morte.
- Como é que os homossexuais fazem amor?

É também fundamental que, como formador, pense sobre os seus próprios valores e crenças em relação ao que está correcto para si, para a sua família e para os outros, e lembre-se de que esses valores se vão reflectir em tudo o que fizer ou disser ou não fizer ou não disser. É crucial que se aperceba dos seus valores e preconceitos e compreenda a origem desses valores, de forma a permitir aos participantes que, também eles, possam identificar a origem dos seus próprios valores.

A reflexão em grupo sobre as pessoas famosas serve apenas para incentivar os participantes a discutirem livremente sobre a sexualidade. É também uma boa oportunidade para clarificar termos como "gay", "lésbica", "homossexual", "heterossexual", "bissexual" e "transsexual". (leia a informação complementar).

O seu papel nesta actividade é fundamental para dar o tom ao debate. Recomendamos que dois animadores iniciem a conversa. Um de vocês pode começar por dizer: "Sabias que o Pedro é homossexual?", e o outro pode responder: "Não e nunca me passou pela cabeça! Quer dizer, ele não parece gay..." Desta forma mostra que a conversa é sobre um amigo comum e, portanto, a um nível "local" e não um debate teórico. Ajuda a levar a análise para o que as pessoas sabem sobre a homossexualidade e quais as suas atitudes em relação a ela.

Com sorte, um dos observadores depressa o substitui e assim o debate passa para o grupo. No entanto, deve continuar a participar como observador para que possa sempre voltar ao papel inicial. Desta forma, tem sempre hipótese de manipular discretamente o debate, abrindo-o a outros assuntos ou substituindo habilmente um participante que não esteja a cumprir as regras.

Variantes

Pode falar ainda de outros tópicos, como por exemplo:

- A idade mínima para casar ou para iniciar a vida sexual: acham que deve ser diferente para os homossexuais?
- Adopção e casamento: acham que deve ser permitido o casamento entre homossexuais? E a adopção de crianças? Porquê/Por que não?
- SIDA: é verdade que os homossexuais estão mais expostos à doença?

A lembrar · Sugestões para aprofundamento

17 de Maio · Dia Internacional contra a Homofobia · Caso os participantes estejam interessados em explorar outros aspectos sobre a discriminação, incluindo o direito dos transsexuais a entrar em competições desportivas, então incentive-os a fazer a actividade "Só Um Minuto" na página 256.

· 1, 2, 3... Acção

· Entrem em contacto com organizações de homossexuais e lésbicas do vosso país; descobri-los é já uma forma de entrar em campo! Convidem um dos seus dirigentes a vir falar ao vosso grupo e descubram quais as questões de igualdade de direitos mais urgentes no vosso país.

· Informação complementar

· "A sexualidade humana é uma parte integrante da vida. A nossa sexualidade influencia as características da nossa personalidade e do nosso comportamento - social, pessoal, emocional e psicológico – que são aparentes nas nossas relações com os outros. A nossa sexualidade é formada pelo sexo, pelas características de género e por outras influências complexas, para além de estar submetida a alterações dinâmicas durante toda a vida."

· *Fonte: ASPA projecto tecnológico de informação, www.aspa.asn.au*

· Diversidade sexual e Direitos Humanos

· Ao nível do senso comum estas duas questões parecem nem ter relação. Pode argumentar-se que, enquanto a primeira está relacionada com escolhas privadas e individuais, a segunda liga-se ao domínio público das estruturas político-legais, que operam em relação à cidadania. Contudo, os mais recentes estudos históricos, antropológicos e sociais mostram como a identidade sexual e a forma de expressar desejo sexual, tanto através do tempo como de culturas, são vistos como potencialmente perturbadores da manutenção da ordem social. Nalguns contextos, o desejo pelo mesmo sexo ou pelos dois desafia e chega a abrir uma ruptura com as crenças religiosas tradicionais. Noutros pode até ser encarado como uma doença do foro psicológico.

· No centro da ligação entre diversidade sexual e Direitos Humanos existe uma força dominante, que opera no sentido da marginalização da igualdade de acesso a esses mesmos Direitos Humanos. Essa força é o pressuposto institucionalizado de que a heterossexualidade é a "ordem natural", logo o modo "normal" de expressão do desejo sexual. O tema constante neste processo da marginalização é o pressuposto de que a heterossexualidade é "natural" e, portanto, moralmente aceite, enquanto outras formas de expressão sexual são "contra natura" e, portanto, moralmente inaceitáveis.

· *Adaptada da Comissão dos Direitos Humanos dos Gays e das Lésbicas, www.iglhrc.org*

Veja as Capacidades!

Veja as capacidades – não as incapacidades!

Temas	Discriminação e Xenofobia, Direitos Sociais, Desporto
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	6-36
Duração	120 minutos
Sinopse	<p>Actividade prática que promove a empatia para com as pessoas portadoras de deficiência. De entre os vários temas abordados encontram-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os obstáculos enfrentados pelas pessoas portadoras de deficiência para ser parte integrante da sociedade. ▪ Compreender que os direitos das pessoas portadoras de deficiência são Direitos Humanos básicos.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a não ser discriminado. ▪ Igualdade em dignidade e em direitos. ▪ O direito à segurança social.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consciencializar relativamente aos problemas que as pessoas portadoras de deficiência enfrentam diariamente. ▪ Desenvolver conhecimentos sobre as necessidades das pessoas portadoras de deficiência, e capacidades de responder às mesmas. ▪ Promover empatia e solidariedade.
Materiais	<p><i>Para a introdução:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Uma folha e uma caneta por participante. <p><i>Para a segunda parte, por par:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Um saco de plástico com uma folha de couve ou de alface, um lápis, um pedaço de giz, uma folha (de qualquer árvore), uma folha de papel colorida, e uma garrafa ou uma lata de uma bebida. ▪ Uma venda para os olhos. ▪ Uma folha de papel e uma caneta. <p><i>Para a terceira parte, por par:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Um cartão descritivo. ▪ Uma folha de papel e uma caneta. <p><i>Para a quarta parte:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cadeiras de rodas: uma para cada oito pessoas. ▪ Espaço para criar um percurso de obstáculos (seria preferível que houvesse uma segunda sala, mas não totalmente necessário). Como alternativa, pode sair e aproveitar o espaço exterior.

TEMAS



DISCRIMINAÇÃO E XENOFOBIA



DIREITOS SOCIAIS



DESPORTO

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



6-36

DURAÇÃO



120 MINUTOS

- Obstáculos; por exemplo: mesas e cadeiras, tábuas de madeira, pilhas de jornais, etc.
- Uma folha A3 e marcadores.
- Um relógio ou um cronómetro.

Preparação

- Faça os cartões descritivos, escolhendo uma das situações sugeridas ou então criando a sua.
- Se possível, e se tiver acesso a uma segunda sala, deixe-a preparada para o percurso de obstáculos. Ou se se deslocar para o exterior, será ainda melhor, pois o percurso realizar-se-á num terreno com mais desafios. Se tiver de ficar dentro da sala, utilize mesas e cadeiras para estreitar as passagens, e as tábuas de madeira e as pilhas dos jornais como substituto de um terreno naturalmente difícil.

O exercício passo a passo

Esta actividade está organizada em quatro partes: 1.ª parte – introdução; 2.ª parte – o passeio de olhos vendados; 3.ª parte – comunicar por gestos; e 4.ª parte – corrida de cadeiras de rodas.

1.ª Parte. Introdução (10 minutos)

1. Explique que a actividade realça três deficiências em particular: cegueira, surdez e mudez, e paralisia.
2. Convide os participantes a reflectirem durante uns minutos sobre o modo como gostariam – e como não gostariam - de ser tratados se fossem portadores de deficiência. Peça-lhes que anotem algumas palavras-chave.
3. Anotem agora do que teriam mais medo, caso fossem portadores de deficiência.
4. No final, peça-lhes que virem as folhas ao contrário e que "se preparem para a realidade".

2.ª Parte. O passeio de olhos vendados

1. Peça aos participantes que se agrupem dois a dois. Distribua as vendas, uma a cada par. Assim, um será o cego e, outro, o seu guia. É da responsabilidade do guia assegurar a segurança do seu parceiro em todos os momentos. O guia só poderá responder "sim" e "não" e às perguntas simples relacionadas com segurança.
2. Os guias podem levar o seu parceiro a dar um passeio de 5 minutos, se possível até ao exterior, e que inclua subir e descer escadas.
3. Quando voltarem à sala, os guias devem sentar os parceiros nas respectivas cadeiras. Mas há uma surpresa na cadeira! Um saco! O que é que lá tem dentro?
4. Os jogadores cegos devem agora identificar o conteúdo do saco. Os guias devem apenas anotar as tentativas.
5. No final deixe os cegos tirarem as vendas e verem os objectos. Convide os parceiros a reverem as experiências e surpresas por que passaram.
6. Dê-lhes uns minutos e siga para a terceira parte.

3.ª Parte. Comunicar por gestos

1. Avise os pares de que devem trocar: os guias serão as pessoas portadoras de deficiência e vice-versa. Desta vez, as pessoas serão mudas (não podem falar) e os parceiros são ajudantes.
2. Distribua um dos cartões descritivos a cada pessoa portadora de deficiência. Não devem mostrar os cartões aos parceiros. Entregue uma folha de papel e uma caneta aos ajudantes.
3. Explique que as pessoas mudas têm de conseguir transmitir o seu problema ao ajudante.

Não podem falar, escrever ou desenhar. Os ajudantes devem escrever o que perceberam da mensagem.

4. Quando o jogador mudo tiver comunicado o seu problema, deve revelar o cartão ao parceiro. Convide os pares a reverem as suas intenções, problemas e frustrações.

4.ª Parte. A corrida de cadeiras de rodas

1. Mostre o percurso com os obstáculos aos participantes. Explique que o vencedor é aquele que der a volta ao percurso em menos tempo. Atenção que há sanções para quem for contra os obstáculos.
2. Anote os resultados numa folha A3.
3. Quando todos os que quiseram participar tiverem terminado, faça um pequeno intervalo e avance para a análise e avaliação.

Análise e avaliação

Com o grupo em plenário, reveja as partes 2, 3 e 4 e, no final, reflecta sobre o que os participantes sabiam no início da actividade e o que aprenderam como resultado da sua experiência.

1. Comece pelo passeio de olhos vendados. Peça a ambos, cegos e guias, para partilharem as suas reacções:
 - Como é que se sentiram durante o exercício?
 - Qual foi a parte mais difícil? Foi divertido? Foi assustador?
 - Foi difícil confiar numa pessoa? Foi complicado ser de confiança?
 - Foi muito difícil identificar os objectos no saco? Que sentidos usaram? Quantas pessoas é que se atreveram a abrir a lata de sumo para experimentar?
2. Segunda parte da actividade – Comunicar por gestos:
 - Como é que se sentiram durante o exercício?
 - Qual foi a parte mais difícil? E a parte mais divertida? E a assustadora?
 - É frustrante tentar comunicar por gestos e não ser compreendido?
 - É frustrante ou constrangedor não perceber?
3. Terceira parte da actividade - a corrida de obstáculos em cadeiras de rodas:
 - Como é que se sentiram quando se aperceberam de que não tinham tanta mobilidade?
 - Qual foi a parte mais difícil? E a parte mais divertida? E a parte mais assustadora?
4. Comente também os medos e as expectativas que os participantes tinham no início da actividade. Peça-lhes para olharem para as palavras-chave que anotaram:
 - Algum dos seus medos foi confirmado durante a actividade?
 - Como é que tentaram ajudar o parceiro?
 - E como é que a ajuda foi recebida?
 - Até que ponto é fácil saber o que fazer e até onde é preciso ajudar?
5. Como é que se sentiram como pessoas portadoras de deficiência? Os seus medos eram baseados em quê? Já alguém teve medo de ficar incapacitado como resultado de um acidente ou de doença?
6. O que é que aprenderam com a actividade que fosse mais surpreendente?
7. Conhecem alguém que seja cego, ou mudo, ou que esteja confinado a uma cadeira de rodas? Como é a vida social dessa pessoa? Como é que as outras pessoas reagem?
8. Pense nos prédios e nas ruas das redondezas. Até que ponto respeitam as pessoas portadoras de deficiência?

A lembrar

3 de Dezembro
Dia Internacional das
Pessoas com Deficiência

9. O que é que pode e deve ser feito para assegurar a igualdade e dignidade das pessoas com deficiência?
10. Será este tema uma questão de Direitos Humanos? Quais os direitos da DUDH que são particularmente relevantes?
11. O que pode a vossa escola, associação ou grupo fazer para promover a igualdade e a dignidade das pessoas portadoras de deficiência?

Dicas para o animador

O percurso de obstáculos da quarta parte não deve ser muito demorado – dois ou três minutos serão suficientes –, especialmente se não tiver muitas cadeiras de rodas, pois aí os participantes têm de esperar pela sua vez e cansam-se. Pode tentar pedir cadeiras de rodas emprestadas ao hospital local ou a uma organização, trocando por apoio da sua parte. Como alternativa, terá de improvisar incapacidades físicas para os participantes. Pode, por exemplo, pedir-lhes que calcem galochas de borracha nos pés errados!

A forma como conduz esta actividade depende muito do grupo. Certifique-se de que todos perceberam o que vão fazer. Trata-se de várias "simulações da realidade", onde terão oportunidade de experimentar, sentir e reagir às várias sensações de estar incapacitado. Explique também que o objectivo não é ridicularizar nenhuma situação em particular, constranger ou deixar alguém embaraçado. Os participantes devem comportar-se "naturalmente", e não exagerar nas diferentes situações. Em alguns momentos poderão sentir-se um pouco estranhos e inseguros, mas tranquilize-os pois nada de mal lhes pode acontecer.

Se não tiver tempo de experimentar todas as simulações, faça uma ou duas. A experiência de ser cego é, provavelmente, o maior desafio a nível pessoal, para além de ser a actividade mais comovente. Assim, se tiver de escolher, aconselhamos que não a deixe de fora. Convide os participantes a trocarem de posições para que ambos passem pela experiência. Neste caso, não se esqueça de pensar num segundo conjunto de objectos.

Esta é uma actividade muito séria, mas deve estar preparado para as situações mais caricatas e divertidas. Sinta-se apenas obrigado a intervir ou a comentar se as pessoas estiverem a correr perigo, ou se estiverem a tecer comentários que ridicularizam as pessoas portadoras de deficiência. Esta é também uma questão que pode ser abordada na altura da análise e avaliação: quando é que as pessoas ridicularizam as pessoas que são portadoras de deficiência? Quem o faz e porquê? Quando é que não há problemas em caricaturar as pessoas portadoras de deficiência? Qual a fronteira entre o bom humor e a ofensa?

Variantes

Pode simular outros tipos de deficiências, incluindo as menos visíveis, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem ou de linguagem, de acordo com a realidade do seu grupo. Uma outra hipótese é a simulação de situações relacionadas com a idade; isto pode contribuir para que os jovens se consciencializem da situação dos idosos e de (falta de) condições para uma vida com dignidade.

Sugestões para aprofundamento

Se estiver a trabalhar com crianças, aconselhamos que leia o artigo 23.º da DDC, que proclama que as crianças portadoras de deficiência têm o direito a cuidados especiais, educação e formação que as ajudem a beneficiar de uma vida completa e decente. Pode pedir aos grupos que descubram que condições têm as pessoas que vivem no seu meio social (incluindo a família) e que são portadoras de algum tipo de deficiência. Podem também aprofundar a pesquisa e tentar saber a que serviços e prestações têm acesso. Há alguma criança portadora de deficiência no grupo, na associação ou mesmo na escola? Tem uma vida como toda a gente? Se não, por que motivo?

Caso o grupo esteja interessado em saber como é que se pode lidar com problemas diários de outro tipo de discriminação – baseada na raça –, então tentem fazer a actividade "Resposta ao Racismo" na página 240.

I, 2, 3... Acção

Podem identificar um grupo vulnerável e tentar fazer alguma coisa para o apoiar. Consultem o capítulo "I, 2, 3... Acção" para ideias ou orientação. Nestes casos, é importante trabalhar com organizações que lidem já com portadores de deficiência e tentar ajudar de acordo com as necessidades das pessoas, necessidades essas que devem ser por elas definidas e identificadas.

Informação complementar

O nível dos cuidados e de salvaguarda dos direitos das pessoas portadoras de deficiência varia imenso de país para país, muito por razões económicas. Na realidade, isto acontece, porque muitas vezes as questões da igualdade e da solidariedade social não são levadas tão a sério como deveriam ser. Por exemplo, os aparelhos auditivos podem ou não ser pagos pela segurança social; pode ou não fornecer-se equipamento de comunicação especial para surdos; e, caso alguém precise de uma cadeira de rodas eléctrica, então, por vezes, esta pode ser financiada pela comunidade ou pelo Estado.

Encontram mais informação sobre a discriminação de pessoas portadoras de deficiência no capítulo de informação suplementar sobre a "Discriminação e a Xenofobia". Podem também descobrir informação sobre os Jogos Para-olímpicos na informação suplementar sobre o desporto e os Direitos Humanos.

Nota: Esta actividade foi sugerida pela Dr.ª Mónika Má dai, Presidente da Organização "Destino Comum" (Közös Sors Egyesület, uma ONG húngara que trabalha para a promoção da integração social das pessoas com e sem deficiência). É também membro do Conselho Nacional Húngaro dos Assuntos Relativos às Incapacidades, que representa a Hungria na organização Reabilitação Internacional. É formadora de jovens e uma cidadã dedicada, com deficiência desde a nascença.

FICHAS**1.ª situação.**

Sem falar, tente explicar ao seu colega que foi vítima de violência. Um grupo de jovens *skinheads* atacou-o no parque, roubou a sua carteira e espancou-o. Pergunte onde é a esquadra da polícia.

Não pode falar, escrever ou desenhar.

2.ª situação.

Está no refeitório, na escola ou até na cantina de um dos Centros da Juventude da Europa. Explique ao cozinheiro que não pode comer esparguete à bolonhesa porque é vegano ou seja um tipo de vegetariano que não só não come carne, como também não come laticínios (leite, ovos, queijo).

Não pode falar, escrever ou desenhar.

Violência na Minha Vida

"Guiem-se pelos três Rs: Respeito por si próprio / Respeito pelos outros e / Responsabilidade por todas as vossas acções." Dalai Lama

Temas	Paz e Violência, Segurança Humana, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 3
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	60 minutos
Sinopse	Nesta actividade, os participantes vão explorar as suas experiências de violência interpessoal, através de uma reflexão.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito à vida, à liberdade e à segurança. ▪ O direito à liberdade de pensamento, consciência e religião.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ser capaz de se identificar não só como um possível objecto de violência mas também enquanto fonte de violência. ▪ Encorajar o desenvolvimento das capacidades necessárias para lidar com a violência de uma forma positiva. ▪ Desenvolver os valores da tolerância e da responsabilidade.

o exercício passo a passo

1. Explique que esta actividade constitui uma boa oportunidade para os participantes partilharem as suas ideias e sentimentos sobre as suas experiências de violência interpessoal, quer quando as pessoas foram violentas com eles, quer quando eles foram violentos com outros.
2. Certifique-se de que toda a gente sabe e compreende as regras do trabalho de grupo participativo: todos devem ser respeitados, o que é dito é considerado como confidência, como um assunto que as pessoas não se devem sentir obrigadas a partilhar.
3. Inicie uma reflexão em grupo sobre a palavra "violência" e peça-lhes que dêem exemplos de violências no dia-a-dia, como por exemplo: abusos verbais, insultos, sarcasmo, furar filas, regatear à frente de um terceiro, bater numa criança ou dar ou receber uma bofetada, assaltos ou pequenos roubos, vandalismo, etc.
4. Peça cinco minutos de silêncio para que todos reflectam no seguinte:
 - a) quando alguém foi violento com eles.
 - b) quando foram violentos com alguém.
 - c) quando viram alguém ser violento com um terceiro e não interferiram.

TEMAS



PAZ E VIOLÊNCIA



SEGURANÇA HUMANA



DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE



NÍVEL 3

TAMANHO DO GRUPO



INDIFERENTE

DURAÇÃO



60 MINUTOS

Análise e avaliação

Comece com uma pequena análise sobre a actividade em si: se foi ou não difícil e, se sim, porquê. Analise as causas e as consequências das situações a), b) e c) sugeridas em cima. Peça a voluntários que partilhem as suas experiências para que possam ser analisadas. Deixe-os contar o episódio, o modo como se sentiram com a situação e depois deixe os restantes participarem na análise.

1. Qual a causa da situação violenta?
2. Como é que os outros membros do grupo reagiram em circunstâncias semelhantes?
3. Por que é que reagiram dessa maneira?
4. Como é que podiam ter reagido? Alguém tem alguma sugestão?
5. O que é que podia ter sido feito para prevenir a situação?
6. Na hipótese c), por que é que não interferiram?
7. Dos episódios discutidos, quantos foram o resultado de mal entendidos? Quantos foram o resultado de amargura, despeito ou ciúme? Quantos foram o resultado de diferenças culturais, de tradições, de opinião ou de crenças?
8. O que é para vocês a "tolerância"? Como é que a definem?
9. Acha que as pessoas devem ser totalmente tolerantes relativamente a tudo o que é dito ou feito pelos outros?
10. Por que é que a tolerância constitui um valor muito importante para a promoção dos Direitos Humanos?

Dicas para o animador

Esteja preparado para as surpresas que esta actividade lhe pode trazer e para apoiar alguém que considere a actividade difícil ou constrangedora. Não é possível saber tudo sobre o passado de todos os participantes, nem o que se passa ou passou nas suas famílias. Pode acontecer que algumas das pessoas presentes tenham tido experiências violentas. Deixe bem claro que o objectivo desta actividade consiste em desenvolver capacidades para lidar com a violência, reconhecendo as causas, sentimentos e emoções, desenvolvendo capacidades para agir de forma pragmática, controlando a situação e encontrando formas não violentas de actuar em situações violentas. Diga aos participantes para se lembrarem do Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos do Homem: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em Direitos". Se queremos que os outros vivam de acordo com este artigo, nós também o devemos fazer.

Se tiver um grupo muito grande se calhar o melhor é dividi-lo grupo para que possam partilhar as suas histórias.

Variantes

Esta é uma boa actividade para encenar. Peça a dois, três ou quatro participantes para adaptar um incidente numa pequena dramatização. O resto do grupo é apenas espectador. Pode ir fazendo pequenos intervalos na dramatização e ir pedindo comentários ou sugestões sobre a continuação da mesma. Como alternativa, os membros da audiência podem intervir directamente, assumindo os papéis dos actores e alterando o rumo da história.

Sugestões para aprofundamento

Descubram informações sobre organizações que apoiam as vítimas de violência, como as linhas de ajuda telefónicas ou as redes de apoio à vítima. Descubram também informações sobre outras organizações que promovam a compreensão e a tolerância dentro da comunidade. Se quiserem continuar a abordar o tema da paz e violência tentem fazer a actividade "Um Mundo Perfeito!" na página 269. Encontrem as respostas e completem a roda da Paz!

1, 2, 3... Acção

Entrem em contacto com uma organização que promova a paz e a não-violência na vossa comunidade e descubram o que podem fazer para ajudar.

A lembrar

16 de Novembro
Dia Internacional da
Tolerância

Votar ou Não Votar?

Todos os votos contam!

TEMAS


DEMOCRACIA


CIDADANIA


DIREITOS HUMANOS EM GERAL

GRAU DE COMPLEXIDADE

NÍVEL 4
NÍVEL 3
NÍVEL 2
NÍVEL 1
NÍVEL 4

TAMANHO DO GRUPO


INDIFERENTE

DURAÇÃO


270 MINUTOS

Temas	Democracia, Cidadania, Direitos Humanos em geral
Grau de complexidade	Nível 4
Tamanho do grupo	Indiferente
Duração	270 minutos (divididos em 3 partes)
Sinopse	Esta actividade implica a realização de um questionário aos membros da comunidade de forma a explorar as seguintes questões: <ul style="list-style-type: none"> ▪ O voto nas eleições. ▪ Participação cívica.
Direitos relacionados	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O direito a participar no governo do país. ▪ O direito a participar nas eleições democráticas. ▪ Liberdade de expressão.
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliar as razões para votar nas eleições. ▪ Desenvolver capacidades para descobrir e analisar criticamente informações. ▪ Valorizar a contribuição pessoal de cada cidadão numa democracia.
Materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Folhas de inquérito 1 e 2: um conjunto por par. ▪ Cópias da ficha sobre modos de conduzir um inquérito: uma por par. ▪ Canetas ou lápis para todos. ▪ Folhas A3 e marcadores. ▪ Fita-cola.
Preparação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Copie a ficha modelo do inquérito para uma folha A3, de modo a servir de guia quando estiver a explicar o "exercício passo a passo". ▪ Copie a folha de inquérito para recolher resultados para uma outra folha A3. ▪ Faça o cronograma da actividade. Precisa de 60 minutos para a primeira parte (introdução ao inquérito), pelo menos 120 minutos para a segunda parte (o inquérito) e 90 minutos para a terceira parte (analisar os resultados, discutir e avaliar a actividade).

O exercício passo a passo

I.ª Parte: Introdução ao inquérito

1. Explique que o objectivo principal desta primeira sessão é o de preparar o grupo para fazer um inquérito à comunidade sobre as razões que levam as pessoas a votar ou a não votar.
2. Peça aos participantes, que planeiam ir votar nas próximas eleições, para porem as mãos no ar. Divida os grupos de acordo com o resultado: os que puseram a mão no ar

serão o grupo A, e os que não puseram serão o grupo B. Os que não sabem podem ser distribuídos aleatoriamente pelos dois grupos, de forma a equilibrar mais os menos os conjuntos.

3. Peça a cada grupo para anotar as razões que os levam, ou não, a ir votar. Dê-lhes 15 minutos para o fazerem.
4. Volte a juntar os participantes e convide um representante do grupo A e outro do grupo B para lerem as suas listas. Após a leitura, dê-lhes algum tempo para discutirem as duas listas e, se necessário, acrescente algumas sugestões.
5. Distribua as cópias da folha de inquérito. Mostre a sua cópia. Certifique-se de que as pessoas perceberam que, na primeira parte, devem apontar as respostas dos que não vão votar; e, na segunda parte, as respostas dos que vão votar. Note também que as questões são muito semelhantes, com excepção da pergunta 2 que difere nas duas partes. Leia as perguntas com o grupo e certifique-se de que toda a gente as percebeu.
6. Agora explique o método de registo das respostas. Mostre a ficha modelo ao grupo e explique como se usa o método da quinta barra.
7. Distribua as cópias com as notas sobre formas de conduzir um inquérito, uma cópia por par. Leia com os participantes e discutam:
 - Como é que podem garantir a selecção aleatória dos entrevistados?
 - Quantas pessoas devem ser entrevistadas por cada par? (Quantas mais melhor!)
 - Quando e onde vão fazer o inquérito?
 - Quando é que o vão fazer?
 - Quando é que voltam para discutir os resultados?
8. Se ninguém tiver dúvidas, sigam para a segunda parte – o inquérito!

2.ª Parte. Análise dos resultados

Depois do inquérito estar terminado, os grupos devem reunir-se para juntar, analisar e debater os resultados. Para esta tarefa têm 60 minutos.

1. Peça a cada par para juntar os seus totais na tabela, pois assim a informação dos vários grupos estará toda reunida e podem calcular-se os totais de todos eles. Devem também listar as razões dadas pelos entrevistados. Caso haja repetição de uma razão, devem registar quantas vezes a mesma razão foi apresentada, utilizando o método das cinco barras.
2. Quando tiverem reunido toda a informação, peça aos participantes que calculem as seguintes estatísticas:
 - O número total de entrevistados.
 - A percentagem de votantes no total da amostra e a percentagem dos não votantes.
 - A percentagem de entrevistados do sexo feminino e masculino.
 - A percentagem de entrevistados em cada grupo de idades.
 - O grupo de idades com menos votantes.
 - O grupo de idades com mais votantes.
 - As razões mais comuns para não votar.
 - As razões mais comuns para votar.
 - As razões apresentadas estavam mais relacionadas com as pessoas ou com os partidos.
3. Conversem um pouco sobre se gostaram da actividade e de fazer o inquérito, sobre as suas experiências e também sobre o que aprenderam.

Análise e avaliação

Pode aproveitar para abordar uma série de questões diferentes durante a análise geral da actividade, como por exemplo:

- Quais os sentimentos do grupo enquanto faziam o inquérito? E as pessoas? Estavam preparadas para responder às questões?
- Foi difícil fazer o inquérito? E gostaram de o fazer?
- O grupo conseguiu arranjar uma amostra "representativa" da população? E tiveram alguma dificuldade especial em conseguir essa amostra?
- Que problemas surgiram ao tirar as conclusões dos resultados? Como é que esses problemas podem ser evitados?
- Algum dos números surpreendeu o grupo?
- Os resultados do inquérito foram de alguma forma inesperados?
- As respostas dadas pelos entrevistados são mais ou menos correspondentes com os sentimentos do grupo? Será que podemos considerar o grupo como representativo da sociedade?
- Se tivessem de fazer o inquérito outra vez, mudariam alguma coisa?
- Acham que os resultados do vosso inquérito vos dão uma imagem real da amostra de votantes da vossa comunidade? Porquê? Por que não?
- As estatísticas são muitas vezes apresentadas como factos que sustentam um argumento. Até que ponto devem as pessoas confiar nas estatísticas?

E agora, qual é a percepção do grupo relativamente à necessidade, ou não, de usar o seu direito de voto? Alguém mudou de opinião (em qualquer das direcções!)? Se sim, qual foi o argumento mais convincente?

Dicas para o animador

A primeira parte da actividade – preparação do inquérito – serve apenas para preparar o terreno para a segunda parte – o inquérito. No início da sessão, explique que o objectivo desta actividade consiste em mostrar aos jovens o valor da sua contribuição no processo democrático. Vale sempre a pena focar esse aspecto, em vez de os tentar "persuadir" a usar o voto. Explique que o intuito é que cada membro tome a sua decisão pessoal, mas, para isso, devem ouvir e reflectir acerca das diferentes razões apresentadas.

Tente manter o debate sobre votar ou não votar (ponto 4 do "exercício passo a passo") da forma mais "objectiva" possível, em vez de incitar os participantes "votantes" a persuadir os "não votantes". Não deixe esta discussão arrastar-se, pois o seu único objectivo consiste em preparar terreno para o inquérito.

Quando estiverem a discutir os métodos de condução de um inquérito (ponto 7), tenha em atenção os obstáculos que podem surgir. Em algumas comunidades, as pessoas podem não gostar de ser abordadas para serem interrogadas, na rua, por gente que não conhecem. Aconselhamos, por isso, que o melhor é começar por fazer o inquérito a gente conhecida (amigos e familiares). Deve também fazer uma estimativa da quantidade de informação que o grupo pode recolher e tratar. Não recolha demasiada informação, pois depois é preciso tratar os resultados. Se estiver a trabalhar com um grupo grande o melhor será pedir que cada par entreviste poucas pessoas; e o contrário, se tiver um grupo pequeno.

Sugestões para aprofundamento

Leiam a informação de referência complementar sobre a democracia e descubram em que dia as mulheres obtiveram o direito a votar no vosso país. Podem também tentar descobrir quais os grupos na vossa sociedade que ainda não obtiveram o direito de voto (por exemplo – crianças, imigrantes, prisioneiros, etc.). Discutam as razões e se as consideram justas.

Numa sociedade democrática, há muitas oportunidades para as pessoas agirem sobre os assuntos que as preocupam. A actividade "Central Eléctrica" na página 112 dá uma oportunidade aos participantes de pensarem em formas de promover mudanças sociais.

1, 2, 3... Acção

Organizem uma festa no dia em que as mulheres obtiveram o direito de voto no vosso país.

Caso tenham encontrado grupos na vossa sociedade que não têm ainda o direito a votar e se acharem que esse facto não é justo, escrevam uma carta aos deputados do Parlamento a expressar as vossas preocupações em relação a esse assunto. Tentem angariar uma lista de assinaturas.

A lembrar

11 de Março de 1918

O dia em que o sufrágio universal é instituído, pela primeira vez, em Portugal.

Notas sobre como conduzir um inquérito

Procurar entrevistados

1. Aborde possíveis entrevistados aleatoriamente, ou seja, não deve seleccionar as pessoas para serem incluídas ou excluídas do inquérito porque são novas, idosas, bonitas, femininas, etc. Tente evitar os preconceitos.
2. Pergunte ao possível entrevistado se seria possível fazer-lhes duas perguntas para um inquérito, explique quem é e o porquê do mesmo, assegure-lhe que o inquérito é anónimo e que os resultados não vão ser tornados públicos, e que apenas os vão usar dentro do grupo.

Registar os dados

1. Se a pessoa concordar em responder ao inquérito, pergunte-lhe se votou nas últimas eleições. Se a resposta for "não", pegue na folha dos não votantes e preencha-a. Se a resposta for "sim", preencha a folha dos votantes.
2. Pergunta 1: As pessoas só devem dizer a idade se o quiserem fazer. Caso contrário, anote uma barra na última coluna.
3. Pergunta 2: Mostre as várias opções ao entrevistado e peça-lhe para escolher uma delas. Se a razão for diferente das apresentadas, não se esqueça de apontar na última coluna. Nota: A diferença entre a resposta B e a C é que B envolve uma pessoa e C diz respeito a um partido.
4. As marcas apontadas devem ser claras para que possam ser contabilizadas mais tarde. Devem tentar registar o maior número de pessoas possível numa só folha. Devem fazer uma marca por questão, por pessoa.

FICHAS

Folha de inquérito

I: não votantes

1.ª pergunta. Qual o grupo de idade em que se insere? (Opcional)

	Abaixo dos 25	25-40	40-60	Com mais de 60	Prefere não dizer
Masculino					
Feminino					

2.ª pergunta. Qual a principal razão para não ter votado nas últimas eleições?

- A. Pensei que não fizesse diferença no resultado.
- B. Não gostava de nenhum dos candidatos.
- C. Não concordava com nenhuma das políticas propostas.
- D. Não queria envolver-me.
- E. Outra razão (detalhes):

A	B	C	D	E

2: Votantes

1.ª pergunta. Qual o grupo de idade em que se insere? (Opcional)

	Abaixo dos 25	25-40	40-60	Com mais de 60	Prefere não dizer
Masculino					
Feminino					

2.ª pergunta. Qual a principal razão para não ter votado nas últimas eleições?

- A. Pensei que não fizesse diferença no resultado.
- B. Não gostava de nenhum dos candidatos.
- C. Não concordava com nenhuma das políticas propostas.
- D. Não queria envolver-me.
- E. Outra razão (detalhes):

A	B	C	D	E

Exemplo de como preencher uma folha de inquérito

Folha de inquérito nº 1: Não votantes

1.ª pergunta. Qual o grupo de idade em que se insere? (Opcional)

	Abaixo dos 25	25-40	40-60	Com mais de 60	Prefere não dizer
Masculino					
Feminino					

2.ª pergunta. Qual a principal razão para não ter votado nas ultimas eleições?

- A. Pensei que não fizesse diferença no resultado.
- B. Não gostava de nenhum dos candidatos.
- C. Não concordava com nenhuma das políticas propostas.
- D. Não queria envolver-me.
- E. Outra razão (detalhes):

A	B	C	D	E
 	 	 	 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Não estava cá na altura ▪ Não confio nos políticos ▪ Houve alguém que me pediu que não o fizesse

Calendário dos Direitos Humanos

O calendário que se segue é apenas uma tentativa de compilar as datas que, por esse mundo fora, celebram os Direitos Humanos. Estas datas foram recolhidas de entre os Dias Internacionais das Nações Unidas, Dias Mundiais reconhecidos pelas ONGs, aniversários de eventos históricos relacionados com os Direitos Humanos. Não deve ser encarada como uma lista definitiva ou acabada, mas sim como um ponto de partida para a formação de jovens. As actividades do capítulo 2 estão também citadas como notas remissivas.

Pode fazer um poster deste calendário e pendurá-lo na parede estimulando, assim, o interesse inicial pelas questões de Direitos Humanos, visto que o calendário fornece uma boa perspectiva do leque e da variedade de direitos existentes. Pode convidar os participantes a discutir algumas das questões, ou até mesmo a fazer uma pesquisa das datas a nível nacional, adicioná-las ao calendário, tornando-o num recurso didáctico-pedagógico do grupo.

Dedicámos uma data chave a cada actividade do capítulo 2. Por isso, é possível utilizar o calendário como ferramenta para o desenvolvimento de um programa anual de Educação para os Direitos Humanos. Podem iniciar cada semana ou cada mês com uma actividade relativa ao assunto que querem abordar. Por exemplo, no dia 3 de Maio, o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, podem fazer a actividade "1.ª Página" (pág. 75); ou no dia 25 de Novembro, Dia Internacional da Eliminação da Violência contra as Mulheres, podem experimentar a actividade "A Minha Vida Privada" (pág. 89). Da mesma forma, o grupo pode querer participar em actividades ou eventos organizados por outras organizações em datas importantes: por exemplo, celebrar o Dia do Planeta Terra, a 22 de Abril, com um grupo ambiental.

Do mesmo modo que a interpretação dos Direitos Humanos é alterada e desenvolvida todos os anos, também este calendário deve mudar. O vosso desafio - dos utilizadores deste manual – consiste em encontrar novas formas de celebrar os Direitos Humanos todos os dias do ano.

Data	Celebração	Actividade
08 de Janeiro	Dia Mundial da Alfabetização	Educação para Todos?
27 de Janeiro	Dia Internacional da Memória ao Holocausto	
20 de Fevereiro	Dia da Resistência Não Violenta	Central Eléctrica
21 de Fevereiro	Dia Internacional da Língua Materna (UNESCO)	A Barreira da Língua
1 de Março	Dia Internacional da Abolição da Pena de Morte	Quando o Amanhã Chegar
8 de Março	Dia das Nações Unidas para Direitos da Mulher e para Paz	Heroínas e Heróis
21 de Março	Dia Mundial da Poesia (UNESCO)	Jogos de Imagens
21 de Março	Dia Mundial para a Eliminação da Discriminação Racial	Resposta ao Racismo
22 de Março	Dia Mundial da Água	A Teia da Vida
23 de Março	Dia Mundial da Meteorologia – OMM – Organização Mundial Meteorológica	
24 de Março	Dia Mundial da Tuberculose – OMS – Organização Mundial da Saúde	
7 de Abril	Dia Mundial da Saúde – OMS	Só Um Minuto
8 de Abril	Dia Mundial dos Ciganos	Dê um Passo em Frente!
22 de Abril	Dia do Planeta Terra	A Teia da Vida
23 de Abril	Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor (UNESCO)	
30 de Abril	Memorial ao Holocausto (Yom ha Shoah)	
1 de Maio	Dia Internacional do Trabalhador	Salários Diferentes; Reunião com o Sindicato
3 de Maio	Dia Mundial da Liberdade de Imprensa (UNESCO)	1.ª Página
8 de Maio	Dia Mundial da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho	Bingo!
15 de Maio	Dia Internacional das Famílias	Trabalho ou Filhos?
17 de Maio	Dia Mundial das Telecomunicações – OMT – Organização Mundial das Telecomunicações	O Impacto da Internet
17 de Maio	Dia Internacional contra a Homofobia	Vamos falar de sexo!
21 de Maio	Dia Mundial para a Diversidade Cultural, pelo Diálogo e Desenvolvimento	
31 de Maio	Dia Mundial do Não Fumador - OMS	
4 de Junho	Dia Internacional das Crianças Vítimas de Agressão	Temos Alternativa?
5 de Junho	Dia Mundial do Ambiente – PNUA – Programa das Nações Unidas para o Ambiente	Plantar um Jardim numa Noite
12 de Junho	Dia Internacional contra o Trabalho Infantil	A Vida de Ashique
15 de Junho	Dia Mundial da Alimentação	
17 de Junho	Dia Mundial de Luta contra a Seca e a Desertificação	
20 de Junho	Dia Mundial dos Refugiados	Posso Entrar?
21 de Junho	Dia Mundial da Paz e das Orações	Todos Diferentes – Todos Iguais
26 de Junho	Dia Internacional de Luta contra o Abuso e Tráfico de Drogas	
26 de Junho	Dia das Nações Unidas para apoio às Vítimas de Tortura	Quando o Amanhã Chegar
26 de Junho	Dia Mundial da Carta das Nações Unidas	A Barreira da Língua
1º Sábado de Julho	Dia Internacional da Cooperação	Joga o Jogo!
11 de Julho	Dia Mundial da População – FNUAP – Fundo das Nações Unidas para a População	
6 de Agosto	Dia de Hiroshima (em memória das vítimas da primeira bomba atómica em Hiroshima, Japão, 1945)	
7 de Agosto	Dia Internacional da Educação e dos Direitos Transgénicos	Quem Somos Eu?
9 de Agosto	Dia Internacional dos Povos Indígenas	Os Makah e a Caça às Baleias
12 de Agosto	Dia Internacional da Juventude	Os Nossos Futuros
23 de Agosto	Dia Internacional de Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição (UNESCO)	
21 de Setembro	Dia Internacional da Paz	Dinheiro para Gastar

8 de Setembro	Dia Internacional da Alfabetização (UNESCO)	Glossário da Globalização
16 de Setembro	Dia Mundial para a preservação da Camada do Ozono	
1.ª Segunda-Feira de Outubro	Dia Mundial do Habitat – Cidades sem bairros de lata	O Conto das Duas Cidades
2.ª Quarta-Feira de Outubro	Dia Internacional para a Prevenção das Catástrofes Naturais	
1 de Outubro	Dia Internacional dos Idosos	
1 de Outubro	Dia Internacional da Música	
5 de Outubro	Dia Mundial dos Professores (UNESCO)	Que Todas as Vozes Sejam Ouvidas
10 de Outubro	Dia Mundial da Saúde Mental	Desporto para Todos
16 de Outubro	Dia Mundial da Alimentação (FAO)	
17 de Outubro	Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza	A Corrida pela Riqueza e pelo Poder
24 de Outubro	Dia Mundial de Informação sobre o Desenvolvimento	Cuidado, Estamos a Ver!
24 de Outubro	Dia das Nações Unidas	Manobras Eleitorais; Grandes Activistas
03 de Novembro	Dia Mundial do Homem	Heroínas e Heróis
09 de Novembro	Noite de Cristal, Dia Internacional contra o Fascismo e o Anti-semitismo	
09 de Novembro	1989 Queda do Muro de Berlim	Criar Laços
11 de Novembro	Dia Internacional da Ciência e da Paz	Horóscopo da Pobreza
16 de Novembro	Dia Internacional para a Tolerância (UNESCO)	Violência na Minha Vida
20 de Novembro	Dia Mundial da Criança	Direitos da Criança
21 de Novembro	Dia Mundial da Televisão	Jogos de Imagens
25 de Novembro	Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres	O Caminho para a Terra da Igualdade
29 de Novembro	Dia Internacional da Solidariedade com o Povo Palestino	
01 de Dezembro	Dia Mundial da luta contra o HIV/SIDA - OMS	Acesso a Medicamentos
02 de Dezembro	Dia Internacional para a Abolição da Escravatura	A Vida de Ashique
03 de Dezembro	Dia Internacional da Pessoa com Deficiência	Veja as Capacidades
05 de Dezembro	Dia Internacional do Voluntário para o Desenvolvimento Económico-Social	Qual a Sua Posição?
10 de Dezembro	Dia dos Direitos Humanos (1948)	Desenha-me uma Palavra!; Represente o Seu Papel!
18 de Dezembro	Dia Internacional dos Migrantes	Dê um Passo em Frente!
29 de Dezembro	Dia Internacional da Diversidade Biológica	
?	O dia em que o sufrágio universal entrou em vigor no vosso país	Votar ou Não Votar?

